



LEGIAO DIVINA

Príncipes Infernais



CRISTHIAN
COUTO

UNIVERSO SOMBRIO MÍSTICO



PARTICIPAÇÕES

CRISTHIAN COUTO (AUTOR)

CRISTHIAN COUTO (ILUSTRADOR CAPA)

Copyright © 2020 by Cristhian Couto

Todos os direitos reservados.

Legião Divina: Príncipes Infernais.

Todos os personagens e acontecimentos neste livro, com exceção dos claramente em domínio público, são fictícios, e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou não, é mera coincidência.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma – meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação – sem a permissão expressa, por escrito, do autor e do editor.

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

Dados Internacionais da Catalogação (CIP)

Couto, Cristhian, 1999

Legião Divina: Príncipes Infernais/ Cristhian Couto. 1ª
ed. – Rio Grande Do Sul, 2020.

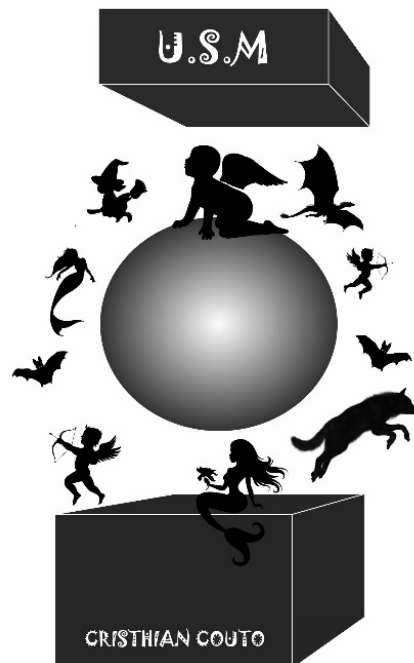
Pg.275

1. Romance. 2. Fantasia sombria. 3. Literatura Brasileira.

cristhiancouto@gmail.com

UNIVERSO SOMBRIO MÍSTICO

Essa obra pertence ao *Universo Sombrio Místico* do autor brasileiro *Cristhian Couto*. Uma coleção de fantasia sombria baseada em criaturas místicas. Livros solos, mas também que se relacionam entre si. Para conhecer as demais obras siga até a sua página na Amazon.



*“Temos conhecimento da imensidão do universo,
e dos inúmeros segredos que ele guarda.*

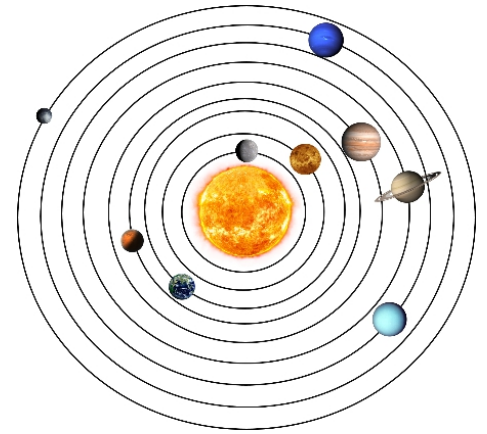
*Mas, em um momento o desconhecido
sai das sombras e se apresenta ao mundo.*

*A raça humana está pronta
para conhecer o desconhecido?”*

Três se libertarão para que as chamas possam levar.
A legião voará para o paraíso deixar.
A neve em vermelho se transformará.
Sobre as chamas alguém triunfará.



PRÓLOGO



O princípio de grande parte da nossa galáxia foi definido por seis divindades. Notórios, Ateus, Telonis, Celeste, Zaquira e Bardelônia. Os primeiros seres do universo percorreram por um planeta chamado Têzala por milhares de anos. A medida que o tempo passava as Divindades se sentiam ainda mais solitárias diante da imensidão que era o universo. Eles necessitavam de um propósito para prosseguirem.

Em uma decisão conjunta as seis divindades decidiram criar outros seres segundo a sua imagem para desfrutarem de tudo aquilo que eles haviam criado, então nasceram os primeiros homens. Têzala foi considerado o primeiro paraíso que viveu em paz por muitos anos, mas o ato da criação dos novos seres despertou sentimentos até então desconhecidos entre algumas divindades. Ateus e Zaquira foram as duas divindades que se rebelaram contra as outras quatro, movidos pela ambição. Se julgavam seres superiores e por isso pensavam que poderiam controlar a raça inferior chamada de “humanos”. Eles não poderiam aceitar ser semelhantes a criaturas consideradas “fracas” diante de tamanho poder que carregavam.

Dessa forma, iniciou a ***Era dos Impérios***. Um período marcado pela guerra entre os maiores seres da galáxia. Ateus e Zaquira para enfrentar as demais Divindades criaram o seu próprio exército, criaturas denominadas de guerreiros da morte. O planeta Têzala se transformou em uma grande arena de combate entre as divindades, humanos e a nova raça criada pelos divinos traidores. No entanto, Ateus e Zaquira não obtiveram força suficiente contra as outras quatro Divindades e assim foram derrotados. Com o fim da guerra houve a aniquilação da raça humana assim como também dos guerreiros da morte. Os divinos traidores foram destituídos do posto de Divindades, tiveram grande parte do seu poder retirado, logo se tornaram mortais. Como punição pelos seus atos foram transferidos para

uma prisão distante de qualquer planeta da galáxia, aprisionados na solidão sob uma maldição dissertada pelas Divindades *“A alma dos titãs não pode ser retirada pelo mesmo coração que pulsa, a única luz capaz de parar seus batimentos foi aquela a quem se rejeitou.”*

Posteriormente foi criado um novo reino pelas quatro Divindades denominado de Empíreo no qual seria inteiramente feito de pura luz. Nesse lugar foram criados os seis Arcanjos. Atroia, Parma, Datanea, Lúcio, Azael e Gadrae. Em seguida nasceram os demais Anjos. Foi um longo período de prosperidade em Empíreo um reino completamente integro e longe de qualquer sentimento ruim. Em visão disso as Divindades decidiram que já era hora de prosseguir e então iniciaram a recriação dos humanos em um planeta chamado Terra. As Divindades fizeram tudo com um propósito, os Anjos criados aconselhariam os humanos a seguir por um caminho de luz, longe das maldades dos Titãs. Embora o pensamento tenha sido totalmente puro não foi o que realmente aconteceu.

A segunda Era foi iniciada, a ***Era dos Anjos caídos***. Um momento marcado pela segunda revolta. As criaturas comandadas pelos primeiros Arcanjos: Lúcio, Azael e Gadrae. A trindade recebeu o nome de Príncipes Infernais. Os Arcanjos lideravam Anjos insatisfeitos com a criação de seres segundo a sua imagem os considerando inferiores, retomando o mesmo conceito da primeira revolta. Esse pequeno exército se revoltou contra as Divindades lutando pelo poder de Empíreo. Novamente uma revolta sem sucesso na qual as Divindades saíram vitoriosas. Como punição os Anjos foram banidos e perderam suas asas, conhecidos até os dias de hoje como Anjos caídos.

No dia do julgamento o Príncipe Infernal Lúcio que liderava toda a tropa lançou um último golpe antes de ser banido. Revelou a Empíreo a verdade sobre um segredo de uma das Divindades. Durante a sua passagem na Terra Lúcio teve um encontro com uma bela mulher, a Titã Zaquira que era para estar aprisionada junto com Ateus, mas que se encontrava no Planeta, totalmente livre. A partir das suas artimanhas o Príncipe descobriu a verdade. Durante o momento em que a Titã deveria ser transferida pela Divindade Telonis que ficou encarregado de tal ação aconteceu uma grande falha. Zaquira com seus dons encantou Telonis que já possuía uma certa atração pela bela mulher e que a mesma já tinha conhecimento se aproveitando disso. O Divino decidiu por si só que não iria transferir Zaquira para uma prisão, mas sim para outro planeta chamado de Terra. Com o descobrimento de tal traição as Divindades destituíram Telonis e o transformaram em um Titã. Uma maldição caiu sobre Telonis e Zaquira e os dois foram aprisionados na Terra.

Após a sequência de acontecimentos as Divindades restantes fizeram um pacto a partir da criação do livre-arbítrio. Um ato de qualquer criatura poder escolher em função da sua própria vontade sem uma interferência direta. A partir desse momento nenhuma outra raça foi criada para que o mundo seguisse pelo seu destino. Os humanos foram deixados na Terra. A raça já havia sido corrompida pelos Príncipes Infernais que mesmo presos ainda conseguiam influenciar os humanos por uma conexão maligna. As Divindades disponibilizaram os Anjos para acompanharem e orientarem os seus caminhos para a luz conforme haviam sido criados. No entanto, nenhum Anjo possui o direito de causar uma interferência direta assim como qualquer Divindade.

Capítulo I

Reino celestial



O universo é algo grandioso e extremamente difícil de se compreender, principalmente os seres que nele habitam. Entre todas as criaturas da galáxia a que me chama mais atenção é a raça humana. Seres nem um pouco estáveis e de quem se pode esperar tudo. Muitas vezes me vejo refletindo sobre o que poderia ter acontecido se os Anjos Caídos não tivessem corrompido as suas almas. Certamente o seu mundo seria um lugar prazeroso de se viver, entretanto, agora está mais próximo do submundo do que do céu. No entanto, ainda continuamos aqui, por eles.

Ser um Anjo da guarda real não é uma tarefa fácil, mas com todas as minhas convicções creio que é melhor do que ser um Anjo da Legião Divina. Pode soar um pouco contraditório da minha parte sendo que durante a segunda revolta fui um dos soldados a guiar o exército contra os Anjos Caídos. Contudo, agora assumo uma posição que me agrada e que não necessita usar a violência física, apenas o conhecimento em minha mente. Durante esses longos anos observei cada criatura em todos os lugares, mesmo não estando presente sentia os seus sentimentos. Na maioria das vezes é fácil decifrar o que eles estão sentindo naquele momento, no entanto, há outros que conseguem criar um bloqueio com os Anjos principalmente aqueles que cederam para a escuridão. Uma vez quebrado o vínculo dificilmente ele pode ser refeito.

Percorro em volta da grande fonte batizada como olho da vida. Ela está posicionada no centro do palácio das proteções emitindo o seu brilho azulado. Conforme a mão de cada Anjo toca a água a fonte lhe revela uma imagem de qualquer lugar da galáxia. Não é algo que escolhemos, ela nos guia para onde desejar.

Levemente mergulho a minha mão na água e sinto toda a sua energia. Em instantes uma imagem revela-se no centro da fonte. Um homem, seus longos cabelos negros desenham a sua face e pela breve luz percebe-se a pele marcada por regiões avermelhadas. O Titã Ateus, uma das Divindades traidoras e que agora permanece aprisionado sob uma maldição pela eternidade.

- Ateus.

Na escadaria um dos Anjos da guarda levanta-se, somente pela visão dos seus cabelos cacheados reluzentes como estrelas identifico. Victor, um dos meus melhores alunos e que possui o mesmo fascínio por todas as criaturas do universo.

- Julgo que deveríamos levar uma cesta de frutas para o divino traidor. – O sorriso angelical percorre pela sua face e os seus olhos brilhantes me fitam. – Penso que deve ser um tanto solitário ficar sozinho apenas com a companhia do vento.

Os Anjos riem da sua fala e Victor no centro de todos aprecia o momento. Pouso minhas mãos atrás das minhas costas e dou três passos à frente.

- Traia Empíreo. – Profiro em um tom ameaçador. – Assim talvez no seu julgamento a punição seja viver com Ateus. – Encaro Victor. – Pela eternidade.

Victor volta a sentar e coloca suas mãos em seu colo.

- Obrigado, meu Senhor! – Ele suspira controlando o seu riso. – Penso que prefiro estar em Empíreo com os meus amigos ao contrário de ficar ao lado de um ser que deve estar um tanto amargo com tantos milhares de anos vivendo solitário.

- Boa escolha, Anjo. – Mostro um leve sorriso. – Agora, podem deixar o palácio. Creio que a nossa aula foi extremamente produtiva e assim usem os conhecimentos adquiridos para ajudar aqueles a quem protegem.

Em instantes os Anjos deixam o palácio carregando os seus livros e dialogando entre si, escuto breves trechos sobre os humanos que eles protegem. Eles são novos e irá demorar um tempo para conseguirem se comunicar com os seres, por momento ensino a todos como não causar um grande dano. Na semana passada um Anjo da guarda quase interferiu diretamente em uma decisão de seu protegido, algo que poderia custar a sua imortalidade como a vida do humano. No entanto, é uma tarefa que aprecio. Passo tudo aquilo que estudei para eles e espero que se tornem Anjos melhores.

Ajeito um dos livros deixado na escadaria do palácio e coloco na prateleira da biblioteca, sempre há aqueles esquecidos. Me afasto e noto que todos estão alinhados simetricamente. Logo escuto os pequenos sons emitidos pelas botas

vindo atrás de mim, me viro e encontro Victor a minha frente e não fico nenhum pouco surpreso.

- Olá, Senhor. – Ele fala educadamente.

Permaneço em silêncio, percorro pela mesa e paro em uma ponta oposta a ele.

- O que deseja, Anjo? – Demando.

- Nada. – Victor olha para o lado e os seus grandes cachos deslizam pelos seus olhos, mas rapidamente ele os joga para o lado com os seus dedos.

- Você deve possuir o entendimento que tenho séculos de vivência a mais que você, Victor. - Dou leves passos até me aproximar dele. - Aprendi a analisar todas as criaturas pelo longo tempo da minha vida e sei perfeitamente quando alguém está escondendo algo de mim.

O Anjo reage de uma forma engraçada que me faz rir por um instante. Passo por ele em direção a prateleira e pego um dos livros da sessão “Sentimentos Humanos”. Carrego ele em minha mão e entrego a Victor que logo tem um sorriso em sua face.

- Posso perguntar como o Senhor sabia? – Ele me questiona expressando toda a sua felicidade pelo livro estar em seus braços.

- Eu sei de muitas coisas que você não compreenderia. – O respondo e ele parece satisfeito com a resposta. – Mas, lembre-se que esse livro está a três estágios à frente de onde você está, dessa forma leia em lugares solitários. – Pisco em sua direção.

- Oh! Entendi mestre. – Victor acena em agradecimento. – Pode confiar que ninguém descobrirá que estou lendo. Lhe trago de volta em alguns dias, creio que será tempo suficiente para uma breve reflexão.

O Anjo vira de costas e começa a andar em direção a saída. A forma da sua aparência como uma pequena criança me lembra um tanto dos humanos e suas crianças. Isso me intriga e não posso evitar um questionamento.

- Espere. – Exclamo e Victor vira-se expressando um certo receio, certamente pensando que fez algo que tenha me aborrecido. – Tenho um questionamento. – Me aproximo dele. – De todos os seus colegas você é o único que assume essa forma até mesmo em Empíreo. Gostaria de saber o porquê?

Victor suspira aliviado por não ter cometido nada de errado. O seu olhar doce e angelical pousa nos meus emitindo uma grande paz.

- Acredito que essa forma exale uma pureza natural. – Victor me responde com sabedoria. - Quando as crianças humanas nascem elas ainda não estão corrompidas, somente quando crescem em torno do mal que aprendem as atrocidades do seu mundo. Dessa forma, creio que elas possam ser uma futura esperança.

- Você ainda crê que a raça humana possa ser salva? – Questiono ele como de um amigo para outro e não como um mestre.

- Sim. – Victor responde com uma convicção transparente. – Muitos podem me julgar tolo por isso, mas sim acredito que eles possam ser salvos embora o mundo todo conspire contra.

Repouso na cadeira ao lado e mantenho a minha visão focada no Anjo parado a minha frente. É como se eu estivesse vendo um reflexo antigo meu, toda a busca pelo conhecimento por essas criaturas e a esperança de um dia eles serem salvos. Muitos veem até mim, porém eu sei que a maioria não crê que isso seja possível. Quando casos raros como Victor acontecem eu devo manter esse pensamento neles para que ainda tenham fé mesmo que pareça impossível diante dos olhos de todos.

- Senhor. – Ouço a voz de Victor me chamando e então retorno da breve hipnose do pensamento. – Posso ir? Estou ansioso pela leitura.

- É claro. – Aceno. – Nos vemos em breve. – Sussuro as próximas palavras. – Depois da leitura irei querer saber os seus posicionamentos, não me decepcione.

- Nunca. – Victor exclama.

O Anjo da guarda sai da biblioteca com o livro escondido dentro do seu casaco. Como ele é pequeno ninguém nota muito a sua presença e mesmo se o vissem com o livro não poderiam rebater a minha decisão, eu decido o que fazer. Talvez eu ainda tenha uma alma rebelde e agressiva, mas por momento decido deixar ela aprisionada.

A minha sala fica em um canto estratégico do palácio. A luz do sol adentra iluminando tudo ao redor, é um bom lugar para a reflexão. Me aproximo do espelho que reflete a minha imagem por inteira. Uma estatura média, ombros largos, longos cabelos brancos até os ombros e a marca da guerra acima de minha sobrancelha. Algo que não deixei apagar, ela está ali para me lembrar dos momentos sombrios que vivemos e que agora estamos vivendo em um ambiente de paz. Um acontecimento que ocorreu há séculos, entretanto, para nós é como se tivesse acontecido hoje. Uma revolta que deixou marcas externas e internas que jamais poderão cicatrizar.

Atrás de um vidro está a minha armadura dourada, aquela que usava quando pertencia a Legião Divina. Espero nunca ter que colocar o manto novamente porque com ele sinto uma parte sombria despertar em minha alma, algo que desejaria ser apagado. Por momento decido virar de costas e prosseguir, afinal não a mais com o que se preocupar. Os Príncipes Infernais estão presos no submundo, os Titãs amaldiçoados pela palavra Divina. São séculos da perfeita paz em Empíreo.

O sol ilumina a floresta e as belas borboletas sobrevoam. Prossigo até atravessar pela ponte que fica acima do rio infinito. Ao olhar para baixo vê-se a água caindo suavemente em direção ao infinito. Não muito distante está a borda de Empíreo que possui o mesmo caimento sem um fim definido.

Em instantes chego na Área de Treinamento da Legião Divina. Os Anjos estão trajados em suas armaduras douradas. Alguns deles batalham no ar debatendo as suas grandes asas brancas, em algum momento um ou outro despenca, mas para eles isso significa divertimento. Procuro ficar um pouco distante do local por motivos pessoais, entretanto, às vezes tenho que vir a pedido da minha amiga mais antiga e que esteve ao meu lado por todos esses séculos.

Uma espada cai do céu e o meu reflexo é ativado, rapidamente a tenho em minha mão. A bela arma é prateada e reflete a minha imagem, por um instante sinto vontade de manuseá-la com um golpe. O Anjo que a derrubou sobrevoa logo à frente.

- Tenha cuidado da próxima vez, guerreiro. – Profiro.

Jogo a espada que cai perfeitamente na mão do guerreiro que volta ao treino.

Sinto a ponta gelada da espada descansar em minha nuca, me viro delicadamente e empurro a ponta da arma para o lado. Diante de mim, está Ramona. Os seus longos cabelos negros deslizam pela sua pele escura. O seu olhar severo dá espaço para um sorriso suave. Ela guarda a sua espada na cintura e coloca suas mãos em meus ombros.

- Pensei que teria que esperar a próxima guerra para te ver. – Ramona exclama com autoridade. – Da próxima vez não demore tanto.

- Estive muito ocupado. – Penso em uma boa desculpa e realmente essa é verdade.

- Ser um Anjo da Guarda Real toma muito do seu tempo. – Seu olhar me segue e compreendo o que ela deseja. – Se retornasse a Legião Divina passaríamos

mais tempo juntos, como antigamente.

Me aproximo de um belo cavalo branco e passo a mão em sua cabeça, com o canto do olhar olho para Ramona e com um breve sorriso em minha face. A guerreira sabe das minhas convicções e posicionamentos, por mais que tenha desistido de outras criaturas ela ainda mantém a sua esperança por mim.

- Às vezes reflito sobre algo. – Comento. – Você atormenta todos os Anjos próximos a você para fazer parte da Legião Divina? – Expresso um riso e ela também.

- Você sabe que não. – Ela se aproxima. – Aliás, Eliel todos os Anjos da Legião são escolhidos pelos nossos Arcanjos e eles escolheram você uma vez.

- Sim. – Cruzo meus braços e suspiro. – Cumpri o meu papel no momento certo, mas creio que agora não seja mais necessário. Estamos vivendo em paz há séculos.

Os cabelos de Ramona sobrevoam revelando os seus fortes traços, o seu olhar segue em direção a montanha e depois para mim. Há algo nela que está a deixando aflita, os séculos que vivemos juntos me dá conhecimento suficiente para notar isso.

- Não acredito na paz duradoura. – Ramona soa pessimista, como sempre. – Enquanto humanos caminharem na Terra e os Príncipes Infernais existirem o caos sempre estará presente. É só uma questão de tempo para uma próxima guerra.

- Graças as Divindades eu penso o contrário. – Sorrio para amenizar o clima pesado que estava se estabelecendo. – Agora deixe-me retirar essa armadura que está precisando de reparos urgentes.

- Tudo bem. – Ramona me encara e vira de costas. – Você sempre ganha.

Delicadamente retiro a sua armadura. O restante ela entrega a um de seus soldados. Ao olhar para eles vejo a mesma motivação que tinha no começo, a vontade de ser um dos melhores guerreiros. No final consegui tal feito e estive longe de estar satisfeito, na verdade, tudo aquilo que tinha em mente se mostrou o contrário.

- Faz tempo que não visitamos o nosso lugar secreto. – Ramona diz para mim com um belo sorriso em sua face. – Creio que está na hora de retornarmos.

- Eu vou na frente. – Empurro meus cabelos da minha face para o lado.

Dou três passos à frente e estico minhas asas até que estejam prontas para voo. Bato uma vez e logo estou voando por Empíreo, Ramona segue ao meu lado.

Lá embaixo circulam todos os Anjos. O Palácio dos Arcanjos um local extraordinário rodeado pelas suas estátuas, tomando uma vasta área. A vila dos construtores sempre movimentada e acontecendo algo fora de ordem. A floresta celestial sempre brilhante. Um local que todo ser gostaria de viver ou transformar em um caos por causa da sua perfeição.

A montanha se aproxima e adentramos em uma pequena abertura. Fecho as minhas asas e prossigo pelas rochas até estar na outra ponta. É uma bela paisagem para se ver desse local. Não muito longe de onde estamos ergue-se o palácio das Divindades que fica entre duas montanhas e rodeado pelas nuvens. O acesso é extremamente restrito, somente os Anjos que receberem um chamado podem adentrar.

- Não atíça a sua curiosidade pensar no que pode haver do outro lado? – Ramona questiona com o seu olhar preso no Palácio. - Como é o campo celestial onde os seres mortos caminham? Daria a minha imortalidade para saber.

- Quem sabe um dia pode receber um chamado. – Exclamo. – Sendo uma líder da Legião Divina torna as coisas mais fáceis. Aliás, temos uma eternidade pela frente.

Exibo um sorriso sincero.

- Posso saber o motivo desse sorriso? – Ramona demanda.

- Só penso no fato dos seres humanos serem mortais. - Exclamo e ela me observa com toda atenção. – Muitos deles passam a vida inteira temendo a morte, mas é algo inevitável para eles como a imortalidade é para nós.

- A nossa imortalidade não significa vida eterna. – Ramona soa como uma guerreira diante de um soldado. – Muitos dos nossos Anjos morreram protegendo Empíreo contra os Anjos caídos. Acredito que o fim é inevitável para tudo.

- Mesmo para as Divindades? – A minha pergunta é perigosa.

- Não sei. – Ramona me responde com total sinceridade. – Há muitos assuntos que envolvem eles que não temos conhecimentos. São seres superiores e é isso que sabemos. Quem sabe em alguns séculos tudo se torne nítido como a escarlate.

Há um sentimento dentro de mim, quando avisto o palácio das Divindades e os demais locais de Empíreo. Algo extremamente ruim e obscuro, no entanto, pela vigia do universo nenhuma ameaça se tornou clara. Mesmo com todo o meu otimismo em relação ao universo eu acredito nas palavras de Ramona, tudo é uma

questão de tempo. As coisas podem mudar do dia para a noite. O que podemos fazer é estarmos preparados para o momento que acontecer.

Capítulo II

Uma missão indesejável



Movimentar-se pela vila dos Anjos construtores é uma tarefa difícil de se realizar e permanecer com a vestimenta intocada pela poeira é algo improvável. As residências possuem mais de um andar e ficam praticamente unidas, separadas apenas por um pequeno vão por onde um indivíduo poderia passar tranquilamente se trancasse a sua respiração. As escadas se entrelaçam nos mais diversos sentidos. Em alguns momentos alguns cavalos do exército passeiam comendo o pasto deixado em pontos estratégicos pelos Anjos moradores.

- É uma bela espada. – Ouço um ferreiro exclamar.

- Demorei quase um século, mas está finalizada. – O outro homem responde limpando a sujeira da sua mão na camiseta branca deixando-a marcada.

O ferreiro manuseia uma grande espada negra que emite um grande poder, mas logo pousa a arma sobre uma bancada devido a sua pouca habilidade. Os moradores dessa região não são guerreiros, eles constroem tudo o que necessitamos e valorizo o seu trabalho como de qualquer outro guerreiro. Na maioria das vezes a arma mais poderosa pode estar em nossa mente e não em algo físico.

Continuo a caminhar pela vila até chegar em um ambiente rodeado por galhos presos nas paredes das moradias formando uma bela entrada de frutas vermelhas. Com delicadeza retiro uma das frutas e ingiro o alimento, o sabor é de um doce perfeito. Evito ingerir mais delas, pois, não gostaria de sentir os efeitos colaterais. Muitos Anjos são levados ao palácio dos Arcanjos para se recuperar quando o efeito é muito grave. Nada em excesso pode ser saudável.

Enfim chego ao local onde Fariseu se abriga. É uma grande moradia construída de pedras brancas, a sua fachada já está coberta pelos galhos dando uma aparência um tanto rustica. Empurro a porta delicadamente, ele dificilmente a tranca. Ao adentrar no local me sinto em outro ambiente longe de Empíreo. Há vários objetos pendurados no teto que balançam de um lado para o outro. No corredor o cuidado deve ser extremo, qualquer desvio e você se debate em bancadas ou qualquer outra coisa construída pelo Anjo. Talvez as nossas diferenças tenham sido o primeiro fator para o nosso vínculo.

Desço dois degraus e adentro na sala, um ambiente mais aconchegante longe de tantas parafernalias. As chamas da lareira se debatem nas pedras, mas logo se apagam. Desvio a minha visão quando um Anjo desce as escadas. Os longos cabelos ruivos deslizam pela cintura no mesmo balançar do tecido rosa. Ela me lança um breve sorriso demonstrando os seus traços delicados. Prontamente se posiciona a minha frente.

- Armênica. – Aceno. – Diria que é uma surpresa ter a sua presença na vila, principalmente na casa de Fariseu.

- Os trabalhos na floresta celestial me entediaram. – Seu olhar é tão doce quanto a fruta que acabei de comer. - A vila me parece um local fascinante, ainda mais na companhia de seu amigo Fariseu.

- É claro. – Exclamo.

A justificativa do Anjo me parece coerente. Armênica foi um dos primeiros criados e por séculos cuida da floresta celestial, obviamente em alguns momentos precisamos circular por outros locais. Até mesmo os Anjos precisam de momentos como esses para relaxar e voltar a concentração normal. Além disso, a companhia de Fariseu é algo extremamente satisfatória.

- Citando Fariseu. – Me aconcho na poltrona mais próxima, mas sem desviar o olhar de Armênica. – Onde ele está?

- Lá em cima. – Ela aponta em direção as escadas com um sorriso no rosto. – Disse que precisava de um momento em um local menos caótico. Os seus novos projetos certamente serão os maiores que já construiu.

- Não duvido disso. – Expresso um leve sorriso, pouso minhas mãos em meu colo e prossigo. - Muito trabalho na floresta celestial? Pelo modo que você falou antes senti uma certa inquietação.

- O ambiente é um lugar calmo de se trabalhar. – Armênica se aproxima. – Só se torna um pouco irritante quando alguns Anjos da guarda vão passar o seu

tempo livre pelo local. Muitos não cuidam por onde pisam e acabam matando as minhas plantas, algo nada educado como deve imaginar.

Por um instante fico em silêncio somente com o meu olhar preso no seu, segundos depois o Anjo desvia o seu foco para a saída e exhibe um leve sorriso.

- Peço desculpas por eles. – Exclamo. – Os novos são difíceis de controlar, mas tudo tem o seu tempo e logo não serão mais um inoportuno.

- Sim. – As suas expressões vão do calor ao frio. – Tudo tem o seu tempo. – As palavras são sussurradas e nesse instante vejo que ela reflete sobre algo. - Nos vemos em breve Eliel, creio que irei passar muito tempo por aqui. Talvez nos tornemos mais próximos, seria bom desfrutar da sua companhia e da de Fariseu.

- Certamente, Anjo. – Digo.

Ela vira de costas até que o pano do seu vestido tenha passado pela porta. Por algum motivo senti uma barreira entre nós, no entanto, não entendo o porquê. Nunca havia trocado mais de cinco palavras com o Anjo, entretanto, sempre achei a sua imagem um tanto curiosa. Mas, os primeiros anjos possuem essa característica de se manter isolados de todos, porém, creio que Armênica está disposta a evoluir.

Sem demora, Fariseu desce as escadas. A sua pele queimada reflete quando ele passa pelas frestas do sol assim como os seus brilhantes cachos amarronzados. Trajado com uma calça escura, a camiseta amarela e os seus suspensórios presos a um cinto de ferramentas. A imagem perfeita de um Anjo da vila.

- Eliel. – Ele expressa seu enorme sorriso branco e abre seus braços me dando um grande abraço. – Oh! Pelo santo divino creio que te deixei marcado.

Observo no espelho a minha camiseta branca agora não tão branca, marcada pela sujeira impregnada nas mãos de Fariseu. Como sempre ele não é nada delicado, no entanto, isso não é um grande problema.

- Tenho dezenas delas. – Bato minhas mãos contra a sujeira. – Também é bom te rever, já faz um bom tempo desde a minha última visita.

- Vamos, sente-se. – Ele gesticula com a mão que segura uma ferramenta.

Nos sentamos próximos a grande janela de sua sala. A imagem externa é do palácio dos Arcanjos não muito distante, o brilho dourado cintila com a luz do sol assim como as estátuas de ouro que ficam ao redor. Alguns Anjos caminham pelas escadas enquanto outros sobrevoam Empíreo. Mesmo sendo um lugar calmo está sempre movimentado pelas tarefas que temos que cumprir.

Eu e meu amigo tomamos uma xícara de chá, uma de suas especialidades, mas dessa vez sinto um sabor mais exótico.

- Mudou a receita? – Indago.

- Sim. – Ele toma o chá e pela xícara os seus olhos escuros me observam. – Na verdade, Armênica me trouxe da floresta. Nos aproximamos bastante nesses últimos tempos enquanto você estava ocupado no palácio das proteções. Você sabe. – Fariseu sorri levemente. – Cuidar daquelas criaturas não deve ser uma tarefa fácil.

Analiso a sua fala e creio que Fariseu está tentando me deixar culpado por sumir, certamente ele tinha consciência que questionaria sobre a presença de Armênica.

- Compreendo. – Descanso a xícara na pequena mesa. – Mas, agora estou com um tempo livre e novamente poderei ter mais contato com os meus amigos.

Sorrio para ele e me escoro na poltrona.

- Podemos começar conversando sobre o fato de Armênica estar próxima de você.

- Ciúmes? – Ele estrala os seus dedos em minha direção e dá uma grande gargalhada, também rio. – Os sentimentos humanos. – Fariseu ergue suas mãos em defesa e após abaixa. – Descobri que Armênica é um bom Anjo. Está sempre me perguntando sobre os meus trabalhos e assim passamos horas dialogando.

- Interessante. – Exclamo. – Ela sempre me chamou atenção. Aquela face extremamente delicada, as vezes me sinto estranho em relação a ela.

- Estranho? – Fariseu não compreende. – Como?

- Não sei se poderia explicar com palavras. – Sou sincero com ele e posso soar até mesmo misterioso. – Às vezes sinto que estou olhando para uma humana.

Fariseu me encara por longos segundos e após solta uma grande gargalhada.

- Vejo que o seu senso de humor evoluiu muito desde que nos vimos pela última vez. – Fariseu balança os seus cachos. – Como uma humana, boa piada. – Ele coça seu queixo. - É assim que os humanos chamam na Terra não é mesmo? Piada.

- Sim. – Minha voz falha. – Piada.

Estava sendo completamente sincero quando falei tais palavras, mas talvez Fariseu tenha razão e tudo não passe de uma boa piada. Como um Anjo poderia se

parecer com um humano? Somente se fosse um dos Anjos Caídos o que está fora de questão, Armênica é uma das protetoras de Empíreo e nunca trairia sua casa.

- Mudando de assunto. - Fariseu sorri exibindo as suas covinhas. – Ramona esteve aqui, ela me fez alguns pedidos semanas atrás sobre novos armamentos para o seu exército. Uma quantia relativamente alta.

A face dele revela que ficou surpreso com o pedido e agora também estou por saber disso. Pela minha breve passagem no complexo da Legião Divina não creio que eles necessitem de novos equipamentos. Ramona está preocupada, senti isso quando estávamos juntos. No primeiro instante, não lhe dei muita atenção, mas agora há algo me alertando.

- Ela está sempre preocupada com esses assuntos. – Não relato a Fariseu sobre o meu pensamento, afinal não tenho conclusões concretas. – E era nisso que você estava trabalhando quando cheguei?

- Não. – Ele responde tão rápido que quase não ouço sua fala.

Fariseu levanta-se e estica as mangas da sua camiseta. Após abre um pequeno bolso do cinto de ferramentas e retira um papel. Ele coloca o papel com uma delicadeza surpreendente sobre a mesa. Me inclino e observo a imagem. É um belo desenho de uma sala, com algumas prateleiras e caixas de vidros onde há objetos dentro.

- Que projeto é esse? – O questiono.

- A minha felicidade é tão grande que quase estou pulando pelo portal. – Fariseu bagunça os seus cachos com as mãos ao mesmo tempo em que sorri. – Os Arcanjos analisaram o meu trabalho e me convidaram para projetar uma nova sala no palácio para guardar algumas armas especiais. Tenho ido ao palácio muitas vezes ao dia para analisar a construção, recebi até mesmo a chave do local.

Fariseu balança as chaves em seu dedo como um troféu.

- Estou muito feliz por você meu amigo. Faça um excelente trabalho, os Arcanjos confiaram essa tarefa a você o que significa que é um Anjo especial.

- Como quando você foi escolhido pela Legião Divina. – As palavras saem da boca de Fariseu e martelam em minha cabeça, rapidamente ele percebe. – Me desculpe você sabe como é o meu jeito, falo sem pensar.

- Não precisa se desculpar, isso aconteceu há séculos. – Recuo e observo pela janela o sol desaparecendo. – Agora a minha vida está sendo trilhada por um caminho diferente e que me deixa muito contente.

- Você tem razão. – Fariseu me encara. – Devemos fazer aquilo que faz bem para a nossa alma independente do que os outros julgam.

Tomo mais um gole da xícara de chá esvaziando o recipiente. A noite logo chega e tenho que me despedir de meu amigo, afinal o dever chama. Caminho desviando pelos seus objetos até estar em frente à sua moradia. Ele se escorra na porta e pelo brilho no seu olhar vejo que sua alma está radiante.

- Aquilo que você disse. – Falo para ele. - Devemos fazer aquilo que faz bem para a nossa alma independente do que os outros julgam. – Lanço um olhar observador. - Você está vivendo uma situação como está?

O olhar de Fariseu segue para as estrelas.

- Não. – Ele responde e por mais que tente esconder o sorriso eu o vejo de leve em sua face, logo as expressões normalizam e ele pousa seu olhar no meu.

- Compreendo. – Viro de costas e dou dois passos, após o observe apenas com o canto do olho. – Nós podemos ficar separados por séculos e mesmo assim eu reconheceria que está escondendo algo de mim.

Prossigo pela estrada e apenas ouço o seu riso, por mais que haja algo dizendo para me preocupar eu não decido dar ouvidos, afinal confio em meu amigo. Fariseu é um dos Anjos com o coração mais puro que tive a honra de conhecer e talvez em algumas situações isso o torne mais fraco que os demais.

Passo novamente pelo arco formado pelas frutas vermelhas e quando penso em retirar uma delas um vento gelado invade o local e percorre pela minha pele jogando os meus cabelos brancos para trás. Não muito distante dali atrás de uma pequena barraca sinto uma presença que some em questão de instantes. Fico observando por alguns segundos, no entanto, prossigo pela estrada. O meu sentido de alerta despertou, sou altamente sensível com essas questões. Da última vez que isso aconteceu os Anjos caídos declararam guerra em Empíreo causando um dos massacres mais sanguinários da nossa história. Temo que um dia isso possa acontecer novamente.

O brilho intenso do sol adentra pelas frestas das árvores. O cheiro das flores exala por todo o local, para muitos pode ser visto como um incômodo, no entanto, para mim me sinto completamente energizado pelo aroma. As borboletas

celestiais quando nos avistam se distanciam posicionando-se no topo das árvores formando uma bela camada amarela que se mistura com o verde das folhas.

A minha frente estão os Anjos da guarda, eles carregam o seu livro anotando pontos importantes enquanto dialoga com todos. Muitas vezes os trazer para esse local pode significar uma distração maior, no entanto, com sutileza consigo ter a atenção de todos. Nenhum Anjo escolhe a sua tarefa apenas por escolher, nós sentimos para que caminhos devemos prosseguir.

Dou um passo à frente e abro na página 255, leio:

- O que um Anjo deve fazer se um humano vê a sua imagem real? – Encaro eles, muitos sussurram entre si. – Gostaria que alguém me respondesse, creio que esse questionamento é muito importante.

Espero que Victor me responda, mas ao observar atentamente não noto a sua presença e isso me causa um certo desconforto. Já faz alguns dias que lhe dei o livro e o Anjo ainda não me devolveu, penso que algo possa estar errado. De qualquer forma após o final da aula tomarei providências.

O Anjo dos longos cabelos cacheados avança e descansa suas mãos em seu colo.

- Julgo que a nossa ação deva ser uma hipnose procedida pelo apagamento da memória do ser humano. – Ela soa com uma bela convicção.

- Ótima resposta, Anjo. – Expresso um leve sorriso.

- Mas, são raros os casos que acontecem tal fato. – Um outro mais ao fundo fala e apenas ouço. – O Anjo que comete o descuido deve estar completamente distraído para revelar a sua imagem. Nós conseguimos manter o controle se assim desejarmos.

- Porém, há outro ponto em questão. – O Anjo dos cabelos cacheados rebate. – Você falou que nós conseguimos manter o controle se desejarmos, mas pode haver outros fatos em questão. O nosso poder pode enfraquecer na Terra por diversos motivos, dessa forma tudo vai depender da situação.

- Não havia pensado dessa forma. – Ele reflete e após sorri. – Obrigado pelo esclarecimento Joana.

Joana possui razão, há várias coisas que podem enfraquecer os nossos poderes na Terra. Principalmente se estamos descumprindo alguma norma que devemos seguir. Há casos de Anjos da guarda que foram banidos de Empíreo por ficarem muito tempo em solo humano e convivendo com os seres. A Terra

realmente deve ser algo fascinante de se explorar, mas o perigo caminha por todos os lados.

- Creio que agora todos compreenderam a importância de manter as suas imagens em sigilo, assim como a nossa existência para os humanos. – Exclamo. – A Tarefa de um Anjo da guarda não é fácil, guiar os seres humanos é uma tarefa extremamente desafiadora principalmente para aqueles que já estão dentro da escuridão. O que podemos fazer é não desistir, acredito que as coisas podem mudar.

Ver as expressões dos Anjos ouvindo as minhas palavras e mantendo a esperança é o que dá significado a minha existência. No começo de tudo os Anjos não possuíam incertezas, possuíam uma grande fé no mundo, porém, após tantas atrocidades o nosso povo mudou. Diversos sentimentos nos atingiram resultando em uma mudança. A grande maioria perdeu a fé nos seres, no entanto, alguns como eu continuam a lutar por isso.

- Última página. – Fecho o livro e eles também. – Amanhã iniciaremos o estágio três, em breve conhecerão os seus protegidos. Não fiquem aflitos, tudo dará certo, basta confiar em você e no seu conhecimento.

- Até amanhã mestre. – Os Anjos se despedem.

Alguns seguem floresta abaixo enquanto outros sobrevoam pelas árvores até sumirem no céu. Por fim fico sozinho no local, decido retornar ao palácio. Quando dou três passos à frente pauso. O vento gélido percorre pelo meu corpo, os meus longos cabelos brancos tapam a minha visão, delicadamente empurro para o lado. É a mesma sensação angustiante que senti quando visitei a casa de Fariseu alguns dias atrás. Verifico se há algo no local, mas não há. Retomo a caminhar.

O palácio das proteções a esse momento do dia permanece em um absoluto silêncio, todos os outros grupos dos Anjos da Guarda já deixaram o local. Os mestres circulam fazendo anotações, guardando os livros e observando a galáxia. Uma vez ou outra que acontece um pequeno problema em algum local, mas logo é resolvido. No meu caso ainda não ocorreu tal fato.

Desço as escadas e chego a fonte do olho da vida. Imediatamente percebo algo incomum no local, a água balança de uma forma mais forte se chocando contra a pedra e fazendo pequenos movimentos de ondas. Me aproximo da beirada e desço a minha mão suavemente para a água. Antes que uma gota possa tocar em meu dedo sinto uma mão quente tocar as minhas costas. Viro-me e encontro Victor com o livro na mão.

- Então aí está você, Anjo. – Falo em um tom de reprovação. – Por que não compareceu as minhas aulas nesses últimos dias?

Pego o livro e ele descansa as suas mãos atrás das costas. A sua face revela um constrangimento por tal atitude. Mesmo com as suas meigas expressões de uma pequena criança não me deixo ser influenciado. O observo com reprovação.

- Desculpe, mestre. – Victor fala. – Não irá se repetir.

- Obviamente não irá. – Soo um pouco ríspido, os Anjos também precisam apreender os seus limites. – Espero que tenha gostado da leitura.

- É fascinante. – O seu olhar brilha enquanto fala. – Nunca havia imaginado que os sentimentos humanos poderiam ser tão complexos. Penso que pode ser complicado para eles viverem com tantas oscilações.

Victor realmente leu todo o livro, não tinha dúvidas que ele iria. Abaixo a guarda, mas continuo a observar sem nenhum sorriso. Quanto mais o tempo passa mais ele se mostra parecido comigo, mas não falo nada, pois, isso poderia o influenciar.

- Certamente deve ser difícil, Anjo. – Coloco uma mão em seu ombro e pouso o meu olhar no seu. – Agora procure por assuntos que é para o seu estágio. – Ele abaixa a cabeça. – Quem sabe se eu ver que você aprendeu a lição possa te liberar outros, mas só se não perder o foco como aconteceu agora.

Victor levanta a cabeça e volta a sorrir.

- Mostrarei que aprendi a lição, mestre. – Ele cruza os braços. – Não irá se repetir, vou procurar não perder o foco. Eu prometo!

- Uma promessa de Anjo para Anjo não pode ser quebrada. – Me aproximo dele e permito expressar um leve sorriso. – Não promessas humanas. – Sussuro.

- Compreendo. – Ele gesticula. – Até amanhã, mestre.

Victor deixa o palácio. Não fiquei bravo com ele, apenas tive que manter uma postura mais dura para ele apreender a lição e creio que irá funcionar. Não desejo acabar com esse seu entusiasmo por aprender mais sobre os seres terrestres, certamente isso o ajudará no guiamento de seu protegido. Vejo um futuro de muita luz para o Anjo.

A água da fonte agora bate tão forte que é jogada para fora escorrendo pelos meus calçados. Um sentimento de angustia invade a minha alma. Ao redor alguns dos Anjos da Guarda Real também notam o acontecimento. Eles se aproximam e caminham em volta da fonte, sinto o odor do medo exalar pelo local.

- Problemas. – Gabriel observa a água e diz.

- Já estava sentindo isso há alguns dias. – Exclamo e suspiro. – Seja qual for devemos saber e relatar aos Arcanjos.

Todos os mestres presentes colocam a mão na água com delicadeza. Sinto uma leve ardência percorrer pelos meus dedos. Em questão de instantes o agitação da água vai cessando até ela voltar ao normal. Retiramos a mão da fonte e trocamos olhares desconfiados. Isso não poderia acontecer, não é assim que a fonte funciona.

- Onde está o nosso problema? – Gabriel se escorra na fonte com as mãos embaixo do seu queixo. – Ela nunca errou.

- Espere. – Sussuro.

Avisto uma pequena luz vindo do fundo da água. Mergulho a minha mão e em segundos a água transparente escurece, espanto-me e recuo. Todos os Anjos demonstram o mesmo espanto. Isso nunca aconteceu e esse fato só revela que estamos lidando com um grave problema. De repente a água escura clareia revelando uma imagem. É uma humana. As suas delicadas mãos deslizam pelo capuz branco revelando a sua face. Os longos cabelos castanhos deslizam e os seus olhos escuros observam a paisagem. Ela está no meio de uma floresta, aparentemente sozinha.

- Uma humana. – Um dos mestres exclama. – O que isso poderia significar?

- Os humanos estão sempre causando o caos. – Outro diz. – Isso não deveria nos espantar. Os que aparentam ser mais frágeis são os mais cruéis.

A bela garota caminha até parar. Ela se abaixa em frente a um pequeno animal aparentemente morto. A humana olha seguidamente para todos os cantos para se certificar que está só. Poe as suas mãos sobre o corpo do animal, me aproximo ainda mais da beirada para ver o que ela irá fazer. Em seguida algo surpreende a todos. De seus dedos percorrem luzes negras entrando em contato com a pele do animal até evaporar. Sinto o meu corpo travar e quase desabar quando o animal até então morto levanta-se e sai correndo pela floresta. A garota sorri com o seu feito e volta a colocar o capuz escondendo a face, em seguida a imagem na fonte evapora.

Procuro o degrau mais próximo e me sento. Não sei o que pensar sobre o que acabou de acontecer. Uma humana reviveu um animal morto apenas com o toque de suas mãos, isso nunca deveria acontecer. É como se ela possuísse dons semelhantes aos nossos. O fato deixa todos os mestres aflitos.

- Um humano com poderes mágicos, de cura. – Gabriel se mostra horrorizado com o fato e até mesmo furioso. – Como isso poderia acontecer?

- No momento não importa. – Me levanto e respondo. – Precisamos comunicar os Arcanjos urgentemente, um assunto como esse merece total atenção.

- Tens razão Eliel. – Um dos mestres diz. – Precisamos ir ao palácio.

Apressadamente deixamos o palácio. Abro as minhas asas e me impulsiono em direção ao céu, logo estou voando por Empíreo. Uso todas as minhas forças para chegar o mais rápido possível. Só consigo pensar que já estava sentindo o perigo se aproximar, talvez Ramona tenha razão e outra guerra seja apenas uma questão de tempo. Lá embaixo os Anjos circulam tranquilamente e quando nos avistam reúnem-se e começam a dialogar, eles sabem o que isso significa.

Pousamos em frente ao palácio dos Arcanjos. Subimos pelos extensos degraus até nos aproximarmos das grandes portas douradas que ao sentir a nossa presença abrem-se. Logo que adentramos elas voltam a se fechar. O corredor principal está iluminado por tochas, o fogo queima e as brasas sobrevoam violentamente. Em questão de instantes tudo começou a sair de ordem, mas creio que isso já tenha acontecido há um bom tempo.

Ao chegar em frente aos tronos nos ajoelhamos. Os três Arcanjos estão a nossa frente. Atroia, Parma e Datanea. Os seus tronos são feitos por espadas celestiais que possuem um brilho único. Ainda os tronos dos Arcanjos traidores permanecem nas escadarias, o brilho foi totalmente apagado restando apenas a escuridão.

- Uma ameaça. – Atroia ao centro exclama sem nenhuma surpresa.

- Sim, Arcanjo. – Gabriel responde. – Uma humana contendo poderes mágicos.

Até mesmo os Arcanjos expressam surpresa. Relatamos o acontecido com todos os detalhes que nos recordamos, algo não muito difícil de se esquecer. Após um silêncio percorre pela sala dos tronos, isso só me deixa mais aflito.

- Nunca na história humana ocorreu um fato como esse. – Parma desliza suas mãos pelas laterais do trono demonstrando preocupação. – Precisamos agir com cautela.

- Concordo. – Datanea acena em concordância. – Primeiramente precisamos colher mais informações. – Ela nos encara. – Um dos mestres da guarda Real deve sair em missão. Ir a Terra e verificar o nível da ameaça para que possamos intervir se assim as divindades assentirem.

Intervir, a palavra assombra os Anjos. O assunto se tornou mais grave que imaginava. Nós não podemos intervir em assuntos humanos, porém creio que esse não se trate apenas da sua espécie. Há algo mais sombrio percorrendo pelas sombras.

- Eliel deve ficar encarregado da missão. – As palavras de Atroia me atingem como a força do punho de um Arcanjo. – Como vocês relataram a imagem só se revelou quando o Anjo colocou somente a sua mão na fonte e como sabem tudo tem um propósito. Assim sendo, Eliel deve partir.

Os mestres recuam e fico à frente dos Arcanjos sem nenhum tipo de reação. Atroia levanta-se do seu trono revelando toda a sua grandeza, uma luz amarela surge em sua volta até o Arcanjo estar na mesma estatura de um Anjo. Ela para a minha frente e pela primeira vez eu vejo a sua face de perto. Traços delicados e ao mesmo tempo fortes. Os cabelos loiros leves como a seda. A sua armadura dourada exala um grande poder.

- Confiamos em você para essa tarefa, Anjo Eliel. – Sua voz soa mais grave. – Siga para a Terra e busque informações sobre a humana. Retorne quando julgar necessário, um assunto de tamanha gravidade requer cuidados. A sua inteligência como Anjo da Guarda Real e a força de um guerreiro da Legião Divina o sustentarão nessa jornada. Vá, meu Anjo!

- Arcanjos. – Levemente arqueio o meu corpo para a frente e após fixo o meu olhar nos três. – Retornarei em breve.

Sigo em direção a saída e novamente sinto o peso de uma galáxia inteira em meus ombros. Uma missão à Terra, a curiosidade pelo conhecimento dos seres que habitam tal lugar me moveu por séculos, mas agora sinto medo. Há algo me dizendo para recusar a missão e outro sussurrando para prosseguir, de qualquer modo não se contradiz uma decisão de um Arcanjo. Devo ir a Terra e buscar informações sobre a humana. A fonte do olho da vida me escolheu para essa missão. Não desapontarei ninguém, chegou a hora de colocar o manto novamente.

Capítulo III

Em terras humanas.



A armadura em tons dourados se encaixa perfeitamente em meu corpo. Após pego os braceletes que se prendem aos meus pulsos. Delicadamente manuseio a espada prateada até estar presa ao lado da minha cintura. Por fim traço uma pequena trança em linha horizontal no meu cabelo. Nunca pensei que iria me ver assim novamente, é como se voltasse nos séculos e estivesse me preparando para a segunda revolta. Um guerreiro da Legião Divina, creio que não possa fugir disso, cedo ou tarde serei testado novamente.

Observo pelo espelho Ramona adentrar na sala. Quando ela me avista na armadura um longo e contagiante sorriso surge em sua face. A guerreira caminha suavemente apreciando a imagem até parar a minha frente.

- O que você disse realmente se concretizou. – Exclamo, mas as suas expressões não são alegres. – Creio que estamos à beira de uma nova guerra.

- Infelizmente não me surpreende. – Ramona diz. – Os humanos tem um fascínio pela desordem, dentre todas as criaturas é a mais causadora do caos.

Coloco a mão no cabo da espada revelando uma inquietação.

- Mas, você ainda tem esperança na sua raça. – Ela me observa e demonstra um pequeno sorriso. – Julgo que a sua ida a Terra possa fazer você mudar de pensamento.

- Ou possuir ainda mais convicção pela esperança. – Soo positivo.

- De fato. – Ramona fala sem entusiasmo.

Volto a me observar no espelho. Se não fosse pelo perigo que essa missão representa poderia facilmente ir trajado com as roupas dos Anjos da guarda, no entanto, não sei o que me espera em Terras humanas. Todo cuidado é válido.

- Fiz um pedido aos Arcanjos. – Ramona exclama e tem a minha atenção, as suas expressões são duras. – Gostaria de ir junto em sua missão, porém eles negaram. Me disseram que essa missão é somente para você. – Ela move-se inquieta pela sala. – Mas, creio que represente um perigo muito grande para apenas um Anjo.

Relaxo os meus braços e me aproximo dela, nos sentamos nas poltronas. Consigo enxergar a preocupação na guerreira por trás do seu olhar.

- Não se preocupe Ramona. – Seguro uma de suas mãos. – Irei tomar cuidado afinal é a minha primeira vez em terras humanas. Lembre-se que eu não sou apenas um Anjo, sou um ex-guerreiro da Legião Divina. - Sorrio e ela também. - Não há nada que possa ter me preparado melhor para assumir a missão.

- Desculpe se soei que estava duvidando da sua capacidade. – Ramona fala com tranquilidade e as suas expressões não demonstram mais preocupação. – Obviamente está preparado para essa missão, além do conhecimento de um guerreiro da legião ainda possui o entendimento de um Anjo da guarda. É perfeito para a missão. – Ela enfim sorri.

- Não creio que seja perfeito. – Dessa vez sou eu quem soa negativamente. – No entanto, a fonte do olho da vida me escolheu e tudo tem um propósito. Devo seguir e ver o que me espera do outro lado.

Ramona passa as suas mãos nas minhas e transmite toda a sua energia. Me recordo das batalhas que lutamos um ao lado do outro e creio que tenhamos mais outras pela frente. O passado que tanto me distanciei nos últimos séculos voltou de uma só vez. Só espero que no futuro não tenha uma guerra sangüinária como na segunda revolta, enquanto os Príncipes Infernais estiverem presos no submundo nada poderá apresentar uma maior ameaça ao mundo.

Três toques veem do fundo da sala. Fariseu se escorra na madeira revelando um belo sorriso. Para a minha surpresa as suas roupas estão limpas assim como as suas mãos, no entanto, o cinto de ferramentas ainda continua em sua cintura, creio que já seja uma parte de seu corpo na qual não pode lhe faltar.

- Soube dos últimos acontecimentos. – Ele fala no mesmo momento em que se aproxima. – Então finalmente o meu amigo conhecerá a Terra, creio que era para estar radiante nesse momento. No entanto, compreendo tal preocupação afinal não está indo a passeio, quem sabe o que se espera por lá.

- Na verdade, estou radiante. – Forço um longo sorriso e Fariseu ri. – Acredito que você teria uma grande utilidade na Terra. Quem sabe outra vez possamos seguir juntos explorar as terras humanas.

- Por momento prefiro ficar em Empíreo. – Ele esfrega as suas mãos uma na outra, em sua face as covinhas surgem. O olhar segue para mim. – Creio que as minhas habilidades por lá seriam apenas utilizadas com o intuito de guerra.

- Não é muito diferente do que fazemos aqui. – Ramona se manifesta.

- Só o fato de sermos seres celestiais. – Fariseu pisca em sua direção retirando um leve riso nosso descontraindo a tensão. – A verdade é que humanos possuem uma paixão por guerrear, nós só fazemos quando é necessário. Espero que a sua missão Eliel não seja sobre uma futura batalha, que possa retornar com boas novas.

Infelizmente não concordo com as palavras de Fariseu, por mais que seja otimista em relação aos mais diversos assuntos esse é inegável que represente uma ameaça. Uma humana com poderes mágicos? Nunca isso poderia resultar em algo bom.

- Se for sobre uma guerra estaremos preparados. – Ramona agora soa como a líder da legião. – É o nosso dever proteger todos, até mesmo as criaturas causadoras da desordem. - A guerreira no mesmo instante já culpa os humanos, mas há algo me dizendo que dessa vez eles não são os culpados.

- As armas já estão prontas. – Fariseu retira uma bela Adaga espelhada do seu cinto, ela fica deitada em suas mãos. – Quero que fique com essa Eliel, é uma das melhores que já desenvolvi, especialmente pensada para você.

- Obrigado, meu amigo. – Aceno em agradecimento.

Fariseu delicadamente prende um porta-arma em meu cinto. Pego a Adaga e manuseio, por mais que ela seja pequena em relação a uma espada creio que tenha uma eficiência ainda maior. Os seus traços azuis celestiais a deixam com uma forte aparência. Por fim descanso ela dentro do porta-arma.

- Tenho que partir. – Exclamo. – Que possamos nos reencontrar em breve.

Saio do palácio e o observo com total atenção. Alguns dos Anjos da guarda acenam da janela em minha direção, em especial Victor que faz o aceno de boa sorte. Os meus amigos ficam posicionados em frente à entrada, agora apresentam expressões mais leves, mas ainda há uma preocupação nelas. Aceno uma última vez. Estendo as minhas asas e me lanço em direção ao céu deixando o lugar que foi a minha morada por tantos séculos. Sobrevoa a floresta celestial passando pelo lago de Empíreo onde reflete a minha imagem, as grandes asas brancas e o brilho

da armadura dourada. Enfim pouso no portal. Caminho pela borda, nos dois cantos há enormes estátuas de Anjos. Um trajado em armaduras de batalha e outro apenas com os leves tecidos traçados na estátua.

Observo a água decair em direção ao infinito.

- Não tema. – Uma voz fala.

Ao meu lado para a minha surpresa pouso o Arcanjo Atroia. A luz do sol reflete em suas enormes asas deixando a cor dourada ainda mais brilhante. Atroia fecha as suas asas e prossegue em minha direção demonstrando um sorriso encantador.

- Temo o que posso encontrar do outro lado. – Exclamo.

- Compreendo. – Ela diz. – Mas, chegou o momento de descobrir, foram séculos estudando os seres de lá. Agora é o momento de encontrar com eles. Você aprofundará ainda mais os seus conhecimentos que serão uteis para nós.

O Arcanjo soa de uma certeza absoluta e isso me inspira.

- Espero retornar com boas novas. – Falo e expresso um sorriso.

- Meu Anjo, creio que isso será impossível. – Atroia segue seu olhar em direção ao portal e após para mim. – Tome cuidado, a Terra apresenta enormes perigos e creio que tenha consciência disso. – Ela gesticula com delicadeza. - Vá! Siga para a sua missão.

Me aproximo da beirada e mergulho no portal. O barulho da água é calmo e as luzes coloridas por mais brilhantes que sejam não são um problema. Estendo as minhas asas e ultrapasso a barreira de Empíreo adentrando em um local escuro rodeado por pequenos pontos brilhantes. Nesse instante um sorriso surge em minha face.

Despenco em um local iluminado pela luz do sol. Lá embaixo há uma sequência de grandes árvores. Pouso suavemente no solo que possui uma bela cor verde. Em volta avisto lindas flores espalhadas pelos cantos, em torno de um pequeno riacho animais circulam. Minha primeira impressão da Terra não é nada ruim.

- Vamos. – Ouço uma voz masculina urrar em um péssimo tom.

Voo entre as árvores em direção a voz. Pouso quando encontro o homem. Um senhor com uma idade avançada guia uma pequena carroça puxada por um belo cavalo que luta para se manter em pé. Atrás dela noto que há diversos alimentos distribuídos em caixas de madeira.

- Vamos. – O homem expressa a sua insatisfação com o animal batendo com uma arma em seu corpo. – Criatura incompetente, irei te sacrificar e comer a sua carne. -- A forma como ele trata o doce animal me deixa inquieto.

Sigo o terrível homem pela estrada mantendo uma leve distância. Não demora muito para eu avistar uma grande muralha a minha frente, construída em pedras brancas. Pauso quando o homem da carroça para. Chegamos à frente de grandes portões de madeira. Protegendo a porta há dois soldados trajados em armaduras verdes e prateadas. Eles carregam grandes lanças e apontam para o homem dos alimentos.

- Sou um cultivador da região. – O homem sente-se ressentido por ter sido parado.

- Estamos em guerra. – O soldado exclama de uma forma agressiva e pelo seu olhar vejo um sentimento obscuro. – Cale-se ou cravarei a minha lança em sua garganta.

Decido não ficar esperando a ação. Bato as minhas asas e me lanço em direção ao ponto mais alto da muralha. Passo pelas pedras brancas até encontrar algo sólido para pousar. Nesse ambiente se posicionam outros soldados carregando arcos e flechas, eles circulam livremente sem notar a minha presença, mas o que mais me atrai é a paisagem. Do canto de onde vim há uma enorme floresta que se espalha por um vasto campo. No lado oposto dentro da muralha erguem-se construções, dentre moradias até mesmo um grande palácio ao topo. Por diversos cantos uma bandeira balança com a força do vento. O símbolo é uma coroa de flores branca com espinhos prateados, o pano é de um exuberante verde.

- Mormeu. – Leio a palavra pintada no pano. – Estou na Terra.

Capítulo IV

As leis dos homens.



Ver o reino dos homens de tão perto após séculos os observando a distância me causa um certo estranhamento. Decido continuar na busca pela garota com poderes mágicos, mas primeiro necessito saber tudo sobre o reino. Voo do topo da muralha em direção ao solo pousando em uma pequena estrada. Fecho as minhas asas e prossigo. As construções são feitas em pedras e outras em madeira, é um belíssimo trabalho. Enfim chego ao lugar onde os humanos estão. Eles circulam rapidamente de um lado para o outro passando pelas barracas. Em frente as pequenas armações estão posicionadas as mais diversas frutas, altamente cuidadas e que aparentam possuir um ótimo sabor. Me recordo da vila dos construtores em Empíreo. Os humanos que circulam pelo local também usam roupas marcadas pela sujeira só que o seu tecido aparenta possuir longos anos de uso ou que não possuem uma lavagem com frequência.

- Cale-se. – Ouço um bravo grito.

Não muito distante de mim, um homem alto e rechonchudo protesta contra outro. Ele retira do bolso de sua vestimenta uma Adaga e aponta para o outro.

- Esse local é o meu ponto de venda. – O rechonchudo envermelhece devido a raiva segurando com força a arma. – Saia daqui ou morra.

Ele investe com a Adaga, mas o outro homem é rápido o suficiente para esquivar. Em questão de instantes ele desarma o outro e agora tem a Adaga posicionada abaixo da garganta do corpulento. O olhar dos dois emite uma raiva doentia. A mente humana é difícil de ser compreendida.

- Saia daqui ou morra. – O rechonchudo é posto contra a parede pelo magricelo. – Agora essa é sua escolha caro vendedor. Seja sábio.

As outras pessoas que estão em volta nem mesmo se importam em ajudar, para elas tanto faz se um dos dois morrer, isso não afetará em nada suas vidas. O egoísmo humano é um dos seus piores defeitos assim como a cobiça. Atos ensinados pelos Príncipes Infernais e que até hoje permanecem em suas almas.

A Adaga encosta tão perto da garganta do homem que percebo uma leve gota de sangue descer e se chocar contra o solo. Após a ameaça o que possuí a arma recua e no mesmo instante o outro pega as suas cestas e sai apressadamente pelo caminho derrubando as frutas por aonde passa.

- Corra baleia do oceano. – O homem dispara um comentário horrendo.

Continuo o meu trajeto em busca de encontrar melhores situações pela frente. Conforme vou avançando as construções se tornam mais trabalhadas em detalhes. Em poucos instantes me sinto transportado para outro lugar. Passo por uma fileira de soldados trajados em suas armaduras, prata e verde. Eles carregam grandes lanças e ficam atentos a todos que passam, alguns partem quando avistam uma confusão se formar na vila em que acabei de sair. São tão agressivos quanto o magricelo.

Duas belas mulheres passam por mim. Os seus vestidos coloridos e de um leve tecido me lembram de Armênica. Noto atentamente que o material que envolve as suas cinturas é ouro, a diferença entre essas pessoas desse lugar para o outro é cruel. As mulheres em sua maioria andam com uma coroa de flores na cabeça semelhante a desenhada na bandeira do reino de Mormeu.

As duas humanas sentam-se na borda de uma fonte enquanto uma mulher mais de idade com vestimentas escuras fica à frente quase que petrificada.

- Jon irá me pedir em casamento. – A que possuí longos cabelos loiros exclama.

- Perfeito. – A outra garota responde com um sorriso ambicioso. – Jon possui muitas terras valiosas, terá uma vida de riquezas ao seu lado. Os melhores tecidos, as joias mais brilhantes, um belo castelo. Que o senhor abençoe com muitos herdeiros.

- E que eles não sejam horrendos como o Marquês. – A noiva zomba de seu próprio noivo com um sorriso maligno em sua face. – A nossa cerimônia será no castelo e o Rei Atlas estará presente. – Ela suspira quando fala o nome do Rei.

Ao fundo noto a presença de uma criança que até então estava escondida. As suas vestes são rasgadas e sujas, a sua pele está queimada pelo sol. Sinto por ver uma pobre criança nesse estado enquanto as mulheres esbanjam riquezas. No entanto, o olhar do pequeno humano apresenta a sua total atenção a conversa algo que as humanas não percebem ou ignoram.

- A Rainha Olivia também comparecerá. – A dos cabelos escuros fala.

- Rainha. – Jaguar coloca a mão na boca e lança uma grande gargalhada, após se aproxima mais e fala em um tom baixo. – Como uma negra poderia ser a nossa Rainha? Eu deveria estar naquele trono. Não compreendo como um Nobre como Atlas se apaixonou por aquela mulher.

O desprezo que a noiva exala é algo brutal. É como se a cor da pele de uma pessoa impedisse ela de conquistar novas posições. Me pergunto como o ser humano chegou a esse ponto tão desumano e creio que nisso seja uma maldade própria nascida entre eles e que não foi algo implantado.

- Tome cuidado com as palavras minha Senhora. – A serva orienta observando o pequeno menino afastado procurando alimentos em um local.

- Uma criança moradora de rua. – Jaguar encara a serva rindo e após muda as suas expressões que se tornam frias. – A palavra de quem valeria mais? Não seja tola e me traga mais vinho, faça algo útil ao invés de dar palpites.

A senhora das vestimentas escuras pega um pequeno recipiente contendo o líquido, mas as suas mãos estão tremulas então não há segurança alguma. Logo aquilo espatifa-se no chão, para a sua sorte longe das senhoras que lhe observam com um olhar de desprezo, me sinto mal por isso. Por um momento avanço, porém lembro que não devo influenciar diretamente em suas vidas.

- Me desculpe senhora Jaguar. – A velha mulher abaixa a cabeça.

- Preciso de outra serva. – Jaguar mostra insatisfação e indignação. – Elas vão perdendo a eficiência com o tempo, talvez uma escrava seja mais útil.

As duas jovens riem em um tom horrendo, decido não ficar para ver mais da cena que tanto me incomoda e entristece. A maneira como eles tratam os seus semelhantes é absurda, sinto o ferimento profundo na alma dessas pessoas desprezadas. Infelizmente quanto mais conheço a raça humana mais tenho conhecimento que talvez no fim de tudo Ramona possuísse razão. No entanto, não

creio que só existem pessoas ruins na Terra, em algum lugar uma boa alma deve se esconder.

Chego no topo das escadarias e mais acima avisto um enorme palácio central onde os estandartes de Mormeu balançam com a força do vento e são iluminados pela luz do sol. Confio que as minhas respostas estejam lá. Rapidamente parto sobrevoando o reino que ao mesmo tempo que é tão belo é maléfico. Pouso em cima de um telhado e logo desço suavemente. O lugar à minha volta é feito em pedras brancas assim como os pilares altamente detalhados. Os Arcos construídos pelo corredor revelam a riqueza do ambiente. No centro onde não há telhado ficam as belas flores coloridas. Pelo meu conhecimento creio que esse seja o palácio real onde ficam as pessoas mais importantes do reino.

- Não vou tolerar ficar apenas aguardando.

A frente de um dos arcos se posiciona uma mulher. Os longos cabelos ondulados negros caem sobre a sua pele escura traçados em penteados detalhados. A sua pele emite um brilho poderoso como o seu olhar escuro. Sinto uma maldade exalar da sua alma.

- Mas, rainha Olivia. – A serva ao seu lado se expressa com cuidado. – O assunto é somente para os Senhores, a sua presença não agradará.

A bela mulher caminha em minha direção balançando o seu longo vestido verde com detalhes prateados. Uma fúria se torna nítida no seu olhar. Ela para em frente a um dos pilares onde há a bandeira do seu reino. Sua mão delicadamente passa pelo pano.

- A minha presença nunca agradou. – A sua voz carrega um ressentimento sombrio sobre o seu passado. – Porém, no final sempre conquistei aquilo que almejei. Agora – Olivia olha em direção a sua serva. – Retorne para dentro do palácio.

- Mas, senhora... – No mesmo instante que a serva lhe encara abaixa a cabeça demonstrando o temor. – Perdão, retornarei como o ordenado.

Olivia fica só no local, ou ao menos é isso o que ela pensa. Após a sua serva deixar o local ela vira-se em direção a uma porta de ferro. Suavemente empurra os seus longos cabelos negros para trás. Faz questão de evidenciar o decote em seu peito, assim como a fenda em sua perna direita. Após empurra a tranca da porta e adentra. Uma grande sala revela-se, a luz emitida pelas tochas ilumina os lugares mais sombrios. No centro do local uma grande mesa é posicionada, em sua volta há alguns nobres. A presença da rainha causa um certo desconforto para os homens principalmente para o que está sentado na ponta. O seu cabelo amarronzado e uma barba alinhada traçam o seu perfil jovem. Pelas belas

vestimentas seguindo cores semelhantes às de Olivia acredito que ele seja o rei de Mormeau.

- Minha esposa, ficamos honrados com a sua presença. – O rei exclama, mas noto que não que há sinceridade em suas palavras. – O que faz aqui?

- Oh! Não interrompam os assuntos por causa da minha presença. – Olivia soa firme com uma bela postura. – Prometo que não irei causar transtornos, somente é claro se tiver algumas mulheres escondidas pela sala.

Os demais senhores riem das suas palavras esquecendo que ela pode ser um incomodo, no entanto, o rei só faz o gesto por educação. A rainha cruza a sua perna deixando o leve vestido cair para o lado atraindo a atenção dos senhores que por mais discretos que sejam não conseguem esconder a tentação.

- Atlas. – Um dos senhores chama a atenção do rei. – Precisamos tomar decisões, um ato como esse não pode ficar impune. Se deixarmos a morte de um Rei passar sem julgamento enfraqueceremos e abrirá possibilidades de reinos menores nos ataquem.

Olivia serve um vinho em uma taça e observa a conversa com gosto, ela parece mais motivada que o Rei. O homem apenas fecha o seu punho e observa a longa mesa refletindo sobre que decisão tomar.

- Meu pai foi morto por uma lança do reino do Sul durante uma caçada. – Atlas passa a mão pela borda da cadeira. – Temos provas suficientes para atacar Vareon.

Olivia levanta-se e caminha em volta da mesa.

- Então chegou o momento. – Ela soa agressiva. – Possuímos o reino com mais riquezas. A nossa região é fértil e permite qualidade de vida superior a qualquer reino a milhas de distância. Está na hora de expandirmos.

Atlas prende o seu olhar em sua esposa.

- Espero que lembre-se que os nossos habitantes não são guerreiros. – Ele desvia a sua visão para os Senhores. – Entre a sua maioria estão agricultores e construtores. Em uma guerra isso é como colocar animais para o abate.

O rei levanta-se, a sua coroa prateada brilha com a luz do sol que adentra.

- Vareon é conhecida como o reino do grande armamento e dos melhores guerreiros. - Atlas exclama com paciência. – Entrar em uma guerra contra eles exige muito preparo, ainda mais se enfrentarmos o fator climático. Aquela região é a mais fria que temos conhecimento e nós não estamos acostumados a tais condições. Creio que até chegar lá metade do nosso exército já tenha morrido.

Pelo posicionamento do Rei e os pontos em questão acredito que ele esteja certo sobre o fator da guerra. No entanto, não entendo essa ânsia por vingança. É um ato que envenena a alma dos seres. Ocasionar uma guerra por causa da morte de uma pessoa? Não consigo compreender, porque no final muitas outras pessoas inocentes morrerão.

- Tens razão meu Rei. – Um homem marcado por um grande corte em seu rosto exclama. – Vareon é praticamente impenetrável, mas acredito que nós sejamos mais.

- Explique-se, Jon. – Atlas acena.

Então esse é o Marquês, penso. Aquele chamado de horrendo por sua esposa.

- Nossas muralhas construídas sobre o reinado de seu pai são as mais fortificadas de todos os reinos. – Ele fala com sabedoria. – Para eles invadirem Mormeu será uma tarefa difícil, tanto pela frente como por trás. O oceano como as pedras nos protegem e fornecem uma boa tática de defesa e ataque.

O Rei passa delicadamente a mão em sua taça enquanto reflete. Penso que deve ser muito difícil tomar uma decisão que vai guiar um povo inteiro. Faço uma breve comparação com as Divindades, mas agora elas não podem interferir diretamente. No entanto, o peso das decisões continua sendo colossal.

Olivia se aproxima do seu marido e as suas mãos deslizam pelo seu peito. Suavemente sua boca toca seu ouvido enquanto o olhar fita os Senhores.

- O seu pai esperaria uma resposta. – Ouço ela sussurrar. – Faça os ursos grunhirem com os nossos espinhos. Sangue por Sangue.

Sangue por Sangue, isso é uma das coisas mais absurdas que já ouvi, mas que, no entanto, podem fazer sentido. O momento que os Anjos Caídos se revoltaram contra Empíreo tivemos que contra-atacar e foi um massacre. Não foi uma ação começada por nós, assim como também vejo que não foi pelo reino Mormeu. No final talvez nós no fundo sejamos parecidos, afinal fomos criados segundo a semelhança das Divindades.

As palavras da Rainha surgem efeito no Rei. Ele coloca as mãos na mesa e fita todos com um olhar ameaçador e então vejo a sua alma sombria se revelar.

- Nos vingaremos do Reino do Sul. – Atlas soa brutal. – O sangue que eles derramaram será devolvido em dobro. Quero Vareon transformada em poeira! – O Rei levanta a taça e os demais fazem o mesmo gesto. – Avisem a todos que a partir do dia de hoje estamos em guerra contra Vareon e qualquer distribuição de recursos

ao reino está impedida e aqueles que os apoiarem também terão os seus suprimentos cortados.

O homem que até então havia considerado o melhor na sala se tornou o mais sanguinário. É difícil compreender as motivações humanas e o desejo pela conquista e poder. Parece que para eles o significado da sua vida seja somente batalhar e conquistar. Os Príncipes Infernais acabaram com a pureza da sua raça e temo que possa não ter volta.

Após um momento na sala ficam somente o Rei e a Rainha. Me sento na cadeira mais próxima tentando não ficar abalado pelas maldades humanas. Somente penso que preciso terminar minha missão logo e retornar a Empíreo, nunca me senti tão devastado como agora. É como se as terras humanas fossem tóxicas para seres como eu.

- Foi uma decisão coerente meu Rei. – Olivia se aproxima e toca seus lábios no de Atlas exalando uma grande atração. – Iremos sair vitoriosos.

- Meu pai será vingado, meu amor. – Consigo sentir os sentimentos sinceros da perda do seu pai, Atlas o amava. Mas, isso não significa que ele pode sacrificar um reino inteiro por decisões erradas de apenas um grupo seletivo.

Da parede próxima a janela Olivia retira um enorme martelo e precisa ser ajudada pelo seu marido para não tombar devido ao peso. Os dois seguram a arma, sinto que dele exala um amor sincero, porém dela não sinto nada além de crueldade e ressentimento.

- O Príncipe dos martelos. – Ela olha para ele com euforia. – Agora o Rei dos Martelos, futuro rei do Sul e do Norte.

Atlas deixa o martelo de lado. Com as suas fortes mãos levanta Olivia e coloca ela sobre a mesa, seus dedos deslizam pelo seu vestido e os seus lábios se tocam. A partir desse momento decido deixar a sala para não presenciar um ato carnal.

Capítulo V

A punição da Rainha.



Vim a terra com a consciência que encontraria um lado obscuro, no entanto, quando é visto de perto ele se torna ainda mais assustador. As questões que me rondavam por séculos foram triplicadas e não sei se poderei encontrar uma verdade absoluta. O mundo humano assim como a sua mente é de uma complexidade grandiosa e foi um dos pontos pelo qual me despertou interesse, porém, nesse momento isso está me deixando aflito afinal estou em uma missão que não pode haver falhas.

Lá embaixo reparo nas múltiplas personalidades humanas. Um pequeno garoto com vestimentas nobres se aproxima de uma das crianças sem-teto e lhe dá o pão que segurava em sua mão. O Ato me faz sorrir e também a criança que recebeu o alimento. Não decido pensar que a criança nobre daqui alguns anos possa ser afetada pelo mundo humano, talvez ela não seja ou provavelmente sim. A questão é que possuem bons sentimentos dentro de si e foi isso que manteve a minha esperança na sua raça durante os longos anos em Empíreo. Não posso julgar todos eles se ainda há aqueles que desejam e praticam o bem. Por mais que a escuridão tenha se apossado das terras humanas ainda uma pequena luz brilha, em uma intensidade fraca, mas ainda brilhante.

Olho para dentro do palácio e algo chama a minha atenção. Um pequeno garoto corre pelo corredor como uma sombra, sem emitir nenhum barulho. A porta ao fundo range e vislumbro a face da Rainha Olivia que acena para o menino adentrar. Tudo poderia soar normalmente se eu não reconhecesse a face da criança. É a mesma que estava presente na praça onde a noiva do Marquês Jon exclamava a

sua ambição pelo casamento e desprezava a atual Rainha com comentários de puro ódio.

Abro as minhas asas suavemente e desço pelo canto das paredes do castelo. Lá embaixo a água se choca com uma força brutal contra as rochas. Observo dentro da pequena sala onde o menino se posiciona em frente a Rainha.

- Ninguém notou a sua presença, certo? – Olivia questiona.

- Não, Rainha. – A criança sente orgulho quando fala. – Sou sua sombra.

- Ótimo.

Penso no porquê da criança estar presente e talvez já tenha a resposta.

- Quem foi dessa vez? – Olivia o encara e temo o seu olhar.

- A senhora Jaguar. – Ele responde e ela se escora na cadeira. – Estava conversando com a sua amiga e serva. Demonstrou uma insatisfação por você ser a Rainha enfatizando o fato de ser negra, ela desejava o trono que é seu.

Olivia passa as mãos na cadeira a fim de diminuir a raiva que desperta. Ela suspira e sorri, um sorriso diabólico. Já vi o gesto, mas não em rostos humanos e sim nos dos... decido não pensar em seus nomes, eles carregam uma força maligna.

- Punição. – Ela sussurra com uma frieza. – Já sabe o que deve fazer.

- Sim, minha Rainha. – A sombra se curva e após deixa a sala.

Punição, no mundo humano a palavra pode significar diversas situações a qual pode ser aplicada. No entanto, ao ouvir ela dita por Olivia assim como sentir a intensidade do seu olhar eu sinto que ela pode significar a morte. Essa é a lei deles, sangue por sangue. Penso onde poderia estar os seus anjos da guarda, entretanto, creio que Olivia tanto como Jaguar tenham quebrado o vínculo pelas suas maldades.

Bato as minhas asas e sobrevo o castelo, procuro pela pequena criança e pouso em uma pequena residência de pedras escuras. Lá embaixo em um pequeno corredor escondido a sombra está conversando com um homem. Ele veste vestimentas amarronzadas e possui os cabelos rentes ao couro cabeludo. Após o dialogo o homem adentra na casa e retorna, veste um casaco também marrom e puxa um capuz escondendo a sua face, enfim os dois seguem para direções opostas.

Sigo o homem misterioso pelos caminhos escondidos. Por aonde passamos não há pessoas, nem mesmo a luz do sol adentra deixando os lugares ainda mais escuros. Após uma longa caminhada chegamos em uma parte do reino onde não há muros. Há belas flores espalhas por diversas árvores, é um jardim perfeito. Do

outro lado a vista para o mar é de uma beleza exuberante, o sol ao fundo, uma bela calmaria paira.

- O seu vestido já está pronto senhora. – A serva exclama.

Vejo Jaguar, sua serva e a mesma amiga da outra vez sentadas admirando a beleza do jardim. Em volta não há muitas pessoas e as que estão são todas nobres, os belos vestidos feitos na seda mais leve e brilhante, o mesmo vale para os homens que acompanham as suas mulheres.

- Perfeito. – Jaguar passa as mãos em seu vestido e levanta-se. – Preciso estar a noiva mais bela desse reino, nem mesmo o casamento real será melhor do que esse.

- Você é a mais bela. – A garota ao seu lado fala e as duas sorriem.

- Eu sou a mais bela, serva? – A mulher encara a velha com expressões frias e antes que ela possa abrir a boca fala. – Sua opinião não tem importância.

Não me espanta nenhum Anjo estar protegendo Jaguar, afinal ela é uma pessoa horrível, não tanto quanto Olivia, mas ainda continua sendo ruim. Os erros por mais que sejam cometidos por diversos motivos ainda continuam sendo erros.

As três mulheres seguem pela bela estrada feita em flores vermelhas seguidas por dois soldados que as acompanham. A alegria no rosto de Jaguar é contagiante, mas sei que não é pelo fato de estar apaixonada. Há uma ambição ali, o sentimento pelo poder e riqueza, algo comum nos seres humanos.

Por um momento esqueço completamente da sombra e até mesmo o perco de vista, no entanto, logo o encontro. Até mesmo no gramado os seus passos são silenciosos e quanto mais as mulheres se afastam mais se tornam alvos fáceis.

Enfim o Anjo da morte ataca. A sombra entre os arbustos a frente se posiciona em direção as mulheres. Sua mão desliza pela sua cintura revelando uma pequena arma em forma circular e com um comprimento razoável. Com a outra ele põe um dardo negro. Posiciona a arma no canto dos seus lábios e assopra, rapidamente dois dardos são disparados. Eles acertam os dois soldados na região do pescoço e os dois tombam no solo completamente mortos.

- Pelos céus! – A serva grita.

A mesma puxa a mão de Jaguar a arrastando para longe do local. No entanto, a outra garota fica sozinha recebendo a mesma morte com o dardo preso em seu pescoço. Quando Jaguar avista a sua amiga morta grita estridentemente. Ouço os passos de outros soldados se aproximando, porém, não dará tempo. Sinto uma ardente queimadura em minha pele e o mundo gira a minha volta, não posso ficar vendo todas essas mortes, mas também não posso interferir.

- Me solte. – Jaguar grita.

A serva tomba quando recebe o dardo e a sua mão se prende no pulso de Jaguar que se desprende rapidamente atirando a mulher ao solo. A mulher corre em minha direção, sinto o medo exalar pela sua alma assim como o desespero, poderia salvá-la, no entanto, não posso fazer nada. Por fim o seu corpo tomba para a frente e a última punição é executada. Me aproximo da humana e o sangue escorre pelo seu pescoço, o vestido se estende pelas pedras e o olhar de Jaguar se torna distante.

Me escoro no arbusto mais próximo, a sombra já se foi. Os soldados logo chegam e expressam o espanto por ver os corpos pelo caminho. Um deles retira o dardo do pescoço de Jaguar e coloca entre os seus dedos. Observo um símbolo na arma, o desenho de um urso branco se destaca no preto. Por algum motivo isso muda os olhares dos soldados do espanto para a raiva.

- Soldados de Vareon. – Um deles diz.

Então tudo faz sentido. A Rainha Olivia se aproveitou da guerra para punir uma inimiga sua jogando a culpa no outro reino, é uma tática inteligente e cruel. Mais uma vez o ser humano se revela implacável e me pergunto o que estou fazendo aqui. Vendo essas mortes a crueldade, talvez essa seja a escuridão que tanto temia. Não desejo mais ficar na Terra, preciso voltar para Empíreo, no entanto, ainda não cumpri minha missão.

Voo em direção ao palácio e me posiciono nas escadarias. Preciso de um momento a sós, mas o que mais necessitava era alguém que conversasse comigo, tanto Ramona como Fariseu. Porém, se me comunicar com eles pode haver ainda mais questionamentos em minha mente, preciso me manter forte. Ninguém me disse que essa missão seria fácil e tinha consciência do peso que iria carregar. No entanto, agora estou duvidando se serei forte o suficiente.

Adentro na sala do trono. As janelas ao fundo deixam o sol adentrar iluminando perfeitamente o trono feito de pedras brancas. Os estandartes de Mormeu ficam posicionados um em cada lado. Os pilares são traçados por desenhos de flores e folhas. É um belo lugar, no entanto, só mesmo de pisar no solo sinto todo o sangue derramado, as mortes, traições e a cobiça pelo trono.

Me posiciono ao lado do Rei Atlas. As portas da sala são abertas e um soldado traz o corpo de Jaguar. O Marquês Jon quando avista sai desesperadamente e se ajoelha em frente ao corpo da sua esposa e no mesmo instante libera um grito estridente demonstrando o seu amor verdadeiro.

- Pelos céus! – Atlas levanta do trono e segue pelos degraus até ficar ao lado do seu amigo posicionando a mão em seu ombro. – Sinto muito, Jon.

O olhar do Marquês muda assustadoramente do abalo para a raiva mais profunda. Ele fecha os seus punhos e levanta-se. As ações erradas das pessoas se complementam, é como uma ação que destrói tudo pelo caminho. Até mesmo os inocentes serão afetados. Aqueles que sobrevivem por mais que estejam de pé irão mudar por dentro e no final a inocência evaporará como a fumaça de uma chama.

- Quem foi o responsável? – Jon questiona agora com os sentimentos controlados.

- Encontramos isso no local.

O soldado entrega o dardo demarcado com o símbolo de Vareon. O Marquês aperta com tanta força que o sangue escorre de suas mãos.

- Malditos Vareons. – A raiva contamina todo o seu corpo. – Eles estão atacando de todos os lados, podem estar infiltrados em nosso reino.

- Não faz sentido. – Ouço o rei sussurrar.

Atlas pega o dardo em sua mão e explora com atenção. O Rei não possui certeza que o ato foi causado por um dos inimigos, me aproximo dele e espero que realmente perceba tal atitude. Vejo que ele pode ser uma boa pessoa somente precisa de uma boa orientação e ficar longe de influencias cruéis.

- Não consigo. – Ouço uma voz angelical sussurrar atrás de mim.

Um Anjo da guarda. As suas vestes brancas com detalhes dourados. Ele fecha as suas asas e se aproxima de mim. Me recordo da sua face, Hitrel.

- Consigo sentir a bondade no fundo da sua alma. – Exclamo para ele. – Pode haver esperanças na sua salvação, não podemos deixar ele cair nessa armadilha.

- Eu tentei Mestre com todas as minhas forças. – Hitrel abaixa a cabeça. – Houve um tempo em que ele era bom. – Noto a tristeza no olhar do Anjo. – Como todo humano possuía uma parte ruim, no entanto, quando conheceu ela. – Ele olha para Olivia. – Tudo mudou, a nossa conexão está cada vez mais fraca e creio que logo não existirá mais.

- Compreendo. – Exclamo. – Sinto algo obscuro na alma da humana.

- E isso causará a destruição de Atlas. – O Anjo lamenta.

Olivia desce os degraus revelando uma certa inquietação, e como uma bela observadora nota que o Rei não está convicto. Ela fica ao seu lado e segura a sua mão o encarando com um olhar doce e triste. Uma lágrima escorre pela sua face, expondo do que é capaz de fazer para conquistar aquilo que deseja.

- Minha doce amiga Jaguar. – A Rainha lamenta. – Tão doce, que vá em paz.

Olho para Hitrel e balançamos a cabeça.

- Precisamos destruir Vareon. – O seu tom de voz muda e ela encara o rei passando a mão pelo seu peito. – Se não eles continuarão a matar inocentes.

- Concordo com a Rainha. – Jon passa mão no cabo de sua espada e se aproxima do Rei com expressões de indignação. – Temos que montar as táticas de guerra.

Atlas se afasta de Olivia e caminha em direção ao trono. Ele fica calado por longos segundos e após retorna com um olhar ameaçador. Senta-se em seu trono e pela segunda vez vejo o seu lado sombrio se manifestar.

- Iremos extinguir os Vareons da Terra. – Ele fala e os soldados batem em suas armaduras e armas. – Convoque o conselho de guerra.

Hitrel segura a minha mão e aos poucos a sua imagem vai sumindo. O olhar de Olivia segue em minha direção como se ela fosse capaz de me ver. A humana é implacável, ela não se importa com ninguém. Fará de tudo para ser uma das batalhas mais sanguinárias da história. Nunca vi ser humano como ela em todos os séculos da minha existência, é como se fosse uma... Princesa Infernal.

Capítulo VI

Os Príncipes caminham sobre a Terra.



Minha breve visita no reino de Mormeu serviu para uma longa reflexão, mas agora chegou o momento de partir e confio fielmente que os meus questionamentos serão respondidos no reino do Sul. Agora não espero buscar por boas almas ou não presenciar atos de crueldade porque sei que encontrarei em qualquer parte. A minha missão é em busca da humana com poderes mágicos, assim que compreender o acontecido poderei voltar para Empíreo o quanto antes.

Conforme sobrevoo cada vez mais distante vou sentindo o clima mudar do calor insuportável para um frio intenso. Enfim lá embaixo avisto vastos campos, eles não apresentam uma beleza como em Mormeu, aqui tudo é mais frio e obscuro. O castelo de Vareon fica distante. É uma grande construção feita em pedras escuras, as muralhas cobrem todo o reino assim como uma parte da floresta. Desço suavemente até pousar na entrada, o estandarte do reino fica ao meu lado. O pano preto e o Urso pintado.

- Abram os portões. – Um dos soldados ao meu lado fala.

Reparo em suas vestimentas assim como no seu físico. As roupas são escuras como a noite, a sua pele é clara. Mesmo com uma magreza absurda acredito fielmente que o homem é um ótimo soldado, sinto a alma de um grande guerreiro.

Os portões de Vareon abrem-se e alguns cavaleiros adentram. O montado no cavalo branco me chama atenção, a capa dourada balança fortemente devido a velocidade demonstrando uma certa pressa. Abro as minhas asas e sobrevoo pelas moradias seguindo o jovem guerreiro pelas escadarias até ele parar em frente a uma enorme porta feita em aço. Dois soldados com longas espadas prateadas protegem o local. O homem avança e empurra seu capuz revelando a sua face. Ele

possui uma barba rente à pele e longos cabelos ruivos, o olhar esverdeado é penetrante e não sinto uma boa energia exalar de sua alma, mas também não há algo tão sombrio.

- Majestade. – Os soldados fazem um breve cumprimento e logo abrem as portas.

Adentro no salão do trono. A diferença entre os dois reinos é descomunal. Observo atentamente as paredes escuras, os pilares escuros com desenhos de guerreiros batalhando contra humanos e animais, possui uma beleza diferente. Mesmo com muitas janelas o brilho do sol não é intenso e necessita as luzes das tochas para a iluminação e aquecimento. Sinto a angustia e o sangue derramado pelas construções dessas paredes, contudo, me sinto melhor aqui do que em Mormeui, não consigo compreender. No centro da sala do trono há enormes mesas de madeira e somente no final vê-se um trono feito de pedras cintilantes onde um senhor de idade senta-se. A sua longa capa negra esconde boa parte do seu corpo, mas a coroa brilha em intenso e as joias avermelhadas complementam.

- Meu Rei. – O soldado visitante ajoelha-se na frente do senhor.

- Alexander Solares. – Pelo sorriso do Rei acredito que eles já se conheçam há um bom tempo e sejam até mesmo próximos. – O que devo a visita ao meu reino?

Alexander fica em pé e agora apresenta expressões preocupadas. Ele empurra sua capa dourada para o lado e retira um papel no qual entrega ao Rei. O homem lê o que está escrito e logo assume uma postura diferente, mas não revela surpresa.

- Atlas Mormeui pretende atacar o meu reino. – O Rei exclama.

- Infelizmente. – Alexander se aproxima do trono. – E foi bem claro aos demais, se os reinos pequenos decidirem se aliar as suas tropas os seus mantimentos serão interrompidos. Todos sofrerão as consequências.

- Sempre pensei que algo assim poderia acontecer, cedo ou tarde. – O senhor fala com uma certa dificuldade, porém logo se recupera. – Infelizmente Mormeui possui o controle sobre as terras mais férteis entre nós e até mesmo vocês em uma pequena porção dependem dos seus mantimentos para a sobrevivência.

- César. – Um soldado extremamente alto e musculoso se aproxima. – Se conseguirmos a aliança com os pequenos reinos podemos vencer facilmente as tropas de Mormeui, todos sabem que eles não possuem um exército preparado.

Alexander encara o soldado e o Rei com uma certa amargura.

- Meus senhores vocês não devem ter notícias, somente ficamos sabendo do fato há alguns dias. – Ele caminha pela sala. – Além da culpa pelo assassinato do antigo Rei de Mormeu agora vocês possuem mais uma em julgamento.

O Rei de Vareon levanta-se agora surpreso com a fala.

- A morte da esposa do Marquês Jon, um dos homens mais confiáveis do Rei Atlas. – Alexander explica. – Um soldado adentrou no reino e matou tanto a esposa do Marquês quanto as senhoras que a acompanhavam. A arma utilizada foi um dardo com o símbolo do seu reino e o veneno somente é encontrado nessa região.

- Isso é incabível. – Rei César fala com fúria, deixa o seu trono e se posiciona em frente a uma das mesas. – Nenhum desses atos foram efetuados por Vareon.

Agora essa guerra ficou ainda mais complicada. Reflito como o ser humano pode ser cruel, mas além disso está uma inteligência para a sua crueldade. Todas as suas ações são extremamente calculadas e isso chama a minha atenção. Percorro entre eles e observo as suas faces, vejo uma bondade no Rei como também sei que ele é inocente pelos dois casos. No entanto, se o atacarem ele atacará de volta, é como um instinto humano também aplicado a maioria dos animais.

- No momento isso não importa. – O grande soldado exclama com as mãos em cima da mesa observando o seu Rei. – Os pequenos reinos se voltarão contra nós, não irão se aliar as nossas tropas. Não irão se aliar com “traidores”. Além do mais eles possuem muito mais a perder do que ganhar.

O Rei fica tenso.

- E quanto ao seu irmão, Alexander. – Ele encara o homem buscando uma esperança. – O Rei de Solares já tomou a sua decisão?

- Sim, meu Rei. – O humano responde e pausa. – Não irá se aliar as tropas de Vareon, deixou isso claro no conselho. – Noto que o Rei sente muito a decisão, ele vira de costas e retorna ao seu trono. – Mas, também não irá fornecer nenhum soldado ao reino de Mormeu em respeito à nossa longa amizade.

- Longa amizade?

O grande guerreiro se aproxima de Alexander. Solares rapidamente retira a sua espada de seu cinto e aponta na direção do soldado.

- Golias, pare. – César ordena com um acenar e volta a sua visão a Alexander. – Compreendo a decisão do seu irmão, creio que se estivesse no mesmo lugar optaria pela proteção do meu reino. – O humano é sincero. – Agradeço que

tenha vindo até o meu reino para entregar a mensagem, teremos mais tempo para nos preparar para a guerra.

Solares empurra os seus longos cabelos ruivos para o lado e fita o Rei com o seu olhar esverdeado. Nesse momento sinto a parte obscura da sua alma se revelar.

- Desculpe meu Rei, mas é o meu dever perguntar. – Ele guarda a sua espada e olha de relance para o homem no trono. – A mão de sua filha estava prometida a mim, desejo saber se o prometido foi quebrado.

Esse é um dos pontos que sempre me questionei sobre as tradições humanas. Nos diversos lugares do mundo o sexo feminino não pode escolher com o humano que irá passar pelo restante de sua vida. Na maioria das vezes isso é um perfeito desastre. Todos foram criados com a liberdade de escolha, mas com o tempo outros assumiram a posição de líderes sobre alguns. Se nem mesmo as próprias Divindades criadoras assumiram a posição me pergunto quem essas criaturas julgam ser.

Para a resposta exige um longo silêncio e reflexão.

- Não irei ir contra o que foi prometido. – O rei responde ao questionamento e isso faz Alexander sorrir, creio que ele possua grandes planos. – Entretanto, no momento iremos entrar em uma guerra. Não temos tempo para a discussão desses assuntos, após a guerra poderemos retornar ao assunto.

Noto que Alexander esperava mais da resposta de César, no entanto, não há como ele exigir mais já que o seu próprio irmão não ajudará Vareon. Então ele expressa um sorriso quase que invisível. Me aproximo dele e vejo pelo seu olhar que Solares não possui boas intenções para o futuro, mas o laço dos Anjos ainda está nele o que significa que não é completamente ruim. Aliás nenhum humano é feito de completa ruindade ou crueldade, mas alguns preferem mostrar ao mundo somente essa face.

O Rei levanta do trono e acena para Solares o seguir. Os dois seguem por um longo corredor, a parte aberta nas paredes deixa o vento gelado adentrar assim como a pequena luz do sol. Eles param em frente a um local, a vista é uma extensa floresta, em algumas partes vê-se uma vivencia, mas noutra a uma certa obscuridade.

- Sei que o amor de vocês é verdadeiro. – O rei olha para Alexander. – De maneira alguma irei interromper isso, tenho total convicção que minha filha possui fortes sentimentos por você. Não quero ser como os outros, essa decisão só cabe a ela e assim foi o seu desejo e como pai irei lhe apoiar até o fim.

A maneira como o homem se portou é completamente nobre em comparação aos demais humanos. O amor pela sua filha é algo especial, puro e belo.

- Não irá se arrepender meu Rei. – Alexander demonstra toda a sua satisfação por ouvir as palavras do homem. – Farei da sua filha a mulher mais feliz da Terra, a protegerei com todas as minhas forças. Me entristece saber que não poderei estar aqui quando a guerra chegar, gostaria de estar ao seu lado.

- Não se preocupe. – O Rei coloca a mão em seu ombro. – Iremos vencer essa guerra, não deixarei ninguém fazer mal a minha família e ao meu reino.

- Tenho certeza disso. – Alexander fala, mas noto que não é de uma sinceridade completa, no fundo há um ponto de dúvida e isso é compreensível.

- Agora. – César se vira em direção a floresta e exhibe um sorriso mesmo com dificuldades. – Acredito que queira acompanhar a minha filha em um último passeio, acredito que agora demorará para vocês se verem novamente.

Alexander sorri ao encontrar a humana seguindo em direção a floresta e ela retira o mesmo sorriso de mim. Trajada em um longo vestido negro, o capuz branco cobre parte da sua face, mas ainda assim consigo vê-la. Os cabelos castanhos balançando com a força do vento e o olhar escuro de uma doçura inesquecível. A humana portadora de magia, finalmente nos encontramos. Imediatamente voou pela floresta ao seu encontro.

Acompanho a bela humana pela floresta e pouso entre algumas árvores. Permaneço um pouco distante de onde ela está afinal não sei muito bem o que a Princesa pode fazer e o quão longe os seus poderes podem se estender.

- O inverno está chegando. – Ela possui uma voz encantadora e canta por aí passa arrodando algumas vezes revelando um sorriso contagiante. – Devemos entrar, a lareira acender. Bebidas quentes iremos fazer, das muralhas não devemos passar porque o perigo deve evitar. Ohhhh Vaeon, está na hora de adentrar porque o inverno vai chegar.

As suas expressões se tornam engraçadas e ela consegue tirar um leve riso meu assim como Fariseu faz. A sua maneira de cantar misturada com a alegria contagiante é algo muito belo. Sinto uma alma pura vindo da Princesa e até agora não possui uma ligação tão forte com os outros humanos como estou tendo com ela.

Dou a volta no pequeno lago enquanto caminho atrás das árvores e ela segue mais à frente. Como na primeira vez que a vi a humana observa todos os

cantos se certificando que está só e pelo visto é o que aparenta. Então ela se aproxima da água, empurra sua capa branca para o lado e coloca a mão no lago.

- Frigus in nocte. – Sua voz é suave.

Ela levanta-se e observa o seu feito. Em instantes a água do lago vai congelando, começa na outra ponta e se aproxima rapidamente até todo o local estar coberto por uma grossa camada de gelo. A magia que exala da sua alma é extremamente forte, mas não é pura como a nossa, ela carrega uma escuridão. Ainda esse ponto obscuro é pequeno, mas ele está se expandindo e creio que possa corromper a sua boa alma.

Quando vou me aproximar em busca das respostas verdadeiras ouço o bater das botas no solo e fico no mesmo lugar. Logo o Príncipe Alexander se aproxima demonstrando o seu sorriso mais belo ao encontrar a mulher que será a sua futura noiva. Sinto que ele possui fortes sentimentos por ela, porém estão embaralhados com outros.

- Minha Princesa. – Ele beija a sua mão.

Os olhos esverdeados se conectam nos dela.

- Alexander. – Um leve sorriso surge na face da humana. – Que ótimo que nos encontramos novamente, já faz muito tempo desde a promessa...

Ele coloca as mãos em seus lábios e após se aproxima do seu corpo e enfim os dois se beijam em longos minutos de prazer. Fico apenas observando a ocasião e espero que isso acabe logo, afinal tenho assuntos mais importantes a tratar, no entanto, a sua relação me chama atenção. A maneira como os humanos se apaixonam pelo outro, talvez o amor seja um dos sentimentos mais belos que eles possam demonstrar. Quando estão envoltos nele se afastam da escuridão por um breve momento.

- O lago. – Solares repara na água congelada e a Princesa estanha os olhos, mas logo lança um sorriso tenso. – Deveria apenas congelar entre algumas semanas.

- É. – Ela diz. – As coisas mudam rapidamente, como num piscar de olhos.

Sua voz mistura o riso com a preocupação, o Príncipe não parece notar. Afinal que humano pensaria que outro pudesse possuir a magia, nem mesmo os Anjos tinham esse conhecimento ou esperavam que isso pudesse acontecer. A questão é que isso não deveria acontecer, mas terei que ter paciência para descobrir.

- Mas, não o meu amor por você, Léia. – Alex fala em um tom baixo.

Sua mão desliza graciosamente pela sua face empurrando os longos cabelos castanhos para o lado. Ele possui admiração por ela, e por incrível que pareça também sinto o mesmo. A Princesa despertou isso em mim, desde o primeiro instante. É algo que não consigo explicar e talvez nem pretenda.

Léia senta-se em uma grande pedra ao lado de Solares. As suas expressões até então felizes agora entristecem. Me aproximo dos dois e no mesmo instante o olhar escuro da garota me segue me deixando paralisado. Os seus lábios rosados se movimentam. Por um momento julgo que a humana esteja me vendo, porém após ela desvia a sua atenção.

- Léia. – Alexander chama e ela o encara. – Está tudo bem?

- Sim. – Ela responde em dúvida. – Pensei que tivesse visto alguém.

- Deve ser um pequeno animal. – Solares pega na sua mão e sorri. – Depois o caço por atrapalhar o nosso momento a sós.

Um animal, isso é uma comparação absurda com um Anjo, mas não o culpo porque ele nem mesmo faz ideia da nossa existência. No entanto, Léia sentiu a minha presença mostrando que seus poderes são grandiosos. Devo tomar cuidado ao me aproximar porque o véu que nos cobre pode ser derrubado. Isso é impossível, entretanto ultimamente o impossível tem se mostrado possível.

- O que lhe aflige, minha Princesa? – Solares questiona.

- A guerra. – Sua voz fica pesada. – As futuras mortes. – O seu olhar se torna cabisbaixo. – Nem mesmo foi nossa culpa o romper disso tudo, se pudéssemos provar a nossa inocência o sangue não precisaria ser derramado.

Léia não deseja essa batalha e isso me alegra, no entanto, não pode significar muita coisa. Como o seu pai ela terá que batalhar igualmente afinal não há outra escolha, ou eles batalham ou morrem. Nesse momento desejaria poder explicar tudo tanto para o Rei Atlas como para César, no entanto, estou impossibilitado de tal ação.

- Seu pai irá triunfar. – Alexander soa positivo. – Miseravelmente o sangue deverá ser derramado para isso acontecer, mas já devemos estar acostumados porque quando reinarmos ao lado um do outro também enfrentaremos outras guerras, minha Princesa.

Ela empurra a sua capa para o lado e levanta-se, a insatisfação é nítida. Quando está de costas Alexander suspira e muda as suas feições, após levanta-se e fica ao seu lado. Os longos cabelos da princesa deslizam e a felicidade não está mais presente em sua face. Ela cruza as suas mãos e descansa sobre o colo.

- Seu irmão não irá lutar junto ao meu pai. – Léia exclama.

- Como você sabe disso? – Alexander por um instante espanta-se.

- Tenho ouvidos por todas as partes. – Ela diz e ele ri em uma linha tênue.

Ao contrário do seu pai ela não parece aceitar facilmente a decisão do Rei. Acredito que possa se tornar uma boa líder, no entanto, esse ato é um tanto egoísta. Não creio que a relação dos dois possa contribuir positivamente pelo reino. Quando estão juntos os dois lados sombrios em suas almas se ligam e agora só não despertam por causa do amor envolvido.

- Sim, ele não irá. – Alexander lamenta e força os seus sentimentos para parecer mais convincente e isso é eficaz. – Deve imaginar como o meu coração está partido. No entanto, estarei aqui quando tudo isso acabar.

- Gostaria que estivesse aqui desde o início. – Léia pousa seu olhar no seu e suspira, mas após pega em suas mãos. – No entanto, devo compreender. Além disso, o nosso amor é eterno e ninguém ficará entre nós, não importa o que acontecer.

O Príncipe e a Princesa se abraçam. Seus braços se entrelaçam no corpo um do outro e os seus olhares se tornam vagos. Nesse instante percebo que os seus sentimentos seguem por caminhos opostos. Por mais que o amor esteja ali também há outros assuntos em questão e isso tira a sua beleza.

Após longas horas um ao lado do outro Alexander acompanha Léia pela noite até chegarem nas portas do castelo.

- Nós vemos em nosso casamento, minha Princesa. – Ele beija a sua mão e acena para o rei. – Que os céus estejam com o senhor nessa batalha.

Enfim o Príncipe deixa o Reino de Vareon junto de seus soldados. A princesa permanece nas escadarias enquanto todos já foram, ela coloca as suas mãos no solo e o seu olhar se torna ameaçador, em instantes as pedras da escadaria racham em uma linha perfeita. Por momento ela espanta-se com o feito. Os seus poderes saem fora de controle quando está com raiva e isso é extremamente perigoso. Noto pelo seu olhar a angustia quando ela puxa a sua capa cobrindo os seus braços.

Dou um passo à frente e ela pausa, também paro. Ela vira-se delicadamente para trás e o seu olhar segue pela escadaria abaixo de mim. Me pergunto se de alguma forma eu posso estar interferindo em seus sentimentos mesmo sem intensão. É complicado lidar com humanos ainda mais quando um possui poderes mágicos.

- Isso é uma alucinação. – Léia exclama em um jeito doce e sorrio.

Então a Princesa adentra no castelo. Quando vou segui-la eu sou impedindo por um gesto violento. Sinto uma escuridão em volta do meu corpo e logo estou a metros do chão sobrevoando pelo Reino de Vareon. Não consigo olhar para trás, no entanto, possuo força suficiente para abrir as minhas asas. No instante que faço isso me debato e consigo me desvincular das mãos sombrias. Entretanto, perco o equilíbrio e caio violentamente em direção ao solo me debatendo na terra e em algumas pedras.

- Pelo santo divino! – Exclamo.

Recupero as minhas forças e me firmo no chão, jogo o meu corpo para trás e fico em pé diante da noite. Estico minhas asas e há leves ferimentos, no entanto, não é isso que me preocupa. Um frio intenso percorre pelo meu corpo. A minha frente ele está posicionado escorado em uma pedra. Os longos cabelos negros balançam com o vento enquanto o olhar mais sombrio de toda a galáxia me fita, brilhantes como as joias da coroa do Rei César. Então o sorriso nefasto é exibido.

- Já faz séculos desde o nosso último encontro, Anjo Eliel. – Nunca imaginei ter que ouvir a sua voz novamente, ela me causa o pior sentimento de todos. – Enfim nos reencontramos, meu Anjo.

Retiro a minha espada e o fito.

- Príncipe Infernal.

Capítulo VII

Uma retaliação Infernal.



Vê-lo a poucos metros distante de mim me faz recordar do nosso último encontro. A segunda revolta. Os campos de Empíreo tomados por uma grande devastação, os corpos dos Anjos caindo do céu, o fogo alastrado pelos quatro cantos. Em um rápido golpe a minha espada é cravada no peito do Príncipe Infernal, voo para longe enquanto os Arcanjos se aproximam com as correntes. Eles jogam e amarram em seus punhos, em instantes a sua pele começa a queimar e o som do seu grito é o mais angustiante que ouvi em todos esses séculos. Em seguida todos os Príncipes e Anjos-caídos são derrotados.

Os olhos avermelhados continuam a queimar em um fogo ardente. Mesmo após tanto tempo aprisionado no submundo o Príncipe não apresenta nenhuma marca, está em um perfeito estado até mesmo mais brutal do que me recordo. Ele avança e seguro minha espada com toda a minha força.

- Julguei que seria bem recebido pelas criaturas celestiais. – Lúcio assume o seu tom sarcástico e eu odeio o seu comportamento. – Mesmo depois desses séculos ainda continuam guardando mágoas. – Seu olhar pousa no meu assim como o sorriso. – Isso não é um bom sentimento para tais seres.

A sua presença traz os sentimentos mais angustiantes, mas não cedo. Permaneço em pé não demonstrando medo, afinal devo contornar a situação.

- Como você conseguiu escapar da maldição? – O questiono.

Uma longa risada ecoa pela floresta.

- A pergunta, meu Anjo. – Quando ele fala meu Anjo sinto vontade de cravar a espada em seu peito, mas aguardo. – Não é como, mas quem.

Reflito por um breve momento. Certamente foi algum Anjo em Empíreo que o ajudou, porém não decido me prender muito ao questionamento. Lúcio é o Príncipe mais insano, ele joga com as mentes de seus inimigos para após os destruir fisicamente.

Impulsiono os meus pés e estendo as minhas asas. Passo pelas pedras que nos separam e antes que a espada possa cravar em seu peito ele se dissolve como a fumaça e surge novamente em outro lado ainda com o sorriso em sua face. Assim, abaixo a minha espada e decido ouvir as suas palavras afinal, será importante para mim também.

- Entre todos os Anjos você detinha os requisitos essenciais para o meu exército. – Sua tranquilidade em falar me irrita, ele me desperta uma enorme fúria. – Pena que não soube aproveitar desses dons e apenas se acostumou em treinar novas criaturas.

- Nunca iria trair Empíreo. – Logo vejo que estou gritando com ele. – Vocês são seres desprezíveis e devem retornar ao submundo, Anjos traidores.

- “Nunca”. – Lúcio repete a palavra olhando para o céu e depois para mim. – Mesmo após esse tempo todo ainda não descobriu que essa palavra não existe? Não se aplica a nenhum povo, não importa para onde ir ela não existirá.

- Demônio. – Exclamo e a única coisa que ele faz é rir.

Invisto novamente agora adentrando no pequeno riacho, mas novamente um ataque sem sucesso. Ele cruza os seus braços e agora permanece sério. O Príncipe se abaixa e passa a mão levemente pela água e após sorri para mim.

- Me conte uma coisa. – Lúcio indaga. – As águas da floresta celestial ainda possuem a mesma pureza ou depois que fomos expulsos o maligno assumiu posse?

Nada digo apenas fico observando a sua face. O Príncipe sabe que Empíreo não ficaria na calamidade, as Divindades e nem qualquer criatura celestial deixaria. Então percebo o seu jogo e o decifro. A visita estranha de Armênica na casa de Fariseu, o seu interesse incomum pelo Anjo logo quando ele recebeu uma tarefa de extrema importância dos Arcanjos. Para complementar não avistei a sua presença na floresta quando parti.

- Armênica. – Falo o seu nome com fúria e desprezo.

- Sempre soube da sua inteligência, meu Anjo. – Ele estrala os dedos e sorri em minha direção. Se locomove pela água rasa. – Armênica uma bela criatura celestial, o seu poder de encantamento não deveria ficar restrito. Logo soube que o seu lugar era conosco, na Terra e com essas graciosas criaturas.

- As graciosas criaturas que vocês desejaram controlar, as graciosas criaturas que vocês conseguiram arruinar. – Exclamo e por algum motivo ele acha engraçado. – Vocês serão punidos pelas Divindades mais uma vez e dessa vez para sempre.

- O para sempre é muito tempo. – Sua mão acaricia o queixo.

Avanço alguns metros e ele permanece parado, seguro a minha espada com toda a firmeza. Lúcio continua a me encarar não demonstrando qualquer medo da minha presença. Não posso mais ficar aqui, preciso retornar a Empíreo. Isso é mais importante que a garota com poderes mágicos.

Me viro e sobrevooo alguns metros distantes até uma mão pousar em meu peito.

- Ora, Ora! – A voz tentadora fala. – Se não é um dos Anjos da Legião Divina.

Gadrae sorri em tom de deboche. Os longos cabelos acinzentados deslizam pela sua cintura. A sua armadura consiste basicamente em longas botas negras, calças compridas. O seu peito permanece descoberto exibindo os seus músculos. O anjo das tentações, foi o primeiro a ter relações com os humanos. Mostrou aos homens a mentira os corrompendo para sempre.

- Não seja estúpido Gadrae. – Outra voz atrás de mim fala. – Agora ele é apenas um Anjo da Guarda Real. – Os três riem em coro.

Azael, o que possui os traços mais robustos e é forte como um leão. Sempre trajado em roupas de guerra e em sua cabeça leva um capacete de uma antiga civilização humana. O Anjo que ensinou os homens a construir os armamentos e também como manuseá-los para ferir os demais. Mesmo com essas características maléficas ainda não são tão temíveis quanto Lúcio. O primeiro Anjo a desencaminhar os demais. A cabeça de todos os anjos caídos, quando desceu a terra ensinou a linguagem aos homens.

Estou rodeado pelos Príncipes Infernais. Aqueles que tanto assombraram a galáxia por muito tempo e que até então estavam presos, mas agora caminham com tranquilidade sobre a terra. Tenho consciência que travar uma batalha contra os três significa a perda, teremos o nosso momento, entretanto, não é hoje. Bato as minhas asas com toda a minha força e sobrevooo a floresta. Não vejo mais a imagem dos Príncipes, eles evaporaram. Quando vou dizer as palavras sou atacado. Os braços quentes como o fogo se envolvem no meu corpo e despenco entre os galhos das árvores atingindo o solo com toda a força. Sinto toda a minha musculatura doer, mas logo retorno e permaneço em pé.

- Ainda não terminamos, Anjinho. – Gadrae me encara.

Puxo a minha espada e invisto. A arma bate contra os seus braceletes e no mesmo momento uma fumaça preta se espalha da região. Uma mão prende no meu pescoço me jogando ao solo novamente e dessa vez perco a minha arma. Azael pressiona os seus braços contra o meu. Impulsiono o meu corpo e bato contra o seu capacete, a dor é imediata, no entanto, consigo jogá-lo para longe.

Me viro e paro diante de Lúcio. O meu punho vai em direção a sua face, entretanto, ele para somente com sua mão. Um sorriso percorre pela sua face. Ele torce o meu braço e a dor se alastra. Logo sou jogado ao solo. Correntes se envolvem em torno do meu pescoço, mas não queimam a minha pele.

- Sabe o que nos diferencia dos humanos? – Gadrae se abaixa a minha frente e pega em meu queixo. – A característica mais marcante, as asas e eles retiraram de nós.

- Quando a sua espada cravou em meu peito eu jurei a mim mesmo que você iria pagar um dia. – Lúcio sussurra em meu ouvido. – Enfim cá estamos.

- Em...

Antes que possa terminar de exclamar a palavra a mão de Lúcio cobre a minha boca queimando a minha face. Reluto, mas não há como resistir. Gadrae estica as minhas asas prendendo elas em correntes metálicas, nesse momento perco as esperanças. Os Príncipes Infernais se posicionam a minha frente degustando da minha aflição. Lúcio quando pega em sua espada as chamas se alaçam pela lâmina, ele ergue e continuo a encarar. Só sinto quando a lâmina atinge a minha asa e uma lágrima desce pela minha face. É a pior dor que poderia sentir. Quando eles arrancam as minhas asas e me jogam no solo me sinto a criatura mais desprezível de todos os reinos. A minha última visão é dos Príncipes deixando a floresta com sorrisos doentios em suas faces apreciando o feito, após adormeço em um sonho terrível esperando que ao acordar as minhas asas ainda estejam lá.

Capítulo VIII

A garota da cabana.



Acordo em um impulso. Coloco a minha mão em uma leve seda, estava deitado sobre ela. Observo atentamente em volta, é semelhante a uma pequena moradia humana. Toda feita em madeira, um ambiente completamente agradável. Até mesmo possuí uma lareira ao canto que queima emitindo um calor aconchegante. Me pergunto como vim parar aqui. O último vestígio em minha memória é o momento em que...

Levanto-me. Passo as minhas mãos em minhas costas e não sinto elas ali, nem mesmo o seu poder. Controlo para as lágrimas não escorrerem. De qualquer forma não há mais o que fazer, preciso retornar e ter as minhas asas novamente. Passo a mão pelo pescoço e já não sinto mais aquela magia em que Lúcio me jogou naquela noite. Se os Anjos ainda não vieram à minha procura é por que ele conseguiu me mascarar através dos seus poderes. A fúria percorre por todo o meu corpo. Me questiono o motivo dele não ter me executado, apenas me deixou no meio da floresta.

- Empi...

- Você acordou. – A voz doce exclama.

Me viro e tombo caindo entre os panos de seda, rapidamente o jogo para o lado e observo a imagem à minha frente. Ela retira o capuz negro revelando a sua face. Os olhos escuros da humana se arregalam. É Léia, a humana com os poderes mágicos. Nesse momento fico paralisado e ela com receio de adentrar.

- Você consegue me ver? – A questiono.

- Sim. – Ela me olha com desconfiança. – Eu não sou cega.

Por um momento sinto vontade de rir, mas a situação em si não deixa. Apenas coloco as minhas mãos na cabeça e desvio minha visão da sua. Os meus poderes ficaram fracos demais após a perda das minhas asas, a humana está conseguindo me avistar. Pelo santo Divino espero que em Empíreo todos compreendam a situação.

Enfim ela adentra, lá fora vejo dois soldados circularem. Léia coloca a sua capa em um lugar apropriado e me entrega um copo contendo um líquido branco. Por longos segundos reparo em sua face angelical e enfim digo:

- Não posso aceitar. – Exclamo.

Me levanto e ainda sinto as dores em minhas costas.

- Posso perguntar o que aconteceu? – Léia agora se aproxima sem medo, certamente pensando que eu seja apenas um humano perdido. – Estava andando pela floresta e o avistei coberto de sangue, mas não encontrei muitos ferimentos. De onde você vem? Qual é o seu nome?

- São muitas perguntas. – Digo e enfim pouso meu olhar no seu, ela recua.

A missão não poderia ter mais sucesso. Perdi as minhas asas para os Príncipes Infernais e agora a humana que era a minha missão está me vendo. Por um breve momento fico calado, terei que sair da situação de uma forma inteligente. Se os Príncipes desejaram me atormentar o plano saiu como o esperado.

- Meu nome é Real. – Quando eu falo ela apenas ri e creio que isso possa significar algo bom. – Sou do reino de Solares.

- Logo imaginei. – Léia diz. – As armaduras douradas. – Ela aponta para mim. – Deve estar morrendo de frio, porém, parece forte o suficiente o que é estranho. – Seu olhar fica intenso. - O que você está fazendo pela floresta? O Príncipe já partiu.

Primeiramente nem deveria estar respondendo os questionamentos da Princesa, mas fui movido pelo impulso. Não posso simplesmente sumir agora, terei que contornar a situação de um modo que não interfira em nada. Poderia simplesmente fazê-la esquecer, mas no momento não é o que desejo. A sua companhia é agradável e sinto que quero conhece-la melhor, a sua alma exala a bondade embora esteja perdendo espaço.

Dou três passos à frente e me aproximo da porta.

- O Rei me mandou vigiar o seu irmão. – Digo em um tom confiante. – No entanto, pelo caminho me desviei da rota e um Urso me atacou.

- Não avistei nenhum Urso nas redondezas. – Ela é muito curiosa, penso.

- Ele fugiu quando levantei meus punhos.

Faço o gesto com os braços e novamente retiro um sorriso seu. Também sorrio levemente, me sinto bem ao seu lado. A humana passa a mão em seu cabelo e se aproxima, de seu vestido ela retira a minha Adaga, um presente de Fariseu. Ela segura a arma em suas mãos e me fita com um olhar doce.

- Você nem mesmo me conhece. – Falo para ela. – Oferecer a arma para um desconhecido é um tanto arriscado em terras humanas.

- Terras humanas. – Léia sorri e estende a sua mão. – Não sei, apenas sinto que você não faria nenhum mal para mim. – Ela está certa. – Além do mais eu sei muito bem me defender e você não se arriscaria tentar batalhar contra mim.

- Em hipótese alguma, princesa. – Exclamo.

Quando vou pegar a arma as nossas mãos se tocam, a sua pele é de uma maciez perfeita. Sinto a energia dela, a boa e a ruim. Léia fecha os olhos e suspira e depois volta a me fitar. Pego rapidamente a Adaga e recuo.

- Isso é estranho. – A princesa coloca a mão em seu peito. – Você traz uma paz e tranquilidade. Nunca senti isso antes.

- Me desculpe, mas terei que partir. – Falo rapidamente.

Estou saindo completamente do meu caminho, ficar ao lado da humana é uma distração muito forte. Por mais que desejo isso eu reluto. Empíreo precisa de mim, nesse momento, tenho que avisar sobre os Príncipes Infernais e o que estão fazendo.

Passo pela porta e pelos soldados. A Princesa que despertou um interesse pela minha imagem se aproxima, viro o rosto para o lado em busca de fazê-la recuar, entretanto, ela permanece caminhando juntamente. Agora é a minha vez de suspirar.

- Você é um soldado misterioso. – Ela exclama. – Gosto do mistério.

- Deveria ter medo, Princesa. – Digo de uma maneira fria, entretanto, ela não parece se importar. – Há coisas que pessoas como você não deveriam compreender.

- Real. – Léia me fita e sorri. – Por que você fala em enigmas? A cada frase dita por você duas consigo compreender. As outras parecem não possuir sentindo algum.

Deixo o sorriso transparecer em minha face e então paro no meio do caminho com ela a minha frente. Por um instante perdi a consciência do que fazer,

mas agora tudo se tornou nítido mais uma vez. Estarmos juntos significa que eu posso completar a minha missão.

- Princesa. – Exclamo. – Você nunca irá compreender. – Então me recordo que Lúcio falou que o “Nunca” é uma palavra que não existe em nenhum local. – Infelizmente a sua alma foi corrompida por um poder sombrio.

Léia reconsidera que eu seja um amigo se afastando de mim, não a julgo afinal creio que as minhas palavras não foram lá muito apropriadas para o momento. O seu olhar tenta me decifrar, entretanto, não há respostas.

- Devo voltar ao meu reino. – Sua voz doce se torna fria. – Irei comunicar o Príncipe Alexander sobre a sua presença em nossas terras.

Com os gestos dos meus dedos faço os guardas adormecerem e se esquecerem da breve cena. Em meio a floresta percebo que esse é o lugar que a princesa veio na primeira vez que vi a sua imagem na fonte do olho da vida.

- Você não deveria estar aqui. – Exclamo e paro diante dela. – Há muitos perigos fora do seu muro. Volte novamente ao castelo.

- Como você sabe que eu não deveria estar aqui? – Léia questiona, após olha para os guardas caídos e então se horroriza. – Você é de Mormeu.

O sentimento do medo percorre pela sua alma, me sinto horrível por deixá-la dessa forma. Nunca imaginei que o meu primeiro contato com os humanos seria dessa forma.

- O que? – Falo e tento demonstrar que sou amigável. – Não, sou. Confie.

- Não entendo porque te resgatei. – Agora vejo o arrependimento. – Pelos céus onde estava com a cabeça quando fiz isso. Essas vestimentas, esses cabelos, nunca havia visto algo parecido antes. – Ela levanta as mãos. - Fique longe de mim ou te matarei.

- Você não pode. – Sou delicado e forte ao mesmo tempo.

Caminho em sua direção e ela faz gestos com as mãos sussurrando algumas palavras. De repente uma magia negra sai de suas mãos em minha direção. Apenas ergo minha mão e ela segue em volta da minha luz não me atingindo.

- Meu Senhor! – A princesa fica apavorada com o meu feito. – Você também é um... Bruxo? – Então é esse o nome que ela deu, penso, é bom.

- Me desculpe, mas terei que fazer isso. – Exclamo.

Antes que ela possa reagir as minhas mãos encostam em sua cabeça. Sou tele transportado para o seu passado, vejo muita felicidade. Ela em sua forma de criança, corre pelos corredores do palácio com uma espada em sua mão, seu pai a

segue. Logo muda e César a ensina montar em cavalos. Léia cai e logo é socorrida pelo seu pai que lhe pega entre os seus braços e corre desesperado que algo ruim possa ter acontecido. Em instantes a cena muda e a princesa está na cama, o seu pai lhe dá um beijo e sai. Após deixar os sentimentos bons sinto uma escuridão marcada pelo mal. A cena que avisto é algo recente. Léia está caminhando pela floresta quando encontra Lúcio trajado em armaduras negras. Ela desvia do caminho e chama os soldados, no entanto, logo após eles estão mortos. O Príncipe se aproxima dela, abre a sua boca e a faz ingerir um líquido avermelhado rodeado de magia negra, mas também sinto uma boa energia.

- Minha criança. – Ele sussurra em seu ouvido. – Lhe abençoo com esse dom, a primeira da espécie. – Suas mãos acariciam sua face, ela está em transe. – Quando acordar se sentirá diferente, mas lembre-se de apenas uma coisa. Guarde segredo sobre o seu dom e somente use na hora certa para proteger aqueles que ama.

Ele toca em sua testa e a princesa tomba. No chão onde ela está uma energia obscura arrodeia o seu corpo, a grama é reduzida as cinzas deixando uma marca negra no solo. Enfim o Príncipe deixa o local se encontrando com os outros dois seguindo por uma nuvem maligna.

A próxima visita é de um momento de Léia no castelo. Ela está em seus alojamentos, penteando os seus longos cabelos castanhos enquanto canta com a sua voz suave e doce. A sua frente fica um conjunto de flores até então mortas. A princesa movida por algo maior encosta nas flores e fecha os olhos.

- Virmonerés. – Ela sussurra.

Rapidamente as flores vão ganhando vida novamente e quando ela vê isso acontecer se espanta completamente com um enorme sorriso em sua face. Léia olha para as suas mãos completamente inacreditável do que acabou de fazer.

Sou levado até a sala dos tronos. Alguns soldados estão presentes, assim como o Rei e outra mulher ao seu lado que julgo ser a Rainha. Léia está sentada um pouco distante, o clima que paira pelo ar é angustiante.

- Não efetuei nenhuma ordem para executar o Rei. – César exclama e sinto que ele está desolado. – Agora eles iniciarão uma guerra.

- Nós venceremos, meu Rei. – A Rainha sussurra.

Pelo seu olhar vejo que ele não possui certeza e Léia sente o mesmo. A princesa levanta-se e segue pelo corredor do castelo completamente perdida, mas ainda confiante. Quando o seu pai chega ao seu encontro ela segura as suas mãos e lhe lança um olhar frio, de amor e esperança.

- Pai. – Ela exclama. – Posso ajudar nessa batalha, me deixe lutar.

- O que está dizendo, minha filha? – O Rei se espanta. – Nunca deixaria a única herdeira de Vareon lutar em uma guerra para morrer. Não cogito tal possibilidade.

- Eu posso. – Léia soa fria. – Não irei desaponta-lo, eu prometo. Apenas me deixe seguir com o exército quando chegar a hora.

O Rei desvincula das suas mãos e traz o seu corpo contra o seu. Sua mão desliza pela sua nuca e vejo uma lágrima escorrer de sua face, ele está com medo. Léia fecha os olhos e permanece em silêncio, pois, sabe que mesmo que relute seu pai não cederá.

Volto ao momento atual. Quando as minhas mãos não tocam mais a sua cabeça a humana acorda um pouco perdida. Olho para ela e não consigo crer que Léia foi transformada por um Príncipe Infernal, mas logo tudo faz sentido. Lúcio sabia que a guerra se aproximava e talvez seja o iniciante de toda essa futura batalha. Creio que ele pretenda usar Léia para os seus planos e isso me entristece.

- O que você fez? – Léia branda.

- Você sabe quem lhe deu isso? – Questiono apontando para as suas mãos que estão envoltas em uma energia escura.

- Não sei. – Ela responde. – Apenas acordei com isso um dia. – A princesa balança a cabeça diversas vezes. – Pelos céus por que estou te respondendo?

Passo a mão em seu rosto e transmito minha energia até ela se acalmar. A humana não tem culpa de nada, ela é apenas uma vítima nessa história assim como a grande maioria. Passo meus dedos levemente pelos seus olhos e faço ela adormecer.

- Quando acordar. – Sussuro. – Nada disso terá existido.

Antes dela cair a pego em meus braços, não é justo deixá-la ali enquanto Léia foi uma ótima humana comigo me cuidando e trazendo-me para esse local. Assim prossigo pela floresta carregando o seu corpo, adentro na pequena casa e coloco o seu corpo entre os panos de seda. Seus longos cabelos se espalham por ali e as suas feições estão frias como o gelo nada expressando. Me sinto mal com essa situação, no entanto, não poderia fazer nada além disso.

Me aproximo dela e Sussuro:

- Encontre o caminho da luz.

Me afasto e observo a sua imagem pela última vez. Há algo me atraindo para ficar, entretanto, preciso retornar afinal a minha missão já está cumprida. Pelo

menos a primeira parte sim, porém creio que ainda há um longo caminho a percorrer.

Fecho a porta do local e sigo pela floresta até estar longe o bastante. Aos poucos a minha energia retorna. Agora longe da humana sinto as dores pelo meu corpo voltarem. Uma parte minha foi arrancada e preciso tê-la novamente.

- Empíreo, abram o portal. – Exclamo.

Uma luz desce pelo céu atingindo o local à minha volta, logo tudo fica claro e sou movido da Terra. Sinto uma energia de pura luz me rondar, logo adentro na parte obscura da passagem. Então sigo pelas paredes iluminadas pelas luzes mais brilhantes para que enfim esteja em casa novamente.

Me ajoelho e tombo.

- Pelo santo Divino! – Ouço a voz de Ramona.

Ela corre em minha direção ao lado de Fariseu e os dois se agacham ao meu lado.

- Eliel. – Fariseu passa a mão pelas minhas costas e espanta-se. – O que fizeram com você meu amigo? – Ele entristece.

- Precisamos levá-lo ao palácio dos Arcanjos. – Ramona permanece dura, mas sei que está devastada por me ver nesse estado caótico.

Passo os meus braços em torno dos seus corpos.

- É bom estar em casa novamente. – Expresso um leve sorriso, o cansaço toma conta e vou adormecendo. – Tenho uma longa história a contar.

Capítulo IX

Quem é você?



Uma forte luz atinge a minha visão e após alguns segundos tudo normaliza. Os círculos no teto rondavam em volta de uma pequena estrela. A dor que sentia agora cessou e me sinto o mesmo de antes, mas somente fisicamente. Coloco minhas mãos na mesa e arqueio meu corpo para frente. Nunca havia entrado nesse lugar antes, mas é belo. As paredes emitem uma força incomparável. Depois dos últimos acontecimentos é bom se sentir confortável novamente nem que seja por poucos segundos.

Os Anjos enfermeiros deixam o local e em seguida meus amigos adentram. Fariseu limpa as suas mãos rapidamente em suas roupas e me dá um abraço aconchegante. Coloco minhas mãos em sua face e sorrio. No canto ao lado está Ramona com os seus braços cruzados e o olhar firme que logo se transforma em um belo sorriso.

- Não estou morto. – Exclamo e eles riem com um certo alívio.

- Isso é essencial. – Fariseu bate em meu peito com a sua grande delicadeza. – Oh! Pelo santo divino me desculpe. – Ele sorri desajeitado. – Força do hábito.

- Por favor, tenha mais cuidado. – Ramona o repreende. – Ele ainda deve sentir as dores, nem imagino a dor que tenha sofrido ao... – Sua voz trava.

- Ter as minhas asas arrancadas. – Completo, agora sem medo. – Sim, foi um momento aterrorizante, porém, – Os encaro passando tranquilidade. – já passou.

Me levanto da mesa e sigo em direção a parede que reflete a minha imagem. Agora estou trajado em uma bela roupa branca com um pano dourado transpassado. Os braceletes são feitos do material mais resistente de Empíreo. As minhas sandálias levam o mesmo brilho. Me sinto um guerreiro da Legião Divina novamente. Por um certo lado sinto desconforto, mas por outro estou completamente feliz. Estico as minhas asas brancas e esbanjo o sorriso mais contente, elas estão mais fortes e grandes.

- Uma grande bênção dada pelos Arcanjos. – Ramona exclama e fecha-as.

Reparo em sua face e consigo ver toda a sua animação por isso. É o que ela sempre desejava para mim, no entanto, não era o que eu almejava. Apenas um Anjo da guarda real treinando novos Anjos, mas agora me vejo novamente como aquele guerreiro e dessa vez me sinto ainda mais brutal. As coisas que vi me mudaram.

- Então. – Fariseu se aproxima lançando o olhar que conheço. – Me diga, como foi a sua experiência na Terra? A parte boa, os Arcanjos já nos contaram sobre o restante.

- Parte boa. – Abaixo minha cabeça e caminho pelo ambiente. – Pela primeira vez não consigo explicar como me senti realmente em relação a esses seres.

- Eu alertei. – Ramona se vangloria pelo ato. – A raça humana já está perdida no caos, infelizmente os nossos conselhos agora não estão sendo eficazes. A cada dia que se passa mais vínculos humanos e celestiais são quebrados. Eles não desejam ser salvos.

- É complicado... – É a única coisa que posso dizer.

- Mas, deve haver algo bom. – Fariseu continua no assunto tentando me fazer sentir melhor, porém só está piorando. – O armamento deles é tão eficaz quanto o meu?

Me escoro na mesa um leve sorriso percorre pela minha face.

- Pode soar patético. – Me aproximo deles com um olhar sereno. – Mas, ainda vejo esperança, algumas almas carregam sentimentos iluminados. É claro que há uma parte ruim ao seu lado, mas isso está em todos os seres humanos. Não creio que eles estejam totalmente perdidos, ainda há uma esperança.

Ramona e Fariseu trocam olhares e permanecem em silêncio. Somente estou dizendo a verdade, em alguns momentos enquanto circulava pela Terra pensei que minhas esperanças estavam sendo destruídas, porém, agora as vejo com uma força ainda maior. Conhecendo o lado bom de alguns seres me fez alegre.

Mesmo com todo o meu conhecimento ainda senti o baque, entretanto, já deveria estar preparado para isso. Se desistisse deles agora é como se eu nem existisse e todos os séculos estudando sobre a galáxia não valessem mais nada.

Passo a mão pela água e sorrio avistando o meu reflexo, mesmo com todo o sofrimento consigo sorrir. Ainda estou aqui, ainda estou vivo e então posso cumprir o meu destino. É claro que não tenho consciência e nem certeza do que seja, entretanto, as coisas estão me mudando e me guiando para uma direção diferente.

- A garota com poderes mágicos, a Bruxa. – Ramona fala e contém uma risada por causa do nome dado. – Ela foi criada pelos Príncipes Infernais, nunca em nossa história isso havia acontecido. Mas, já esperava que um dia eles escapariam.

- Léia Vareon a princesa do seu reino. – Exclamo e me lembro perfeitamente da sua doce face. – Sim, ela foi criada por Lúcio. – Sinto um incomodo ao falar seu nome. – Mas, há uma bondade na sua alma e foi exatamente por isso que ele se aproveitou.

Minha fala faz Ramona refletir.

- Também senti isso quando vimos a sua imagem. – Fariseu diz. – No entanto, não devemos levar isso em consideração. Quando as divindades pararam de criar os seres era para permanecer dessa forma, porém, os Príncipes quebraram isso.

- Exatamente. – Exclamo. – Os Príncipes.

Diante da situação me sinto aflito, não creio que Léia deva ser punida com a morte por causa do erro dos Príncipes. Se for bem orientada pode seguir um bom caminho. No entanto, a criação de outra raça pode abrir precedentes para outras. Talvez estamos no meio de uma guerra mais perturbadora que a segunda revolta.

- Os Arcanjos irão mandar uma missão contra os Príncipes Infernais? – Questiono.

- Ainda não obtivemos nenhuma resposta há semanas. – Ramona responde e me espanto por ter dormido por tanto tempo. – Empíreo está toda aflita pela volta dos Príncipes, mas já estou preparando uma tropa de guerreiros da Legião. Certamente os Arcanjos me mandarão para a missão e creio que irá junto.

- Ótimo. – Digo e soo frio. – Lúcio precisa pagar por tudo que fez, assim como os outros. Se eles não serem impedidos a Terra pode se transformar no próprio submundo.

Ao olhar para Fariseu me recordo da batalha contra Lúcio. Ele afirmou que a sua ajudante foi o Anjo Armênica, me pergunto como meu amigo está se

sentindo. Deixo esse assunto de lado para ser conversado outra hora e a sós. Se ele ainda está aqui é porque os Arcanjos não decidiram puni-lo.

Ramona se aproxima ainda mais, ela passa a mão pelo manto que uso e pousa seu olhar no meu. Ela está fria e apreensiva.

- Se outra guerra iniciar precisaremos de você. – Agora ela soa como a líder da Legião e não como uma amiga. – Deve retornar para aquilo que era para ser seu.

Passo a minha mão na sua e seguro com força.

- Não, Ramona. – Sou direto. – Você vai guiar a Legião Divina, nesse momento não importa o que era para ser, estamos no presente. Se a guerra acontecer estarei ao seu lado, mas somente como um guerreiro e não como um líder.

Sua mão desliza pela minha e ela expressa um pequeno sorriso.

- Está bem. – Ela assente. – O destino traça o nosso futuro.

Nem mesmo os seres mais poderosos da galáxia conseguem ter certeza absoluta sobre o futuro. Gostaria de possuir uma noção sobre o que acontecerá, porém, sei que se soubesse poderia mudar tudo e não é isso o que deve acontecer. O nosso destino deve ser traçado sem que saibamos e nem mesmo se soubéssemos creio que tivéssemos força suficiente para muda-lo. Há coisas que estão além da nossa compreensão.

Fariseu retira do seu cinto a Adaga que me presenteou quando parti a Terra. Ele vira sua ponta e entrega a mim, vejo que agora há certas ondulações na parte espelhada.

- Algumas mudanças. – Fariseu sorri e eu também. – Crave no peito de Lúcio em uma próxima vez e ele sentirá que foi atingido por um raio.

- Oh! – Não nego a surpresa. – Isso é letal, obrigado meu amigo. Espero que o encontre mais uma vez e que seja o seu fim.

- Eles possuem uma vasta sabedoria afinal eram Arcanjos. Mesmo com o banimento ainda são mais fortes do que qualquer Anjo. – Ramona exclama. – Se comandarmos a Legião teremos que levar toda a tropa para detê-los.

A guerreira utiliza muito o “se” e isso me deixa com uma dúvida terrível, sinto que ela já saiba qual será a resposta dos Arcanjos.

Um soldado do palácio está na porta, ele olha diretamente para mim.

- Anjo Eliel. – A voz exclama.

- Sim. – Digo.

- Os Arcanjos o chamam até o grande salão. – Ele acena e prossegue.

Um frio intenso percorre pela minha alma, mas me mantenho calmo. Gesticulo um até logo para os meus amigos e prossigo pelos corredores. Sofro por antecipação, nunca sabemos perfeitamente o que os Arcanjos podem decidir. Sinto medo pelos seres terrestres assim como pelos meus amigos. Então decido esvaziar a minha mente e manter com pensamentos positivos.

Até mesmo o brilho do sol em Empíreo diminuiu a sua intensidade, agora as tochas iluminam boa parte do ambiente. Prossigo até ficar em frente aos grandes Arcanjos que permanecem sentados em seus tronos. Em volta não há soldados, somente nós e isso me preocupa ainda mais. Coloco minhas mãos para trás e assumo uma postura ereta.

- Arcanjos. – Aceno em cumprimento.

- Ficamos felizes pelo seu retorno, Anjo Eliel. – Atroia pousa seu olhar no meu e me sinto tranquilo agora. – Cumpriu a sua missão na Terra.

Com respeito apenas respondo com um leve sorriso, procuro manter meu foco em Atroia, pois, os outros Arcanjos não parecem muito contentes.

- Quero que saiba. – Datanea empurra o fio ruivo do seu cabelo para o lado. – Não tivemos como mandar uma tropa para salvá-lo dos Príncipes, estava completamente encoberto por magia negra impossibilitando uma localização. Quando eles foram banidos para a Terra perderam o vínculo com nós e acreditamos que agora tenham conseguido transformar essa maldição em um certo poder.

- Entendo perfeitamente, Arcanjo. – Exclamo. – Foi doloroso sofrer tal retaliação, mas no final tudo serviu de um propósito. O que interessa é o agora.

O agora é algo que me preocupa assim como o futuro.

- Sabias palavras. – Atroia exhibe um pequeno sorriso. – Graças a sua coragem e bravura soubemos dos Príncipes Infernais. Infelizmente eles conseguiram escapar do Submundo com a ajuda de um Anjo Traidor.

- Armênica. – Sussuro.

- Exatamente. – Parma ouve meu falar e pousa seus olhos frios nos meus. – O Anjo conseguiu manipular Fariseu e roubou a espada dos desejos. O poder de tal arma era extenso e certamente foi usado para a sua libertação. Um único desejo que causou um verdadeiro caos em terras humanas.

- Antes de fugir acreditamos que ela tenha levado um frasco da água celestial do nosso lago. – Atroia assume uma posição de uma guerreira. – Manipulado com a magia maligna dos Príncipes concedeu uma nova raça, as

bruxas como o dito. Acreditamos que os Príncipes tenham planos ainda maiores para o futuro.

Por um instante permaneço em silêncio. Não esperávamos por uma traição tão grande como essa. Foram séculos de paz em Empíreo e em questão de instantes tudo voltou, me sinto como se estivesse dentro da segunda revolta novamente.

- Arcanjos. – Exclamo tentando não parecer rude, no entanto, creio que isso é quase impossível. – Vocês já tomaram uma decisão sobre o que deve ser feito?

Os olhares seguem uma para outra, sinto que há uma indecisão.

- Devemos ajuda-los. – As palavras saem e então decido prosseguir, não posso manter esse pensamento somente comigo. – Não foi culpa dos seres humanos tal criação, somente dos Príncipes Infernais e do Anjo Traidor. – Minha voz soa raivosa. - Se deixarmos eles livres ficarão incontrolláveis.

Volto a colocar as minhas mãos atrás das costas. Para a minha surpresa algo acontece. Os Arcanjos saem dos seus tronos e são rodeados por uma intensa luz, logo estão na mesma estatura que a minha. Me sinto um tanto aflito, podem sentir que estou querendo impor algo a eles.

- Essa decisão caberá também as Divindades. – Atroia se aproxima de mim enquanto as outras circulam. – Alguém terá que ser punido pelas suas ações. Não se preocupe meu Anjo, eles tomarão a decisão certa como sempre.

- A punição. – Sinto que posso questionar ela. – Vocês punirão Fariseu?

- Deveríamos. – Parma me encara e desvio o olhar levemente. – Afinal era o Anjo que estava com as chaves da sala das armas, sua total responsabilidade.

Sinto uma certa inquietação. A minha consciência manda ficar em silêncio, no entanto, sou movido pelo impulso mais uma vez. Cruzo os meus braços e tento me acalmar para não dizer as palavras erradas, posso ser punido por tal ação.

- Desculpe, Arcanjo. – Tenho coragem de encará-la. – Mas, creio que ninguém tenha a culpa e se tenha está dividida. O palácio deveria possuir centenas de guardas protegendo um local tão importante como esse principalmente a espada dos desejos.

A questão é que a arma que era para todos protegerem foi roubada e usada para um desejo sombrio. Se não existisse ou estivesse bem protegida não teria acontecido.

Parma dá dois passos à frente e sinto o meu corpo congelar.

- Está nos culpando, Anjo? – No momento paraliso e fico sem fala, poderia ser reduzido a cinzas nesse instante. – Ouviram Arcanjos, Eliel detém seu

posicionamento.

Quando ela passa por mim, fico aliviado. Então olho para Atroia e sinto a intensidade do seu olhar como uma mensagem para não falar mais nada indevido.

- Me desculpe se soei rude. – Exclamo com respeito.

- Não precisa se desculpar, Anjo. – Atroia fala e Parma lhe lança um olhar de reprovação voltando ao seu trono. O Arcanjo coloca a mão em meu ombro e fala. – Espere pelas decisões, confie. Você é um dos nossos melhores guerreiros, saberá o que fazer.

Não eu não sei o que fazer, reflito. Nunca me senti tão perdido como agora. Mesmo com tantas indecisões aceno para os Arcanjos para que confiem em mim.

- Obrigado por confiarem a mim a missão. – Exclamo. – Espero que não tenha lhes desapontado. Para mim, foi essencial para o meu crescimento. Que a decisão de todos seja sabia, seguindo pelo motivo da nossa criação.

Viro de costas abaixando o meu olhar para não ter que avistar os olhares de reprovação. Sigo pelo corredor e sinto o meu corpo arder em chamas. Nunca havia me sentido assim antes. Apenas coloquei o meu posicionamento. Nós fomos criados para protege-los e orientá-los, não podemos deixar os Príncipes levarem a raça humana ao fim da sua existência.

Estico minhas asas e sobrevoou mais uma vez, elas significam tudo para mim e agora entendo perfeitamente a dor dos Príncipes ao perde-la. É a nossa marca, a nossa pureza. Sinto muito por ter que matar, possuir sentimentos que me levam a fúria, entretanto, eles são inevitáveis. Nunca pensei que poderia sair dos caminhos celestiais, mas agora não me reconheço mais. As coisas estão mudando, eu estou diferente e creio que nada mais vai ser como antes. Pouso em uma das torres de Empíreo e observo a paisagem. A beleza pura, os seres celestiais. Uma perfeição que é inexistente no reino humano. Mas, se ficarmos protegidos por essa perfeição e somente agindo quando acharmos o necessário nunca as coisas mudarão.

Capítulo X

Reflexão magistral.



Estar de volta ao palácio das proteções é um tanto anormal. Quando subo os degraus ainda sinto aquela mesma vontade de permanecer por aqui durante a minha existência repassando os meus conhecimentos para aqueles que desejam. No entanto, agora também tenho outras prioridades. Infelizmente creio que em breve terei que fazer uma escolha difícil, mas que deve ser tomada.

Sigo para a biblioteca, ver os livros em uma ordem perfeita me entusiasma e me faz sorrir. Há tantas coisas que descobri sobre os seres neles, mas há outras que só obtive o maior conhecimento na presença deles. Quando você olha da fonte do olho da vida para a Terra o sentimento é diferente, só saberá quando viver aquilo na forma mais intensa. É incrível como uma missão pode “virar a sua mente” e deixa-la em desordem.

Me aproximo em silêncio. Mesmo tentando não ser avistado é quase impossível, os seus cachos brilham como as estrelas entre o brilho das tochas. Sento-me na cadeira mais próxima em volta da mesa enquanto observo Victor lendo um livro de um estágio muito avançado. Quando dou um toque na mesa ele desperta do transe e olha para trás.

- Mais uma regra infringida. – Exclamo e pouso meu olhar no seu. – Creio que não fui claro na última vez que nos encontramos ou fui, Anjo?

O Anjo da guarda posiciona o livro na prateleira e após se vira para mim. Segue até sentar na cadeira do outro lado da mesa. Ele cruza suas mãos e então me fita.

- Desculpe, Mestre. – Ele soa sereno. – Não pude evitar.

Fico em silêncio por longos segundos à espera de uma ação. Isso deixa Victor inquieto e me controlo para não sorrir já agora.

- Qual será a minha punição? – O Anjo questiona.

Levanto da cadeira e percorro em volta da mesa. Puxo outra cadeira e me sento ao lado dele, gosto de estar na sua companhia. Vejo muito dele o que tem em mim. Pouso meu olhar no seu sem nenhuma severidade e então sorrio, algo que ele não compreende.

- Deveria me preocupar com esse sorriso? – Victor pergunta.

- Talvez. – Exclamo e então coloco minhas mãos em cima da mesa. – Na verdade, a sua punição será ler todos aqueles livros antes do estágio final ser

concluído.

Victor me lança expressões incrédulas. Ele me observa por alguns segundos e então inclina seu corpo para frente com o olhar pousado no meu.

- Isso é sério? – O Anjo pergunta com esperança na voz.

- Absolutamente, Anjo. – Digo para ele. – Creio que será essencial para o seu crescimento pessoal, mas lhe oriento que o conhecimento real está na Terra.

- Não compreendo. – Victor recua.

Me levanto e exclamo:

- Você só vai obter o conhecimento verdadeiro quando estiver na presença de um ser terrestre. E só terá consciência de tudo quando pisar em terras humanas e viver aquela realidade dos humanos nem que seja por pouco tempo.

- Penso que compreendi. – Victor demonstra um leve sorriso. – Foi assim com você? – Ele me questiona com entusiasmo.

Acredito que para mim tenha significado muito mais.

- Nós nunca sabemos de tudo, isso é quase impossível. – Respondo. – Mas, sim aconteceu isso comigo. Vi as diversas faces humanas estando ao seu lado sentindo o verdadeiro sentimento, tanto o lado bom como o ruim. Creio que se não tivesse partido em uma missão a Terra não compreenderia o verdadeiro significado até hoje.

O Anjo escuta atentamente. As faces humanas, reflito. Elas são incontáveis, você nunca sabe completamente qual eles irão usar. Talvez esse sentimento de incerteza tenha me aproximado ainda mais daquele lugar e que me deixou com minhas incertezas.

Victor levanta, coloca as mãos nas costas e fica a minha frente.

- Desejo ir a Terra algum dia também. – Ele soa imponente. – Mas, é claro somente depois que obter esse conhecimento sobre a vasta galáxia.

- Isso é essencial. – Coloco a mão em sua cabeça e sorrio. – Creio que se não tivesse o conhecimento de todo esse lugar certamente não estaria preparado para tudo o que vi. Os livros nos dão poderes e força, isso cabe perfeitamente para qualquer ser.

- Penso o mesmo. – Victor exhibe um sorriso esplêndido e então abaixa a cabeça como se estivesse despertado de um transe. – Porém, os outros Mestres deixarão que eu leia esses livros avançados? Creio que não ficarão contentes.

Me aproximo ainda mais dele, sento-me na cadeira mais próxima agora tendo uma visão mais reta de sua face. Talvez essa seja a única certeza que eu tenha no momento. Então pego em sua mão e transmito toda a minha energia a ele.

- Anjo. – Digo. – Você está sob os meus cuidados. – Ele sorri. – Eu lhe permito usar todos esses livros para retirar o conhecimento ao máximo de todas as palavras ditas.

Victor me surpreende com a sua reação. O Anjo se aproxima e passa os seus braços pelos meus ombros aproximando seu corpo do meu. Sinto a energia verdadeira do Anjo e o seu afeto por mim, isso é recíproco.

- Agora você voltará ao posto de Guerreiro da Legião Divina? – Ele pergunta enquanto passa a mão pelo manto que carrego.

- Não tenho certeza. – Sorrio do meu jeito mais sincero. – Mas, de uma alguma forma eu tenho. – Victor sorri também. – As coisas estão complicadas após a volta dos Príncipes Infernais e creio que nada será como antes.

- Gostaria que permanecesse como nosso Mestre. – O Anjo exclama.

- Não se preocupe. – Passo a mão pelos seus cachos tirando de ordem. – Creio que se permanecer nesse caminho logo se tornará um Mestre como eu até mesmo mais sábio. Lembre-se de seguir para onde o seu coração mandar. Às vezes a escolha mais inteligente não é a que devemos tomar.

- Espero que os Mestres não tenham ouvido isso. – Ele fala e rio.

- Agora já está na hora de você retornar ao seu abrigo. – Oriento-o. – Lembre-se que mesmo se eu partir ainda estarei com você.

Victor acena e parte exalando a sua felicidade mais esplêndida. Mesmo não sabendo sobre o futuro eu tenho certeza que o do Anjo carregará muita luz. Estava sentindo que precisava dizer essas palavras a ele e consegui, espero que isso o tenha orientado para os seus caminhos seguir. Empíreo precisará de outros Mestres, outros com a mesma esperança afinal ela é essencial e que nos torna diferentes.

Saio do palácio e sigo pela floresta, a noite paira sobre Empíreo. Até mesmo a vila dos construtores soa silenciosa, todos esperam por uma resposta dos Arcanjos. Aceito que a resposta não me agrada, senti isso quando conversei no grande salão, entretanto, isso não pode me impedir de seguir pelo meu caminho. É estranho pensar dessa forma afinal há diversos caminhos para seguir.

- Esse sorriso. – Fariseu exclama. – Não é de quem acabou de voltar da Terra e de um Anjo que está prestes a entrar em guerra.

Me sento ao seu lado na ponte ficando em cima do rio sem fim. Olho para baixo aquela água caindo e você não sabe onde ela acaba, mas creio que tudo tenha um fim. Isso pode soar como o pensamento de Lúcio, no entanto, creio que seja real. O que dá sentido à vida humana na maioria das vezes é isso, eles sabem do seu ciclo e fazem de tudo para serem lembrados durante a sua passagem na Terra antes que morram.

Olho para Fariseu e sinto um olhar tremulo.

- E você me parece um pouco cabisbaixo. – Exclamo e ele confirma. – Nem preciso questionar o motivo de estar desse jeito e acredito que não precise ficar assim.

- Foi minha culpa Eliel. – Fariseu expressa sua tristeza. – Fui tolo demais para acreditar nas palavras de Armênica, ela me enganou e conseguiu roubar a espada.

- Não foi somente a você. – Tento deixa-lo melhor. – Até mesmo os Arcanjos poderiam ter visto a sua inclinação para o mal, mas Armênica foi sábia de um jeito ruim. Não tente se culpar por aquilo que todos possuem um pouco da culpa.

Sinto a energia de Fariseu voltando, ele bate levemente no meu ombro e enfim sorri. Em sua face ainda há uma pequena mancha de sujeira do seu trabalho.

- Compreendo por que todos lhe amam. – Ele fala e fico observando. – Possui as palavras certas no momento exato que alguém precisa de você. Me desculpe se não possuo o mesmo dom e às vezes posso ser um tanto incompreensível.

- Somente a sua presença me alegra e isso já basta. – Nós dois sorrimos.

As estrelas brilham em uma bela intensidade. Ao longe vejo as luzes no céu rondarem em volta das montanhas, me pergunto o que os humanos pensariam e fariam se vissem um lugar como esse. Pensariam em destruir ou viver em harmonia? Não sei, talvez seja os dois. Não creio que todos eles possam viver em harmonia, não espero isso deles afinal não são seres celestiais como nós.

Pego uma pedra e deixo ela cair na água sendo levada para algum lugar. A ação me parece com aquilo que desejo fazer, apenas seguir e deixar o destino me levar.

- Vejo que mudou suas vestimentas. – Fariseu observa. – Não deseja mais seguir ao lado de Ramona e da Legião Divina? – Ele questiona.

Sorrio e dessa vez com preocupação.

- Não sei. – Respondo do meu jeito mais sincero.

- Não sabe? – Ele pousa seu olhar no meu. – Você é um Anjo da Guarda Real é obrigado a possuir as respostas. – Nós dois rimos.

Para tudo há uma resposta, assim uma vez um humano falou. Acredito em partes no seu julgamento, creio que as coisas aconteçam por algum motivo. Antes ficava encantado com as respostas, entretanto, nesse instante tenho medo do que pode me revelar. No momento prefiro ficar na indecisão.

- Você gostaria de saber sobre o nosso futuro? – O questiono.

- Em partes. – Fariseu é rápido na resposta. – Gostaria de saber se os Arcanjos irão me punir pelo pequeno erro cometido, tenho medo de ser banido.

- Meu amigo. – Aperto sua mão e pousei meu olhar no seu. – Acredite em mim, eles não te julgarão por isso. Creio que tenham pensado no que eu falei a eles.

- Você falou sobre mim? – Ele questiona e aceno que sim. – Pelo santo divino, Eliel. Não deveria ter feito isso, se eles me julgarem podem julgar você também.

- Apenas confie em minhas palavras. – Exclamo. – Tudo ficará bem.

“Tudo ficará bem” não é uma resposta um tanto sincera, mas significa aquilo que desejo tanto para nós quanto para os humanos. Me pergunto o que está acontecendo na Terra depois que parti, se as batalhas já estão acontecendo, o que os Príncipes Infernais estão fazendo e como está Léia Vareon.

- Antes de partir preciso lhe questionar algo. – Falo baixo, mas ele escuta. – A aproximação sua e de Armênica despertou algum desejo em sua alma?

Fariseu desvia a visão já me dando a resposta, ele fica cabisbaixo.

- Sim, aconteceu. – Fariseu não se sente orgulhoso por isso.

- Ainda está aí? – Pergunto mais uma vez.

- Em partes. – Ele responde. – Nunca havia sentido algo como isso, Armênica com a sedução me despertou algo que os outros Anjos relatavam sobre os Príncipes. No entanto, estou bloqueando tal sentimento.

- Faz o certo. – Bato levemente em seu ombro. – Os sentimentos são perigosos principalmente para nós, eles nos deixam vulneráveis e podemos sofrer um grande julgamento.

Muitos dos nossos atos são punidos com o banimento. Essa ação é o pior julgamento que um Anjo pode receber. Perder as suas asas como o vínculo com

qualquer criatura celestial, ainda ser expulso de Empíreo nunca mais podendo retornar.

Nos levantamos e Fariseu coloca suas mãos em meus ombros.

- Você é o melhor amigo que alguém pode ter. – Sorrimos juntos. – Esteja preparado, pois, amanhã teremos a resposta dos Arcanjos.

Seguimos por caminhos opostos. Essa conversa com Fariseu somente demonstrou o quão perigoso pode ser ficar ao lado de criaturas sombrias como os Anjos caídos. No entanto, acredito que meu amigo não esteja corrompido, ele conseguiu voltar para o seu caminho a tempo e percebeu isso. Sinto que estou inclinando para um caminho não tão do bem, mas o mais difícil é quando você não deseja relutar contra isso.

Volto para o palácio das proteções. Agora o ambiente está vazio e silencioso o que traz uma bela calma para a alma. Me aproximo da fonte do olho da vida. O meu reflexo é emitido pelas ondulações da água. Agora ao me olhar me pergunto quem eu sou, qual é o meu destino, para onde devo seguir, no entanto, sei que eu terei que descobrir todas essas respostas ao qual questiono.

Abaixo a mão até estar encoberta pela água. Logo uma imagem reflete na água. É Léia Vareon, por algum motivo ela está chorando. As lágrimas descem pela sua face e me sinto triste por isso. A Princesa deita na sua cama e suspira.

- Preciso de ajuda. – Ela exclama aos sussurros. – Não posso continuar assim.

A magia negra exala pelas suas mãos e então ela puxa o pano cobrindo o seu corpo do frio enquanto adormece na profunda tristeza. Me sento no degrau e observo a água, nesse momento estamos todos perdidos. Todos precisamos de ajuda, mas poucos podem dá-la. A vulnerabilidade é algo que ronda até mesmo os seres mais poderosos. Somente espero que possamos resistir a ela e para isso não posso ficar na espera de uma resposta.

Capítulo XI

Propósitos Ocultos.



O dia volta a clarear e agora Empíreo não está mais silenciosa, por aonde passamos os Anjos dialogam procurando saber qual será a decisão tomada. Pelos Arcanjos já possuo uma ideia do que será falado, mas me recordo que as Divindades também tiveram fortes influencias sobre a decisão e realmente não podemos ter certeza de nada quando se envolvem. Desde a última revolta nunca mais havia visto esse temor pairando por Empíreo, a incerteza sobre o que acontecerá.

Prossigo pela vila dos construtores, logo chego no local onde as frutas doces crescem. Quando vou pegar uma para no mesmo instante e recuo, a ação me faz recordar da última vez que vim aqui e fiz o mesmo, naquela noite Armênica estava me seguindo. Minhas intuições já estavam alertando sobre algo errado, entretanto, decidi não ouvir, então me pergunto o que teria acontecido se eu tivesse alertado Fariseu ou qualquer um outro. São muitos pensamentos sobre o passado.

Fariseu surge na porta de sua casa com uma vestimenta um tanto diferente. A camisa amarela foi substituída por uma azul celestial. As calças assumiram um tom branco assim como o seu suspensório e cinto.

- Pelo santo divino! – Exclamo. – Jogaram você no lago celestial?

Ele sorri e balança os seus cachos, se aproxima de mim.

- Vejo que aprovou minha nova vestimenta. – Fariseu pisca em minha direção.

- Certamente. – Digo. – Só não use ela durante suas tarefas. – Aconselho.

- Não sou tão estúpido, Eliel. – Sua risada se expande.

Caminhamos pelas longas estradas das vilas. Um grande silêncio paira e poucos Anjos circulam pelo local. É estranho ver Empíreo assim depois de longos séculos.

- Notei também que não fui somente eu quem mudou de vestimentas. – Fariseu bate em meu peito com a sua delicadeza. – Deveria mudar.

Fariseu fala para mim, e é verdade. Por enquanto deixei o traje da Legião Divina e assumi o meu antigo de Anjo da Guarda Real, por momento é assim que ficarei. Talvez essa seja a última vez que o coloque. É difícil saber o que acontecerá, mas sinto. Na maioria das vezes as minhas intuições estão corretas.

- Para a ocasião... – Lanço um leve sorriso.

- Você não me engana. – Fariseu diz.

Voamos por Empíreo. Lá embaixo avisto o campo que sedeou a última batalha, ao avistar o local é como se retornasse no tempo. Os Anjos batalhando um contra o outro, os corpos caídos por todos os lugares. O que me traz mais arrepios é aquele no qual cravei uma espada no peito de Lúcio, antes ele só me recordava isso, entretanto, agora as situações se ligaram e me lembro do meu julgamento em terras humanas.

Pousamos em frente ao palácio dos Arcanjos. Subimos os degraus e adentramos. O grande salão está completamente cheio pela presença de todos os Anjos moradores. Temos que prosseguir suavemente tentando não esbarrar em ninguém até parar mais à frente próximos dos tronos dos Arcanjos. Quando eles notam a minha presença os seus olhares seguem para mim, no mesmo instante evito o contato.

Ramona se aproxima de nós, seu olhar logo segue pela minha vestimenta, porém, ela não diz nada afinal temos assuntos mais importantes a tratar. No momento ela também está diferente, os seus longos cabelos negros presos em um coque e trajada em um vestido prateado. A sua espada continua ali somente escondida pelos panos.

- Estou um tanto receosa. – Ela exclama.

- Por quê? – Questiono.

- Não sei. – Ramona responde e pousa seu olhar no meu. – Somente sinto.

Não consegui descansar na última noite porque estive a pensar sobre todos os assuntos que nos envolvem. Meu pensamento no instante não está somente aqui, agora sinto que uma parte pertence as terras humanas e isso é difícil.

Entre a multidão vejo uma imagem e reconheço, ele também me avista. Após alguns segundos está parado atrás de mim. As suas expressões são frias e não creio que seja somente pela decisão. Hitrel, o Anjo da Guarda do Rei Atlas.

- Anjo Eliel. – Ele acena.

- Hitrel. - Profiro, após algum tempo me viro delicadamente para trás. – Alguma notícia sobre a Terra? – Quando falo Ramona lança um olhar com o canto do olho.

- Infelizmente nada agradáveis. – Hitrel responde. – A minha ligação com o humano Atlas foi quebrada e creio que em breve um grande caos paire sobre os reinos. A rainha Olivia não irá parar até conquistar o que almeja.

A ligação foi quebrada, reflito. Agora ele está completamente vulnerável as influências da maligna Olivia. Sem os Anjos da guarda os humanos podem cometer atrocidades ainda mais horrendas. No entanto, penso que para chegarem ao reino de Vareon irá demorar longas semanas e isso pode nos dar tempo para agirmos se assim os Arcanjos decidirem. O que desejo é apenas evitar mais uma catástrofe.

- Que eles possam encontrar a luz. – Sussuro.

Me viro para frente quando Atroia levanta-se. Lá fora o céu assume um tom acinzentado e então as tochas são acesas por todo o grande salão. O olhar do Arcanjo transmite uma certa frieza e isso me arrepia, em todos os nossos encontros nunca havia sentido isso sendo transmitido por ela.

- Sejam todos bem-vindos, Anjos. – Ela assume o seu tom soberano. – Todos possuem consciência do que está acontecendo nas terras humanas. Os Príncipes Infernais conseguiram se libertar do submundo com a ajuda de um Anjo traidor, Armênica. Uma das protetoras de Empíreo que roubou uma de nossas armas para realizar o desejo da libertação dos Príncipes e infelizmente teve sucesso em sua missão.

O clima no grande salão fica ainda mais pesado.

- Com isso. – Atroia continua. - Armênica também foi responsável por levar um frasco da água do nosso lago. Esse poder combinado com aquele dos príncipes foi capaz de criar uma nova raça. Um ser humano com poderes mágicos.

No meio do salão uma imagem é mostrada. Léia Vareon caminhando como se estivesse presente entre nós, ela se abaixa em frente aos tronos e exclama algumas palavras para que a magia possa fluir. Em instantes de suas mãos saem luzes e fumaças em um tom obscuro, logo após sua imagem evapora sendo levada

para fora. Me pergunto como ela deve estar na Terra e como está conseguindo controlar tal magia.

A cena mostrada faz alguns Anjos cochicharem, entre a maior parte deles a um pedido pela execução da humana e isso é completamente inaceitável. Nós não somos assim e nem devemos ser. Se aprovássemos medidas como essa não seríamos tão diferentes dos humanos como a maioria julga. Não fomos criados com essa intuição, éramos para estar protegendo eles.

- Esse ato é completamente abominável e deverá ser julgado. – Parma prossegue com um olhar furioso. – Contudo, temos consciência que a humana não soube de nada e apenas foi usada por intenções dos Príncipes Infernais e com isso não será julgada.

Sinto como se um grande peso tivesse sido retirado de minhas costas.

- E quanto aos Príncipes. – O Arcanjo se levanta e desce alguns degraus, certamente não é um bom comunicado. – Por momento não serão julgados.

O silencioso do salão agora se transforma em um grande debate. Ao ouvir a resposta do Arcanjo minhas pernas balançam e quase caio. Não entendo como eles não podem julgá-los agora afinal criarão um verdadeiro caos na Terra. Eles não estão em Empíreo, entretanto, naquelas terras há seres que não merecem passar por essa guerra.

Ramona como líder da Legião também discorda da decisão tomada, não pelos humanos é claro, mas pela justiça pelos Príncipes. Todos temos motivos suficientes para condená-los e principalmente eu que tive minhas asas arrancadas por eles. Nunca me esquecerei de tal momento e também exijo justiça.

- Isso é inacreditável. – Fariseu sussurra.

- Silêncio. – Datanea branda e sinto como se os seus cabelos ruivos estivessem prestes a entrar em chamas. – Essa decisão não deve ser contestada por nenhum dos Anjos. Ela foi tomada completamente pelas mãos Divinas.

Com a referência as Divindades o silêncio retorna pelo grande salão. Confio completamente em nossos criadores, entretanto, não consigo compreender porque de tal decisão. No entanto, eles devem possuir as respostas. Não consigo imaginar eles deixarem uma raça toda perecer por causa dos Príncipes.

- A primeira medida a ser tomada. – Atroia prossegue. – Uma tropa da Legião Divina será enviada à Terra com o objetivo de trazer Armênica para Empíreo para o seu julgamento. Essa missão será liderada por Ramona que escolherá seus melhores guerreiros. Após a conclusão do julgamento iremos então tomar novas decisões.

O julgamento dos Príncipes terá o seu momento, somente não será agora.

- Essas são as decisões que foram tomadas. – Atroia diz. – Espero que todos vocês compreendam as motivações. Não temam, os Príncipes não irão triunfar. Eles cairão pela segunda vez. Empíreo continuará sendo o nosso lar.

Não julgo que as motivações dos Príncipes sejam para tomar Empíreo, no entanto, nunca se sabe o que se passa naquelas mentes sombrias com certeza. Mas, creio que tudo isso chegue a algum lugar e sinto que ele não é satisfatório. Uma guerra envolvendo humanos e criaturas celestiais nunca teve um bom resultado.

Deixamos o palácio e as portas fecham-se.

- Irei retornar as minhas tarefas. – Fariseu se aproxima e exclama. - Espero que faça o mesmo, as aulas com os Anjos farão bem a sua alma.

- Talvez.... – Sussuro.

Fariseu se distância e logo está sobrevoando.

Não estou sendo sincero. No momento não desejo retornar as minhas atividades, somente preciso estar na tropa que irá a Terra. É como se alguém estivesse me chamando e não irei ignorar esse chamado. Ficar aqui somente esperando não me fará bem, sinto que o meu destino é estar de volta e entre as batalhas.

Retorno ao palácio das proteções e visto a minha vestimenta da Legião Divina. Coloco a armadura dourada, os braceletes brilhantes. Estico a capa presa na minha armadura e ela desce até minha cintura. Seguro fortemente a minha espada e ponho em meu cinto. Agora sim estou um guerreiro completo, não somente na vestimenta, mas também como no sentimento por trás dela.

- Não se parece com o Mestre Eliel.

Viro-me e encontro Victor parado na porta com um dos livros embaixo do braço. Ele se aproxima. O seu olhar me analisa.

- Ainda sou o seu Mestre. – Exclamo e ele sorri. – Mas agora preciso tomar uma decisão que me direcionará para o meu antigo caminho.

- Me recordo dos seus feitos. – Victor pousa seu olhar no meu. – Creio que será excelente para a Legião assim como foi para nós.

Mesmo com o seu sorriso eu poso notar que ele está um pouco triste por isso.

Prossigo até em frente a uma pequena caixa de madeira. Abro delicadamente e pego um colar prateado que na ponta possui um pingente azulado. Me aproximo de Victor e coloco em sua mão, após fecho.

- O que é isso Mestre? – Ele me questiona.

- Observe. – Exclamo.

Ele segura o colar e aproxima a sua face do pingente, ali ele vê o reflexo do palácio das proteções. Logo um sorriso surge em seu rosto espantando a tristeza.

- Tão belo. – Victor diz.

- Um presente que ganhei do Anjo que me orientou. – Conto a ele. – Ele me ensinou grande parte do que sei hoje, me ensinou a ter esperança. Quero que fique com ele, pois, confio em você. Lembre-se de nunca perder a esperança.

- Obrigado, Mestre. – Victor suspira em uma alegria contagiante. – Guardarei ele para sempre e me lembrarei de você. Boa sorte em sua missão!

O garoto sai da sala e enfim sorriu. Nunca poderei reclamar de ser um Anjo da Guarda afinal é a minha essência assim como também a parte guerreira. Não decido apenas escolher um para ser, eu posso ser os dois.

Voo pela floresta e pouso no campo de treinamento. As tochas brilham sob a noite. Os guerreiros colocam as suas armaduras e preparam as suas armas, muitos deles ao passar ficam me observando e vejo até mesmo uns leves sorrisos. Sigo até a casa central e adentro, em volta da mesa circular estão três guerreiros, na ponta Ramona. Quando ela me avista fica com a postura ereta e o seu olhar pousa no meu.

- Nos deixem a sós. – Ela dá a ordem.

Os guerreiros passam por mim e logo deixam a sala. Sigo por volta da mesa e paro não muito distante dela. Noto que o seu olhar não é como eu esperava, no entanto, não a julgo afinal estamos em situações diferentes.

- Eliel. – Ramona exclama. – O que faz aqui?

- Não é obvio? – Digo. – Desejo ir em missão com vocês, se assim permitir.

O Anjo vira de costas e dá meia volta, sei o que ela está pensando, mas também sei como conseguir aquilo que desejo.

- Me escute Ramona. – Falo de um jeito suave. – Preciso ir nessa missão, sinto que esse é o meu destino. Você sempre quis me ver como um guerreiro seu novamente e aqui estou eu pronto para seguir em missão ao seu lado.

- Eliel. – Ela se aproxima e o seu olhar fita o meu. – Eu sei que você não deseja apenas capturar Armênica, não posso deixar você se arriscar dessa forma.

Fico em silêncio, pois, ela está dizendo a verdade e não irei omitir isso principalmente por ser um dos Anjos mais próximos de mim. Somos verdadeiros

uns com os outros e sei que posso confiar naqueles em que sinto tal sentimento.

- Ramona. – Seguro sua mão. – Não cometerei nenhum ato estúpido. Você tem consciência da minha capacidade como guerreiro assim como Anjo da Guarda Real. Estou preparado para enfrentar os perigos da Terra.

- Temo que os Príncipes façam o mesmo que fizeram com você na última vez. Se deixá-lo ir em missão comigo a responsabilidade será minha. – Ramona diz. – Além disso, creio que o risco não valha a pena principalmente por aqueles seres.

- Isso é por todos nós. – Exclamo. – Por todos.

Ela senta-se na cadeira e observa a grande mesa.

- Sempre imaginei você de volta. – Ramona exclama. – Mas, não por esse motivo. No entanto, sei que ainda é aquele guerreiro de séculos atrás e não posso negar esse pedido seu. Assim sendo, poderá partir em missão conosco.

Lanço um sorriso sereno. Tento deixar minha amiga um pouco mais tranquila e creio que consigo fazer isso. Retiro a espada do meu cinto e coloco ela sobre a mesa, assim como fiz antes de partir para a segunda revolta. Ramona faz o mesmo com a sua colocando sob a minha.

- Que a luz prevaleça. – Ela exclama.

- Que a luz prevaleça. – Repito.

Retornar à Terra em tão breve tempo é algo que não cogitaria. No entanto, como guerreiros devemos enfrentar todas as batalhas. Se a luz não se opor as sombras ela conseguirá se alastrar por todo o infinito e nunca mais poderá ser contida, mas se houver a oposição ela mostrará a sua resistência. Não importa quantas vezes eu cair, me levantarei em todas e nunca perderei o motivo pelo qual eu luto. Esperança.

Capítulo XII

Almas sombrias.



Pousamos em terras humanas. Ao avistar o local vejo que não havia visitado em minha última missão. A floresta é completamente bela, o topo é todo entrelaçado por folhas amarelas e douradas causando uma encantadora paisagem. Ouço o som de um riacho mais ao longe, mas seguimos pela estrada. Ao total somos doze Anjos, aqueles escolhidos por Ramona e também a mim, que me ofereci por vontade própria. Ao seguir pela estrada não sinto mais aquela ansiedade e angustia como na última vez, ainda a escuridão permanece, entretanto, aprendi a lidar melhor com a situação. Me pergunto se podemos ser surpreendidos pelos Príncipes, afinal não conseguimos localizar onde eles estejam. Isso por um lado é bom, pois, eles também não conseguirão sentir a nossa presença.

- Será que estamos no lugar certo? – Um dos guerreiros questiona.

- Certamente. – Ramona responde. – O Portal nos mandou para cá e também ainda sinto a presença do Anjo, seu vínculo não foi cortado completamente.

- Concordo com Ramona. – Digo para eles. – A energia dela está aqui, mas devemos ter cuidado. Armênica ajudou os Príncipes, eles podem estar com ela.

- Não tenho certeza. – Ela diz. – Devemos tomar cuidado.

Seguimos por uma estrada de flores até chegar em frente a uma pequena muralha, comparada aos demais reinos é completamente inferior. As pedras são escuras e no topo da entrada estandartes balançam com o vento. O manto é preto e

o símbolo um sol, em cima o nome “Solares”, o reino onde o Príncipe e futuro marido de Léia vem.

Voamos até parar no topo da muralha onde alguns homens circulam. Dentro da proteção o reino não apresenta muita riqueza, mas mesmo assim é belo. As casas são feitas em sua maioria de madeira, só começam a ser erguidas em pedras aquelas que se aproximam de um pequeno castelo localizado mais ao fundo.

- Me parece bem harmonioso. – Um Anjo ao meu lado exclama.

- Não diria isso agora. – Lanço um sorriso de leve para ele.

Seguimos mais ao longe chegando ao centro do reino de Solares. As pessoas que moram por aqui apresentam uma felicidade em suas faces, entretanto, há outras que não. Noto na maioria das barracas a falta de alimento e nas que há eles estão estragados, poucos conseguem salvar alguma parte para ingerir.

Avisto um homem de idade deitado em uma poça de água coberto pela lama. Duas crianças se aproximam dele e começam a chutá-lo, o homem logo acorda.

- Saíam. – Ele branda enquanto tosse como se seu coração fosse saltar pela boca e creio que seja quase isso. – Seus pequenos demônios.

Em instantes o homem volta a tombar no meio da lama, desacordado.

- É bem agitado. – Ramona exclama com um olhar de desprezo. – Já esperava por isso, até mesmo aqueles nascidos há pouco já possuem a escuridão em suas almas.

- Eram somente crianças. – Pouso meu olhar no seu e digo. – Ninguém sabe o que acontecerá com elas futuramente, nem nós sabemos o nosso destino.

Sinto o forte perfume adentrar pelas minhas narinas e sou guiado em uma direção. No mesmo instante abro as minhas asas e sobrevoou, logo os demais guerreiros fazem o mesmo. Passamos por cima do reino até pousar em uma escadaria no que parece ser atrás de um castelo dourado. Os degraus estão cobertos pela grama e logo mais à frente um belo jardim estende-se, em sua maioria composto de flores brancas.

- Ela está aqui. – Ramona puxa a sua espada e sussurra. – Sinto sua energia.

- Vem de dentro do jardim. – Digo.

- Fechem todas as saídas. – A líder acena.

Os Anjos se separam arrodando o jardim. Seguimos por um corredor feito em grama, um verde muito exuberante, mas não tão belo como em Empíreo. Retiro a espada do meu cinto e seguro com bastante força. Não muito ao longe consigo

ouvir breves sussurros e reconheço as duas vozes. Paramos quando chegamos ao centro do jardim próximos a uma fonte. Em frente a ela estão Alexandre Solares e Armênica em uma situação bem íntima. Ela está sentada nele com o vestido levantado enquanto suas mãos deslizam pela sua pele, os seus cabelos ruivos se esfregam um no outro.

- Pelo santo divino! – Ramona exclama totalmente horrorizada.

Por algum motivo não sinto o sentimento do horror e nem mesmo a surpresa por ver o Príncipe deitado com outro ser enquanto está com um casamento marcado. Algo me dizia que ele não possuía sentimentos muito positivos, entretanto, os de Léia são verdadeiros e poderia machucá-la facilmente. Não gostaria de vê-la triste.

Armênica empurra seu vestido roxo para o lado e vira-se de costas, quando nos avista seus olhos se arregalam. Alexander ainda com sua vestimenta abaixada olha para ela um tanto espantado, desvio meu olhar do homem e Ramona balança a cabeça.

- Os seus crimes só aumentam, Anjo. – A líder exclama com repulsa.

- O que está havendo? – Alexander questiona Armênica.

- Preciso ir. – Ela responde aos sussurros.

Armênica estende as suas asas que já estão se deteriorando e levanta voo. Antes mesmo que possa sobrevoar pelo jardim é derrubada por uma flecha dos Anjos que acerta o seu peito. A traidora cai em frente a fonte gemendo em dores. No mesmo instante o Príncipe levanta a sua calça e se joga contra a parede levando as mãos à cabeça.

- Pelos céus! – Ele fica estarrecido.

- Cuide dele Eliel. – Ramona acena para mim.

- Com todo o prazer. – Exclamo.

Me aproximo dele e os seus olhos verdes ainda estão pousados em Armênica deitada no chão completamente imobilizada. Suavemente ponho minhas mãos pela sua nuca em volta dos cabelos ruivos. O homem no mesmo instante revira os olhos sumindo completamente a sua cor e adentro em suas memórias.

Sou guiado pela luz branca até estar em um local no meio de uma estrada a noite. O Anjo traidor deita na grama até um cavaleiro passar. Ele retira o seu capuz e os cabelos ruivos balançam. Logo deixa o seu cavalo e vai socorrer a “suposta humana”. Alexander delicadamente coloca seu braço por trás de sua cabeça e exclama:

- Você está bem? – Ele questiona.

- Apenas tive uma tontura. – Armênica exclama fingindo estar doente. – Mas, penso que agora estou me sentindo melhor.

Sua mão desliza pela face do homem que logo expressa um sorriso. O seu olhar encantador pousa no dele e logo uma conexão é estabilizada, não algo puro e sim totalmente doentio e contra as nossas regras. Me pergunto se ela fez o mesmo com o meu amigo Fariseu que por sorte conseguiu se afastar do Anjo a tempo.

A cena muda e agora estamos dentro do seu castelo. Uma bela cama fica encostada na parede em frente à janela que tem a vista para a floresta. Armênica e Alexander estão completamente nus enrolados apenas pelos lençóis vermelhos como o sangue. Nesse instante me sinto incomodado, mas permaneço focado.

- O seu irmão não deseja participar da guerra. – Ela passa a mão pelo seu peito que bem ao centro tem a marca de uma queimadura. – Prefere ficar atrás dos seus muros e não guerrear contra um dos maiores reinos.

- Nesse sentido ele está certo. – Alexander olha para a janela e sinto que sua voz não apresenta completa confiança e o Anjo sente isso. – Não podemos batalhar.

- Compreendo, meu príncipe.

Ela sobe em cima dela jogando os lençóis para o lado. As suas duas mãos agora deslizam pelo seu corpo cada vez mais para baixo até que ele geme em prazer. Ela então se aproxima e beija ele. Viro para o lado sentindo novamente a inquietação, suspiro e volto a pousar minha visão neles.

- Mas, esse seria o momento ideal para mostrar força. – Armênica exclama com sua voz sedutora. – Que vocês podem ser mais que um pequeno reino, para isso você deveria estar naquele trono e não o seu irmão.

As palavras acertam Alexander no ponto certo.

- Meu irmão possui uma saúde perfeita. – O Príncipe lança um sorriso obscuro refletindo sobre a possibilidade. – E não abdicaria por mim.

- Coisas ruins acontecem a todo o momento. – Armênica desliza pelo Príncipe e geme expressando todo o seu prazer. – Meu cavalo solar.

Nesse instante decido que já é informação suficiente.

Retorno ao momento presente. Alexander ainda está em transe. Algo me diz que ele ainda não foi capaz de matar o seu irmão o que é algo bom. Me aproximo da sua face e faço ele ser guiado pelas minhas palavras.

- Esqueça Armênica, nós e tudo o que aconteceu agora. – Exclamo. – Principalmente o fato de matar o seu irmão, isso não acontecerá.

Afasto minhas mãos e o homem cai em um sono profundo. Se antes não possuía uma certeza absoluta agora tenho. Os Príncipes estão causando essa guerra e agora desejavam que Alexander traísse o seu irmão para liderar as forças contra Mormeau causando mais caos e sangue.

Sigo até ficar ao lado da fonte. Os Anjos guerreiros já estão todos no local, suas espadas, arcos e lanças apontam para Armênica que agora apenas sorri. Me pergunto como pudemos deixar alguém assim viver entre nós por tanto tempo sem percebermos.

- Você traiu todos nós, Anjo. – Ramona se abaixa e fita ela com olhar. – Se aliou com os nossos piores inimigos, aqueles que declararam guerra contra nós. Tem consciência que com a sua ajuda uma nova raça foi criada? Um ato imperdoável.

- Revoluções são necessárias. – O sangue tinge os dentes do Anjo. – Todo esse tempo o plano seguindo pelas sombras sem vocês verem. – Ela ri. – Agora não há mais tempo para impedir, eles já começaram.

- Haverá. – Exclamo com força. – Os Príncipes não triunfarão e cairão pela segunda vez. Eles não conseguirão corromper ainda mais essa raça.

Os Anjos guerreiros me observam atentamente.

- Um guerreiro da Legião Divina, mas sempre um Anjo da guarda real. – Armênica estica a sua mão em minha direção. – Suas esperanças serão destruídas, você será.

A certeza na voz do Anjo traidor me causa um calafrio, mas mesmo assim continuo na mesma postura não deixando transparecer. Encaro o seu sorriso sádico e sombrio. Não decido cair em suas armadilhas, é tudo o que desejam.

- Os Príncipes possuem mais frascos para gerar novos seres com poderes? – Ramona questiona o Anjo com brutalidade. – Responda.

Armênica encara a guerreira com seu tom sarcástico. Isso é o pior que ela poderia estar fazendo, conheço Ramona e sei que ela não deixará passar sem punição. A líder pega rapidamente o arco de um dos guerreiros, coloca a flecha e dispara. A arma atravessa a barriga do Anjo que grunhi em uma dor horrível.

- Vou perguntar mais uma vez. – Ramona soa tranquila. - Os Príncipes possuem mais frascos para gerar novos seres com poderes?

- Sim. – Armênica responde com a sua única força restante. – Sim, Sim. – Ela grita de dor e raiva. – Vocês não sabem de nada. – O Anjo zomba.

- Eu sei. – As palavras saem da minha boca assim como o sorriso surge. – Tenho certeza que sofrerá a punição pelos Arcanjos. Perderá suas asas e será banida do céu se tornando mais um Anjo caído, completamente desprezível e sem ninguém. Plenamente perdido por essas terras.

O Anjo me encara e demonstra o choque por ouvir minhas palavras. Não sei como ou por que agi desse jeito. Talvez aquela parte que tanto tenha mantido trancado depois desses longos séculos agora decidiu se revelar. No momento não decido escondê-la, pois, sei que será a minha armadura para o futuro.

Os guerreiros amarram Armênica com as correntes celestiais e ela fica completamente imóvel. Ouvimos os seus gritos furiosos por alguns instantes, mas logo a sua força se perde e o Anjo adormece em seu pior pesadelo. Ramona acena e os Anjos se afastam levando Armênica para o seu julgamento.

- Eles possuem planos grandiosos. – Ramona exclama com os seus olhos pousados no meu expressando o temor. – Creio que se deixarmos para depois será tarde demais para agir, no entanto, não podemos ir contra as suas ordens.

- É necessário. – Sinto medo, mas não posso recuar. – Você já sabe qual é a minha verdadeira missão, não é? – Ela acena que sim. – Diga a eles que retornarei em breve, preciso descobrir as verdadeiras intenções dos Príncipes. Só retornarei quando as tiver.

Ramona me surpreende e exprime o seu sorriso mais belo. Ela se aproxima e segura fortemente minha mão na sua. Após retira sua espada do seu cinto e vira o cabo em minha direção. Entendo e faço o mesmo com a minha. Logo trocamos nossas armas.

- Estaremos sempre juntos. – Ela exclama.

- Para sempre. – Digo e sorrio. – Que a luz prevaleça. – Ela acena.

Vejo no olhar da guerreira que ela teme com o que pode acontecer a mim. Certamente os Arcanjos e muito menos as Divindades deixarão um ato como esse sem julgamento, mas decido me arriscar pelo bem maior. Não acho justo ficarmos em Empíreo enquanto um povo todo sofre pelas mãos dos Príncipes. Sei que os meus caminhos levam todos a perda de algo, porém seguirei em frente.

A forte luz desce pelo jardim e logo os Anjos partem rumo a Empíreo levando a traidora. Espero que essa não seja uma despedida, mas um até logo. Se lutarmos não poderei fazer isso sozinho e precisarei deles ao meu lado. Creio que

por mais que os julgamentos de Ramona sejam um tanto brutais acredito que ela me ajudará no momento certo independente das ordens dadas.

Estendo minhas asas e aprecio a sua beleza. Bato elas com toda a minha força e logo estou voando pelas terras humanas, mais uma vez. Por mais que a escuridão paire ainda vejo a sua beleza e a esperança por um mundo melhor. Acredito fielmente que esse momento seja o começo de uma nova era que começou com a criação de uma nova raça, mas não sei onde é o seu fim.

Capítulo XIII

O Anjo e a humana.



Em tão pouco tempo longe das terras humanas a paisagem do reino de Vareon mudou muito desde que parti. Agora a grande maioria da paisagem é composta pela neve, alguns poucos lugares ainda se vê o verde no solo. Passo pelo riacho onde ocorreu a minha batalha com os Príncipes e logo os calafrios percorrem por todo o meu corpo. Sigo entre as árvores até chegar na entrada do reino que agora é guarnecida por apenas dois guardas encobertos por capas pretas.

- Esse é o pior inverno que já presenciei. – O mais novo reclama.

- Pense pelo lado positivo. – O jovem sorri enquanto bate seu queixo. – A neve afasta qualquer soldado, eles seriam completos apalermados se tentassem nos atacar.

- Vendo por esse lado. – O outro responde agora com um sorriso. Se aproxima de uma tocha e aquece suas mãos. – Tranquilizante. – Ele suspira. – Mais quente que as putas de Solares.

O homem ri, sinto-me enjoado e prossigo.

Adentro no reino. Há poucas pessoas circulando pelo local, a maioria trancados em suas casas se aquecendo como podem e tentando afastar os pensamentos da guerra. Me pergunto o quão difícil para eles deve ser perder alguém que ama. Já vi muitas vezes de Empíreo, essas guerras nunca são completamente vitoriosas, sempre alguém perderá algo para se tornar o grande vencedor. Alguns sentem, outros nem tanto. A verdade é que a galáxia é um lugar complicado para se viver.

- Leve o restante para dentro. – Uma senhora de idade fala ao pequeno ser.

- Está bom, mamãe! – A voz doce do pequeno me lembra Victor.

Sigo a criança pelo corredor até chegarmos em um local aconchegante. Uma moradia, dentro da lareira a madeira queima e o calor das chamas aquece o ambiente congelante. O menino larga a cesta no chão e corre para a frente do local e se enrola entre panos, julgo serem feitos de pele de algum animal. Penso que muitas vezes os humanos são cruéis com eles, entretanto, em outras é questão de sobrevivência. Os seres são capazes de fazer coisas inimagináveis quando a sobrevivência está em jogo.

Adentro em um pequeno quarto. Nas paredes empilhadas em fileiras estão todas as roupas, certamente feitas pela mãe do menino. Há vestidos, calças, capas. Com cuidado pego uma roupa simples e a visto. As calças levam o tom marrom assim como a camisa, o casaco escuro é aconchegante. Se pretendo ficar aqui para descobrir os feitos dos Príncipes devo estar com vestimentas humanas, no nosso último encontro resultou em eu parar com Léia em uma pequena moradia na floresta o que foi bem estranho.

- Essencial. – Sussuro.

Pego a espada e a arma e coloco em meu cinto. O restante da armadura dobro e coloco bem ao fundo da prateleira entre o armário e parede. Tenho certeza que aqui eles ficarão seguros, já que nenhum humano tem a capacidade de atravessar o véu.

Quando saio do pequeno quarto e sigo para a sala algo estranho acontece. A pequena criança está sentada em frente a lareira com as mãos pousadas em seu colo enquanto seus olhos azuis me seguem. Por um momento fico imobilizado julgando estar sendo visto pelo pequeno ser. Entretanto, logo a criança puxa os panos e cobre toda a sua cabeça, ouço alguns cochichos, mas indecifráveis. Talvez esteja tão assustado que estou começando a ver coisas, apenas sigo para a saída.

- Todos para dentro. – Um soldado na estrada branda para os demais.

- Pelos céus. – O senhor se espanta.

Um homem cai no chão derrubando sua cesta de frutas que se espalham pelo chão e logo diversas pessoas roubam seus alimentos. Um forte vento invade pelas moradias levando muitas barracas para o chão. Percebo que agora a situação do reino é ainda mais precária. Não há muitos alimentos e os que tem são completamente ruins para a sua saúde. Julgo que logo podem acontecer situações graves entre eles, no entanto, acredito que o Rei tenha uma solução ou ao menos tenho a esperança.

Voo pelo reino até pousar na beirada do castelo. Com delicadeza empurro a janela e adentro. Suavemente deslizo até pousar em um banco de madeira. Aqui

dentro do salão o ambiente está mais agradável devido as diversas tochas acesas, entretanto, é somente o clima, pois, noto um sentimento ruim pairar.

- A situação é grave.

O humano que está sentado na mesa se dirige ao seu Rei com preocupação. Em volta da mesa há mais algumas pessoas, a maioria aparenta ser da sociedade nobre. César de seu trono apenas fica a observar com o seu olhar distante.

- Temos alimentos para quanto tempo? – O Rei enfim questiona.

- Talvez meio ano meu Rei. – O senhor responde contendo suas lágrimas. – Depois que um infiltrado de Mormeu queimou nossas reservas só restaram isso.

- Derramar lágrimas não ajudará. – O forte homem responde com brutalidade, recordo-me dele ameaçando Solares na última vez. – Temos que racionalizar.

- Exato. – César concorda com Golias. – Esse será um dos invernos mais longos de nossa história, teremos que aprender a viver com menos. Mas, não nos permitiremos ficar enfraquecidos, conseguiremos resolver os empecilhos pelo nosso caminho.

- Sim. – Os senhores respondem com poucas esperanças.

- Ouçam o Rei. – Golias lança um olhar ameaçador.

Prossigo pelo corredor enquanto eles continuam a discutir sobre como resolverão os seus problemas assim como também táticas de defesa. O ambiente que adentro me recorda da fala do Rei para o Príncipe de Solares. A sua confiança em deixar a sua filha em suas mãos por causa do amor verdadeiro. Por mais que Armênica tenha o seduzido se desejasse ele iria resistir. Creio que não foi a primeira vez e nem a última, então concluo que Alexander não seja digno de Léia.

Me escoro na janela e vejo a neve cobrir as mangas do meu casaco. Fecho os meus olhos e me concentro em seu perfume, logo encontro a princesa. Jogo-me da janela em direção a floresta, as folhas ainda caem sendo cobertas pela neve. Quando pouse me distancio ainda mais e fico atrás de uma árvore apenas a vigiar.

- Voa borboleta, voa, voa, voa. – A sua voz encantadora ecoa pelo ambiente. – Liberte-se e encontre a sua paz. Mostre a sua beleza para os males do mundo espantar. A cura perfeita é o amor, então voe, voe, voe.

Sua melodia me faz sorrir. Me aproximo aos poucos dando leves passos pela neve até me sentar em uma pedra não muito distante da sua apenas para escutar melhor o seu tom. Os seus longos cabelos amarronzados balançam

enquanto o sorriso estampa sua face. A delicadeza e o amor que ela usa para se expressar é mágico.

- 1,2,3. Todos deveriam estar perto do fogo. – Ela exclama. – Mas, eu prefiro o vento gelado, aquele forjado pelas mãos de cima. Mais forte que mil martelos, mais potente que as chamas.

Léia ri e sou levado junto pelo seu humor. Passo minha mão pela pedra e observo a sua face. Talvez seja arriscado o que esteja prestes a fazer, entretanto, terei que me arriscar. Se não o fizer depois posso me perguntar por que não tive a coragem. Essa é a primeira vez que estou quebrando uma regra e nesse momento não me sinto culpado.

Revelo a minha imagem apenas a ela e fico em silêncio. A sua concentração é tanta que ela nem percebe que estou ao seu lado sentado. Por um momento controlo o riso e assumo uma voz serena para que não espante a humana.

- É uma bela cantoria. – Exclamo.

Suas mãos deslizam pela pedra e ela se joga para frente ajustando a sua capa que enroscou em seu pé. Ela puxa com toda a sua força e logo consegue ajustar. Com suas mãos empurra seus cabelos para o lado e me lança um olhar desconfiado.

- Quem é você? – Léia questiona com autoridade. – Me diga!

Não vejo medo nela e isso pode ser preocupante.

- Sou um humano. – As palavras saem espontaneamente.

Noto um pequeno sorriso se formar no canto de sua boca, mas ela se controla para não demonstrar ao “suposto” estranho a sua frente.

- Tem certeza? – Ela diz. – Me parece como um grande Alce.

- O que é Alce? – Questiono, não me recordo de tal palavra. Talvez seja um homem desconhecido, ou algum nome atribuído a um servidor de tarefas específicas.

Léia Vareon agora demonstra o seu sorriso misturado com um riso, faço o mesmo. Ela volta a se sentar, mas ainda me observando com desconfiança.

- Não deveria estar sozinha na floresta. – Digo a ela. – É inverno, todas as pessoas já estão em suas casas se aquecendo. Deveria fazer o mesmo.

A princesa se cobre com a sua capa e lança um olhar semicerrado para mim.

- Está dizendo o homem que também está aqui fora. – Ela exclama. – Então aconselho que também deveria estar dentro de sua casa.

- Não tem medo de ficarmos somente eu e você aqui? – Questiono. – Digo, há uma guerra acontecendo. Não deveria confiar em qualquer um.

- Oh! Um desconhecido me orientando. – Ela olha para o lado e após para mim. – Isso soa tão anormal, mas sinto que reconheço a sua face de algum lugar. Por acaso já nos conhecemos antes? São muitos rostos que tenho que memorizar.

Nesse instante sinto todo o meu corpo gelar e o medo percorre pelas minhas veias. Como a humana poderia se lembrar da minha face sendo que utilizei meus poderes nela? Mas, creio que seja apenas uma coincidência ou pelo menos é o que desejo.

- Você não me conhece. – Respondo. – Porém, eu te conheço.

- É. – Léia sorri no seu jeito doce. – Quem não conhece a Princesa de Vareon. – Seu olhar me encara. – Minha pergunta é quem é você? Estranho da pedra ao lado.

Nunca havia sentido antes essa conexão com um ser, nem mesmo os meus amigos mais próximos. É algo que não consigo explicar, entretanto, é mágico e que mexe no fundo da minha alma. O sentimento que corre pelo meu corpo me faz sentir vivo.

- Alce. – Respondo.

No mesmo instante ela gargalha, até mesmo coloca a mão na boca para conseguir se controlar. Me levanto e me aproximo ainda mais dela ficando a uma pequena distância. Seus olhos escuros pousam no meu, sinto a sua energia assim como a do seu corpo que queima nas brasas mais ardentes, mas elas são perigosas.

- Você é o estranho mais estranho que já conheci. – Léia exclama.

Ela estende a sua mão e pego com delicadeza para que ela se levante. A distância entre nós diminui ainda mais, sou capaz de sentir a sua respiração. A pequena fumaça sai de sua boca e ela sorri, da minha não sai absolutamente nada e sei que ela está me observando e se perguntando quem eu sou.

- Não deveria estar conversando com um estranho. – Ela diz a mim. – Meus pais nunca aconselharam tal ato e acredito que se soubessem me trancariam em meu quarto.

- Isso não parece ser algo muito bom. – Falo.

- E não é. – Léia bate em sua capa e a neve desce. – Mas, a questão é que sinto algo diferente em você, uma calma dos céus.

“Calmaria dos céus. ” As palavras me fazem demonstrar o meu sorriso mais sincero até o momento.

- Você também não me parece perigosa, Princesa. – Exclamo. – Sinto que dentro da sua alma há uma luz pura dançando com a escuridão.

Creio que falei a mais do que poderia e Léia percebe isso, no entanto, apenas reflete. Suas mãos descansam em seu colo e ela suspira, suas expressões mudam e a alegria se vai me deixando mal por não saber o porquê.

- O que aconteceu? – Questiono.

- Meu pai mandou você? – Seus olhos pousam no meu. – Diga a verdade.

Fico em silêncio por um instante me perguntando como ela chegou a essa dúvida. Quando não respondo a Princesa segue em outra direção. Rapidamente sigo ela e sou movido pelo impulso, até que seja tarde para tirar a minha mão de seu pulso. Caminho e paro a sua frente, ela ainda fica parada esperando minha reação. Mesmo com todo o seu poder acredito que ela não deveria não temer nada afinal ainda há riscos. Por mais que haja magia em seu corpo Léia ainda é humana.

- Não foi o seu pai que me mandou. – Enfim digo. – Apenas estava caminhando pela floresta quando encontrei você. Gostei da voz e apenas me aproximei.

- Não acredito em você, estranho. – Ela soa um tanto rude.

- Não pedi para acreditar. – Digo.

O ato de mentir. Nunca pensei que iria me sair tão bem em relação a isso afinal nós somos Anjos e a mentira é um ato abominável. No entanto, só estou fazendo uso dela porque necessito dessa aproximação para obter mais conhecimento de tudo à minha volta.

Léia abaixa a cabeça e sorri, após volta a focalizar em mim.

- Acredito em você, Alce. – Ela continua a caminhar e exclama.

- Ótimo! – Sorrio.

Acompanho a Princesa pela estrada da floresta, em alguns momentos é difícil andar sem perder o equilíbrio, mas dou apoio a ela. Gosto quando a humana perde o equilíbrio, pois, assim sinto que posso ser útil para algo.

- Deveria andar com os seus guardas. – Oriento-a.

- Creio que são eles que necessitam da minha proteção. – Entendo perfeitamente o seu sorriso. – Aliás, não estaria andando pela floresta com um estranho se não tivesse a certeza que posso cuidar dele com as minhas mãos.

“Sua magia não é tão resistente, eu sou um belo Anjo. ” Penso.

- Certamente ficarei na defensiva a partir desse momento. – Exclamo. – Não gostaria de morrer tão jovem. – Novamente utilizo a ironia.

- Qual a sua idade, Alce? – Gosto quando ela utiliza tal nome, mas ainda não compreendo a que se refere, entretanto, soa agradável.

- Acredite em mim, Princesa. – Sorrio para ela. – Não gostaria de saber, talvez seja até mesmo mais antigo que os seus antepassados.

- Você é hilário, estranho. – Sua mão desliza pelo meu braço e quando ela percebe procura logo por se afastar.

Me concentro novamente afinal tenho certeza que me perdi pelo caminho. Não devo subestimar a inteligência da Princesa, posso estar dando pequenos pedaços do conhecimento sobre nós e isso seria fatal para a minha sobrevivência. Procuro me manter calado pelo restante do caminho para não dizer mais nada comprometedor.

- Agora irei entrar, estranho. – Léia diz a mim. – Seguirei o seu conselho, creio que necessito me aquecer um pouco, pois, logo a noite chegará.

- Perfeitamente, Princesa. – Imito o gesto de despedida que um humano fez ao seu Rei e que ainda me recordo de cada traço usado.

- Posso dizer que lhe vejo outro dia? – Sinto seu olhar pedir por isso.

- Acredito que iremos nos encontrar muitas vezes ainda. – Digo.

A princesa lança o seu sorriso mais belo e então puxa o seu capuz e segue para dentro do castelo. Logo fico apenas eu sob a luz da lua enquanto a neve dança pelo meu corpo. Nunca me senti tão bem assim antes, talvez somente quando vi que ser um Anjo da Guarda Real era o que desejava fazer. Sinto que Léia está me mostrando um lado que desconhecia e por mais que seja perigoso decido prosseguir. Nunca me posicionei atrás do medo, sempre enfrentei as minhas batalhas com esperança. Talvez esse seja o meu maior dom e aquele que também leva toda a minha força.

Capítulo XIV

Encontros.



Pela manhã as ruas em Vareon se tornam mais cheias, entretanto, entre sua maioria é de soldados do reino que patrulham pelo local a vigiar. Vejo que os alimentos estão sendo distribuídos por setores do reino e para a minha surpresa os indivíduos estão respeitando isso. Quando uma pequena criança passa por mim, me sinto completamente abalado. Os seus ossos são nítidos assim como a sua saúde debilitada.

Me sento no assento mais próximo e observo a distribuição. Uma mãe pega um pão e ao olhar para o seu filho eu sinto que seu coração está despedaçado. Então ela separa grande parte do alimento e dá a ele enquanto a mulher fica apenas com uma parte. Isso mexe com o meu coração de um jeito muito potente, até mesmo tenho que limpar as lágrimas que descem pelo meu rosto. Se me perguntarem por que ainda possuo fé na humanidade darei exemplos como esse como resposta.

- Isso é meu seu velho palerma. – Um jovem grita com um homem de idade.

O velho sorri mostrando os seus dentes amarelos, os poucos que ainda restam em sua boca. Ele rouba grande quantidade dos alimentos e coloca dentro do seu casaco. Dobra o corredor e sai correndo enquanto dá uma risada horrenda. Logo é impedido. Um arqueiro está posicionado em cima de uma construção, quando avista tal ação ele coloca a flecha no arco e dispara. A flecha atravessa o peito do velho que espatifa pelas pedras. Evito continuar olhando o resto, porém, para os humanos presentes isso é normal.

- O Rei ordenou distribuição justa. – O soldado a minha frente fala e sua voz soa como de Ramona, a postura de um líder. – Qualquer um que infringir isso

será punido.

Entendo perfeitamente que eles cometeram um ato ruim, no entanto, não acredito que deva ser punido com a morte. Penso como essas pessoas devem estar se sentindo, a fome e sede que assolam suas vidas e daqui uns tempos só irá piorar. Tudo é uma questão de sobrevivência então não decido julgá-los pelas suas ações.

Sinto um leve tremor e abandono o local. Sigo por um corredor escuro, agora com a pouca luz do sol tudo torna-se ainda mais tenso em Vareon. As janelas e portas estão trancadas. Apenas escuto o bater de algumas armas. Quando chego no final do corredor procuro logo por me esconder entre as sombras evitando que apareça. Suspiro por alguns segundos e quando a tensão ameniza volto a olhar.

- Com mais força. – Azael ordena aos demais construtores.

Ao olhar para a sua face a memória do dia que fui punido pelos Príncipes me assombra. Os sentimentos se misturam entre o medo e a vontade de sair do local e ir confrontá-lo até acabar com a sua existência, no entanto, seria impossível. Não devo agir movido por sentimentos tão negativos, a hora certa vai chegar.

- Pelos céus que você surgiu em nosso reino. – Um homem aos fundos fala. – Será de uma utilidade enorme para essa guerra. Devemos possuir as melhores armas para defesa. Iremos acabar com aqueles malditos inimigos, Morneu sofrerá.

- Estou aqui para isso meu amigo. – Azael ri diabolicamente.

Amigo, isso é algo tão doentio. Sinto vontade de cravar minha espada em seu peito como fiz com Lúcio. Ele somente está ali para causar caos e levar eles para uma escuridão ainda mais profunda. E o humano dizer que pelos céus ele surgiu é completamente atormentador. Nunca mandaríamos alguém fazer tal ato. Os Príncipes não pertencem a Empíreo e nem a qualquer outro lugar que não seja as profundezas do submundo onde deveriam estar, por toda a eternidade.

Há quatro homens dentro de uma tenda feita em madeira coberta por um pano preto. Todos eles estão fazendo armas e o Príncipe obviamente orientando como deixa-la ainda mais letal contra os seus inimigos. Os seus olhos brilham quando ele avista uma arma pronta. O desejo por corromper os humanos é o que motiva a sua existência.

- Onde você aprendeu a executar essa tarefa tão bem? – Um menino ao lado questiona, a sua aparência me lembra de Fariseu. Os cachos e as roupas sujas.

Me pergunto como o meu amigo está em Empíreo.

- Fui eu quem ensinou a vocês desde o princípio. – Azael lança uma risada que arrepia todo o meu corpo e creio que também dos outros homens.

- Penso que as vezes você deveria ser um bobo da corte. – O homem ri.

Até mesmo cruzo os meus braços sentindo que algo ruim irá acontecer. Somente pelo olhar cruel de Azael já nota-se isso. Ele abaixa a sua cabeça e o seu sorriso mortal surge. Tudo no Príncipe é o sinônimo de brutal. Azael então olha para ele, sua mão pousa no ombro do humano e os dois riem juntos em uma perfeita sintonia.

- Bobo da corte. – Azael repete. – Isso seria ótimo para mim, não acha?

- Com toda certeza. – Para a falta de inteligência o humano responde.

O Príncipe pega o seu machado forjado recentemente. Coloca no fogo até atingir uma temperatura ardente e maligna. Volta a ficar ao lado do humano. Quando de repente a sua arma é levantada pela sua grande mão e desce com uma força violenta. A ponta do machado atinge cruelmente a mão do outro homem decepando-a. Antes que possa gritar Azael coloca a sua mão na boca do homem passando sua magia sombria que invade o corpo humano, apenas vejo as lágrimas escorrerem pela sua face. Seus olhos vão fechando até o homem adormecer. Não sei se ele morreu, talvez seja melhor que ficar vivo. Noto em volta e nenhum dos outros humanos percebe tal ação. Acredito que o Príncipe tenha encoberto ele pela sua magia sendo impossível ser vista a olhos humanos. Logo percebo que ao realizar tal crueldade o Príncipe perdeu um pouco da sua força. Sua mão se dissolve em uma fumaça negra, mas logo após retorna. O olhar de preocupação é demonstrado por Azael que em instantes retorna a “sua tarefa”.

Decido não ficar mais no local, afinal não sei se os outros Príncipes estão por perto. Viro e prossigo pelos corredores escuros escondendo o meu corpo. Ainda não compreendo o porquê da ação fazer com que Azael perdesse um pouco da força. Talvez isso esteja ligado com o desejo da espada dos desejos, mas é somente uma hipótese. Sinto que isso pode nos ajudar futuramente em uma guerra e devo descobrir logo.

Avisto uma sombra branca seguir pelo outro lado. Decido não usar as minhas asas para a locomoção, penso que Azael pode avistar de longe. Prossigo pelas estradas vazias e novamente pelas partes mais escuras. Agora até mesmo o dia parece noite e por um lado isso é bom para a minha missão. Pulo por uma poça de água e adentro em um corredor sem saída. Ao fundo está somente uma parede construída em pedras negras.

- Anjo Eliel. – A voz suave exclama.

Do topo da construção um Anjo desce. O seu longo cabelo loiro está amarrado em um rabo de cavalo. Ela segue em minha direção com as mãos pousadas sobre o colo até que então esteja à minha frente. Me pergunto se Empíreo

mandou um Anjo vir me buscar, mas certamente ela não é uma guerreira. O seu vestido branco é da Guarda.

- Me chamam de Irina. – Ela se apresenta. – Presumo que não se recorda de mim.

- Me desculpe. – Exclamo. – Mas, não lembro da sua aparência.

- Fui treinada por outro mestre. – O sorriso surge em sua face, mas consigo sentir o sentimento de preocupação por trás dele. – Sou o Anjo da Guarda de Léia Vareon.

Então tudo esclarece. Ainda não havia conhecido o Anjo da Guarda da humana, mas tinha certeza que o seu vínculo ainda estava ligado. Não fico surpreso por logo esse Anjo vir a minha procura afinal creio que estou quebrando as regras. Por um momento o medo me assombra, porém decido não deixar ele crescer.

Sigo até ficar embaixo de uma pequena fresta da luz do sol.

- É uma honra conhece-la. – Digo ao Anjo. – Léia está bem?

- Na verdade, está ótima. – Irina responde. – Desde o seu último encontro com ela os seus sentimentos se afastaram ainda mais da escuridão. Creio que a sua presença tenha melhorado muito o seu estado, algo que não consegui durante esse tempo.

Saber que ela está se aproximando da luz faz meu coração se encher de esperança e até mesmo expresse um leve sorriso. No entanto, sinto que o Anjo está sentindo a culpa sob os seus ombros por não conseguir efetuar a sua tarefa. Já presenciei muitos casos em Empíreo durante a minha existência, há até mesmo aqueles que se renderam a escuridão após se sentirem fracassados por falharem em suas tarefas.

- Fico feliz por ouvir isso. – Exclamo e pousei meu olhar no seu. – Mas, não sinta culpa por não estar conseguindo estabilizar uma conexão mais forte com ela. Penso que a magia negra possa estar afetando a ligação. De qualquer forma é ótimo que você continue ao seu lado e não deixe ela se render.

- Suas palavras são confortantes. – Irina sorri delicadamente. – E entendo você querer se aproximar daquela que protejo. Sinto o mesmo por ela, o seu coração é diferente, há algo nela que diferencia dos demais humanos.

- Tens sorte por tê-la assim como ela a você. – Digo.

O Anjo fala como se lê-se o meu pensamento. Eu não escolhi simplesmente me aproximar de Léia, foi algo que aconteceu naturalmente. A humana me desperta interesse naquilo que já tinha, mas de uma forma inusitada. Seria difícil

explicar isso a alguém de forma que o outro compreendesse minhas motivações, no entanto sei que para Irina não preciso. Enfim encontro alguém que me compreenda.

- Você acha que deveria continuar com a nossa conexão? – Questiono.

- Você é um mestre dos Anjos da Guarda Real. – Irina fala e sorrio. – Creio que já tenha a resposta para a sua pergunta, mas se quiser a minha posso disser. – Ela se aproxima e o seu olhar brilha ao me avistar. – Penso que deva continuar com os encontros afinal está ajudando a humana a seguir para um caminho diferente. Acredito que Lúcio tentará usá-la de alguma forma nessa guerra para o mal. Aproveitando de seus poderes sombrios, mas se ela estiver em um caminho da luz poderá resistir as tentações.

Se ao menos os Arcanjos ou as Divindades me ouvissem, penso. Poderíamos facilmente eliminar os Príncipes da Terra e salvar as vidas humanas, tanto da morte como da corrupção. No entanto, para isso as minhas esperanças estão muito baixas. Sei que as autoridades de Empíreo irão agir, entretanto, o tempo é o nosso maior inimigo agora.

- Como Anjo da Guarda você não conseguiu avistar ela quando Lúcio transformou a humana em uma “Bruxa”? – Lanço o questionamento intrigante.

- Não. – A resposta é rápida e fria. – Eles esperaram o tempo certo.

Sinto que o Anjo está escondendo algo de mim. Ela passa por mim se afastando um pouco mais, cruza os seus braços e fica olhando para o outro lado do corredor. O seu olhar se torna triste e culpado. Dou três passos à frente e fico ao seu lado.

- Você pode confiar em mim Irina. – Minha soa suave.

O seu olhar pousa no meu e vejo uma lágrima escorrer.

- Armênica. – Não fico surpreso ao ouvir o seu nome. – Ela se aproximou de mim nesses últimos tempos e formamos uma amizade. Julguei ser algo bom, mas no final descobri que era apenas uma distração para perder o meu foco como protetora. No momento em que isso aconteceu o Príncipe conseguiu agir sem que nem percebesse. Somente tive a visão do acontecimento quando Léia praticou magia na floresta, porém, era tarde e você também já sabia do acontecido.

- Não se culpe, jamais. – Digo a ela. – Armênica é um Anjo traidor. Somente desejava o mal ao se aliar com essas almas sombrias. Tudo não passou de um grande plano arquitetado há tempos, eles somente se aproveitaram da bondade dos demais Anjos. O que importa é que agora devemos fazer algo para concertar as coisas.

- Não sei se teremos tempo suficiente. – Sua voz vacila por um instante. – Os Príncipes estão dispostos a tudo.

Pensava que estava sozinho nisso, mas é confortante saber que outro possui os mesmos pensamentos. Isso faz com que eu não me sinta um Anjo Traidor, apenas estou tentando evitar uma guerra.

- Farei de tudo para descobrir as suas intenções. – Exclamo com convicção.

- Confio em você Anjo Eliel. – Irina fala e segura a minha mão. O seu olhar frio pousa no meu e sinto que serei impactado. – Sabendo disso preciso que saiba de algo que aconteceu após a sua saída de Empíreo.

- Diga... – Minha voz falha, mas preciso ouvir.

- Ouve relatos que alguns Anjos da guarda foram atacados por humanos. – Realmente por essa não esperava. – Isso aconteceu no reino de Solares. Após o ato eles foram retirados do local e impedidos de retornar até segunda ordem. Creio que você possa descobrir o porquê. Estamos sendo ameaçados de todos os cantos.

- Os Arcanjos não mandaram outros Anjos para o local? – Questiono.

- Não. – Irina fala com angustia. – Não estamos sabendo de mais nada. Apenas somos impedidos de fazer as nossas tarefas sem explicações. Acredito que as ações irão ser tomadas após o julgamento de Armênica que acontece amanhã.

Sinto como se estivesse desabando no grande rio celestial. O julgamento me dá tempo suficiente para ir a Solares, ou ao menos tem que dar. São muitos buracos a serem cobertos apenas por um Anjo, necessitava da ajuda dos demais, mas por momento decido não colocar mais almas em risco, não enquanto não souber que estou protegido.

- Obrigado pela informação. – Seguro sua mão com força. – Irei tentar descobrir.

- Todas as respostas estarão no salão de Nelônia. – Irina fala. – Boa sorte!

Sua mão se afasta da minha, o Anjo abre as suas asas e segue para céu sendo levada pelo portal de Empíreo. Nesse momento sinto vontade de partir junto, mas por mais que tudo esteja desmoronando devo ficar em terras humanas.

Sento-me nos degraus de uma escada no meio da escuridão. Me pergunto como essa missão irá acabar e sinto medo da resposta. Como humanos poderiam nos avistar? Mas sei que a resposta para o meu questionamento são os Príncipes Infernais. Eles estão causando o verdadeiro caos na Terra e as forças de Empíreo ainda permanecem com as mãos amarradas quando era o momento de agir. Sinto

raiva por isso, sinto medo por estarmos ameaçados. Temo que isso possa não ser controlado.

Levanto-me, estico as minhas asas e voo até o topo da construção. Observo todo o reino e tantas vidas que mostraram a mim que valem ser salvas. Não posso desistir deles por mais que essa guerra pareça impossível de ser vencida. Esses seres precisam de nós e devo estar aqui por eles. Seja como protetor assim como um Anjo da Guarda Real assim como um Guerreiro da Legião Divina para destruir os inimigos que ameaçam ainda mais a pouca luz que rondeia esse mundo.

Capítulo XV

Desejos e confiança.



Às vezes paro para refletir como seria a reação dos humanos ao saber da nossa existência assim como da sua criação. Pelo meu conhecimento em Empíreo já avistei muitos homens à procura de desvendar esse grande “segredo” que ronda suas vidas. Uns se perguntam de onde vieram, como chegaram onde estão, mas outros simplesmente não ligam para o fato e só pensam em viver (algo que eu creio que é o melhor a se fazer). Nem mesmo nós como seres celestiais possuímos todas as respostas, o que podemos afirmar com convicção é que as nossas escolhas moldam toda a nossa vida. Podemos acertar centenas de vezes, mas um passo em falso e tudo pode desmoronar.

O mundo é um lugar cheio de ódio. Os seres humanos criam suas leis, alguns utilizam dos céus para distribuir o ódio ao seu semelhante o que nunca foi o principal objetivo da sua criação. As perseguições, as matanças, creio que isso não irá acabar, pois, agora compreendo que está impregnado nas suas almas. A escuridão caminha ao lado de todo ser, mas é a partir da sua escolha que ela se juntará a você. Feliz é aquele indivíduo que dança ao som da vida, segue o ritmo do amor e não julga seus demais.

Minha missão na Terra fez os meus caminhos se dividirem ainda mais. Muitos Anjos iriam temer estar no meu lugar, porém essa foi a minha escolha e até o momento estou confiante nela. Esse mundo é muito grande para ficar somente em um lugar enquanto temos diversas missões a trilhar por essas terras. Sinto que esse é o meu legado, mas também há outro, entretanto, chegará um momento de escolher outra vez. Espero que quando esse momento chegue tenha a resposta final

ou talvez eu já a tenha e somente não quero admitir para mim mesmo quanto a isso.

O frio em Vareon ficou mais intenso. Visto um casaco de pele negra que peguei de um senhor, mas antes me certifiquei que ele tinha outros. Assim sigo pela floresta afundando os meus pés na neve, por mais que esse clima apresente diversas situações ruins para o povo que mora aqui eu gosto dele, pois, a neve em Empíreo é algo inexistente. O branco espalhado por todo o ambiente deixa o local gracioso.

- A neve cai sem parar. – Ouço sua voz vindo não muito distante. – As chamas não podem parar, pois, o povo deve se aquecer.

Aproximo-me dela e paro diante de uma grande pedra. Observo o lago a minha frente que estava congelado e que agora está descongelado e fervendo. Um sorriso surgiu em minha face, pois, tenho quase absoluta certeza de quem foi responsável por isso. Julgo que seja melhor ela utilizar seus poderes para isso do que para o mal.

- Pensei que não iria vê-lo novamente. – Léia exclama e sorri levemente em minha direção. – Estranho da pedra ao lado.

- Não iria evaporar. – Respondo. – Não costumo desistir principalmente quando os humanos necessitam da minha ajuda.

No mesmo instante que falo percebo o que as minhas palavras deram a entender e então me calo. Quando estou ao lado da humana não raciocínio muito bem em como usar as palavras certas para que ela não desconfie de nada. É algo espontâneo.

- A cada vez que conversamos eu tenho mais certeza que você é um pouco desequilibrado. – Ela fala e rio aos sussurros. – Mas, eu gosto de pessoas diferentes.

Diferentes, reflito e observo sua face em linha reta a minha. Sim estamos muito distantes um do outro, mas isso não significa nada. Nunca soube em nossa história se um Anjo já criou um vínculo de amizade com um humano. Como Anjos da guarda devemos apenas orientá-los e isso não significa uma aproximação verdadeira. Sempre nós saberemos deles, mas eles não saberão de nós. Nem fazem ideia de quem somos.

A frente do lago me abaixo, retiro a minha luva e coloco a mão no lago, no mesmo instante me recordo da fonte do olho da vida. Sinto a água quente tapando toda a minha mão e aquecendo em um calor suportavelmente agradável.

- Nunca isso havia acontecido. – Exclamo a ela. – Você sabe como o lago se transformou nesse perfeito ambiente para o inverno?

A princesa segura a ponta do seu vestido e se aproxima, pousa suas mãos no colo. Sua boca mexe levemente e sinto que ela estava prestes a me dizer a verdade, mas outro sentimento bloqueou antes que ela revelasse.

- Não. – Ela mente, não olho para Léia. – Cheguei aqui pela manhã e ele estava assim, só sei que devemos aproveitar. A água do castelo para o banho não é agradável como essa e também não possui a mesma paisagem.

- Tenha cuidado ao banhar-se nesse ambiente. – Digo.

- Por que podem aparecer estranhos como você? – Sorrio após sua fala. – Alce, você parece como um protetor meu. – Ela me encara. – Você é?

- Seu protetor? – Não compreendo por que rio, mas faço. – Oh! Não Princesa, infelizmente não sou seu protetor. Como disse sou apenas um estranho.

- Gostaria que você fosse meu protetor. – Léia exclama, não olha para mim.

Também gostaria, digo mentalmente. Creio que se ela estivesse sob a minha proteção tudo poderia estar em um caminho melhor, no entanto, Irina cuidou das suas tarefas muito bem. Léia está cada vez mais longe da escuridão, sinto isso em sua alma. Creio que os Príncipes Infernais ainda não se comunicaram com ela novamente, devem estar muito ocupados atormentando mais almas humanas para a sua satisfação.

Levanto-me e me escoro na pedra mais próxima ficando à sua frente apenas separados por um pequeno espaço. Cruzo os meus braços e pouso meu olhar no seu. Léia mexe em seus longos cabelos e após faço o mesmo, vejo que fica um pouco tensa.

- Soube que deve se casar após a guerra. – Exclamo. – Espero que tudo dê certo.

- Sim, esse é o combinado. – Léia vira sua face para o lado. – Mas, acredito que as coisas podem mudar com o tempo. A verdade é que agora não sei mais de nada da minha vida. Tudo está inconstante e tenho medo por isso.

- Não tema. – Digo. – Os dias podem parecer sombrios, mas no final do dia o sol pode voltar a brilhar e em uma força mais intensa. Apenas faça o que seu coração mandar.

- Meu coração as vezes me faz sentir coisas erradas. – Seu tom de voz diminui, ela vira sua face e pousa seu olhar no meu. – Principalmente por homens errados.

- Está dizendo que Alexander Solares não é o homem certo? – Questiono.

Após o que vi no reino de Solares tenho convicção que o Príncipe não é digno de Léia, no entanto, nada posso dizer. Uma simples palavra sobre ele poderia mudar todo o seu futuro, essa escolha deverá ser feita com cautela.

- As coisas são complicadas, Alce. – Léia sorri, algo quase imperceptível se não estivesse olhando para ela atentamente. – Ele é um Príncipe, o nosso casamento significaria a união dos nossos povos e isso seria algo bom para todos.

- Bom para todos. – Repito as suas palavras. – E para você?

- A verdade é que eu não sei. – Vareon abaixa a cabeça.

Nesse instante gostaria de me aproximar dela e dar o abraço mais apertado possível passando todos os meus sentimentos bons para ela. Mesmo estando presente à sua frente me sinto um tanto impotente diante de algumas falas.

- Mas, o que importa agora é a guerra. – Léia caminha até o lago. – Mormeou declarou guerra contra Vareon, mais cedo ou mais tarde eles irão atacar. Podem passar anos de inverno, porém quando o sol voltar a brilhar e a neve derreter eles chegarão sem piedade. Devemos estar preparados.

- Não creio que a guerra seja uma solução. – Exclamo.

- Às vezes significa a única saída. – A princesa responde.

Por mais cruel que esse pensamento seja ela no final está certa. Nós como seres celestiais pregamos a paz e o amor acima de tudo, entretanto, quando surgem casos como os dos Príncipes não há outra forma de agir se não pela “violência.”

- Eles são perigosos. – Falo cuidando para usar as palavras certas. – Devem tomar cuidado, a neve somente impede os exércitos. Infiltrados podem percorrer entre Vareon.

- Eles já estão percorrendo entre nós. – Léia confia em mim e começa a contar tudo sobre o que está acontecendo. – Alguns foram encontrados e executados.

A roda da violência não para de rodear. Um ser comete um certo crime, mas ao invés de ser julgado com sabedoria ele é punido com a vida. Esse sentimento negativo vai passando para os demais e logo possuímos diversas batalhas surgidas de uma. Assim essa roda nunca vai parar de girar e até mesmo creio ser impossível quebrá-la.

- Que bom. – Me esforço para conseguir dizer as palavras e não parecer um sujeito ainda mais estranho. Devo tentar agir como eles segundo as suas leis.

- Não acredito que você julgue isso bom. – Léia apenas com um olhar decifra o que estou sentindo. – Não o julgo por isso, significa que possuí um bom

coração.

- Assim como o seu. – Digo.

Ficar ao seu lado me faz pensar em permanecer na Terra por um longo tempo, mas sei que essa proximidade pode me distanciar do meu objetivo principal. Não posso me iludir com outros assuntos, afinal a Terra é um poço de distrações e sei muito bem disso. Presumo que Léia já possua um sentimento de segurança ao meu lado caso contrário não desejaria a minha presença, no entanto, preciso de uma proximidade maior e que me de liberdade para agir. Algo que nos ligue fortemente e que faça com que ela confie plenamente em mim, assim posso ajudar de uma forma... direta. Por um momento reflito qual será o meu julgamento, no entanto, tento não pensar.

Ficamos à beira do lago.

- Você sabe nadar? – Questiono.

- Sim. – Léia responde com um sorriso no rosto. – Meu pai quando chegava o verão sempre me levava para lugares assim para aprender a nadar, mas era além de um aprendizado. Aquele momento nos unia.

Ver ela falar sobre o seu pai é o mesmo que vê-lo falar dela. O amor entre eles é uma coisa bela e que deveria existir entre todas as famílias humanas, entretanto, sei que não é possível que isso aconteça sempre. Muitas pessoas negam a amar e se esquecem que essa é a coisa mais bela em seu mundo, todos merecem um grande amor.

- Infelizmente não tive um pai. – Isso é realmente verdade. – Então não aprendi a nadar. – Essa sim é uma mentira. – Temo um pouco a água.

- Oh! – Ela se surpreende. – Não julguei que temia a água, Alce.

- Não é medo. – Digo. – É que...

Quando rio perco o equilíbrio e deslizo pela neve seguindo pelo barranco em direção a água. O meu corpo atinge fortemente o lago e logo começo a descer sendo encoberto pela água. Apenas vejo a imagem de Léia lá em cima expressando toda a sua preocupação por me ver afundar. Viro o meu corpo para baixo agora observando a escuridão, mas não temo. Com as minhas pernas dou um impulso para ir cada vez mais para o fundo, minha respiração está controlada.

- Ekismin. – Julgo ouvir essas suas palavras.

Sinto uma energia se envolver pelo meu corpo. Luzes vermelhas amarram as minhas pernas e braços me levando ao topo novamente. Em poucos segundo retorno à superfície. A onda mágica me leva até a beirada novamente onde deito

sobre a neve. Coloco minhas mãos no solo e a água sai de minha boca, passo a mão pela minha garganta e olho para Léia que expressa seu espanto.

- Oh! Não. – Ela suspira aflita.

- Você possui poderes mágicos? – Questiono tentando parecer surpreso.

Léia coloca o seu capuz, puxa o seu vestido e segue em uma direção se afastando de mim. Balanço minhas vestimentas eliminando um pouco da água, mas ainda permaneço encharcado. Quando estou em pé corro até ela e finalmente consigo pará-la, me posiciono a sua frente e Léia apenas me observa pelo canto do capuz.

- Você foi um palerma. – A Princesa fala com raiva. – Isso não deveria ter acontecido. Agora eu vou ter que... – Sua voz falha.

- Me matar? – Completo sua frase.

- Não consigo fazer isso com você. – Léia responde e vejo pelo seu olhar que ela nunca matou uma pessoa antes.

Vejo uma lágrima descer pela sua face e me sinto mal por tê-la deixado dessa forma, no entanto, é o único jeito de conseguir completar a minha missão. Me aproximo dela e delicadamente pego em sua mão pousando meu olhar no seu.

- Léia. – Digo. – Está tudo bem! Não irei contar a ninguém.

- Promete? – Ela diz.

- Prometo. – Respondo com leveza. – Você salvou minha vida e além disso não preciso temer por você possuir esse poder. Sei que somente usará para o bem.

Quebro mais uma regra. Talvez essa frase influencie Léia, entretanto, julgo ser a única forma. Estou pensando em cada regra quebrada, afinal eu já quebrei quase todas possíveis e não importa mais, pois, terei meu julgamento.

- Espero que você possua razão. – Léia diz. – Não gosto de ferir as pessoas, até o momento só usei meus poderes para o bem, no entanto temo que possa seguir por um lado mais sombrio. Sinto ele em minha alma.

- Você é forte. – Digo. – Conseguirá seguir pelo caminho do bem, somente não se deixe influenciar por outras palavras. Siga o seu coração.

Léia sorri em alívio e então me surpreende. Seus braços se envolvem no meu corpo e sinto o seu calor e os seus sentimentos de luz. A humana então percebe e se afasta, delicadamente empurra um fio do seu cabelo para o lado.

- Tenho que retornar. – Exclama. – Espero ver você em breve, Alce. Acredito que possamos nos tornar melhores amigos.

- Até mais princesa. – Digo.

- A partir de hoje me chame apenas de Léia. – Ela sorri.

- Até mais. – Falo e sorrio ao mesmo tempo. – Léia.

A princesa segue pela estrada e logo some entre as árvores e a neve. Me escoro na árvore, o sentimento que percorre por mim reflete a perfeita felicidade. Finalmente estou conseguindo o que desejo, mas creio que possa não ter tempo para isso. Posso mostrar aos Arcanjos ou até mesmo as Divindades o que consegui com isso e talvez eles reflitam sobre o assunto, tenho esperanças que sim.

Sinto uma presença atrás de mim. Viro-me e encontro a imagem de Ramona. Ela não está trajada em sua armadura, apenas veste um vestido de seda branco que destaca o brilho da sua pele negra deixando-a ainda mais bela. Vejo pelo seu olhar que a guerreira está desapontada comigo e preocupada.

- Ramona. – Exclamo. – O que faz aqui?

- A pergunta é o que você ainda está fazendo em terras humanas Eliel? – Ela se aproxima ainda mais. – Precisa retornar logo a Empíreo. Os Arcanjos já sabem que você não retornou, agora estão envolvidos com o julgamento de Armênica, mas após as suas atenções voltaram para você. – Ela estende sua mão. – Retorne o quanto antes.

- Prometo que irei. – Digo em verdade. – Mas, antes preciso fazer mais uma coisa no mundo deles. Prometo que amanhã mesmo estarei em Empíreo novamente.

- Está bem velho amigo. – Ramona se afasta e pousa seu olhar no meu. – Espero que você realmente tenha feito a escolha certa.

A sua imagem se dissolve e retorno a ficar só. A escolha certa, penso se ela realmente existe na minha situação. De uma forma ou de outra perderei coisas pelo caminho, mas agora tenho total certeza que é o que desejo fazer. Sei que posso estar desapontando muitos que acreditaram em mim, no entanto, não posso viver segundo o que eles desejam e sim o que é melhor para mim e no que acredito.

Abro as minhas asas seguindo em outra direção e deixando o reino de Vareon por momento. Tenho convicções que irei retornar, criei um vínculo com a humana e não posso abandoná-la logo agora em um momento crucial. Sei que não é somente ela que precisa de mim, outros também necessitam da minha ajuda e para isso voarei ao seu encontro.

Capítulo XVI

Nascidos do pecado nefasto.



O Reino de Solares agora permanece em silêncio, as ruas quase que completamente vazias. Em alguns momentos avisto os guardas circularem, mas só isso. Nesse instante começo a estranhar o que está acontecendo. O castelo mais ao longe agora assume um tom mais sombrio que faz o meu corpo arrepiar. Sinto que algo muito grave aconteceu por essas terras, sangue foi derramado.

Paro no meio da estrada quando um homem do outro lado da rua me encara. Ele é alto, um tanto forte e possui uma cicatriz no olho direito. Seu olhar é frio como o inverno em Vareon. Penso por momento que seja apenas impressão que ele esteja me vendo, mas quando dou um passo para trás o homem avança e após retira uma adaga de seu cinto e nesse instante tudo muda.

- Maldito Anjo! – Ele exclama com ferocidade.

Minhas pernas balanceiam e quase tombo.

- Consegue me ver, humano? – Falo surpreso.

- Prefiro ver o seu coração. – Ele aponta a adaga e sorri. – Você tem um?

Possuo certeza que minha força está estabilizada e que em nenhum momento deixei a desejar para que a minha imagem fosse revelada, no entanto, o humano está me vendo. O sorriso que percorre pela sua face é algo doentio muito semelhante com o de Lúcio. Há uma escuridão mais profunda na sua alma, algo que você não encontra em nenhum outro humano.

- Se afaste, criatura. – Digo ao inimigo.

Rapidamente retiro a minha adaga, seguro com força e aponto para o homem.

- Nós somos demônios para você, não? – Uma risada doentia sai de sua boca.

Ele investe contra mim com uma força surpreendente, mas sou rápido o suficiente para esquivar para o lado. Contra-ataco e acerto levemente a ponta da arma na sua pele que ao encostar nela causa uma grande queimadura que faz ele se contorcer. O homem vira-se ainda mais furioso comigo, bufa como um animal.

- Quem é você? – Questiono. – Como consegue me ver?

- Seus superiores não contam nada a você? – O homem debocha com um riso diabólico. – Pensei que os seres celestiais fossem mais sinceros uns com os outros, mas talvez sejam tão pecadores quanto nós.

- Como ousa falar assim. – Exclamo.

A sua adaga atinge o meu peito, não consigo evitar o ataque. Logo o homem parte com todo o seu peso contra o meu corpo me levando ao chão. Suas mãos prendem os meus braços e após sinto um golpear em minha face. No momento em que ele vai disparar outro soco seguro sua mão e olho firmemente em seus olhos escuros como a noite.

- Isso não vai ficar sem punição. – Digo. – Pare agora ou morra.

- Prefiro a morte. – Ele ri da situação e bate sua cabeça na minha.

Minhas mãos se desvinculam da sua e após coloco rapidamente em volta do seu pescoço. Uso toda a minha força e trago o homem para o solo me posicionando acima dele. Não espero nenhum segundo para pegar a adaga e cravar diretamente em seu peito. Quando a arma entra pela sua pele ela queima como chamas e brasas negras saem de dentro. Por um instante fico posicionado ali completamente paralisado. Quando saio de cima do homem noto que em seu pulso direito há uma marca. Passo delicadamente a mão por ali, o símbolo é um X. A marca representa como se fosse uma queimadura, mas ao mesmo tempo algo de nascença. Sinto que o homem que me atacou não era completamente humano, havia uma parte diabólica em sua alma.

Caminho pela estrada nos pontos mais escuros de Solares e quando avisto um soldado parado ajo imediatamente. Coloco minhas mãos em sua cabeça e o faço adormecer. Puxo ele para um canto e retiro sua roupa, após visto-a. A vestimenta é discreta, quase toda preta apenas com um pano dourado transpassado ao centro. Puxo o capuz para esconder boa parte da minha face. Os humanos não me enxergaram, mas pelo visto há agora aqueles que veem através do véu e são extremamente perigosos.

- Aí. – O soldado ao canto coloca uma mão na cabeça se queixando de dores, sinto muito por ter feito isso com ele, mas é o único jeito.

Deixo minhas roupas ao lado dele para que não ande seminu. Nesse instante penso em Fariseu, se contasse isso a ele iria ficar rindo por séculos. A situação somente parece ser engraçada, mas sinto tanto perigo quanto andar no submundo. Desde que os Príncipes foram libertados a escuridão na Terra ficou mais intensa. Me pergunto onde irá acabar esse jogo deles e temo pela resposta.

Irina me disse que iria encontrar as respostas para isso no salão de Nelônia. Por mais que Solares não seja um reino tão extenso ainda é difícil procurar por algo assim. O lugar continua silêncio como quando cheguei, mas aos poucos que vou me aproximando do centro do reino começo a ouvir alguns sons de melodias dançantes.

- Vou foder aquelas vadias! – Um homem passa por mim exclamando palavras que me enjoam, pelo que parece ele não me avista.

Antes de chegar no degrau ele tomba com o seu copo derramando todo o líquido nos pés de um soldado que irrita-se no mesmo instante. Com a ponta da sua espada bate na cabeça do homem, mas não adianta, pois, já está adormecido.

- Malditos bêbados! – O soldado fala para mim.

- Sim. – Misturo o riso com o sorriso, mas não mostro minha face.

Passo por ele e chego a um ambiente luxuoso. É um pequeno templo, há diversas colunas na fachada e quase todo o lugar é construído em pedras douradas. Algumas árvores se enrolam na construção fazendo com que ela fique quase imperceptível a distância. Me aproximo com cuidado enquanto subo os degraus, diversas pessoas circulam pelo ambiente. As tochas vão sendo acessas quando a noite começa a chegar.

- O que você deseja, meu Lorde?

Uma linda mulher surge em frente a uma porta. Suas vestimentas mal tapam o seu corpo, a seda desliza pela sua pele como se fosse a água. O seu olhar é encantador e noto como isso atíça o humano que logo se rende ao seu encanto e adentra no seu quarto.

Piso em um corpo e coloco a mão na boca, um homem está deitado no escuro com uma faca cravada no pescoço e ninguém se importa, pois, todos passam tranquilamente. Esse lugar exala escuridão, me sinto angustiado aqui dentro, no entanto, mesmo assim continuo a caminhar pelos corredores mal iluminados. Fico atrás de um pilar que tapa todo o meu corpo, mais à frente está ele imerso em uma banheira rodeado por mulheres e homens completamente nus.

- Mais um brinde, a nossa liberdade. – Gadrae levanta uma taça de vinho e ingere rapidamente assim como os seus companheiros.

Os seus longos cabelos acinzentados são penteados por duas mulheres que possuem extensos cabelos ruivos. Ao olhar com atenção percebo a mesma marca em seu pulso o que me alerta que não devo me aproximar.

- Meus Nephilim. – Gadrae exclama com orgulho e me pergunto o que a palavra que ele disse quer dizer, creio que sejam esses seres marcados. – Satisfaçam a todos, não quero ninguém em Nelônia insatisfeito.

Seria perigoso demais me revelar ao Príncipe Infernal, aliás, já é arriscado demais eu estar nesse lugar, mas preciso saber o que esses Nephilim são. Assim me distancio ainda mais deles seguindo por um corredor iluminado por tochas. Bem no final do corredor há uma janela e um homem alto parado na frente dela, as correntes metálicas deslizam pelos seus músculos. Me aproximo ainda mais da escuridão e quando uma breve luz bate no humano revela a sua marca em seu pulso.

- Meu nome é Loras, mais conhecido como cavalo branco. – A sua voz soa tão tentadora como a de Gadrae. Me pergunto o que ele quis disser com sua fala, mas decido não prestar atenção nesses detalhes. – Um soldado do exército é sempre bem-vindo, por gentileza me siga se assim desejar!

As correntes balançam emitindo um barulho irritante e prefiro focar no barulho do que no seu corpo quase que totalmente descoberto. Não falo nada e apenas adentro no quarto do homem, para ele deve ser normal isso acontecer. O ser dá as costas e prossegue até uma mesa onde manuseia uma jarra de vinho.

- Você não fala muito. – Ele exclama. – Gosto dos silenciosos.

- Eu também. – Sussurro.

Antes que ele possa reagir deslizo minhas mãos pela sua cabeça o que o homem pensa ser um gesto carinhoso. Em instantes ele adormece e é levado pela minha voz. Sinto minhas palmas queimarem, mas mesmo assim resisto a dor.

Sou guiado pelas suas memórias mais sombrias, sinto a angustia do ser, toda a sua dor, fúria e o desejo perverso por sangue. Enfim chego no ponto onde desejo. Nunca havia conseguido ir tão longe assim, mas presencio uma memória desde o seu nascimento. Uma mulher com cabelos loiros parindo a criança em uma cabana escura. No momento em que ela pega o bebê em seus braços repara nos seus olhos queimando como o fogo que logo após se apaga. A mulher assustasse com o acontecido, veste a sua roupa e prossegue para fora da cabana abandonando a criança.

- Saia da minha cabeça, Anjo maldito. – O garoto exclama aos sussurros.

- Sinto muito. – Digo a ele.

- Não tenha pena de mim, pois, irei matá-lo. – Seus olhos queimam nas brasas mais ardentes, mas não temo.

A cabana está vazia e o bebê lá dentro começa a chorar, entretanto, logo para quando o Príncipe surge. Gadrae sorri quando avista a criança e logo pega em seu colo, ele passa sua mão pela face do humano. Não compreendo o que ele está sentindo, se é amor ou sentimento de conquista. Talvez seja uma mistura doentia dos dois.

- Meu filho, meu Nephilim! – Quando ele exclama isso sinto um baque em meu corpo. – Você terá um longo futuro por essas terras, leve escuridão a essas pobres criaturas. Faça de suas vidas um verdadeiro caos. Não me decepcione.

Seus sussurros fazem todo o meu corpo arrepiar e então logo saio da mente do Nephilim. Quando isso acontece o faço adormecer no sono mais profundo, mas creio que logo ele voltará. Possui uma grande força assim como aquele que me enfrentou, porém nesse vejo mais que escuridão, há uma pequena luz escondida em sua alma.

Levanto-me e me aproximo da janela, sinto o ar frio bater em minha face. Já tinha conhecimento do relacionamento de Anjos com humanas, no entanto, não sabia sobre os seres nascidos dessa relação chamados de Nephilim. Sinto como se todo o meu mundo desmoronasse nesse instante. Tenho fortes convicções que as Divindades sabiam desse acontecido e para nós nada foi revelado. Por que fazer isso? Não compreendo tais atitudes e isso me deixa revoltado com sentimentos que não desejo possuir.

Analiso o Nephilim caído a minha frente no meio dos lençóis. Ele é praticamente um humano, mas há uma parte que o faz diferente, aquela herdada do Príncipe Infernal. Uma escuridão profunda que o faz ter sentimentos ainda mais cruéis e que lhe dá uma força superior aos seres humanos. Eles podem ver através do véu e lutar contra os Anjos, creio ser uma raça poderosa e que não poderia ter passado despercebida de nós após tanto tempo e creio que nem tenha, pelo menos não de todos.

- Pelos céus abram essa porta. – Uma mulher do outro lado exclama.

Abro a porta e fico atrás dela escondendo o meu rosto assim como os meus cabelos. A mulher mais de idade e com o mesmo símbolo dos Nephilim fica parada em frente à porta, me pergunto se ela irá me atacar então já posiciono minha mão

no cinto de armas. No entanto, ela me surpreende quando começa a rir mostrando estar embriagada.

- Oh! Filho, você deu uma boa lição em Loras.

Passo por ela rapidamente enquanto continua a rir do outro lado do corredor. Minha cabeça assim como todo o meu corpo está doendo, preciso sair desse local imediatamente. É muita coisa para somente um dia. Após todas essas descobertas tenho certeza que preciso retornar a Empíreo. Imagino como Fariseu e Ramona irão ficar quando souberem de tudo, creio que nem mesmo eles saibam.

Passo pelo corredor apressadamente até parar imediatamente quando avisto Alexander Solares. Ele está deitado em cima de peles de animais que decoram o lugar. Os seus cabelos ruivos soltos, o seu olhar esverdeado agora assume um tom mais obscuro e creio que ele tenha se rendido de vez aos encantos da escuridão.

- Meu Rei! – Gadrae sussurra em seu ouvido.

No mesmo instante das palavras ditas já sei perfeitamente o que aconteceu. Gadrae influenciou o Príncipe a matar o seu irmão o que já era um desejo escondido. Me pergunto se o Príncipe sabe que estivemos aqui, mas creio que não.

- Meu conselheiro predileto. – Alexander diz.

- Já sabe quais serão as suas decisões? – O Príncipe questiona.

- Me aliar a Mormeu. – As palavras do Rei me surpreendem, por um momento me pergunto como isso seria possível e como ele é um ser desprezível por largar a sua futura mulher, Léia não merece tal traição.

- Isso deixa as coisas ainda mais excitantes. – Gadrae sussurra.

O Príncipe completamente nu sobe em cima de Alexander e o envolve em seus beijos. Realmente agora vejo que Solares não é o marido apropriado para Léia, ele gosta dela, mas prefere o poder e isso me deixa em fúria. Poderia agora cravar minha espada em Gadrae e a adaga no peito de Solares, mas não seria uma atitude sábia.

- A pobre inocência, não temos espaço para ela. – Uma bela mulher vestindo um traje vermelho e com joias de serpente exclama.

No canto oposto está um grupo de mulheres, entre a sua maioria elas levam uma marca em suas costas. Os Anjos Caídos. A maioria desses seres estão em um estado deplorável caminhando pela terra, mas pelo visto agora os Príncipes Infernais decidiram unir toda a sua tropa e é claro que eles não recusariam tal aliança.

- Algum problema Alanaor? – Gadrae questiona.

- Esse pobre homem. – A mulher passa seu anel pela face do homem que está paralisado como se estivesse hipnotizado. – Se recusa a assassinar a sua família para se dedicar completamente a nós, esses sentimentos não fazem bem a nossa causa.

- Eu... – O humano não consegue falar uma frase completa.

- Cale-se, pobre criatura. – Gadrae fala com desprezo e após ergue seu braço acenando para Alanaor.- Não necessitamos da sua ajuda.

- Ele é fraco. – Alexander balança a cabeça.

- Não irei tolerar sentimentos de compaixão entre nós. – A mulher sussurra no ouvido do homem. – Você não tem coragem para oferecer sacrifícios então não é útil para Nelônia. Adeus, meu senhor!

O Anjo caído corta a garganta do homem com a faca e empurra seu corpo que adentra na banheira misturando o sangue com a água. Todos presentes riem do acontecido e isso parte o meu coração, sua crueldade é algo que não tem salvação. Reflito sobre o que pode acontecer com Léia agora que Alexander está nesse estado caótico, um sentimento de angustia por ela cresce dentro de mim. Não posso permitir isso.

Saio de Nelônia o mais rápido que posso, viro para trás e espero que seja a última vez que aviste esse salão. Voo pela escuridão até o topo de uma construção e observo o reino iluminado pela luz da lua. Sinto que os Príncipes estão cada vez mais próximos de conquistarem aquilo que almejam e isso me preocupa. Eles movimentam essa guerra entre os humanos que só terminará de uma forma, pelo caos. Se eu retornar a Empíreo agora sei que eles podem me prender lá e impedir a minha volta à Terra. Se não partir eu não terei as respostas que desejo ter e nesse momento preciso de uma luz divina.

Levanto-me e Sussuro:

- Empíreo, abram o portal.

Sou levado pela luz e nesse instante me sinto em paz.

Temo que a minha missão não seja finalizada como desejo, mas são riscos que tenho que passar. O julgamento talvez seja o que mais me assuste. Somente o pensamento de ser banido de Empíreo já faz o meu corpo adoecer, isso acabaria comigo e creio que nunca mais poderia prosseguir, seria o meu fim!

Capítulo XVII

Quais são os seus crimes?



Empíreo continua com a mesma beleza, mas o clima tenso ainda paira no ar. O julgamento de Armênica deve ter ocorrido há pouco tempo. Com certeza o Anjo perdeu as suas asas e foi expulso de Empíreo. Agora me questiono se essa é a melhor forma de se julgar aqueles que cometem um crime, afinal os Príncipes estão recrutando os Anjos Caídos assim como os seus “filhos”, só de pensar o meu estomago embrulha. A questão é que eles continuarão a caminhar livremente pela Terra, antes poderia não apresentar um grande risco, mas no momento é algo óbvio de se pensar.

Do outro lado Fariseu caminha apressadamente. Volta a usar sua camiseta amarela que leva as marcas de sujeiras. Pelo menos quando ele me braça as suas mãos estão limpas. Me afasto delicadamente dele e lanço um sorriso que é retribuído, mas é inevitável Fariseu não estar preocupado com o meu atual estado.

- Finalmente retornou. – Ele exclama. – Pensei que havia acontecido algo na Terra que o tivesse matado, pelo santo divino nem posso imaginar isso. – Fariseu suspira.

- Não foram poucas as coisas que poderiam ter levado ao meu fim. – No momento em que falo tento utilizar do humor, mas o tom aflito aparece. – Finalmente retornei em um bom estado, pelo menos fisicamente.

É inevitável não pensar naqueles que ficaram na Terra, no entanto nesse momento desejo aproveitar Empíreo. Aqui sinto tranquilidade, mas sei que é por pouco tempo.

Fariseu pega a minha adaga e analisa o sangue nela, os seus olhos brilham mais que os seus cachos no sol. Não estaria sorrindo por ter que utilizá-la, mas para ele como construtor deve ser realmente bom ver alguém utilizar aquilo que demorou longo tempo de sua existência para ser finalizado.

- Suponho que as coisas na Terra não tenham melhorado. – Fariseu fala e apenas aceno com a cabeça. – Às vezes penso que poderia ter evitado tudo isso.

Pouso a mão em seu ombro e o meu olhar no seu.

- Não diga isso, meu amigo. – Digo a ele. – Nós não somos culpados disso, quem começou tudo isso foram os Príncipes Infernais. Armênica foi apenas uma cúmplice e acredito que já tenha sido julgada.

- Sim, eles a baniram. – Fariseu expressa um pouco de raiva no falar. – Antes de partir até mesmo fez insinuações contra mim... – Sua voz falha. – Mas, nada que deva a minha atenção, agora há assuntos mais importantes a tratar.

- Infelizmente sim. – Exclamo.

Me sento na beirada da estrada do Portal e observo a floresta e mais além o palácio dos Arcanjos e temo por ter que entrar lá mais uma vez. Certamente devem estar furiosos com a minha atitude um tanto “rebelde”, não posso os julgar por isso.

- Soube algo dos Arcanjos em relação a mim? – Questiono.

- Algumas coisas. – Fariseu não me olha nos olhos e isso é preocupante. – Como deve imaginar eles não ficaram contentes por você ter ficado na Terra sem as suas ordens, e dizem também que você pode ter infringido algumas regras.

Sim eu infringi muitas regras e nesse momento nem paro para pensar afinal não iria conseguir conta-las e nem pretendo. A questão é que para tudo teve um objetivo, quase minha missão inteira foi pensada. Infelizmente havia algumas pedras pelo meu caminho que me desviaram do trajeto, mas me mostraram outro.

- Você está preocupado. – Fariseu me observa bem. – Não fique, sei que você não cometeu nada de tão grave.

- Não apostaria nisso. – Falo e abaixo minha cabeça. – Eu apresentei minha imagem a uma humana e posso ter interferido no seu destino. Não era qualquer humana, a garota era a bruxa, Léia Vareon.

Sinto a respiração do meu amigo se tornar ofegante e observo a sua face, seus olhos estão arregalados, com a sua ferramenta ele bate em sua mão enquanto reflete.

- Essas coisas são perigosas. – Ele enfim me encara. – Só espero que você não tenha se envolvido com ela, sabe como... deixa para lá.

- Oh! Pelo santo Divino. – Exclamo e pouso minhas mãos no colo. – Isso nunca iria acontecer, nem mesmo passou pela minha mente. Aliás sou contra isso.

- Desculpe se te ofendi. – Fariseu recua.

- Não. – Respondo rapidamente. – Está tudo bem. Compreendo que são muitas questões a responder, mas o que deve saber é que estava lá para completar a minha missão e livrar os humanos dos Príncipes Infernais. Somente isso.

Julgo que esteja me enganando, no entanto é o que devo pensar.

- Será que eles podem ser livrados dos Príncipes? – Fariseu mostra a sua esperança quase que completamente destruída. – Mesmo no submundo eles conseguiam agir através da escuridão, agora que estão junto dos seres creio que não seja possível uma salvação. O mundo deles irá queimar!

Se já estava preocupado antes Fariseu acaba por me enterrar em preocupações.

- Se os Príncipes forem destruídos tudo se resolvera. – Tento soar confiante. – A guerra que eles tanto manipularam irá se dissolver. Isso se os Anjos ajudarem.

Ergo minha cabeça para avistar mais ao longe. As grandes asas se debatem em cima da floresta até que Ramona esteja voando acima de nós. Ela pousa delicadamente no solo e fecha as suas asas. Caminha em minha direção. Levanto-me e vou de encontro, logo ela coloca as mãos nos meus ombros e o seu olhar brilha.

- Eu estou bem. – Tento soar confiante.

- Não, você não está. – Ramona exclama com ferocidade.

Suas mãos se distanciam do meu corpo e sinto muito por tê-la desapontado, nunca foi essa minha intenção. Posso ser um guerreiro da Legião Divina, mas mesmo assim devo seguir pelo aquilo que acredito.

- Está satisfeito? – Ramona Exclama.

- Não. – Respondo. – Há muita coisa para se fazer.

- Pelo santo Divino, Eliel. – A guerreira se afasta e treme de nervosismo. – Pensei que essa seria a sua missão final. Deixei você na Terra com essa esperança.

- Acontece que muitas coisas mudaram pelo caminho. – Digo aos dois. – Se os Príncipes tivessem sido destruídos nada disso teria acontecido como por exemplo a raça dos seus filhos. Aqueles criados do Anjo e de um humano, os Nephilim.

- O que? – Fariseu espanta-se. – Outra nova raça? Não posso crer, já não bastava aquela bruxa agora me aparece mais isso. – O anjo suspira.

- Eles não são novos. – Explico. – Muitas dessas crianças nasceram após a segunda revolta e já andavam sobre a Terra. Infelizmente não tive conhecimento disso, somente fui saber porque fui a Solares e visitei o salão dos Anjos Caídos. Lá estava Gadrae e os Nephilim, seus filhos.

Fariseu é o único a ficar surpreso diante dos fatos. Ramona apenas fica a me observar com um olhar mais frio e compreendo o que está acontecendo. Me aproximo dela e fico a pouca distância, meu olhar pousado no seu.

- Você já sabia. – Digo.

- Sim eu já sabia. – Ramona responde com tranquilidade. – Na verdade, nós os líderes ficamos sabendo pouco depois do término da segunda revolta. Esse conhecimento ficou apenas restrito a um grupo seletivo de Anjos que decidiu seguir em frente afinal esses seres não possuíam culpa por serem gerados por uma relação maligna como aquela.

Sei exatamente que eles não possuem culpa por terem nascido assim, mas todos correram riscos ao deixar essa raça viva. Vi na alma de um deles o quanto podem ser perigosos, mas por mais que leve isso em conta eles ainda possuem uma parcela humana em suas almas e o sentimento bom pode predominar se assim lutarem.

Viro para o lado e sinto o vento bater em meus cabelos.

- Você não contou isso a mim. – Digo a Ramona.

- Não podia. – Entendo a guerreira. – Você poderia ter ficado ciente se tivesse aceitado o posto de líder da Legião Divina.

Agora sinto como se a culpa fosse jogada em minhas costas, mas a nossa existência é feita pelas nossas escolhas e não me arrependo das minhas. Creio que tudo tenha acontecido por um motivo.

- Isso é um tanto perturbador. – Fariseu diz. – Compreendo o porquê de terem mantido em segredo essa nova raça. No entanto, agora chegou o momento de revelar o conhecimento disso a todos porque pelo jeito que Eliel está agindo agora representa perigo real não somente para os humanos.

- Um perigo avassalador. – Exclamo em um tom baixo. – Se não agirmos a Terra será destruída pelas mãos dos Príncipes, dos Anjos Caídos e dos Nephilins.

- E também dos humanos. – Ramona complementa.

Olho para a sua face fria. Sei quantos Anjos próximos em guerra ela perdeu, mas também perdi aqueles que era próximo. No entanto, escolhi outro lado para seguir. Ramona com todo o conhecimento sobre os humanos decidiu não ter mais esperanças neles e sei o quanto isso é difícil, mas se não persistirmos ninguém irá.

- Eliel. – Ramona para a minha frente. – Os Arcanjos souberam da sua volta, eles desejam que você se apresente no palácio imediatamente.

- Já esperava por isso. – Digo. – Serei julgado.

- Eles não podem. – Fariseu sente que coisas ruins podem acontecer. – Vou junto, se eles te punirem também serei punido. Tenho minha parcela de culpa.

Aproximo-me do Anjo e coloco minhas mãos em seu ombro.

- Fariseu. – Exclamo. – Isso é um assunto que eu devo resolver, se precisar da ajuda de alguém será o primeiro que irei chamar, mas por momento preciso que fique aqui. – Seguro forte ele. - Por favor não conteste a ordem dos Arcanjos, eles ainda estão observando você e não pode dar mais um passo em falso.

O meu amigo sente muito, consigo ver somente pelo seu olhar e por mais que suas intenções sejam puras não posso deixar ele se arriscar nesse momento pelas minhas ações. Então ele acena para que eu prossiga. Abro as minhas asas e voou ao lado de Ramona rumo ao palácio. O meu corpo todo dói nesse momento e o sentimento de incerteza me rondava. Temo quais palavras terei que ouvir e se for impedido de ir a Terra novamente terei que agir contra a vontade deles e dessa vez não terá mais volta. Tudo seria perfeito se me deixassem livre, porém penso que não será tão fácil assim.

Pousamos na frente do palácio e logo as portas abrem-se. No mesmo instante que adentro no salão o frio fica mais intenso, mesmo com as tochas acesas não consigo me esquentar. Tento observar o brilho das estrelas e pensar em algo positivo, porém só consigo pensar na palavra julgamento. Percorro pelo corredor até parar em frente aos Tronos onde neles os Arcanjos estão sentados. As suas expressões quando me avistam mudam brutalmente. Novamente tenho que desviar minha atenção de Parma e Datanea para apenas focar em Atroia que continua com o seu ar sereno e talvez ela seja a minha luz salvadora. As suas mãos deslizam pelo trono e a angústia cresce.

- Anjo Eliel, enfim retornou. – Atroia é quem fala. – Soubemos que partiu em uma missão sem a nossa permissão com o objetivo de acabar com a guerra na Terra.

Ao lado Parma lança uma pequena risada, apenas abaixa a cabeça.

- Arcanjos. – Exclamo. – Eu precisava saber o plano dos Príncipes Infernais, também desejei mostrar um caminho melhor a bruxa Léia Vareon. Nenhum dos humanos é culpado pelas atrocidades que veem acontecendo, eles não merecem sofrer por isso.

Datanea alisa os seus cabelos ruivos e levanta-se do trono. Diminui e assume a forma de um Anjo, caminha com o cálice em sua mão enquanto me observa.

- Você cometeu crimes, Anjo Eliel. – Sua voz arrepia meu corpo. – Interferiu em uma vida humana que pode desviar ela do seu caminho natural. Se envolveu demais com os humanos e os seus problemas. – Quando ela diz “seus problemas” minha garganta coça, mas fico em silêncio. – Foi contra a nossa ordem.

- Apenas desejei fazer o melhor, como Anjo da Guarda Real e guerreiro da Legião Divina. – Sou totalmente sincero. – Pensei que ao mostrar um caminho da luz a humana poderia salvar as vidas humanas e parar a matança dos Príncipes.

- Seu pensamento não era ruim, meu Anjo. – Atroia exclama no seu jeito suave. – O que aconteceu foi que você agiu errado para conseguir completar uma missão. Nós já havíamos comunicados que decisões seriam tomadas após o julgamento de Armênica.

Pouso minhas mãos no colo e me aproximo delicadamente. Suspiro e falo:

- Sei que cometi muitos erros. – Encaro todos os Arcanjos. – Alguns podem até mesmo ser imperdoáveis, mas agi segundo aquilo que acreditava. Todos em Empíreo parecem ter perdido a fé na raça humana, mas eu não. Sei que se o ajudarmos nesse momento o futuro pode ser melhor para eles. Apenas peço perdão pelos meus erros.

Os Arcanjos trocam olhares entre si e não consigo ler o que significa. Enfim Datanea e Atroia assumem a sua forma de Anjo e se aproximam de mim. Fico posicionado eretamente pronto para ser punido pelos meus atos.

- Foram muitos erros, meu Anjo. – Atroia exclama. – Mas, ainda assim você continua conosco, é um dos nossos melhores Anjos. Tanto como guerreiro da Legião ou protetor da Guarda Real. Não podemos simplesmente esquecer o que você fez por causa desse erro que visto por um lado é totalmente compreensível. Só esperamos que isso não se repita mais uma vez ou sofrerá as consequências.

Não consigo evitar um sorriso percorrer pela minha face, é algo espontâneo. Depois de tudo que presenciei e pensei não poderia imaginar terminar dessa forma. Sinto-me totalmente contente por permanecer em Empíreo e que eles

me admirem mesmo com os meus erros cometidos. Penso que talvez alguns tenham compreendido o real sentido.

Ramona olha para mim e acena com um sorriso.

- Você ajudou ele nessa missão. – Datanea passa a mão nos cabelos de Ramona que fica parada no local. – O aviso serve para você também, Líder Ramona.

- Compreendido, Arcanjo. – Ramona coloca a mão no peito.

Atroia se aproxima ainda mais de mim, vejo o detalhe das ondulações de seu cabelo loiro e também a sua suave pele clara. O Arcanjo que me sinto mais próximo e que também creio que é o que me entende melhor.

- Teremos uma reunião para você revelar a nós tudo o que descobriu sobre os Príncipes Infernais. – Atroia exclama. – Eles estão encobertos pela escuridão ficamos cegos na Terra e você será a nossa visão sobre eles. Chegou o momento de agir.

Era isso que eu esperava ouvir e talvez tenha me precipitado mesmo, no entanto, nada posso mudar e apenas devo seguir em frente com a minha missão. Encho o meu peito com toda a felicidade e viro de costas prosseguindo pelo corredor.

- Espere. – Datanea me chama e sinto um calafrio. – Ramona deve voltar para o seu complexo enquanto você Anjo Eliel deverá ficar no palácio por hoje.

Talvez nem tudo tenha dado certo e nesse instante temo. Apenas me viro e aceno para Ramona prosseguir, agora estou mais tranquilo desde que entrei. A guerreira prossegue pela saída e logo as portas são fechadas somente restando nós.

Capítulo XVIII

O Divino.



Abandono as vestes humanas e me visto como um guerreiro da Legião Divina. Ao observar meu reflexo e me ver na armadura dourada demonstro um leve sorriso. Antes temia vesti-la, mas agora vejo que é apenas uma vestimenta. Posso estar vestido como um humano, porém o que importa é o que carrego em minha alma e nela eu tenho certeza do que sou, por mais que os sentimentos se embaralhem as vezes.

No momento abandono as armas e círculo livremente pelo palácio dos Arcanjos. O lugar é belo ainda mais pela parte da manhã quando o sol adentra pelas grandes janelas espelhadas emitindo um brilho intenso. No local circulam alguns guardas, alguns me cumprimentam quando passo já outros nem me olham. Prossigo até chegar no salão principal onde os Arcanjos estão em volta de uma mesa repleta pelas frutas mais saborosas da galáxia. Nesse instante me vejo pensando naquelas pessoas na Terra que não possuem mais alimento e aqueles que tem estão em um estado deplorável.

Atroia se aproxima de mim, como uma maçã na mão e me entrega. Por mais que não esteja com fome pego o alimento que parece estar saboroso.

- Será que Armênica não envenenou antes de partir? – Lanço o questionamento e pela primeira vez vejo os Arcanjos demonstrarem um leve riso.

- Não meu Anjo. – Atroia sorri e percorre em volta da mesa. – Nos certificamos de cada canto da floresta e nada foi afetado, felizmente.

- Ótimo. – Digo.

Armênica possuía um dos pontos mais altos de Empíreo, era uma protetora de um ambiente sagrado para nós seres celestiais. Isso só reflete o quanto os

Príncipes Infernais podem persuadir um ser, se eles já conseguem isso com um ser celestial não gosto nem de imaginar o que conseguiriam fazer com os humanos, se bem que já possuo essa resposta.

Já lutei batalhas ao lado dos Arcanjos, mas nada me preparou para ficar sozinho no mesmo ambiente que eles. Por um momento fico em silêncio e então decido comer a minha fruta, a primeira mordida é tentadora. O alimento é ainda mais saboroso quanto pensava, me lembra aqueles que nascem perto da moradia de Fariseu.

- Desculpe atrapalhar a refeição, mas gostaria de perguntar algo. – Falo com toda a minha delicadeza. – Por que eu tive que passar a noite no palácio?

- Parece que o Anjo tem algo para reclamar de nossas instalações. – Os olhos de Datanea pousam em mim..

Minha garganta coça e volto a dar mais uma mordida em minha maçã.

- Não tema. – Enfim noto um sorriso em Datanea. – Também gosto de um tom humorístico, mas somente as vezes. – Ela pisca para mim.

- Oh! – Respiro profundamente. – Tudo bem.

Por um momento pensei que tivesse feito algo errado e que seria jogado para fora do palácio, mas felizmente os Arcanjos também gostam do humor embora nunca tenha pensado nisso. Passam quase o tempo todo dentro do Palácio, algumas vezes partem em missão para lugares que para nós Anjos são desconhecidos. Tenho esses questionamentos, mas no momento decido guardar somente para mim.

- Trajado na sua armadura da Legião Divina. – Atroia me observa dos pés à cabeça e sorrio com o canto dos lábios. – Perfeito, agora já está preparado para conhece-lo.

- Desculpe. – Exclamo. – Conhecer quem?

Os Arcanjos trocam olhares e minhas pernas balançam.

- O Divino. – Parma me responde com um olhar de canto.

Nesse momento sinto o chão se dissolver e me sinto caindo no rio sem fim, mas não sinto angustia por isso, apenas um sentimento de felicidade e entusiasmo. Quase nenhum Anjo tem permissão para adentrar no palácio das Divindades e sempre me imaginei lá dentro, tanto que ficava a observar com Ramona. Isso é mais do que eu esperava receber, na verdade não esperava nada de bom após meus últimos atos.

Levanto e quase derrubo uma bandeja de uvas.

- Perdão. – Exclamo.

- Vá com calma, meu Anjo. – Atroia diz para mim. – Tente manter o equilíbrio afinal isso é algo que poucos recebem. Terá a honra de conhecer um deles.

- Irei ficar mais calmo. – Tento controlar o sorriso, mas é inevitável. – Quando isso irá acontecer? Hoje? Agora?

- Você deve partir. – Datanea me responde. – O Divino já aguarda sua visita.

Por mais que eu tenha pensado nesse momento diversas vezes agora que irá acontecer me sinto completamente perdido. Terei que prosseguir sozinho, penso se eu falar alguma coisa errada ou me comportar de um jeito estranho e o Divino não gostar da minha presença. Se cometer algum erro lembrarei eternamente do momento. Minha cabeça dói por tantos pensamentos circularem nela nesse instante.

Saio do palácio o mais rápido que posso. Já nos degraus abro as minhas asas e voo por Empíreo. Nunca voei com tanto entusiasmo em minha existência, bato as minhas asas com toda a minha força para chegar o quanto antes, mas ao mesmo momento desejo que demore para conseguir pensar no que posso e o que não devo falar. Enfim pouso na estrada de vidro que liga uma parte de Empíreo ao local das Divindades. Agora avisto as enormes estatuas de perto e sua beleza é magnífica. Prossigo pela ponte que emite suas ondas de luzes que se assemelham aos raios. Conforme me aproximo começo a ver melhor o palácio entre as nuvens. Por fim atravesso uma neblina e paro no mesmo instante, olho para trás e avisto Empíreo, sorrio, prossigo.

- Pelo santo Divino! – Exclamo.

Piso em pedras brancas que decoram todo o ambiente. Prossigo por uma pequena estrada e em volta do local uma água cristalina percorre. Piso nos primeiros degraus de uma longa escadaria e começo a subir, quanto mais subo o sentimento de entusiasmo vai crescendo. Em cada degrau da escadaria há a estátua de um Anjo, pelas expressões em suas faces reconheço alguns dos mais importantes, os nossos melhores guerreiros. Outros não faço ideia de quem sejam, mas com certeza devem ser seres muito importantes para estarem na decoração de um ambiente tão sagrado como esse.

Chego ao último degrau e me posiciono na frente da enorme entrada. Os pilares são belos e também esculpidos com acontecimentos que marcaram a nossa existência, em volta deles há pequenos galhos com folhas extremamente verdes

que se enrolam. Prossigo pelo ambiente e passo por enormes taças que carregam um fogo azulado, o mais bonito que já vi. Admiro sua beleza por um tempo, mas então percebo que não devo me distrair, porém é quase impossível devido à grandiosidade de tudo.

Andejo até parar em um local onde há duas saídas, mas encontro qual devo seguir. Desço os degraus da escadaria e ando em volta de uma enorme fonte. Nela algumas pombas ficam, suas penas tão brancas como a neve de Vareon. Passo a mão pelo mármore e paro quando o encontro. O Divino está posicionado de costas para mim, nesse instante paraliso e não sei como devo prosseguir.

- Não tema. – Sua voz soa serena. – Se aproxime, Anjo.

Caminho até estar próximo da beirada e embaixo de um teto decorado por folhas, o lugar me traz uma paz infinita. Do outro lado consigo avistar toda Empíreo, jamais iria pensar que eles teriam essa vista de nós. Talvez seja uma das mais belas que já vi em toda a minha vida, por um momento esqueço do Divino e fico a observar aquilo que posso ver quem sabe somente essa vez.

O Divino vira-se e o encaro pela primeira vez. Suas vestimentas levam o tom branco, apenas com um pano dourado que transpassa pela metade do seu peito. Possui uma barba acinzentada e olhos tão azuis quanto o céu de Empíreo. Um dia pensei que sua imagem seria completamente diferente, mas agora vejo que não é tão diferente de nós, afinal fomos criados pela sua semelhança.

- Divino.

Coloco a mão no peito e me abaixo, quando retorno encontro a Divindade sorrindo para mim, algo que me alegra profundamente. Minhas mãos tremem e então pouso elas atrás de minha cintura cruzadas uma na outra para que não tremam mais.

- Anjo Eliel. - Ele exclama. – Me recordo da face de todos aqueles que criei, mas me lembro em especial de você. O Ato corajoso durante a segunda revolta ao atacar Lúcio um dos meus antigos filhos. Poucos teriam a mesma coragem.

- Somente fiz o que era necessário. – Digo.

- Nem todos conseguem fazer o que é necessário. – O Divino diz e então me questiona. - E o que você acha que é necessário fazer agora?

A pergunta me pega totalmente desprevenido. Penso se devo realmente dizer a ele a verdade que sinto e talvez isso torne as coisas perigosas, mas é o certo a se fazer, além disso creio que o Divino já tenha essa resposta e apenas queira

ouvir de mim. Coloco minha mão no pequeno muro e pouso meu olhar no seu, com cautela.

- Agir na Terra. – Respondo. – Usar os Anjos da Guarda para tentar afastar aquelas pessoas da guerra travada pelos Príncipes e salvar as suas almas. Após devemos agir e exterminar de vez com os Príncipes Infernais para que não voltem mais a atormentar a vida de qualquer outro ser.

- Pensa que isso salvaria a alma humana? – Ele me questiona mais uma vez.

- Não. – Digo com total sinceridade. – Sei perfeitamente que eles já levam uma parte sombria em suas almas e pelo ambiente em que vivem é difícil mudar, mas há aqueles que escolhem outro caminho a seguir. Não acho que todos deveriam pagar o mesmo preço, sei que há pessoas inocentes naquelas terras.

Uma pomba pousa na mão do Divino, ele alisa sua cabeça com carinho. Após ergue sua mão e empurra a pomba para que ela voe livremente pelo céu de Empíreo.

- Todos foram criados por nós com o livre-arbítrio. – O Divino exclama. – Uma existência baseada em escolhas que mostrarão se você é digno ou não. Sem saber o seu futuro os seres mostram a sua verdadeira face. Todos possuem um propósito e muitos só descobrem quando estão no final.

O meu propósito, sei qual é ele, mas agora me pergunto se descobri tarde demais e que talvez esteja me aproximando do meu fim. Seja qual for o meu futuro agora não o temo mais afinal como o Divino disse que nós somos livres e nossas escolhas nos definem. Espero que as minhas sejam dignas, embora muitas são contestáveis.

- Primeiramente foram criados os primeiros homens.

Notórios, o nome da divindade exclama em minha cabeça. Penso onde estão as outras duas, mas no momento aprecio a sua companhia que é de uma bela paz. Caminhamos em volta do palácio avistando as diversas paisagens de Empíreo.

- Nesse momento as verdadeiras faces se revelaram. – Notórios prossegue. – Três de nós foram corrompidos. Após criamos vocês com o objetivo de orientar os novos humanos e creio que tenha sido o nosso maior acerto. Infelizmente a cobiça pelo poder supremo corrompeu alguns da sua raça.

- Sinto muito. – Digo.

- Não precisa, meu Anjo. – Ele passa toda sua serenidade com um olhar. – Já imaginávamos que isso poderia acontecer, mas o motivo da sua criação era maior do que um possível erro. Mesmo com tantos atos ruins ainda encontramos a luz em vocês. Hoje toda essa galáxia é repleta pelos seres mais interessantes,

mesmo com tantos erros ainda avisto a beleza da sua existência. As linhas da vida que ligam uma a uma.

Suspiro.

- Penso o mesmo. – Exclamo com um sorriso em minha face. – Ainda vejo a beleza nos seres humanos e creio que possam ser salvos. Sei que não podemos mais mudar eles e que continuarão a carregar aquilo que os Príncipes mostraram as suas almas, mas acredito que possamos os aproximar da luz.

- Isso o torna especial, Eliel. – Notórios diz a mim. – Muitos Anjos de Empíreo já perderam a fé nos seres humanos, mas você ainda permanece com ela. Por isso o chamei aqui porque você é especial meu Anjo.

- Essas palavras significam muito para mim. – Digo.

Avisto Empíreo e uma lágrima desce pela minha face. Há pouco tempo estava caminhando por terras humanas com sentimentos extremamente negativos pensando no meu julgamento e agora estou ao lado da Divindade. Foram diversos erros, mas sei que ele ainda acredita em mim, assim como acredito nos seres humanos.

- Às vezes temo o que meu futuro me aguarda. – Suspiro. – Sei que muitas decisões podem soar erradas, mas eu as movo segundo o meu coração ordena.

- Continue assim. – Notórios diz. – Mas, tome cuidado porque a Terra apresenta diversos perigos que podem interferir nas suas almas, porém sei que fará o que é o certo. Apenas não tente pensar muito no seu futuro, as linhas podem mudar, mas chegam a um lugar. Algumas vezes nos satisfazem já outras nem tanto.

- Obrigado pelo conselho, Divino! – Exclamo.

Não pensar no futuro é algo difícil de se fazer. Ele irá nos dizer onde iremos estar e isso é o que quase todo ser deseja saber, principalmente os humanos. Em muitas vezes pensamos que ao cometer tal ato pode haver aquele resultado lá na frente, mas a verdade é que não sabemos realmente onde as coisas irão acabar.

Paramos em frente a um belíssimo local. Lá embaixo há um mar e em cima dele pequenos pontos de luzes brilham, quando a Divindade levanta a mão elas se espalham pelo céu. Muitos pontos se apagam, já outros surgem.

- Nós sabemos de tudo que acontece, meu Anjo. – Ele exclama. – Não podemos interferir naquilo que deve acontecer, qualquer interferência direta nossa poderia causar um caos maior, pois, há coisas que vocês nunca irão compreender. Isso não quer dizer que não sentimos porque a cada vida que se desvia para a escuridão nós sentimos a dor. Nem tudo pode ser controlado, principalmente uma vida.

- Então... – Penso se devo falar e prossigo. – O surgimento de novas raças como os Nephilins e os humanos com poderes era algo que deveria acontecer? Não deveríamos interromper a sua existência mesmo que apresentem perigo?

O Divino me observa com atenção.

- O Perigo é relativo. – Ele diz. – Não sabemos quem o trará, as vezes o perigo pode ser representado de diversas formas para cada ser. A questão é que tudo pode carregar um pouco de perigo e devemos tomar cuidado com isso.

Notórios prossegue pelo corredor e caminho ao seu lado.

- A questão da existência. – Noto um sorriso em sua face. – Até mesmo aquela mais sombria possui a sua beleza. Sei que os Nephilins podem representar uma ameaça, assim como os Bruxos. Mas, haverá um tempo que qualquer diferença será derrubada para que todos possam se ver como iguais. Por mais que aja diferença vocês ainda são nossos semelhantes, não importa se foram criados por nós afinal tudo começou pelas nossas mãos. – Sua mão pousa no meu ombro. – Aqueles que são diferentes sempre serão perseguidos, mas isso não quer dizer que representem o mal verdadeiro. Eles servirão para mostrar a todos a sua verdadeira face.

Quando sua mão se distância de mim caio em um mar de questionamentos. Toda a sua orientação, a Divindade sabe o que irá acontecer. Talvez eu compreenda o que suas palavras querem dizer, já algumas coisas se tornam confusas. Possivelmente só entenderei o seu sentido quando as coisas acontecerem.

- Então não tema meu Anjo. – Ele diz. – As coisas irão acontecer porque devem acontecer. Você pode mudar muitos caminhos, mas no final eles se encontrarão na mesma estrada que estavam destinados a se encontrar. As vidas são como um grande mar sem direção, porém se você nadar encontrará algo no fim. Esse mar é perigoso, mas nele há a sua beleza.

- Penso que compreendi. – Digo a Divindade.

- Você irá compreender, pode não ser hoje. – O sorriso surge em sua face. – Nem mesmo amanhã ou nem mesmo séculos depois, mas um dia irá. Espero que quando nos reencontrarmos meu Anjo você ainda continue com essa alma que avisto. Cuide para que ninguém tire isso de você, é o seu bem mais precioso.

A Divindade sobe pelos degraus e logo desaparece entre a neblina.

As orientações de Notórios foram um tanto esclarecedoras e mostraram um caminho a seguir, mas também pode haver aquele risco de compreender errado sua fala. No momento apenas aprecio a sua paz e confio em suas palavras, o que tiver que acontecer acontecerá. Há aquilo que podemos alterar por nossas escolhas, mas

no final tudo se encontrará. É como um grande labirinto no qual entramos, são diversos caminhos que temos que trilhar, todos no final funcionam como um orientador para uma única saída.

Capítulo XIX

O futuro se molda.



Após a conversa com a Divindade tive que repensar em muitas das minhas escolhas. Sinto como se a minha visão fosse expandida por todo o universo e principalmente em relação aos seres que nela habitam. Há coisas que ainda não compreendo e que talvez nunca vá, no entanto essas não são essenciais para eu traçar o meu caminho. Com um propósito definido penso no que pode acontecer e caio mais uma vez em algo que Notórios me alertou.

O Palácio das Divindades agora não permanece mais calmo, os corredores estão agitados e muitos Anjos da Guarda circulam pelo local. Toda essa situação mexeu com todos e me pergunto como eles se sentiriam se tivessem vivido o mesmo que eu, mas creio que o que eu vi era em especial para mim e parte do meu destino. Cada um tem um propósito, aquilo que sempre me motivou por esses séculos. Não desejo apenas fazer o mesmo que os outros, necessito fazer mais.

Quando adentro na biblioteca Victor está parado e sentado em cima da mesa. Por um momento tenho que verificar que é mesmo ele, mas no final vejo que sim. Quase nunca ele assume a sua forma normal, prefere viver sob a imagem de uma criança e seu motivo é especial. Agora o vendo com uma aparência mais parecida comigo sinto-me um pouco estranho, porém ainda sei que é o mesmo.

- Surpresa. – Victor abre os seus braços e sorri. – Suponho que não imaginava me encontrar nessa forma, Mestre.

- Tenho que admitir que é um tanto surpreendente. – Exclamo. – Mas, ultimamente com tudo que tem acontecido pouco pode me surpreender.

Até mesmo rio após a minha fala, pois, é uma verdade pura. A nossa vida é como uma caixa de surpresa que você encontra pelo seu trajeto, nelas há coisas

boas e ruins. Nesses longos anos vivenciei os dois lados, tanto um como o outro me fizeram evoluir e creio que sejam etapas essenciais para o desenvolvimento de cada ser.

Arrodeio a pequena mesa de centro e sento em sua borda. Pouso meu olhar em Victor, somente com o contato ele já se denuncia.

- Quanto livros a mais você leu? – Questiono.

- Trinta e Cinco, aqueles que são para o meu estágio. – O Anjo responde enquanto alisa a capa de um deles e vejo um sorriso escondido em sua face.

- Ao total. – Digo a ele.

- Mais de duzentos Originais. – Victor encolhe o seu ombro assim como ele fazia na sua outra forma, mas agora o vejo mais solto.

A cada vez que retorno possuo mais certeza que Victor pode ser um bom sucessor.

- Um bom número. – Exclamo de um jeito suave. – Me lembro que na sua época eu lia mais de quinhentos exemplares dessa prateleira.

Victor semicerra os seus olhos e sorrio para ele.

- Quer fazer uma aposta? – O Anjo se aproxima com o olhar preso no meu. – Até o final da sua missão eu irei ler mais de seiscentos.

- Sem trapacear. – O aviso. – Se isso acontecer posso te entregar aos Arcanjos e fazer você ser banido por tal ato.

As minhas palavras soam fortes, mas é claro que Victor compreende que não é algo sério, porém sei que as suas palavras são. Toda essa biblioteca leva a nossa história assim como também a dos outros seres, sem o que está escrito ali a minha existência não faria sentido. Passava horas do meu dia lendo o máximo que podia, algo que o meu Mestre liberava e não contava aos demais. Infelizmente ele morreu durante a segunda revolta.

- Ser banido não é legal. – Victor levanta as mãos. – Por um instante pensei que você iria ser expulso pelo que aconteceu, mas parece que as Divindades possuem certeza sobre um caminho brilhante para você.

- Não creio que seja um caminho brilhante. – Exclamo e reflito. – Está mais para um trajeto um tanto turbulento. Não é como andar por uma ponte brilhante como as nossas com total segurança. Na minha há várias rachaduras e um passo em falso posso desabar.

- Oh! – Os olhos do Anjo arregalam-se. – Isso soa um tanto sombrio, porém confio que você irá fazer o certo. É um bom Anjo da Guarda e um ótimo guerreiro

da Legião Divina, isso o torna tão especial. – Ele sussurra. – Quase como um Arcanjo.

- Nem perto disso, Anjo. – O sorriso estendesse pela minha face.

Cada grupo de Anjos possui a sua tarefa e nunca desejaria ocupar o posto dos Arcanjos. Em muitos casos vejo-os muito aprisionados no palácio e em Empíreo, agora que estou a circular entre um mundo e outro não me veria mais somente em um lugar. A minha perspectiva mudou de um jeito surpreendente.

Passo a mão pela minha adaga e ela brilha como os raios em uma noite chuvosa. Por mais que no momento esteja rodeado por luz e pureza sinto que logo irei encontrar com o mal novamente e é algo que estou disposto a enfrentar e sofrer as consequências.

- Uma guerra. – Victor quebra o silêncio e o observo. – Essa poderia ser considerada como uma terceira revolta, não?

- Poderia afinal mesmo sendo protagonizadas pelos mesmos seres agora estamos em uma situação completamente diferente. – Respondo. – Gostaria apenas de chama-la de Príncipes Infernais, estamos circulando em volta das suas ações.

- Você acha que consegue destruir eles? – Victor questiona.

- Com a ajuda necessária, sim. – Digo a ele. – Afinal não há como batalhar em uma guerra sozinhos, a união faz a força e creio que finalmente iremos agir. Por mais que eles tenham todo o poder da escuridão jamais poderão se comparar aos nossos exércitos, nós venceremos mesmo que o preço a se pagar seja alto.

- Um posicionamento ousado. – Victor diz. – Gosto disso.

Coisas não planejadas irão surgir e eu sei disso. Toda essa guerra foi traçada por planejamentos, mas somente da parte dos Príncipes só que agora chegou o momento do nosso planejamento. Eles me deixaram viver e talvez esse tenha sido o seu maior erro, pois, agora não descansarei até trazer justiça.

O Anjo adentra no local. O seu vestido branco balança assim como seu longo cabelo loiro preso em um rabo de cavalo (um nome um tanto engraçado dado por Ramona há alguns séculos). Sua aparência está um tanto diferente da última vez que nos encontramos, agora sinto sua alma mais em paz. Aceno para Victor deixar a sala e assim ele faz. Somente ficamos eu e o Anjo de Léia sozinhos mais uma vez.

Ela caminha e se aproxima, expressa um bom sorriso.

- Irina. – Falo. – É bom reencontrá-la.

- Digo o mesmo, Anjo Eliel. – Ela soa calma. – Fico contente por ter conseguido alertar você sobre o perigo na Terra. Finalmente tudo se tornou nítido.

- Agradeço imensamente por isso. – Exclamo. – Sem a sua ajuda nada disso iria acontecer. Agora estamos prontos para seguir em frente.

- Mas, antes preciso fazer mais uma coisa.

O Anjo dá leves passos pela biblioteca e circula a minha volta, por um instante começo a ficar aflito pensando em coisas ruins, mas logo o pensamento se desfaz. Irina está completamente calma e sei que é algo que realmente importa para ela.

- Fiz o que consegui por Léia Vareon como sua protetora. – Quando o Anjo cita o seu nome as imagens da Princesa circulam em minha mente. – Por infelicidade não consegui cumprir minha tarefa com êxito. Vendo a sua preocupação com ela e dedicação só consigo pensar em uma coisa a fazer.

Irina estende a sua mão e entendo o seu gesto.

- Mas, você é sua protetora. – Digo. – Não eu.

- Eliel. – Seus olhos clamam pela minha aceitação. – Você conseguiu se aproximar dela e criou um vínculo com a sua alma, algo que jamais conseguiria fazer ou que qualquer outro Anjo fez. Não apenas porque ela o viu e sim porque acredito que vocês já estavam predestinados a isso. Apenas precisamos oficializar.

Por mais que pense em Irina ela somente está dizendo a verdade e contra isso não consigo relutar, além disso há algo dentro de mim que clama por isso.

- Eu aceito! – Exclamo.

Me aproximo dela e nossas palmas se unem. Um círculo de luzes douradas envolve nossas mãos e logo a minha visão é tomada por uma imagem. Os longos cabelos castanhos e o olhar escuro, o seu jeito doce e ao mesmo tempo forte, algo mais encantador que qualquer palavra dita por Gadrae. Quando ela sorri a imagem se dissolve e volto a encarar Irina que também expressa um sorriso de satisfação.

- Agora você é o protetor dela. – Irina pressiona minha mão. – Cuide bem de nossa Princesa, ela merece o melhor que o mundo pode oferecer e sei que fará o seu melhor para isso acontecer. Obrigada por tudo!

- Não a nada para agradecer. – Digo. – Estamos juntos nisso. Serei o protetor de Léia, mas foi você quem esteve com ela desde o começo e não irei me esquecer disso. Se conseguir afastar ela da escuridão será uma vitória nossa.

- Fico contente por ouvir as suas palavras. – Irina acena.

Não é uma obrigação, apenas o certo a se fazer. Usarei de todo o meu conhecimento para cuidar de Léia. Agora mais do que nunca me sinto responsável por ela, se visse a Princesa seguir por um caminho ruim isso quebraria a minha alma em mil pedaços. Não posso deixar isso acontecer e não irei.

Retiro a parte de cima da minha armadura e fico apenas com a camiseta amarronzada, mas ainda permaneço com o cinto e a adaga presa ali. Tranço os meus cabelos como sempre o deixava e avisto meu reflexo. Agora não somente internamente, mas também externamente, os meus dois mundos são mostrados e não optarei por nenhum dos dois, afinal posso circular entre eles como desejar. Encaro minha face por uma última vez, respiro profundamente e então prossigo. Passo pelos corredores iluminados pelas tochas até chegar no salão principal. Nas escadarias todos os Anjos da Guarda estão posicionados. Caminho até ficar ao lado dos outros mestres e nesse momento um grande silêncio é estabelecido.

- Como todos sabem a Terra está prestes a enfrentar uma das suas piores guerras, algo motivado pelos Príncipes Infernais. – Gabriel começa a falar e os Anjos expressam repúdio pelos Príncipes. - Com isso devemos agir, a decisão foi aprovada pelas nossas Divindades. Temos total convicção que passaremos por mais uma luta e que juntos iremos vencer os Príncipes mais uma vez.

Os Anjos ficam entusiasmados e expressam os sorrisos mais sinceros, não creio que seja algo para se sorrir, mas sei que para muitos presentes é uma primeira batalha e que todos nesse momento querem se mostrar uteis.

Dou um passo à frente após a fala de Gabriel.

- Todos vocês possuem uma missão em comum. – Pouso minhas mãos atrás das costas e exclamo com autoridade. – Os Anjos da guarda que possuem os seus protegidos nos reinos de Mormeu, Vareon, Solares e os pequenos reinos daquela região terão um papel a exercer. Terão que usar de todos os seus conhecimentos para ajudar os humanos a seguirem para um caminho de luz e os afastar da guerra.

Os sorrisos que antes eram expressados agora são preenchidos por expressões frias. Entendo perfeitamente eles e me vejo em seus lugares, pois, foi assim durante a minha primeira missão. Para a minha não surpresa o único que continua a sorrir é Victor.

- Os Príncipes desejam interferir mais em suas almas. – Lavínia continua. – Corromper os humanos para uma total escuridão significa o sucesso de seus planos. Então para isso vocês irão usar os seus poderes absolutos para salvarem aquelas almas para que os Príncipes não triunfem.

- Até mesmo aquelas almas que tiveram o vínculo cortado serão reestabelecidas e para isso esses Anjos devem estar preparados, pois, exigira muito

de vocês. – Gabriel soa frio como deve ser. – É como uma última missão para todos. Não podemos falhar, mas se isso acontecer devemos seguir em frente.

Muitos dos Anjos abaixam a cabeça e até mesmo o sorriso de Victor some. Não há tempo para brincadeiras, estamos tentando salvar as almas humanas assim como também evitar o derramamento de sangue pelas suas terras. Pela primeira vez os vínculos serão reestabelecidos e também a primeira vez que poderemos usar os nossos poderes além do permitido, mas se fracassarmos não haverá volta.

Creio que a tensão só irá aumentar, pois, o que tenho para dizer é extremamente importante. Delicadamente do meu cinto retiro uma ampulheta, na parte de baixo está tomada pela água de Empíreo enquanto na outra não há nada.

- Vocês possuem um tempo determinado para isso. – Não fico feliz por dar a notícia, mas consigo falar sem oscilar. – Quando ele acabar significa que a sua missão chegará ao fim. Assim sendo, se falharmos outra medida será tomada.

- Guerra. – Gabriel exclama e até mesmo o meu corpo se arrepia.

Seguro a ampulheta com força, suspiro e então giro. A água começa a descer em uma velocidade lenta, pingo por pingo atingindo o outro lado. Os Anjos retiram de suas bolsas o mesmo frasco e viram. A tensão se espalha pelo ar trazendo o frio e angustia. Todos temem por falhar, mas primeiro devemos tentar.

O salão vai sendo esvaziado e no final somente ficamos eu e Gabriel.

- Nós conseguiremos. – Ele exclama, porém, sinto que está dizendo isso para si mesmo. – Treinamos eles com toda a nossa sabedoria, farão o certo.

- Devemos pensar nos dois lados. – Digo ao Anjo Mestre. – Duas possibilidades, mas o que realmente importa é se ainda mantermos a esperança. Ela não nos faz mais fracos e sim mais fortes, espero que um dia todos voltem a compreender.

Gabriel acena em concordância e logo também abandona o salão. Todos estão aflitos até mesmo aqueles que possuem uma sabedoria maior. Também sinto o mesmo medo de Gabriel, no entanto acredito que tenhamos feito um ótimo trabalho ao passar nossos conhecimentos aos Anjos da Guarda. Mas, nem tudo significa saber as coisas, os Anjos terão que usar seus próprios sentimentos para vencer essa batalha.

Me aproximo da fonte do olho da vida e sento na beirada. A água dentro balança com uma força violenta e a última vez que isso aconteceu não trouxe boas visões. Não espero nenhum segundo e apenas coloco minha mão suavemente enquanto a água vai encobrendo toda ela para a imagem então revelar.

- Poder. – Olivia exclama para o seu reflexo. – Ou você nasce com ele ou conquista. Uma rosa deve se mostrar bela, mas por dentro deve conter o veneno mais letal. Os seus inimigos jamais esperarão por isso e assim se triunfa.

A leve seda rosada desliza pela sua pele deixando o seu corpo nu. Um soldado atrás da Rainha passa a sua mão pelo seu pescoço e beija-a. O olhar de Olivia torna-se mais sombrio, algo que não imaginava ser possível.

- Venha, meu escolhido. – Ela sussurra.

A rainha adentra na banheira e após retirar todas as vestimentas o soldado segue-a. Ela pega em sua mão e o leva pela água até se aproximar do canto mais escuro do ambiente onde a luz do sol mal consegue entrar. Olivia com suas mãos desliza pelo pescoço do homem empurrando sua cabeça para trás.

- Não tema. – Olivia sussurra como Gadrae. – É uma grande dádiva.

As grandes unhas da mulher perfuram a garganta do homem e ela sussurra palavras que não consigo compreender. Suas mãos são contaminadas por uma energia sombria que possuem a mesma cor que o sangue. Elas se enrolam no pescoço do homem e se espalham por todo o seu corpo. Aos poucos o humano começa a apresentar marcas escuras em sua pele e sua vida evapora quando o sangue dos seus olhos desce pela sua face. O seu corpo boia e Olivia avista com prazer. Os Príncipes Infernais agiram novamente. Agora não temos apenas uma Bruxa e sim duas, me pergunto se haverá mais seres como elas e a resposta que tenho é somente uma.

Capítulo XX

Decisões cruciais.



Me escoro na beirada do pequeno muro e avisto toda Empíreo lá embaixo.

Uma breve memória vem em minha mente. Me recordo da segunda revolta e nesse belo lugar transformado em um caos, nunca havia visto tanta destruição, mas após pouco tempo tudo já estava reconstruído como se nada tivesse acontecido. As marcas não são materiais, elas permanecerão para sempre em nossas almas. Se houvesse uma guerra dessa grandeza na Terra os humanos demorariam muito para se recuperar e se aprofundariam ainda mais no caos e na tristeza, algo que julgo ser a motivação dos Príncipes.

A luz do sol bate perfeitamente na mesa ao centro, a madeira reluz. Em volta dela circulam alguns Arcanjos e Anjos, todos extremamente concentrados e refletindo.

- Nossas ações deverão ser bem pensadas. – Atroia na cadeira da ponta exclama com o olhar preso no centro da mesa onde uma imagem da Terra circula. – Um pequeno erro pode se transformar em uma grande catástrofe e é isso o que os Príncipes Infernais almejam. Aliás o que sempre desejaram, vai além de apenas poder.

As palavras do Arcanjo são frias, porém verdadeiras. Nesse momento também temo, carregamos uma grande responsabilidade em nossas mãos e talvez até maior que da última guerra. Não iremos batalhar em nossa casa, teremos que guerrear na Terra. Agora os Príncipes usam os seres humanos como parte de sua estratégia doentia.

- Temo que os Anjos da Guarda não possam conseguir salvar os seus humanos protetores. – Gabriel soa sem esperança. - Principalmente aqueles que já tinham seus vínculos cortados. É uma tarefa quase impossível.

- Se eles não conseguirem já sabem o que devemos fazer. – Datanea segura uma taça em sua mão e pousa seu olhar em Ramona ao meu lado. – De um jeito ou de outro a guerra acabará com os Príncipes derrotados.

Me aproximo da mesa, coloco as mãos em cima e fito todos.

- Os Anjos da Guarda irão conseguir. – Exclamo com segurança. – Eles sabem da responsabilidade que carregam e eu vejo a motivação em seus olhares. Todos desejam salvar aquelas almas e assim irão fazer.

- Mas, se falharem, Eliel. – Ramona fala de um jeito suave. – A Legião Divina assumirá a frente dessa guerra. Creio que essa ação deveria ser tomada agora, o tempo não está a nosso favor e quanto mais esperarmos mais os Príncipes conquistarão.

Por mais que vá contra as palavras de minha amiga consigo concordar em um pequeno ponto com o seu posicionamento. O tempo agora não é o nosso aliado.

- Sei que é algo arriscado a se fazer. – Digo e pouso meu olhar no dela. – Porém, não podemos abandonar aquelas pessoas. Além disso, nada adiantaria ganhar a guerra dos Príncipes se eles conseguirem corromper todos naquelas terras.

- O Anjo Eliel possui razão. – Me surpreendo por Parma concordar comigo. – É isso o que os Príncipes desejam, suas almas. Se conseguirmos reverter isso eles enfraquecerão e cometerão atos estúpidos, venceremos a partir disso.

- Como assim desejarem. – Ramona assente.

Na verdade, essa ação é somente para salvar os humanos afinal nós teremos que guerrear contra os Príncipes de qualquer jeito se assim desejarmos não passar por isso mais uma vez. Quando me certificar que Léia está salva irei nessa guerra como um guerreiro da Legião Divina e só voltarei morto ou vitorioso.

Fariseu que estava no canto em silêncio agora se aproxima de mim. Os Arcanjos depois de muita insistência deixaram ele subir junto, mas creio que não seja bom o Anjo se manifestar nesse momento. Suponho que os Arcanjos ainda lembrem do passado.

- Desculpe interromper. – Fariseu exclama com um certo receio. – Preciso fazer um pedido a vocês, Arcanjos.

Os Arcanjos trocam olhares desconfiados.

- O que você deseja Anjo Fariseu? – Atroia é quem questiona.

- Preciso partir junto em missão a Terra. – Ele diz.

As palavras de meu amigo me surpreendem, não esperava que seu pedido fosse esse. Muitas vezes ele demonstrava certa atração pela Terra, mas creio que sua atitude tenha um foco em vista. Um jeito de concertar um erro antigo.

- Você é um dos melhores construtores de Empíreo. – Ramona relembra. – Nós guerreiros iremos precisar da sua ajuda para fortificar nosso exército.

- Já tomei as devidas providencias. – Fariseu demonstra um leve sorriso. – Não ficarão desamparados, os melhores ainda continuarão aqui.

Confio totalmente no Anjo e o apoiarei diante da sua decisão.

- Por que deveríamos concordar com isso? – Datanea questiona-o. – Iriamos correr um risco maior com você lá, não lembra da última vez que confiamos algo a você? Minhas lembranças não falham e me recordo perfeitamente.

- Concordo com Datanea. – Parma balança a cabeça. – Aliás não vejo sentido algum para você descer a Terra. É apenas um construtor não um Anjo da Guarda ou um guerreiro, não consigo ver uma utilidade específica.

Um silêncio percorre por todo o ambiente. Por mais que Fariseu tenha errado em partes os Arcanjos também contribuíram para isso, no entanto nada digo.

- É claro que teria utilidade. – Fariseu retira uma ferramenta do seu cinto e balança ela em sua mão. – A guerra na Terra se movimenta a partir do que? De construções de armamentos e outros. Possuo uma experiência vasta nisso.

-No que isso contribuiria? – Gabriel o questiona.

- Poderia interagir com esses humanos que ficam responsáveis por essas tarefas na guerra. – Fariseu responde. – Mostraria a eles outro lado desse conhecimento, orientá-los para coisas que podem mudar as suas vidas para o bem e não construir somente aquilo para ferir o seu semelhante. Seria uma grande desestabilização na guerra.

No mesmo momento em que ele termina de falar sorrio. Não havia pensado por esse lado e suponho que ninguém no lugar tenha, mas Fariseu possui razão. Azael perderia a sua força entre os humanos.

- Possui uma boa justificativa meu Anjo. – Atroia exclama. – Mas, não seria muito perigoso você descer a Terra sem nenhuma experiência com os humanos? Creio que não esteja preparado para isso. Nossa resposta então é não ao seu desejo.

Fariseu abaixa a cabeça e suas esperanças morrem.

- Arcanjo. – Avanço e falo. – Fariseu pode seguir comigo para as terras de Vareon. Irei estar ao seu lado no que precisar, tem a minha palavra. Além disso, seria de suma importância a sua presença naquela região. Pois, se conseguirmos mudar o pensamento daqueles guerreiros a guerra perderá grande parte da sua força. Mormeu não conseguirá agir, pois, o inverno chegou. Isso daria tempo suficiente para vencermos a batalha.

Todos refletem após a minha fala e acenam em concordância.

- Está bem, Anjo Eliel. – Atroia pouisa seu olhar no meu e vejo um leve sorriso. – Conseguiu que mudássemos de posicionamento. Assim sendo, o Anjo Fariseu pode seguir ao seu lado rumo à Terra. Apenas tenha cuidado Anjo Fariseu.

As palavras possuem um direcionamento certo.

- Obrigado Arcanjo. – Fariseu sorri. – Não irão se arrepender por essa decisão, irei fazer tudo certo. Já tenho... – Apenas o encaro com um olhar. – Oh! Nos vemos em breve.

Os Arcanjos levantam-se.

- Essa missão irá definir tudo. – Dizem juntos. – Sejam fortes.

A trindade passa toda a sua confiança para nós, sinto a energia pura percorrer pelas minhas veias e me vejo mais forte e resistente. Essa missão exigirá tudo de nós e por mais que todos digam que falhar é algo que pode acontecer eu só consigo pensar que isso não irá e nem deve ocorrer. Essa guerra é um momento crucial para a minha existência.

Seguimos por cima da floresta celestial que agora já possui uma nova protetora. Pousamos no portal, logo após todos os Anjos da Guarda que partirão também se alinham. É uma grande formação separados naqueles que seguirão a Mormeu, Solares, Vareon e outros pequenos reinos. Cada grupo possui um líder e eu sou o de Vareon.

- Me deseja sorte? – Victor se aproxima de mim com um sorriso em sua face, noto que novamente mudou sua forma assumindo a imagem do pequeno ser.

- Você conseguirá. – Digo com confiança. – Tenha fé e esperança.

Seu olhar brilha e o sorriso se fecha. Os primeiros Anjos começam a voar para dentro do portal e logo após quase todos somem. Ao meu lado está Ramona com os braços cruzados a observar o portal, seu olhar demonstra aflição.

- Não tema por nós. – Digo a ela. – Confie que podemos conseguir, todos fomos preparados para isso. Chegou o momento de agir.

- Sei que vocês estão preparados. – Ramona diz. – Mas, sinto que cada vez que partem podem não retornar. Somente de pensar sobre isso já me sinto destruída, então prometa que irá voltar. Somos uma dupla.

Talvez essa seja uma das coisas que não posso prometer.

- Não importa o que acontecer. – Exclamo. – Estaremos sempre juntos.

A surpreendo quando lhe dou um abraço. Por mais que ela seja dura no final abaixa a guarda e me dá um abraço apertado. Sinto a angustia em seu corpo, o medo. Até mesmo a mais brava guerreira tem o direito de sentir tais sentimentos.

- Acho que me arrependi. – Fariseu olha para baixo no portal. – Será que temos como voltar? Esqueci meu cinto de ferramentas. – Ele sorri em nervosismo.

- Serve esse em sua cintura. – Bato no local e o Anjo ri. – Não precisa temer, apenas esteja preparado para ver algo sombrio, mas também há aquilo que é belo. É claro que é bem diferente de Empíreo, mas você resistirá.

- É... – Fariseu diz. – Te vejo do outro lado.

O Anjo estica as suas asas e adentra no portal. Me viro para Ramona que enfim consegue expressar um sorriso e me passar a sua segurança.

- Até breve! – Ramona acena.

Me jogo adentrando nas luzes do portal. Os sentimentos dentro de mim, se entrelaçam e não sei mais o que sentir. A cada vez que retorno à Terra é um sentimento diferente, mas sinto que esse agora é o de conclusão. O meu corpo arde na intensidade mais alta. O pensamento do meu futuro me golpeia, porém logo me defendo com a lembrança do conselho da Divindade. Assim prossigo novamente para o meu destino.

Capítulo XXI

O perigo caminha ao lado.



Pousamos em terras humanas. A neve continua a cobrir boa parte da região o que deixa a paisagem um tanto bela. O sol bate entre as árvores

iluminando um pouco a floresta, mas o restante do ambiente permanece frio e um tanto escuro. Por enquanto isso serve de impedimento para as tropas avançarem, mas não sabemos o que a Rainha Olivia pretende fazer agora que possui poderes que são de suma importância nessa guerra. Ainda não sabemos o limite do seu poder, porém creio que iremos saber em breve.

Os Anjos caminham atrás enquanto eu sigo a frente com Fariseu. Trocamos de roupa no meio do caminho, os Anjos costureiros fizeram roupas especiais para nós que se parecem muito com as vestes humanas. A minha toda preta cai perfeitamente em meu corpo, mas ao meu lado vejo que Fariseu não conseguiu se acostumar ainda.

Chegamos em frente as portas de Vareon que permanecem trancadas. Os mesmos guardas que avistei na última vez ainda estão lá na muralha. O vento bate fortemente em suas faces e os seus corpos tremem. As pequenas tochas resistem por pouco tempo, mas logo apagam-se. Os homens reclamam e adentram na pequena cobertura de madeira que deve ser um abrigo nada eficiente.

Aceno para os Anjos pararem e assim eles fazem. Ficamos posicionados entre as árvores a pouca distância dos muros. Todos me observam com cautela. Avanço e digo:

- Fiquei atentos. – Exclamo. – Os Nephilins estão localizados em Solares, mas mesmo assim devemos tomar cuidado. Além disso, na última vez eu me encontrei com o Príncipe Infernal Azael nessa região. Se o virem quero que me digam e não ajam.

- Somente se Azael atacar vocês para matá-los. – Fariseu lança um sorriso tremulo.

Os Anjos da guarda acenam que sim, mas vejo em suas faces que o medo está ali. Quando cito os Príncipes eles realmente devem possuir medo, ainda mais por todos saberem como foi o meu encontro com os três.

Voamos até a beirada do muro. Alguns Anjos já prosseguem para a sua missão e assim cada um segue para uma direção diferente. Eu e Fariseu continuamos em cima dos muros onde caminhos e passamos por alguns humanos de guarda. O Anjo para ao lado de um humano e estrala seus dedos perto de sua face.

- O que está fazendo? – Sussurro.

- É estranho eles não nos verem. – Ele diz. – Se eu o empurrar ele morre?

- Obviamente. – Respondo. – Mas, você sabe qual é a nossa sentença para isso.

Não culpo Fariseu por isso, a Terra é um poço de distrações, pego pelo seu braço e trago novamente ao meu lado. Ele reclama por um momento, mas logo segue comigo. Em poucos instantes para novamente quando avista uma arma pousada no canto do muro.

- Isso é insano. – Fariseu passa a mão na arma com um sorriso na face.

O Anjo segura um arco e flecha, mas completamente diferente do que me lembro por aqui na última vez que estive presente. A forma da arma mudou quase que por inteira e acredito que ela esteja mais letal. Poderia facilmente atravessar o peito de cinco homens.

- Azael esteve por aqui. – As expressões do Anjo ficam frias. – Reconheço algumas armas que ele fez durante a segunda revolta e essa é um tanto parecida. Deixar isso em mãos humanas é um risco enorme.

- Por isso que temos uma missão. – Retiro a arma de sua mão e coloco novamente no canto da parede. – Vamos, temos que continuar. O centro de Armamento de Vareon não é muito longe daqui, só espero não encontrarmos Azael pelo caminho.

Estico minhas asas e pulo do muro sobrevoando o reino, Fariseu segue ao meu lado. Os moradores de Vareon continuam em suas residências, pelas janelas observo a luz das chamas brilharem enquanto aquecem o ambiente. Os únicos a circularem pelas ruas são alguns soldados e moradores de rua, quando Fariseu avista as pobres criaturas desamparadas seu olhar entristece. Há crianças entre eles, algumas creio que não irão durar até o inverno acabar, isso quebra meu coração.

Quando avisto o local desço e pouso em cima de um telhado, as minhas botas deslizam pela neve, mas logo consigo me firmar. Fariseu perde o equilíbrio e bate com tudo no chão, rapidamente pego ele pelo seu casaco e levanto-o antes que caia do telhado. Apenas lanço um olhar de repreensão para ele, mas também escondo o riso.

- Culpa das botas. – Ele aponta para os seus pés. – Não sou de perder o equilíbrio.

- Melhor acostumar-se logo. – Digo.

Ouço o bater dos ferros e avisto os homens dentro do local, os construtores. Na parede ao fundo avisto todas as armas feitas, uma mais letal que a outra. Os olhos de Fariseu brilham quando avista o mesmo. Olho para os quatro cantos e não sinto nenhuma energia ruim e é um pouco estranho Azael não estar mais por aqui. Eles se camuflam muito bem, mas possuo uma certeza que o Príncipe não está presente. Vareon já está altamente fortificada, talvez tenha ido para outro reino influenciar os demais humanos.

- Estou com medo. – Fariseu diz para mim. – E se não conseguir? Ou se agir com eles além do permitido e influenciar completamente suas vidas?

- Não tema. – Coloco a mão no seu ombro e pouso meu olhar no seu. – Faça eles sentirem-se melhores, encontre um caminho que os afaste da guerra e de todas essas armas, algo que possa melhorar as suas vidas. Confio em você Fariseu!

O Anjo olha para os construtores.

- Está bem. – Ele suspira. – Afinal eles são parecidos comigo não é mesmo? Devem possuir interesses semelhantes aos meus para construção. Nada pode dar errado, somente se eu influenciar eles a criarem algo pior que Azael influenciou.

- Preciso encontrar Léia. – Digo. – Você vai ficar bem?

- Sim. – Fariseu sorri com toda tensão. – Tenho que ficar, fui eu quem tive essa ideia e agora preciso apenas executar. Está tudo em minha mente. – Ele sussurra. – Está tudo em sua mente Fariseu.

Me distancio ficando na ponta mais alta do telhado. Aceno para Fariseu que agora assume um tom frio. Ele desce com delicadeza até chegar na porta dos construtores, adentra com cuidado e essa é a minha última visão sua. Por mais que ele seja atrapalhado, creio que conseguirá completar a sua missão. Portanto, agora com o Anjo já encaminhado tenho que seguir para a minha que possui uma complicação maior.

Sobrevooo pelo reino inteiro e não avisto mais nenhuma alma humana, quando chego próximo ao grande salão sinto um sentimento de dor, angustia e raiva. Voo até a janela, adentro e desço suavemente até estar dentro do salão. Quando entro sinto um forte impacto. Há algumas pessoas espalhadas pelo local, mas a maioria é composta por guardas que cuidam da proteção. No centro do salão estão dois corpos, o do canto reconheço ser o do Rei de Vareon e creio que ao lado seja o da rainha. Na ponta dos caixões está Léia Vareon. Cada mão sua fica encostada em um de seus pais. O seu olhar é vago, por mais que esteja fria sinto que está destruída por dentro.

- Eles terão sua vingança. – O grande homem ao lado do caixão de César exclama com fúria, Golias. – Estaremos ao seu lado, minha Rainha.

- Obrigada pelo apoio. – Léia mal consegue falar. – Abra as portas para os moradores do reino, quero que vejam os seus reis por uma última vez e para que se lembrem que Mormeu causou tudo isso.

Léia levanta-se, olha seus pais por uma última vez e prossegue pela saída.

O fator da neve novamente não impediu Mormeu de agir, mas acredito que essa não seja uma história verdadeira. Me aproximo do grande homem e encosto minha mão na sua. Sou levado através das suas memórias. Ele e o rei César estão no grande salão junto com alguns soldados, bebem e parecem estar felizes.

- Ao Rei. – Golias inicia um brinde e todos brindam exceto um jovem loiro na ponta da mesa que somente observa o Rei.

César coloca o seu copo na mesa e caminha até se sentar no trono. Delicadamente com suas mãos retira a coroa de sua cabeça e observa. No canto do salão Léia surge e os dois trocam sorrisos, um amor sincero de pai e filha.

O mesmo jovem loiro que não brindou agora levanta-se, ninguém percebe, mas ele segura uma lança atrás de suas costas. Reconheço a ponta da arma em formato de estrela, era aquela que Azael utiliza durante a guerra.

- Ao rei. – Ele sussurra.

Antes que alguém possa reagir a lança já atinge o peito do rei diretamente na região do coração. Suas mãos se preenchem pelo sangue. No mesmo instante Golias pega o machado em cima da mesa e arremessa acertando diretamente na cabeça do assassino, seu corpo tomba pelo solo.

- Pai. – O grito angustiante de Léia ecoa.

A princesa assim como Golias correm até chegar ao trono, mas não há mais tempo. César morreu assim quando a arma atingiu o seu peito. Por mais que a Princesa saiba ela continua a chamar pelo seu nome na esperança dele acordar.

- Mormeu. – O soldado retira a lança que na ponta possui o símbolo do reino.

Leia se ajoelha em frente aos degraus com o sangue escorrendo de suas mãos. Olha para o seu pai morto no trono e após para a arma. Nesse momento vejo o seu olhar mudar, algo tão sombrio que nunca tinha visto nela. A princesa levanta-se e olha para o assassino de seu pai, suas lágrimas secam e a fúria mais intensa desperta. Mais uma vez os Príncipes Infernais conseguem despertar os sentimentos

mais sombrios nas almas humanas, atos planejados e que acertam os alvos com precisão.

Sigo pela estrada da floresta logo atrás do castelo. Caminho e logo encontro Léia, o seu coração partido, a sua alma quase que destruída. Ela segura duas rosas, se aproxima do lago e atira as flores na água. Suas lágrimas descem pela sua face.

- Por que? – Ela questiona na esperança de uma resposta.

- Léia. – Exclamo.

A Princesa leva um susto e me encara, vira o rosto e limpa suas lágrimas.

- Alce. – Ela diz. – Como sempre me surpreendendo.

Me aproximo até ficar a uma curta distância da humana.

- Eu sei o que aconteceu. – Digo. – Sinto muito.

- Todos sentem.

Léia vira-se e encara o lago, suas expressões ficam mais frias que o inverno. Não posso culpa-la por estar agindo dessa maneira. Os Príncipes aos poucos retiram mais e mais da bondade da sua alma. Primeiro lhe dão um poder, após retiram seus pais para que ela desperte a escuridão mais profunda. Como Anjo da Guarda não posso deixa-la seguir por esse caminho, tenho que apresentar uma esperança.

Fico em silêncio apenas ao seu lado.

- Eu amava eles mais que tudo. – Ela enfim diz. – Agora estão mortos. Não tenho mais ninguém. Só sinto desejo pela vingança, pelo sangue. Acha justo tirarem as pessoas que você mais ama da sua vida?

Léia pousa o seu olhar escuro como a noite no meu.

- Não acho. – Exclamo. – Mas, vingança não é a resposta para tudo.

- Então você não é humano. – Léia sorri e por um momento sinto meu corpo congelar, mas creio que suas palavras sejam apenas coincidência. – Não posso acreditar que se você estivesse na minha situação e os seus pais fossem assassinados não iria querer revidar. – Ela me observa. – Sinto que não iria fazer o mesmo.

- A vida é complicada. – Digo a ela. – Às vezes nem sempre é o que desejamos. As coisas muitas vezes podem ser cruéis, mas se revidarmos com mais crueldade elas não irão melhorar, isso não irá fazer nossas almas sararem da dor.

- Mas, talvez eu sinta que a justiça foi feita. – Sua voz soa brutal.

É difícil lutar contra esse sentimento de Léia. Por mais que o que ela esteja sentindo seja cruel e de uma maldade profunda ainda assim posso ver um ponto de razão no seu posicionamento. As pessoas que ela mais ama foram retiradas dela, se acontecesse isso com Fariseu ou Ramona penso que faria o mesmo.

- Essa não é a saída. – Sussurro.

- Não é a saída, Alce? – Ela me encara com fúria. – Ordeno que se cale.

Suas mãos são contaminadas por uma energia obscura. Ela coloca elas em sua cabeça e após lança um grito de profunda tristeza. O poder emitido é grande, a onda de energia atinge algumas árvores próximas que repartem ao meio. Léia vê o que fez e então começa a chorar, desaba no chão.

- Mesmo com todo esse poder não consegui impedir a morte deles. – Sua voz se mistura com o choro e a raiva de seu peito. – Fui uma péssima filha.

Quando me aproximo dela ela levanta a mão para eu não avançar.

- Não quero machucar você. – Léia suspira.

- Não irá. – Digo.

Me abaixo ao lado da princesa e a trago para o meu peito. Suas mãos deslizam pelos meus ombros e ela deita sua cabeça no meu ombro. Ali ela joga toda a tristeza acumulada, a obscuridade da sua alma tenta exalar, mas quando estamos próximos esse sentimento ruim diminui.

Empurro seu cabelo para o lado e passo a mão pela sua face.

- Fique calma. – Exclamo. – Tudo vai ficar bem.

- Eu te odeio por me dar esperanças. – Ela diz e sorrio. – Te odeio por me fazer sentir tão bem em um momento tão devastador como esse.

- Estarei aqui quando precisar. – Seguro suas mãos.

Léia retira um anel de seu dedo, coloco na palma de sua mão e fecha. Sussurra algumas palavras e quando abre sua mão ele desintegra sendo levado pelo vento.

- Queria que Alexander estivesse aqui por mim. – Léia fala e sinto um aperto em meu coração, um pouco de raiva por lembrar do humano. – Mas, só se mostrou ser mais um traidor sem palavra. Se aliou ao reino de Mormeu, porém creio que já saiba.

- Sim. – Respondo. – Não concordo com isso. Ele deveria estar aqui com você e ajudar nesse momento tão difícil. Acredite que um dia o que Alexander fez voltará para ele, não ficará impune pelas suas ações.

- Você não é de Solares. – Léia diz. – Se não poderia facilmente se enquadrar como um traidor, mas já desisti de entender quem você realmente é.

Sorrio e ela também, nossas mãos se afastam. Por um momento penso em contar tudo para ela e como seria se isso acontecesse, no entanto é algo que não deve acontecer.

- Agora terei um reino inteiro para guiar. – Léia fecha os olhos e suspira. – Não creio que sei como fazer isso sozinha. Todas aquelas vidas agora estão nas minhas mãos, se eu falhar nunca conseguirei me perdoar.

- Entendo perfeitamente... – Sussurro.

Nossas almas por mais diferentes que sejam também possuem sua semelhança. Uma conexão que talvez nunca consiga compreender, mas o que sei é que me faz bem, me dá forças para seguir em frente acreditando naquilo que sempre tive convicção.

Léia se aproxima de mim, pousa suas mãos em seu colo. O vento bate em sua face e os seus cabelos deixam o seu rosto a amostra, uma beleza inconfundível. Sua mão desliza pela minha e sinto uma ardência em meu peito. Quando seu olhar pousa no meu é como se o chão se dissolvesse e estivesse voando no ar completamente livre.

- Promete que não irá me abandonar? – Ela diz. – Sei que pode soar estúpido por apenas termos nos visto poucas vezes, mas sinto algo forte por você. Sua companhia me faz bem e não gostaria de perde-la.

- Eu prometo. – Digo. – Estarei com você mesmo quando não perceber.

Léia sorri, a distância entre nós diminui. Sinto a sua respiração ofegante e então ela faz algo que nunca imaginei que poderia fazer. Seus lábios tocam nos meus e ela me envolve em um beijo seu, a primeira vez correspondo por extinto, mas após me afasto delicadamente e olho para ela.

- Sinto muito, mas isso não pode acontecer. – Exclamo.

- Peço desculpas. – Léia se afasta. – Não deveria ter feito isso.

Ela vira a sua face para o lado.

– Adeus!

A Princesa segue pela floresta e dessa vez não olha para trás. Fico no meio da floresta e com os sentimentos embaralhados. O seu beijo foi algo marcante, nunca havia sentido tamanha energia, no entanto, sei que é errado e que não devo pensar nisso. Foi apenas um impulso de Léia, esse impulso me atingiu de uma forma diferente. Contudo, sei que foi a primeira e a última vez.

Capítulo XXII

Esperança.



Sento-me na frente do riacho. A água totalmente congelada assim como o solo coberto pelo branco da neve. O Sol surge entre as nuvens o que faz a temperatura aumentar, mas nada realmente significativo. Retiro do bolso do meu casaco a ampulheta, as gotas continuam a pingar e cada vez mais perto do final. Já faz um bom tempo que estamos em Terras humanas, vejo o avanço dos demais e me sinto devastado, pois, não consegui me aproximar de Léia desde a última vez que nos vimos. Avistei a humana de longe e seus sentimentos estão embaraçados, não consigo aproximação. A verdade é que estou com medo do que pode acontecer.

- Suponho que esteja pensando nela. – Fariseu se aproxima e para a minha frente com os braços cruzados. – Você tem certeza que está tudo bem?

- Está. – Respondo e seguro o objeto. – As coisas são complicadas, por mais que eu tenha sentido algo sobre aquele beijo eu sei que é totalmente errado para nós.

Levanto-me e guardo a ampulheta.

- Não perderei o foco da minha missão e não me renderei as tentações humanas, não posso crer que esse é o meu destino. – Exclamo. – Essa não é minha missão.

- Você está certo. – Ele coloca a mão no meu ombro e me observa. – Já passei pelo mesmo, só que foi com um Anjo traidor. Isso passará, acredite em mim.

- Acredito. – Sussurro.

Há algo que me diz que devo seguir em frente com aquilo que aconteceu naquele dia, mas o outro me alerta para me afastar da humana para que não caia em tentação e acabe com meu legado. Por mais que esses dois sentimentos estejam lutando eu sei o que é o certo a se fazer.

Entramos em uma parte da floresta. Paramos no centro de uma árvore que possui belas folhas vermelhas. Avisto do outro lado um cavaleiro montado em um cavalo tão branco como a neve. Ele guia o seu animal até parar a nossa frente. O humano retira o capacete metálico revelando a sua face. Um queixo quadrangulado, olhos puxados e verdes como a grama. O sorriso se expande quando ele avista Fariseu.

- Meu amigo! – O soldado diz. – Nunca conseguirei lhe recompensar por esse belo presente, nunca me senti tão vivo durante a minha vida.

- Não tem precisa agradecer Ícaro. – Fariseu diz. – Estou aqui para ajudar.

O Anjo com a ajuda de outros homens conseguiu criar uma cela especial para humanos como Ícaro que já não podiam mais andar. Agora eles possuem esperanças e podem fazer aquilo que nunca imaginaram poder. Fariseu foi magnífico no seu trabalho e conseguiu desviar o foco dos humanos construtores, agora eles já não pensam somente na guerra, mas sim nos seus semelhantes que vivem no reino.

- Tome cuidado, esses animais podem ser selvagens. – Fariseu exclama e o cavalo relincha para ele. – Está bem, me desculpe.

- Eles sentem as coisas como nós. – Ícaro acaricia seu animal. – Só que de uma maneira um tanto diferente. – Ele segura suas cordas e lança um último sorriso. – Até breve meu amigo, vou dar mais uma volta, preciso me fortificar.

- Sem problemas. – Fariseu acena.

O humano segue com o cavalo pela neve até sumir entre a neblina. Ícaro é uma bela pessoa, possui sentimentos genuínos e sei que fará a diferença futuramente. Um homem filho de um lorde de Vareon, rejeitado desde o seu nascimento, um ser sem esperanças e que agora possui um forte sentimento por ela.

Sigo ao lado de Fariseu pela estrada principal.

- Você acha que é suficiente? – Ele me questiona.

- Ainda não. – Sou sincero. – Preciso convencer Léia a seguir por um caminho melhor, mas não creio que as chances sejam positivas.

O Anjo para no meio da estrada, olho para ele que me encara. A neve se acumula nos seus cachos, os seus olhos pousam nos meus com uma forte intensidade.

- Você é o Anjo Eliel. – Ele abre os seus braços. – O Anjo que eu conheço e que tem as maiores esperanças desse universo. Não me diga que está pensando em desistir logo agora que estamos próximos do final.

- Não estou dizendo isso. – Exclamo. – Somente é a verdade, mas não eu não desistirei de Léia. Sou o seu Anjo da guarda e conseguirei orientá-la para a luz.

- Exatamente. – Fariseu coloca a mão em meu peito. – Conseguirá.

Sorrio e ele retribui.

Adentramos no reino. A cena mudou muito daquilo que me lembrava de avistar. Agora nas ruas não há mais aquelas pessoas em uma situação caótica, elas foram abrigadas. Alguns pequenos locais foram erguidos e os moradores ajudam com o pouco que possuem. Os Anjos da guarda conseguiram, a nossa missão está quase completa. Nos aproximamos de uma janela. Dentro da moradia há duas famílias, a do canto direito a moradora do local. Suas vestes são melhores já a da outra apresenta um pouco da sujeira e rasgos por todo o corpo. A pequena criança que antes vivia na rua agora bebe uma bebida quente oferecida por uma pequena menina. Ela se abaixa, retira o seu casaco de pele e entrega também a outra menina que pega com cuidado e após lança um enorme sorriso para o seu pai.

- Papai. – Ela diz. – É quente.

- Sim minha filha. – Ele responde. – É muito quente.

O homem encosta a cabeça na pequena criança e ao mesmo tempo que uma lágrima cai da sua face também sinto uma descer pela minha. Limpo delicadamente e avisto Fariseu debruçado na janela e chorando sem parar, coloco a mão em seu ombro e sorrimos juntos. Aos poucos ele se acalma, até que suspira e volta ao normal.

Pela rua de cima avisto uma capa vermelha seguir ao lado de outras escuras.

- Você deve ir. – Fariseu me olha e diz.

- Sim. – Sussurro e por um breve momento temo.

Percorro pela estrada de pedras e observo a Princesa adentrar na moradia de madeira destinada aos moradores de rua. Caminho e passo pelos soldados que se posicionam em cada canto do local. Adentro no ambiente e é aconchegante. Não há janelas, mas para o frio que está fazendo é o melhor. Em cada canto observa-se um

humano entre cobertas quentes oferecidas pelo reino. Quando criamos essa estratégia não estávamos com muita confiança, mas com o agir de cada Anjo da Guarda conseguimos orientar os humanos para um rumo melhor e chegamos onde estou.

A Princesa se abaixa e entrega a uma criança uma maçã, o alimento não está em um bom estado, no entanto é o que eles possuem para sobreviver. Passo entre as pessoas até que os seus olhos escuros pousam nos meus, sinto os calafrios percorrerem. Olho de relance e prossigo para a saída. Paro próximo a uma parede atrás da construção e espero que ela me encontre. A princesa logo sai.

- Faz tempo que não nos vimos, estranho da pedra ao lado. – Léia exclama, dessa vez nenhum sorriso surge. – Nem imagino onde deveria estar.

- Estava pelo reino. – Digo. – Havia muito a se fazer.

A humana apenas me olha com o canto dos olhos como se duvidasse de mim, e não a culpo por isso. Sua mente deve estar fazendo diversos julgamentos sobre mim, ela acha que eu sou um humano, no entanto sempre desapareço e surjo em momentos específicos. Compreendo o quão estranho isso deve ser. Dessa forma, Léia fica em silêncio, o vento bate em sua face, os seus longos cabelos balançam e o seu rosto frio exhibe. Sinto saudades quando a encontrei pela primeira vez, um rosto alegre e um coração que se enchia de sentimentos bons. Agora seu coração está quebrado, sei que ela implora por uma salvação, mas mesmo assim não deseja por isso.

- É uma ótima atitude construir esse lugar. – Começo a conversar. – Mostra o quanto vocês podem ganhar se continuarem unidos.

- Assim como a guerra. – Ela exclama e me encara. – O que pensa disso?

- Você já sabe o que penso disso. – Respondo e não olho em seus olhos. – Mesmo com tudo isso acontecendo você não esquece disso.

- É claro. – Léia ri, mas com raiva. – Não foram seus pais que foram mortos, não foi o seu futuro marido que lhe traiu e se aliou com os inimigos. Não é você quem carrega essa maldita maldição, então apenas não me diga o que é errado.

A raiva flui pelo seu corpo. Sinto o vento atingir minhas pernas com uma força maior, logo vejo que em volta das suas mãos uma energia vermelha surge. A humana respira, consegue se acalmar e logo a energia se dispersa. Ela abaixa a cabeça.

- Você sabe o que é errado. – Falo com cautela. – Apenas se nega a enxergar, mas não irei desistir de você. Não posso.

- Não pode por quê? – Léia questiona. – Por que me ama?

Sua pergunta me atinge como um soco diretamente no estômago. Dessa vez não desvio minha visão e continuo a observar o seu rosto delicado e forte.

- Sim, eu te amo. – Digo. – De uma forma especial. Eu te amo e é por isso que não posso deixá-la seguir por esse caminho. Se deixasse sem nem pelo menos tentar não poderia mais olhar para a minha face novamente.

Nossos olhares se conectam como um só por longos segundos.

- Quem é você, Alce? – Ela questiona mais uma vez.

A humana se aproxima, passa a sua mão na minha e me observa. Suas mãos deslizam até encontrar a minha face, após seguem para os meus cabelos. Terminado isso Léia se afasta e balança a sua cabeça. O seu coração bate fortemente.

- Por que você me deixa assim? – Mais um questionamento, dessa vez nem eu mesmo posso responder. – Seria tão mais fácil se você não existisse.

Por mais que ela esteja falando no impulso as suas palavras me ferem de uma forma. Sou o seu Anjo da Guarda e ela diz que preferia que eu não existisse. Isso acabaria com qualquer um, mas mesmo sob fortes sentimentos decido continuar e não me render.

- Você me quer ao seu lado. – Me aproximo dela e digo. – Outro lado seu diz que não me quer, pois, esse lado deseja caos e ao meu lado você quer paz.

Léia olha para o céu.

- Possui razão, estranho. – Um sorriso surge em sua face e logo se apaga. – Mas, no momento não posso me render à paz. O meu povo precisa de vingança, eu preciso disso para seguir em frente. Não posso simplesmente descansar em meu castelo e fingir que nada está acontecendo.

- Você não está fazendo isso Princesa. – Seguro a sua mão. – Está cuidando do seu povo e é disso que eles precisam, do seu amor, não apenas da raiva ou do que você pode fazer contra Mormeu e os demais reinos. Ser um líder está acima disso.

Léia continua a segurar a minha mão. Dá dois passos à frente e novamente sinto a sua respiração quente assim como o bater do seu coração. Me lembro do último momento que estivemos assim tão próximos e não posso fazer isso novamente e dessa vez creio que Léia entenda que não é o correto.

- Nenhum homem é como você. – Ela exclama com carinho. – Talvez seja esse fato que tenha feito eu me apaixonar por você.

- Léia... – Digo.

- Não precisa se explicar. – Léia sorri delicadamente. – Não consigo explicar, mas sei que não podemos ficar juntos, pois, isso não é o certo. Há algo entre nós, uma barreira que nunca conseguirei ultrapassar e aceito esse fato.

- A verdade...

“Não”. Uma voz ecoa em minha cabeça e me calo.

Léia espera pela minha fala, mas no momento em que abaixo a minha cabeça sua mão se desvincula da minha. O calor do seu corpo se apaga, apenas sinto o frio do seu olhar atingir o meu corpo assim como um sentimento de tristeza.

- Se eu guerrear o que irá fazer? – Ela questiona.

Fecho os meus olhos e sinto o vento gelado bater em meus cabelos. No final consigo expressar um sorriso, talvez o mais triste que já expressei.

- Nada. – Minha voz quase trava. – Talvez seja o meu fim.

- Eu... – O coração de Léia acelera e ela perde o controle. – Não...

Fico parado no mesmo local mesmo quando um soldado se aproxima da Princesa.

- Rainha. – Ele diz. – O que faz sozinha aqui?

- Sozi... – A voz dela falha.

- Perdão. – O homem diz. – Algum soldado deveria acompanhá-la.

Rapidamente o seu olhar ergue-se, nossos olhares se encontram. Os questionamentos em sua cabeça surgem, quando a janela ao lado bate com força e ela se distrai. Acho o momento ideal para desaparecer. No instante apenas não me importo se Léia souber quem eu sou, toda essa angustia está me destruindo aos poucos.

Voo pela floresta até chegar ao lago, a primeira vez que nos encontramos. Me aproximo e enxergo a minha face, peço ajuda, entretanto sei que não a terei, pois tenho que ir atrás dela. Ao me virar para o lado encontro a imagem de Ramona parada com um olhar um tanto triste.

- Está na hora de retornar. – Ela diz.

- Não. – Mostro a guerreira a ampulheta. – Ainda não acabou.

- Eliel. – Ramona exclama com angustia. – Isso vai acabar com você. Sei que é forte, mas isso é muito até mesmo para o mais resistente de nós.

- Ramona. – Digo a ela. – Se eu não conseguir ninguém irá, não me importo se isso me destruir, o que me importo é que se no final conseguirmos completar nossa missão. Como líder da Legião Divina deveria entender.

Pela primeira vez vejo uma lágrima surgir em sua face.

- Eu entendo. – Minha amiga diz. – Só que eu me importo com você e pelo submundo Eliel. Todos sabemos que não irá terminar bem.

- Você foi até o futuro e descobriu? – Encaro ela com um sorriso e por mais difícil que seja consigo retirar um leve riso dela. – Você tem que aceitar que aconteça o que acontecer era porque estava traçado no meu destino.

Ramona fecha os seus olhos e suspira.

- Não é irônico você estar me orientando sobre isso? – Ela diz. – No final sou eu quem não está aceitando as coisas. Talvez esteja até mesmo interferindo em seu destino, peço perdão por isso meu amigo.

- Não faça isso. – Digo. – Sua preocupação vale muito para mim, pois também sinto o mesmo por você. Sei que é difícil a ideia de fim para nós, mas é uma possibilidade que agora devemos cogitar e se isso acontecer não apagará nossa existência. Deixamos muito para esse mundo que vão além do que compreendemos.

Seus olhos brilham, ela coloca a mão no peito e eu também.

- Sua missão está quase no fim. – Ramona diz. – Desejo que consiga vencê-la. Após momentos de reflexão por sua causa vi que esse era o melhor a se fazer. Você é muito especial Eliel, por favor volte para nós. Tome muito cuidado porque não somente os Anjos precisam de você, mas sim todos os seres.

As palavras da guerreira mexem no fundo da minha alma e me mostram a possuir ainda mais esperança nos seres. Quem diria que isso um dia iria acontecer, logo Ramona me inspira a ter esperanças ou eu conseguir mostrar a ela isso.

- Estarei aqui até o último segundo. – Exclamo. – Não irei desistir, por todos nós. Prepare aquela bebida divina para quando eu retornar porque iremos comemorar, minha amiga. Como nos velhos tempos.

- Combinado. – Ela sorri. – A nossa vitória.

Sua imagem se dissolve.

Quando tudo isso acabar a Terra levará essas marcas para sempre, não é como em Empíreo que tudo pode voltar ao que era. Essas raças continuarão a andar sobre a Terra, somente espero que possam seguir por um caminho melhor.



Olivia Mormeu *CONQUISTADORA.*

Desde muito nova as pessoas disseram onde era o meu lugar, mas eu nunca estive satisfeita com isso. As coisas são muito difíceis quando você nasce mulher e se tornam ainda mais se você é negra. Antes da adolescência já havia perdido toda a minha família, fui vendida como escrava e abusada das formas mais angustiantes possíveis. Isso poderia me destruir por dentro, no entanto decidi fazer disso a minha força. Comecei a articular e fazer os homens pensarem que estavam no controle quando na verdade eu estava. Comecei seduzindo o dono dos barcos, meus senhores. Pelos cantos aprendi a ler, escrever. Logo estava independente sem que eles nem percebessem. Agora eu estou aqui no ponto mais alto e isso nunca será suficiente para apagar o meu passado.

Eu gostava de Atlas, porém a sua morte foi necessária. Por mais que ele fosse um excelente guerreiro sempre deixava suas emoções tomarem a frente. Sua paixão devota por mim foi sua ruína, o amor continua sendo o sentimento que mais destrói o ser humano. Acho que a última vez que amei de verdade foi o meu professor de leitura, infelizmente tive que assassiná-lo, pois, ninguém poderia saber que uma escrava aprendeu a ler ou melhor se tornou mais inteligente que os seus mestres.

Passo a mão pelos meus longos cabelos negros e me sento na cadeira onde meu marido se sentava. Observo os olhares dos conselheiros para mim e sei que nenhum deles está contente em me ver nesse posto, isso me abala? Nunca, só me satisfaz. Gosto de ver os homens vendo que uma mulher negra conseguiu aquilo que eles nunca conseguirão. O poder me dá mais tesão que o sexo, quando aprendi isso tudo se tornou diferente.

- Ainda não posso acreditar que Atlas se foi. – O Marquês Jon fala da outra ponta da mesa, a sua face tenebrosa virada em minha direção. – Como não vimos soldados infiltrados no castelo? Sinto que há mais por trás dessa história.

Sirvo o vinho em minha taça e observo o homem. Ele sempre foi próximo de Atlas, está sofrendo mais que a própria esposa e isso é hilário. As pessoas amavam o Atlas, sabia desde o primeiro momento que isso poderia causar uma revolta, no entanto Lúcio me prometeu que tinha tudo sob controle.

- Ainda é difícil me lembrar daquele momento. – Passo a mão pela minha face e limpo uma lágrima que cai da minha face. – Ver Atlas morto diante dos lençóis. O vinho espalhado pelo chão contendo toxina. Nunca poderíamos imaginar que os nossos servos estavam aliados as forças de Vareon.

- Primeiro minha esposa, depois o rei... – Jon exclama e sinto a desconfiança.

- Assim como também a sua família. – O outro comandante diz. – Aqueles mais próximos do trono foram mortos, a família de Atlas está extinta. Os nossos inimigos caminharam pelas sombras e nos atingiram, fomos feitos de tolos.

Olho para a coroa do antigo rei em cima da bancada.

- Sei que as coisas são difíceis, mas devemos prosseguir. – Exclamo. – Eu ainda sou rainha mesmo após a morte de meu marido. Ninguém pode negar isso.

- Certamente não, rainha! – Jon sorri para mim. – Mas, você julga que o povo irá te seguir? Todos aqui sabemos que eles só te seguiam por causa do rei. Eles nunca aceitaram o fato de uma negra se sentar no topo mais alto do trono.

Pego a minha taça e levanto-me, passeio na sala e fito a todos presentes.

- Tem certeza, Marques? – O questiono. – Pois, os mais desprivilegiados estão ao meu lado. Depois de tantos anos eles viram que qualquer um pode chegar no poder, até mesmo uma mulher negra. – Degusto das minhas palavras. – Eles clamam por justiça e irão me seguir, deve ter visto na entrada do castelo a sua devoção.

Minhas palavras deixam Jon em silencio assim como todos presentes. Como rainha eu sempre mantive contato com aqueles que um dia eu saberia que

seriam uteis, até mesmo os pobres moradores de rua. Todos que estão no poder julgavam que teriam forças apenas com a força da falsa nobreza, mas não foram inteligentes para ver que a sua força maior está na ponta mais baixa da pirâmide. Aqueles que são subestimados.

Olho pela janela e lá embaixo estão eles, parados em frente a escadaria do castelo. Muitos protestos ocorreram quando souberam que eu seria a única rainha, no entanto eles foram evaporados quando o povo decidiu se manifestar. Os nobres podem possuir os soldados, dinheiro, mas isso não os torna invencíveis.

- Então. – Digo a todos. – Quais são as suas respostas? Irão batalhar e vingar o seu rei ou permanecerão aqui como grandes covardes. Atlas faria o mesmo se tivesse acontecido algo com vocês.

- Por que nós atacaríamos agora? – Jon me questiona. – Até chegarmos em Vareon o nosso exército já estará morto, eles não resistirão a neve.

- Estava esperando por esse questionamento. – Exclamo.

- Então responda. – O homem ao lado fala com desprezo.

A porta então é aberta e do outro lado ele surge. Trazendo consigo o sorriso mais irradiante do reino. Seus longos cabelos negros balançam com graciosidade enquanto seu olhar avermelhado percorre pela sala. Os conselheiros no mesmo instante ficam receosos.

- Quem é você? – Roger questiona o homem.

- Seu salvador. – Lúcio sorri para eles. – Sou o homem que guiará os seus exércitos para a vitória mais triunfante da sua história, de nada!

Jon levantasse indignado.

- Então foi isso? – Ele olha para mim e sorri sarcasticamente. – Você matou Atlas para assumir o comando ao lado desse ser desprezível? Não me espantaria se fosse verdade. Eu sempre soube quem você era, rainha!

Pouso minha taça na mesa e me aproximo do homem.

- Já estava enjoada de ter que encobrir a verdade. – Exclamo. – Sim, fomos nós que matamos Atlas como toda a sua família. Um bem necessário para todos.

- Traidora. – Roger profere com fúria. – Vocês serão julgados.

Lúcio levanta a sua mão e a magia cobre a boca do homem, os outros tentam sair dos seus lugares, mas são impedidos pela minha magia. Seus olhares assustados me seguem e eu sinto um prazer incalculável.

- Julguei que as almas eram mais sombrias. – O príncipe olha para eles. – Mas, estava enganado. Vocês não são soldados dignos, no entanto é o que possuímos no momento. Agora vocês irão apoiar a sua rainha assim como os seus outros soldados.

- Nunca. – O homem à minha frente branda. – Prefiro a morte.

Lúcio caminha em volta da mesa e fica atrás do homem. Se abaixa e coloca as mãos na sua cabeça, fecha os seus olhos e sussurra no ouvido do soldado. Aos poucos a energia negra vai sendo distribuída. O homem geme silenciosamente. Aprecio do vinho enquanto o príncipe faz o mesmo com todos os outros comandantes. Logo após eles retornam com os seus olhares vagos.

- Agora eu pergunto mais uma vez. – Exclamo. – Qual é o seu posicionamento nessa guerra, recuar ou avançar sob os meus comandos?

- Lealdade a rainha. – Eles respondem em perfeita harmonia.

Lúcio levanta a sua mão e deixa os líderes seguirem para fora da sala. Me aproximo dele e passo a mão em seu peito, sinto um poder inigualável. Seus olhos queimam nas chamas mais letais e isso me atrai mais que qualquer coisa.

- Pensei que iríamos manipulá-los. – Digo a ele.

- Não há tempo para isso, minha princesa. – Lúcio passa seus dedos em meus cabelos com sutileza. – Está na hora de atacarmos Vareon. Além disso, essas pobres criaturas não iriam ceder de qualquer forma. Por mais que estejam inclinados para a escuridão ainda possuem uma parte sua na luz.

Caminho pela sala e observo o sol pairar em Mormeue.

- Os Anjos. – Exclamo sem nenhum entusiasmo. – Logo quando iríamos atingir o ponto exato em suas almas eles surgiram para estragar com tudo.

- Logo serão imobilizados. – Lúcio me encara e confio plenamente. – O que interessa agora é oficializar a sua coroa, a rainha legítima.

- Rainha legítima. – Me permito rir por momento. – De certeza forma sim, eu sempre mereci esse posto, lutei para conquista-lo e agora o terei.

Lúcio se aproxima de mim, suas mãos quentes tocam a parte descoberta do meu corpo, nunca senti uma atração tão forte por qualquer criatura. O perigo me atrai. Além disso, ele deseja o mesmo do que eu, o poder absoluto não importa como.

Me viro e me aproximo dele, toco seus lábios e degusto.

- Eu sempre soube que era a escolhida certa. – Lúcio sussurra.

- Você pode enganar a todos menos a mim. – Exclamo. – Sua escolhida se curvou a luz, agora finalmente viu a melhor das opções.

Deixo ele na sala e prossigo pelos corredores. Atrás de mim caminham as minhas servas ou ao menos é o que todos julgam que elas sejam. Na verdade, elas também possuem o dom da magia dado por Lúcio, as sacerdotisas. Obviamente seu poder nem se compara ao meu afinal eu sou a verdadeira Monarca.

As portas do salão principal são abertas, prossigo pelo corredor principal. Meus soldados fecham as duas linhas, uma a direita e outra à esquerda. O povo se posiciona do outro lado e todos os olhares seguem para mim, sejam de felicidade ou de ódio. Mantenho minha postura ereta e continuo a caminhar. Enfim chego ao trono principal onde fico na frente, me viro com sutileza e observo a todos. O silêncio ecoa.

O homem vestindo longa vestimentas negras se aproxima de mim, em suas mãos ele carrega uma almofada com a coroa. Ele se vira diante do povo e fala:

- Eu proclamo Olivia rainha do reino de Mormeu. Protetora do povo das regiões férteis. Desde esse dia até o momento da sua morte.

Me abaixo com leveza e o deixo colocar a coroa em minha cabeça. O homem ajeita com delicadeza e enfim sinto a coroa no local onde sempre deveria estar. Me mantenho ereta e meu olhar segue por todos eles. A frente estão aquelas almas que Lúcio e seus irmãos conseguiram corromper, a felicidade nítida em seus olhos. Mais ao longe os Nephilins e Anjos caídos e é claro aqueles que me odeiam.

Me sento no trono.

- Vida longa à rainha. – O fiel ao reino exclama.

O povo se mantém em silêncio, nesse momento tenho vontade de queimar todos eles. Um homem que veste trajes nobres sai da formação dos soldados e se posiciona no corredor. Sua mão aponta em minha direção, porém me mantenho estável.

- Eu nunca vou....

Suas mãos seguem para a sua garganta e o homem tomba de joelhos. Ele começa a se engasgar e o sangue desce pela sua face, em instantes o homem está morto. Do outro lado escorado em um pilar Lúcio sorri em minha direção.

Fito todos com o meu olhar.

- Vida a longa a rainha. – Todos exclamam, sem exceção. De joelhos no chão.

Finalmente eu estou aqui. No ponto mais alto onde todos duvidaram que um dia eu poderia chegar. A garota que foi tratada desde o começo como um lixo, uma pequena marionete se transformou em uma das mulheres mais fortes da história. Um legado que ninguém poderá apagar. Ao olhar para eles eu vejo que eles me temem, pois possuem consciência disso e realmente deveriam temer. O que eu almejo eu conquisto.

- Vida longa à rainha. – Sussurro.

Capítulo XXIV

A sua imagem verdadeira.



Sento-me na cadeira mais próxima e fico a observar o trono a minha frente. O sangue inocente derramado, irmãos em uma disputa um com o outro, as traições e outros atos obscuros que assolam esses reinos. Me pergunto o porquê de as coisas terem que ser assim, como líderes eles deveriam guiar o seu povo por uma estrada de luz e não os afundar ainda mais na escuridão. Creio que isso seja apenas o começo, sempre líderes ruins circularam por essas terras e somente caberá ao povo se deseja segui-los ou se prefere ir por um caminho melhor.

Ouçó o bater das asas e ele entra pela janela, um tanto atrapalhado, mas consegue. Pousa no solo e limpa as suas vestes humanas que nem revelam tanto a sujeira. Victor continua em sua forma humana e por mais que não diga prefiro vê-lo assim. Os seus cachos claros brilham contra a pequena luz do sol que entra pelas frestas.

- O tempo passa. – Digo, mas não olho para ele. – Mas, sempre nos reencontramos.

- Você deveria comemorar por isso. – Victor fala. – Estou vivo. Antes não me preocupava com isso, mas agora as coisas estão diferentes.

- Fico feliz que esteja bem. – Exclamo.

Possuo uma preocupação especial com cada um, mesmo Victor não fazendo parte da minha tropa da missão ele é mesmo assim. Nosso vínculo é muito maior que isso, os humanos consideram aqueles que nascem entre eles como filhos e talvez eu considere Victor como o meu filho e por isso me preocupo tanto.

- Encontrei alguns Anjos pela estrada. – Victor me conta. – Estão todos muito contentes com o sucesso da missão. Pensam que a guerra pode chegar ao fim.

- Só chegará ao fim quando os Príncipes evaporarem. – Sorrio e ele retribui.

- Eu sei. – O Anjo diz. – Você me ensinou a ter esperanças não é mesmo? Não podemos acabar com elas. – Aceno que sim. – Obrigado por me ensinar isso, pois foi o que me tornou forte nessas terras para que eu resistisse.

Sorrio internamente e me sinto contente por isso. Tentei passar esse ensinamento aos demais Anjos, mas muitos relutam para aprender a possuir mais esperança. Somente de saber que já obtive sucesso com um deles já vale tudo que ensinei. Nem sempre as coisas são como desejamos, mas elas servem como um aprendizado.

Victor se move e a gola do seu casaco desce, em seu pescoço revela-se uma marca média em forma de um corte. Me espanto por um momento, porém ele sorri.

- Nesses pequenos reinos existem muitos Nephilins. – Victor esclarece. – Eles não gostam nada da nossa presença. Ocorreu alguns ataques, porém logo foram contidos.

- Isso é bom. – Digo e ele me olha de canto. – Não o fato de ser atacado, mas de estar bem assim como os outros. Por mais que eles sejam criaturas da escuridão ainda possuem uma parte humana, apenas precisam de aconselhamento para seguir em frente. Infelizmente no momento os Príncipes estão sob o controle deles.

- Também não os culpo mestre. – Victor abaixa a cabeça. – Eles não escolheram nascer de um relacionamento nefasto como aquele. Apenas são assim, como Léia Vareon não escolheu se tornar uma bruxa. – O Anjo balança a cabeça e os seus cachos desalinham. - Esses Príncipes são demônios endoidecidos.

- Acabou de inventar essa palavra? – Falo. – É engraçada.

- Esse era o objetivo. – Victor ri por um instante.

Nessa guerra são poucos os momentos que conseguimos parar para refletir, mas eles são cruciais para que nos mantenhamos em linha reta sem perder o controle. A companhia daqueles que amo é essencial para a missão, pois creio que se não tivesse eles ao meu lado eu já teria perdido o controle há muito tempo.

Levanto-me e prossigo pelos corredores ao lado do Anjo.

- Não tiveram a infelicidade de encontrar os Príncipes nesses trajetos? – Questiono Victor com frieza. – Não avistamos a presença de nenhum deles em

Vareon.

- Gadrae estava em um pequeno reino. – O Anjo responde e o seu olhar entristece e já imagino o que tenha acontecido. – Ele avistou alguns Anjos, matou todos eles.

Sinto o peso no meu coração, a raiva flui naturalmente.

- Que os Divinos os guiem. – Exclamo.

- Os outros Príncipes não foram vistos por ninguém. – Victor diz.

- Isso é preocupante. – Um medo assola. – Por que mais eles iriam sumir logo agora que estavam prestes a concluir os seus planos? Não faz sentido. Os Príncipes gostam de surpresas e creio que iremos ter uma em breve.

Paro no local onde vi César conversar com Alexander Solares e sinto um certo enjoo. Lá embaixo a floresta estende-se coberta pela neve. Nos corredores alguns soldados circulam, todos armados. Alguns utilizam as armas que Azael ensinou os humanos a projetar, sua influência não tem como ser apagada totalmente.

- Suponho que já tenhamos a nossa surpresa. – Victor me olha. – A situação em Mormeui está cada vez mais crítica e agora o Rei Atlas foi morto.

A esperança do Rei salvar aquele local escorre pelos meus dedos.

- O que? – É a única coisa que consigo pronunciar.

- Ao que tudo indica foi morto pela Rainha Olivia. – O Anjo conta. – Alguns Anjos estavam presentes quando isso ocorreu, um deles conseguiu fugir para um pequeno reino mais próximo onde nós estávamos. Relatou todo o acontecido, infelizmente após algum tempo já havia morrido, seus ferimentos eram graves.

- Morto por quem? – Questiono. – Estavam fugindo do que?

- Das humanas que possuem poderes. – Victor responde e suas mãos tremem, sua voz vacila. – Os Príncipes deram um poder ainda mais obscuro para elas. Já deve imaginar, pois elas conseguiram destruir um de nossos Anjos.

Sinto como se a minha visão embasasse e temo mais uma vez nosso futuro. Penso se essas humanas são tão más assim o que impede de Léia não se tornar o mesmo? Somente de pensar nisso sinto todo o meu corpo congelar no frio mais intenso. Meu coração se parte cada vez mais, no entanto não posso me render.

- Os Anjos da guarda não foram feitos para lutar. – Digo a Victor. – Esse Anjo foi bravo por conseguir resistir aos ataques e ele será lembrado por todos nós. Mas agora, os demais Anjos já deixaram Mormeui?

- Sim, no mesmo momento. – Victor responde. – Agora estão completando sua missão nos demais reinos, alguns ainda se recuperando dos ataques, no entanto irão sobreviver. A situação ruim já passou, por momento.

- Bom. – Exclamo. – Logo após terminar a minha missão aqui irei partir a Morme, isso precisa ser verificado antes de retornarmos. A situação pode se tornar mais caótica se continuar sem uma solução.

- Compreendo. – O Anjo diz.

Lá embaixo avisto a capa vermelha deslizar pela neve, a humana olha para trás e vejo o seu olhar enfurecido e triste. Ela segue pela floresta e some. Sinto que devo agir.

- Preciso partir. – Digo. – Nós vemos em breve, Anjo.

Voo até pousar na neve. Prossigo pela floresta e me afasto do castelo até estar somente na presença da Princesa. Ela está de pé com as mãos pousadas em uma pedra. As lágrimas descem pela sua face e atingem a neve. A humana chora e uma angustia em mim surge. De suas mãos uma poderosa energia sai e quando se espalha pela pedra ela se parte ao meio, Léia vê isso e parte todas as pedras que estão em volta.

- Agora não serei mais o estranho da pedra ao lado. – Exclamo.

- Pelos céus! – Léia tomba e cai na neve.

Me aproximo dela e ofereço minha mão, no entanto ela recusa. Levanta-se sozinha, bate em suas roupas e retira a neve delas. Lança um olhar furioso para mim.

- Você pensa que tem direito de chegar assim quando deseja? – A humana avança e não recuo, sinto sua respiração em minha face. – Pois, não tem.

- Na verdade, suponho que tenha. – Sorrio e isso deixa ela mais brava. – Mas, o que realmente importa é o motivo de estar partindo essas pedras.

- Não importa. – Léia soa ríspida. – Não devo satisfações da minha vida a você.

Cruzo os meus braços e não permito o meu coração ser atingido, sei que está com raiva, mas é só isso. Após um momento em silêncio ela me olha, balança a cabeça, retira sua capa e joga no lago.

- Quer saber? – Aceno que sim. – Eu confiei em suas palavras. – Ela aponta o dedo para o meu peito. – Disse aos meus conselheiros que não iria mais querer a guerra e eles me chamaram de tola, agora o meu reinado está em dúvida.

Sorrio para ela o que a deixa mais enfurecida.

- Por que está sorrindo seu palerma? – Léia diz. – Pare com isso.

- Você confiou em mim. – Digo para ela.

- Sim. – Ela coloca as mãos em sua cabeça e grita. – Agora todos estão duvidando de mim, por causa de seus conselhos idiotas.

- Se fossem tão “idiotas” você nem mesmo cogitaria Princesa. – Falo. – A questão é que você fez o que seu coração mandou e isso é o correto. Não se importe se eles te contestarem, mostre a todos que é a sua líder.

Léia enfim se acalma. Por dentro sinto o sentimento mais genuíno. A esperança dentro de mim acende-se na tocha mais ardente. Minha missão está seguindo pelo caminho que desejava, por um instante temi que não conseguisse, mas agora avisto a luz no final do trajeto. Apenas tenho que fazer Léia seguir nesse caminho.

Não muito distante de nós Fariseu surge, ele acena para mim, e meus olhos arregalam-se. Temo por ele fazer algo estúpido nesse momento. Apenas aceno com um gesto que ele compreende. Léia vê o movimento e me observa.

- Quem está vendo? – Ela questiona, fico em silêncio. – Quer saber apenas não me importo, você deve ser um louco. Deveria estar preso em uma masmorra.

- Isso é cruel. – Digo.

- Você deve ser o ser mais puro da Terra. – Léia abre suas mãos.

- Chega. – Por um momento perco a sanidade e grito. – Já te aconselhei das melhores formas e apenas você se nega a enxergar a verdade. Quer agir como uma pequena criança, acorda, pois agora é uma líder. Aja como uma.

As mãos da humana são cobertas pela magia.

- Repita mais uma vez. – Ela grita com toda a força.

- Você não aguenta a verdade. – Digo a ela. – Todo o seu povo precisa de você aqui para melhorar as suas vidas não para colocar em risco por causa de uma guerra. Seus pais morreram e eu sinto muito, mas vingança não vai adiantar em nada. Eles não retornarão à vida se derrubar Mormeui, essa é a verdade.

Léia deixa a raiva mais potente fluir pelo seu corpo, ele é coberto pela sua magia. Ela dispara com todo o seu poder contra mim. Fecho os meus braços e as duas energias se encontram. Por mais potente que ela seja não consegue resistir a minha. Quando as energias se dispersam eu sou revelado. A minha armadura dourada surge assim como também as minhas longas asas brancas. Do outro lado a Bruxa paralisa.

- Pelo santo Divino! – Fariseu coloca as mãos na cabeça.

Léia perde o equilíbrio ao olhar para ele. Fariseu olha para ela e Léia para ele.

- Ela está me vendo? – O Anjo sussurra para mim.

- Sim. – Digo. – Também está me vendo.

- Olá! – Fariseu sorri para ela. – Me chamo Fariseu, sou o melhor amigo de Eliel.

Léia fica paralisada no local com as mãos apontando para nós. Ainda não crê no que está vendo, para deixar o local mais confortável fecho as minhas asas e me aproximo dela. Sei que deve ser difícil para um humano presenciar isso, mas só me revelei por causa do seu ataque. Ela me obrigou a isso.

- Quem é você? – Léia questiona.

- Um Anjo. – Respondo e sua boca abre-se.

- Um Anjo da Guarda, agora também o seu protetor. – Fariseu sorri. – Também um guerreiro da Legião Divina, um dos melhores para ser mais específico.

Ele bate em meu ombro e apenas lanço um olhar para o Anjo.

- Compreendi. – Fariseu se afasta.

Encosto nas mãos de Léia com delicadeza e abaixo. Firmo meu olhar no seu e passo toda a minha tranquilidade, aos poucos a sua respiração volta ao normal. Nem mesmo sei quais palavras usar para que não a assuste, apenas ajo como meu coração ordena. Agora não é momento para ser tão racional.

- Eu sou um Anjo Léia. – Conto a ela. – Todo esse momento estive ao seu lado para te orientar para um melhor caminho para que não acabasse na escuridão por causa desse poder que carrega. Eu sei como tudo isso começou.

- Pensei que você fosse um assassino mandado por outro reino. – Léia diz. – E penso que seria melhor se fosse. Nunca o temi porque acreditei que criamos um vínculo maior e inexplicável. Sabia que se me atacasse iria conseguir revidar, mas isso. – Ela aponta para mim. – É impossível.

- Não é. – Seguro a sua mão. – Não está enlouquecendo se assim imagina.

Um leve sorriso surge em sua face, mas logo após some. Léia pousa os seus olhos negros no meu e segura minha mão com uma força maior.

- Você disse que sabe de tudo. – Ela diz e aceno que sim. – Me conte.

- Eu irei. – Digo. – Esse é o momento certo para isso.

Acendemos tochas em uma pequena caverna e por ali ficamos. Conto a humana a parte que ela precisa saber, nada além disso. Desde os Príncipes Infernais e os seus objetivos com ela. A cada nova informação sobre a guerra a Princesa fica ainda mais abalada, tudo aquilo em que ela acreditava desmorona. Terminamos o assunto quando já é noite e a escuridão paira pelo reino.

Prossigo com Léia pela floresta.

- Não sei o que eu estou sentindo. – Ela diz. – Esse seu mundo, as nossas conexões, é algo que nunca imaginaria pensar. Julguei que estávamos passando por um período de grande perigo, no entanto isso vai além.

- Exatamente, Princesa. – Exclamo. – Agora espero que compreenda o motivo das minhas ações isso e peço que se lembre de todos os meus conselhos. Nunca fiz isso para lhe prejudicar, apenas queria lhe mostrar um caminho melhor a seguir. Peço desculpas se em algum momento falhei como seu protetor.

- Meu protetor. – Léia sorri para mim. – Sabia que a nossa conexão ia além desse mundo, mesmo isso sendo um tanto insano eu gosto. Finalmente encontrei uma solução para tal sentimento, assim para tudo que está acontecendo a minha volta.

- Tenho certeza que fará o certo. – Digo. – Sei que possui uma grande raiva em seu peito, mas também sei que pode controla-la se assim desejar. Você será uma grande líder para o seu povo, mostre a eles um caminho melhor a seguir.

- Irei. – Léia diz.

Ficamos em silêncio por um momento. Léia corre até mim e os seus braços seguem pelo meu corpo, sinto um ótimo aconchego. Trazemos luz um ao outro. Ela se afasta e enfim lança o sorriso, o mesmo que vi quando a encontrei pela primeira vez.

- Obrigada por tudo. – A humana diz. – Meu Anjo protetor!

A Princesa puxa a sua capa e cobre a sua face. Segue pela escuridão até o seu corpo sumir, agora ela vai para um caminho melhor. Confiei nela desde o início, houve momentos de dúvidas, mas sabia que ela terminaria aqui. Sua bondade é maior que qualquer sentimento de escuridão. Essa é a primeira derrota dos Príncipes Infernais, menos uma alma que se rendeu a eles. Apenas o começo da sua destruição!

Capítulo XXV

O vermelho mais intenso.



Pelas ruas de Vareon todos seguem em direção ao grande salão, muitos expressam o temor pela futura decisão de Léia e confesso que por mais pequena que seja também a sinto. Imagino o quanto deve ser confuso para ela ter que suportar a dor pela perda dos seus pais, digerir a traição de Alexander e também de tentar compreender nós. É muita coisa para uma só mente, mas confio que ela pode suportar.

Nos camuflamos no meio da multidão e seguimos. Ao olhar para o lado vejo uma pulseira na mão de Fariseu, algo metálico e no centro o desenho de uma estrela. Meu amigo na maioria das vezes sempre se manteve feliz, porém aqui na Terra noto algo diferente no seu olhar, não de um modo ruim.

- Presente? – Questiono.

- Sim. – O sorriso surge em sua face. – Os construtores da região fizeram isso para nós, agradeceram pela nossa ajuda. Confiam em nós.

- Estou muito contente que as coisas deram certo por aqui. – Digo.

- Ainda falta a parte de Léia. – Fariseu relembra. – Não estou certo que ela fará o correto e entendo a situação pela qual a princesa está passando. Às vezes não devemos esperar tanto dos humanos, eles sempre nos surpreendem.

- Espere. – Coloco a mão em seu peito e sorrio. – A minha experiência com os humanos é muito mais vasta que a sua. Léia fará o certo, afinal eu sou o seu Anjo da guarda e sei do que estou falando. Entendido, Anjo construtor?

- Compreendido, Mestre. – Fariseu pisca para mim.

Prosseguimos para o salão, logo quando todos adentram as portas fecham-se. No local há muitas pessoas e fica difícil de se locomover. Todas ficam

posicionadas de frente para o trono onde Léia Vareon está, quase que não a reconheço. Trajada em um longo vestido da cor do vinho que os moradores bebem, a sua capa negra desliza pelo trono. O seu cabelo liso como a seda cai pelos seus ombros. O olhar negro penetra no meu e nesse momento sei que ela nos avista, afinal agora não há motivos para se esconder.

Um homem caminha pelo centro do salão onde há duas formações de soldados, cada um em uma ponta. Ele enfim sobe os degraus e vira-se na direção do povo. O vento gélido invade o salão, mas as tochas continuam acessas.

- Hoje iniciamos um novo ciclo. – O humano fala. – Após os tristes acontecimentos enfim celebramos algo para nos orgulhar. Léia Vareon a sucessora ao trono, neste dia assume a sua posição por direito.

Léia levanta-se do trono e segue pelos degraus até ficar em frente ao homem. Inclina levemente o seu corpo para frente, o homem delicadamente põe a coroa em sua cabeça. Quando seu corpo volta a ficar ereto o olhar da humana segue por todo o salão, ela não está feliz, apenas está se mantendo forte por todos eles, pois, precisam dela.

- Saudações à rainha. – O homem exclama.

- Saudações à rainha. – Todos os humanos presentes repetem.

Penso o que está se passando pela cabeça de Léia nesse momento e creio que seja uma montoeira de sentimentos, negativos e positivos. Sei bem como é liderar e na maioria das vezes essa responsabilidade é atormentadora, talvez seja um dos motivos pelo qual decidi me afastar da Legião Divina. É claro que segui como um Mestre dos Anjos da guarda, mas a responsabilidade é totalmente diferente. Sempre pensei que poderia me afastar da guerra, mas quando ela chega não há para onde fugir.

Enfim chega o momento da Rainha declarar qual é o seu posicionamento. Sinto toda a tensão do local. Me aproximo de um pilar e escoro o meu corpo, sinto toda a minha pele congelar nesse instante. Ao mesmo tempo em que tenho certeza não posso negar que sinto o desconforto por uma pequena possibilidade vir a se tornar verdade.

Léia recua e volta para o seu trono onde observa todos.

- Meu povo! – Ela exclama. – Todos devem saber pelo que temos passado nesses últimos tempos, grandes momentos de escuridão. Um inimigo tem invadido as nossas terras e causado o caos e eles não irão parar. Isso não se trata apenas de Morme, se estende pelos demais reinos.

Por um instante temo que Léia revele a nossa identidade, mas creio que isso não seria sábio. Por mais que ela saiba de tudo não pode revelar isso ao seu povo, pois o caos se tornaria maior. Além disso, poucos iriam acreditar em suas palavras.

- Não podemos ficar apenas parados esperando que invadam o nosso reino e derramem o nosso sangue. – Léia soa fria e com um posicionamento forte. – Precisamos ser inteligentes e pensar em uma melhor forma para revidar e nesse momento... – Seu olhar pousa no meu. – precisamos ficar em nosso reino e proteger a nossa casa.

O meu corpo no mesmo instante relaxa e permito expressar um sorriso para ela. Muitos presentes começam a cochichar entre si principalmente os soldados que expressam uma certa insatisfação. Entendo o sentimento deles, a vingança, mas isso encobre seus olhares de enxergar a verdade e um caminho melhor a se seguir.

- Rainha.

Golias se aproxima do degrau e faz a reverência.

- Nós precisamos revidar. – Sinto o tamanho da sua raiva. – Se não mostrarmos a nossa força agora seremos tratados com desprezo e qualquer um irá nos atacar.

“Sim” Uma boa parte dos humanos presentes concordam com o homem.

- Nossa força. – Léia pousa seu olhar intenso em Golias. – Esse é o inverno mais rigoroso que tivemos em toda a nossa história. Esperam mesmo que eu sacrifique a vida de nossos soldados em busca de uma vingança? Até marcharmos a Mormeui mais da metade deles estará morto. Não temos alimentos suficiente para nos manter, imaginem distribuírem essa parte para uma guerra. Também desejo a vingança, mas no momento certo e agora o que devemos fazer é nos proteger.

O silêncio invade o salão.

- Alguém mais é contra a minha decisão? – A rainha questiona.

Nunca havia visto Léia nessa posição, a força que as suas palavras possuem é nítida, pois todos se calam no mesmo instante. Até mesmo Golias acena e recua, a Rainha deixa um momento para eles refletirem e grande parte compreende sua posição.

- Iremos fortificar as nossas defesas. – Léia exclama. – Em breve teremos alimento suficiente para todo o inverno, eu prometo. Como sua Rainha farei o necessário para manter todos vivos. Agora só peço que confiem em mim, pois essa é a melhor escolha que podemos tomar. Nos mantemos vivos até o inverno acabar e após pensamos no próximo passo, pois acreditem. Nossos inimigos não irão adentrar nesse reino.

O povo se ajoelha.

- Saudações à rainha. – Exclamamos.

Aos poucos os humanos vão deixando o local. Saímos do castelo e seguimos pela floresta caminhando pela neve. A temperatura diminui mais a cada dia que passa. Seguimos pela estrada onde as pegadas da Rainha estão marcadas. Avisto o grande muro se erguer ao fundo, em frente a ele está Léia Vareon. Quando nota a nossa presença vira-se. Sua beleza é encantadora e o vermelho é um tom perfeito para sua pele.

- Fez o correto. – Digo para ela.

- Sim. – A Rainha exclama e um leve sorriso surge em sua face. – Graças a você fiz o correto, obrigada por toda preocupação. Enfim consigo enxergar a verdade. Preciso cuidar do meu povo e não desperdiçar suas vidas. Não seria justo.

- Sentimos muito o que os Príncipes tenham feito vocês passarem por isso. Infelizmente não conseguimos controlar as suas ações e agora os humanos estão pagando o preço, mas estou confiante que isso terminará em breve. – Falo. - Não ficará sem justiça, nós prometemos.

- Assim espero... – Ela diz.

Fariseu aponta para cima e sorri. Sigo o seu olhar e noto que em algumas árvores alguns alimentos crescem. Me aproximo e retiro um da árvore, a cor vermelha brilha em sua volta. Dou uma leve mordida e sinto o sabor doce, me recordo de Empíreo. Ofereço um pedaço a Fariseu que expressa o mesmo.

- É saboroso. – Digo a Léia. – Que bom que conseguirá manter o seu povo vivo.

- Pelo menos a magia me trouxe algo de bom. – Ela sorri como quando a conheci, empurra delicadamente seu cabelo para o lado. – Agora posso oferecer isso a eles. Tenho certeza que iremos sobreviver a esse inverno, mas quando isso acabar eles exigirão vingança e não sei se terei forças para ir contra.

- Terá. – Fariseu fala de um modo confiante que me surpreende. – Você vai ser uma luz de esperança para eles, será uma salvadora. Eles terão que compreender e disso virá a sua força, apenas confie em si mesma.

- Obrigada! – Léia acena.

Reflito sobre as palavras de Fariseu e ele possui a completa razão. Quando a humana mostrar ao seu povo tudo que conseguiu para ver eles sobreviverem a grande maioria ficará eternamente grata por isso e eternamente em dividida com

ela. Sempre haverá aqueles contra, mas se for em número pequeno podem ser contidos.

A rainha desamara a sua capa que cai na neve. Ela dá pequenos passos à frente e passa a mão pelo muro negro, seu sorriso desaparece.

- Preciso proteger eles. – Ela diz. – Farei isso com toda a minha força.

Sinto um forte vento circular a nossa volta. Das mãos da Rainha saem uma energia vermelha, por mais sombria que seja nesse momento não sinto medo. Talvez a humana esteja guiando essa magia para um lado melhor e afastando da escuridão.

- Claudebant muri. – Sua voz fica mais forte. – Praesidium.

Uma grande energia vermelha explode pelos céus fazendo a volta no reino de Vareon como um grande escudo. Após usar o seu poder Léia Vareon desaba, antes que ela caia no chão a seguro entre os meus braços. Deslizo minha mão pela sua face que está congelante, me preocupo, mas ela está viva.

- Você está bem? – Questiono.

- Sim. – Ela expressa um leve riso. – Imaginei que exigiria uma grande quantidade de energia. Parece que não calculei muito bem.

Trocamos risos um para o outro. Ao ver ela deitada em meus braços me recordo do nosso beijo e por mais que seja errado dessa vez me permito apreciar. Foi um momento de uma bela conexão por mais errada que seja, mas que nunca irei esquecer. Léia não é apenas uma humana, para mim significa muito mais que isso. O que sinto por ela é algo quase inexplicável, no entanto sei que envolve o amor.

Após um tempo a Rainha recupera a sua energia e volta a ficar em pé.

- Isso foi um pouco assustador. – Fariseu confessa. – Todo esse poder. Para a nossa sorte você possui uma boa mentalidade. Não é uma bruxa louca, espero que nunca se torne uma. Você não vai, não é mesmo?

- Não irei. – Léia ri da sua pergunta. – Prometo.

- Nunca pensei que iria fazer amizade com humanos. – Ele diz. – É tão diferente do que ter somente amigos como eu. Não acha Eliel?

- Sim. – Respondo e pousei meu olhar em Leia. – O sentimento é diferente.

Seus cabelos balançam e o seu olhar escuro brilha, um sorriso doce surge.

Ouvimos um forte barulho nas árvores distantes, trocamos olhares assustados um para o outro. Rapidamente retiro a adaga do meu cinto, temo que

sejam os Príncipes. Caminhamos pelo local com total cuidado, mas não avisto nada até que vejo a marca de sangue na neve, não qualquer sangue, sangue angelical.

- Pelo santo divino! – Fariseu exclama.

Em frente a uma árvore Irina está escorada. As suas asas retalhadas assim como boa parte do seu corpo, os seus machucados me trazem uma agonia sem tamanho. Me abaixo a sua frente, mas não toco nela. Seu olhar ferido pousa no meu.

- Irina. – Digo. – O que aconteceu?

- Eliel. – Ela segura com força o meu braço, sua voz está tremula. – Aconteceu uma tragédia. – Me aproximo mais para ouvir sua voz. – Os Anjos em Mormeum, eles foram...atacados...mortos... você precisa ajuda-los, pois eles não chegarão a tempo.

- Irina. – Falo mais alto. – Explique melhor.

Seu olhar dourado escurece e enfim o Anjo morre. Abaixo a minha cabeça e uma lágrima pinga na neve. Delicadamente fecho as suas pálpebras. O seu corpo congela.

- Anjos podem morrer? – Léia olha completamente assustada e abismada.

- Quando são atacados por um forte poder, sim. – Respondo. – Preciso ir até Mormeum e ver o que aconteceu.

- Eu vou junto. – Fariseu fala e não decido contestar a sua decisão, afinal seria uma perda de tempo e agora creio que não podemos perder um segundo.

- Tudo bem. – Digo. – Você vai ficar bem Léia? – Pergunto.

- Sim. – Ela responde. – Não se preocupe comigo, cuide do seu povo.

Esticamos as nossas asas e voamos para longe.

Sinto todo o meu corpo estremecer, somente de imaginar os Anjos sendo mortos já me causa agonia. Sei que os Príncipes Infernais estão em Mormeum, mas agora não posso recuar. As tropas de Empíreo não chegarão a tempo, ou até mesmo nem venham até a Terra. Agora somos somente nós contra a escuridão, isso é aterrorizante, mas não me renderei ao medo.

Capítulo XXVI

Temor.



Pousamos no solo do reino de Mormeu. Fecho as minhas asas e observo atentamente a nossa volta. As moradias estão silenciosas assim como todo o restante do ambiente, sinto a presença dos moradores dentro delas e seus sentimentos refletem o medo e angustia. Para um cenário de caos relatado a imagem que avistamos é um tanto distorcida, mas creio que estamos longe do foco principal. Esperava por gritos, sons e ao ouvir todo esse silêncio temo que todos os Anjos estejam mortos.

Viro a ponta do cabo da adaga em direção a Fariseu, ele me olha com um certo nervosismo e mesmo com a mão tremula consegue segurar a arma. Pego a minha espada e caminho em posição de defesa, nossos inimigos podem estar por toda a parte.

- Se avistar os Príncipes Infernais quero que voe para o mais longe possível.
– Oriento meu amigo. – Não faça nada estúpido.

- Você está dizendo isso para mim ou para si mesmo? – Fariseu diz.

Talvez ele tenha razão, por mais que eu tenha uma maior experiência com armas e guerras mesmo assim não sou palio para criaturas como eles. Nesse momento não temo a minha morte porque sei que parte da minha missão está completa, o que temo é apenas deles conseguirem o que desejam.

Antes de chegarmos ao castelo principal em frente as escadarias os soldados de Mormeu estão posicionados, trajados em suas armaduras verdes e prateadas. Todos seguram uma lança e permanecem com o olhar focado para frente como se fossem estátuas. Eles formam um círculo em volta do castelo. Atentamente observo que atrás deles há uma linha que segue por todo o local e que

dela sai pequenas chamas esverdeadas, sinto o poder obscuro exalar daquela região.

- Bruxas. – Fariseu exclama.

O Anjo para em frente a um soldado e sopra em sua face, o homem continua paralisado e não possui nenhuma reação. Fariseu olha-me um pouco atordoado.

- Tem certeza que devemos entrar? – Ele questiona. – Irina disse que eles não chegariam a tempo, mas é quase impossível que os Anjos de Empíreo não consigam isso.

- Pode ser mais complicado do que imagina. – Digo a ele. – Não sabemos se as nossas tropas irão querer interferir nesse caso, então devemos agir.

- Julgo que tenha razão. – Fariseu enfim concorda. – Afinal todos aqueles que estão lá dentro são o nosso povo e precisam de nós. – Ele fica cabisbaixo.

Passamos pela linha da magia e adentramos na região do castelo. Seguimos por volta da construção cuidando a cada passo que damos, o silêncio permanece. Quando dobramos a direita e entramos em um corredor avistamos um terrível desastre. Há corpos de Anjos espalhados pelo solo, muitos deles mutilados e com as suas asas arrancadas. Reconheço algumas faces do palácio das proteções e lamento muito.

- Pelo santo Divino! – Fariseu tropeça em um corpo. – Nós chegamos tarde demais, precisamos recuar Eliel. Não há mais ninguém lá.

- Fariseu. – Me viro e exclamo. – Se quiser recuar está livre para isso, entretanto eu preciso continuar com ou sem você. Decida.

O Anjo olha para os corpos e após para mim.

- Somos amigos. – Ele diz. – Amigos ficam juntos, até o fim.

Aceno para ele e continuamos a caminhar pelo local. Em todos os locais que passamos há o reflexo da brutalidade que ocorreu nesse ambiente. As paredes, os solos tingidos pelo sangue angelical. Os corpos espalhados como se não fossem nada, completamente sem vida e abandonados entre tantos. Uma missão que foi feita para salvar vidas e que acabou por retirar tantas, espero que nada tenha sido em vão para eles.

Enfim encontramos uma parte do castelo que não está marcada pela violência. Grandes pilares erguem-se em direção ao céu, as folhas enrolam-se na construção. No centro do local há uma pequena fonte, quando nos aproximamos

vejo que a água está misturada com o sangue e novamente sinto meu corpo congelar.

- Eliel. – Fariseu estanha os olhos.

Me viro na direção que o seu olhar segue e encontro eles. Atrás dos pilares estão posicionados diversos Anjos, todos presos por algemas de ferro. Com a cabeça baixa enquanto lamentam. Dos seus ferimentos pingam o sangue que tinge o solo. Quando eles nos avistam uma luz de esperança surge em seus olhares.

- Anjos. – Exclamo.

- Eliel. – Um diz.

Dou três passos à frente e quando penso em ultrapassar a linha dos pilares algo me bloqueia, um escudo de energia certamente encantado pelas bruxas. Bato contra a região e uma fumaça negra se espalha.

- Como iremos tirar eles daqui? – Fariseu me questiona.

- Não irão.

Olivia surge do corredor. O seu vestido esverdeado balança com o vento revelando partes do seu corpo. O cabelo ondulado cai suavemente em sua pele, o seu olhar amarronzado pousa em nós. Agora mais do que nunca assume toda a sua escuridão. A coroa prateada em sua cabeça brilha mais que o sol que agora esconde-se nas nuvens.

- Como Rainha devo proteger o meu reino de invasores. – Olivia exclama com sarcasmo, degustando da nossa dor. – Creio que compreendam minhas ações.

- Você um dia irá pagar por tudo isso. – Exclamo. – Tenha consciência disso.

- Talvez. – Ela caminha até a fonte onde se acomoda. – A vida já foi bastante cruel comigo, Anjo. Não há mais nada que eu possa temer.

- Isso não dá o direito de fazer maldades como o nosso povo, humana. – Fariseu fala em fúria. – Você nem deveria ter existido.

- Está muito bravo, meu Anjo. Creio que precise se controlar.

O Anjo traidor enfim retorna. Armênica caminha ao mesmo tempo em que alisa os seus cabelos ruivos que agora terminam em seus ombros. Sua pele demonstra alguns machucados e quando ela segue de costas até Olivia o corte em seu vestido revela as marcas de suas asas arrancadas. Como Anjo caído os Príncipes devem ter recrutado ela novamente, afinal foi uma das principais influenciadoras dessa guerra.

- Poderia ajudar para acalmar os seus nervos. – Armênica prossegue, passa a mão em sua perna e deixa a ponta do vestido cair para revelar mais da sua pele. – Me diga que você não desejava isso toda vez que nos encontrávamos.

- Eu... – A voz de Fariseu falha e seu olhar se torna ainda mais furioso. – Tenho raiva de você por ter quase conseguido me corromper, mas felizmente não conseguiu. Fico contente em ver você sem as suas asas.

As palavras do Anjo atingem fortemente a traidora. Olivia percebe que Armênica está prestes a se descontrolar e segura a sua mão, apenas com um olhar consegue fazer com que ela recue e se acomode. A força da Rainha não deve ser subestimada.

- Não sente por ter matado o seu marido? – Questiono. – Ele te amava.

- Não. – Sua resposta é curta e rápida. – Para conseguirmos aquilo que almejamos as vezes precisamos ultrapassar os limites e oferecer sacrifícios. O amor pode ser a fraqueza de uns e a força de outros, para mim é só apenas um degrau para chegar naquilo que almejo.

- Sinto muito que pense assim. – Dou um passo à frente. – Todas essas palavras cruéis e o seu jeito frio escondem uma verdade em sua alma. Toda essa maldade é um escudo contra aquilo que você sofreu, porém, agindo dessa maneira não conseguirá concertar as coisas.

Olivia pega uma rosa próxima a fonte. Delicadamente passa a mão pelas pétalas e segundos depois a flor entra em chamas até virar somente cinzas. O sorriso surge em sua face e os seus olhos brilham, ela gosta de se sentir no poder.

- Talvez tenha razão. – Seu olhar pousa no meu. – Talvez seja um escudo que utilizo, mas que serve para me proteger do mundo, foi assim que sobrevivi. Lá de cima vocês não costumam vigiar pessoas como eu, não é mesmo? Enquanto apodrecíamos algemados sendo levados por barcos e vendidos aos homens vocês não faziam nada.

Já vi algumas imagens do que ela está relatando. Pessoas são algemadas e vendidas a homens que as tem como sua propriedade, algo extremamente cruel.

- Você não sabe nada sobre nós. – Fariseu exclama.

- E pensam que sabem algo sobre nós? – Olivia o encara. – Podem passar anos da sua existência a procura de nos compreender, mas nunca irão. Somos seres mais complexos que vocês, e há aqueles que veem isso.

- Os Príncipes Infernais... – Sussurro.

- Nossos salvadores. – Olivia sorri.

- Salvadores? – Fico incrédulo por ouvir tais palavras. – Vocês não sabem o erro que estão cometendo, os Príncipes só desejam destruir a sua raça. Aprofundar vocês completamente na escuridão onde não irão mais poder voltar.

- Poupe-nos da sua fala. – A rainha diz. – Não irá adiantar nada, Anjo. Nosso exército se torna mais forte a cada dia e não há nada que possa fazer.

Observo em volta outras mulheres surgirem. Os seus longos cabelos deslizam pela sua pele assim como os vestidos de seda. Todas apresentam o mesmo olhar de Armênica, sinto a energia obscura pulsar de seu corpo. “Sacerdotisas” a palavra ecoa em minha cabeça. Elas seguem até fecharem as nossas saídas, seus olhares pousam em nós. Olho para Fariseu que segura fortemente sua adaga.

- Libertem os Anjos. – Exclamo com fúria. – Agora!

- Suas ordens não valem nada aqui, Anjo.

No telhado os Príncipes Infernais caminham, seus olhares admirados por nos ver diante da situação. Lúcio pula até se posicionar a minha frente, o sorriso doentio exala a maldade e faz todo o meu corpo arrepiar. Com o dedo faz o sinal de silêncio para mim, seu olho avermelhado entra nas chamas mais intensas.

- O que irá fazer? – Fariseu questiona. – Eles virão atrás de nós.

- Não estão aqui no momento. – Lúcio abre os seus braços como grandes asas. – Estamos somente nós e precisamos resolver alguns assuntos inacabados.

- Julgo que já tenhamos resolvido tudo. – Exclamo. - Aconselho todos a se entregarem o quanto antes porque quando Empíreo atacar eles não terão misericórdia. O fim de todos vocês se aproxima, é uma questão de tempo.

- O tempo é algo insano. – Lúcio diz. – Um exemplo é agora. Pelos meus cálculos temos tempo suficiente para matar todos vocês.

As Bruxas e os Príncipes riem em um coro doentio. Pelo tom de suas palavras e o seu olhar sei que o Príncipe não está mentindo, é só uma questão de tempo para tudo isso acabar. Mas, se for para acabar assim prefiro terminar lutando até o fim. Olho com o canto do olho para uma pequena saída na lateral e aceno para Fariseu. Se pelo menos ele conseguir fugir tudo já terá valido a pena. Fariseu estica as suas asas enquanto avanço contra Lúcio. O Príncipe não esperava tal ação e então consigo acertar com a lamina da espada em seu punho, no mesmo instante um corte surge na região do golpe onde queima e ele sente a dor.

- Anjo estúpido. – Ele esbraveja.

Invisto mais uma vez e dessa vez ele desvia. Gadrae joga uma espada negra do telhado que cai perfeitamente nas mãos de Lúcio. Ele gira e acerta o golpe

diretamente em minha coxa, no mesmo instante tombo sentindo a dor imensa. O ferimento arde como se estivesse me queimando aos poucos. O Príncipe aprecia meu sofrimento.

Do topo do telhado Fariseu é arremessado ao solo por Azael que o acerta com uma corrente, a arma bate em suas asas fazendo o Anjo tombar. Fariseu rola pelas pedras até bater contra o escudo e cair na frente dos demais Anjos. Olivia ergue suas mãos e distribui uma energia esverdeada em forma circular que se enrola no pescoço de meu amigo.

- Perfeito, minha Rainha. – Lúcio passa as mãos pelo seu cabelo. – O seu poder evolui a cada dia, logo poderá se tornar a criatura mais poderosa entre os humanos.

O olhar de Olivia brilha convicta que realmente isso irá acontecer, mas não posso deixar que isso prossiga. Quebro a ponta da minha espada e sinto a dor. Viro a sua ponta e arremesso com toda a minha força. Antes que a arma possa atingir Olivia Lúcio manipula a direção e a ponta atinge o pescoço de Armênica que cai no solo imediatamente, sem seus poderes angelicais acaba por morrer.

Mesmo com a dor me esforço e consigo me manter em pé.

- Você é resistente, Anjo. – Lúcio me encara. – Mas, não por muito tempo.

As sacerdotisas se posicionam e começam a exclamar palavras desconhecidas, todas entram em sincronia. Sinto o vento atingir o meu corpo e sou arremessado contra uma parede assim como Fariseu que se debate nas pedras. Estico as minhas asas, mas sou bloqueado por uma parede que exala uma forte magia negra combinada dos poderes das Bruxas e dos Príncipes Infernais.

- Eliel. – Fariseu segura a minha mão enquanto nosso corpo é erguido do solo.

- Estamos juntos. – Digo. – Para sempre!

Com a minha outra mão prendo na sua e ficamos conectados.

- Subfernales. – Eles exclamam. – Prakeon julgari.

Uma imensa escuridão atinge os nossos corpos, sinto as chamas atingirem a minha pele. A dor é impossível de ser controlada então eu e o Anjo gritamos com toda a nossa angustia. Minha visão embaça e logo não consigo ver mais nada, somente a escuridão. A minha mão se desvincula da de Fariseu e então fico completamente sozinho no meio da escuridão, meu corpo flutua e enfim a dor passa.

O suor desce pela minha testa, sinto um certo enjoo e enfim tenho minha visão novamente. Passo minha mão pelo solo arenoso, sua cor é de um vermelho escuro. Olho em volta e vejo enormes paredes de rochas. Levanto rapidamente, mas sou puxado por correntes presas em meus pulsos. Ao meu lado Fariseu também está aprisionado e mais ao longe os demais Anjos que estavam conosco.

- Fariseu. – O chamo. – Fariseu. – Grito para que possa me ouvir.

O Anjo levanta-se rapidamente, seu peito pulsa descontroladamente. Ele olha em volta e o seu olhar demonstra o seu pior medo, enfim pausa em mim.

- Nós estamos... – O Anjo diz. – Estamos...

- No submundo. – Completo a sua frase mesmo sem coragem.

A nossa frente avisto várias ilhas, montanhas. Não há luz aqui, a pouca que vem é das chamas dos lagos. Logo após quando a nossa montanha chega ao fim há uma grande queda que dá para o mar infernal. A água é transparente e do lado interno dá para ver as almas debatendo a procura de conseguir se libertar do local. Os sons, o cheiro, tudo contribui para o meu pior pesadelo.

Do topo da outra montanha três criaturas pulam, suas asas negras esticam e elas sobrevoam até pousarem a uma pouca distância de nós. Os Príncipes Infernais agora possuem novamente as suas asas e estão contentes por isso. Azael e Gadrae ficam atrás enquanto nos olham e riem do nosso estado atual. Lúcio se aproxima e aprecia.

- Por que não nos matou? – Questiono. – Por que nos trazer para esse local?

Lúcio observa o horizonte onde as vozes suplicam pelo perdão.

- Essa foi a nossa prisão por séculos. – Lúcio exclama com ressentimento. – Abandonados nesse local pela eternidade. Suas Divindades não se importam com nenhum de vocês, essa é a verdade. Talvez um tempo nesse local façam vocês refletirem sobre isso, a presença das almas abandonadas é uma companhia perfeita.

- Eles virão por nós. – Fariseu diz.

- É o que veremos. – Lúcio nos olha com o seu pior olhar e dessa vez não consigo permanecer encarando-o, apenas abaixo minha cabeça. – Anjos patéticos, se acham especiais. Quero ver como se acharão quando não aguentarem mais ouvir as vozes, a solidão, o sentimento de incapacidade. Vocês irão apodrecer internamente, no final suplicarão para que tirem as suas vidas.

Os Príncipes Infernais pulam do penhasco e sobrevoam pelo submundo. Nesse momento desabo no chão. Abaixo minha cabeça e sinto como se as minhas esperanças saíssem do meu corpo e seguissem pelo solo arenoso sendo levadas

pelo vento. Não sei se virão por nós, ou se estamos apenas abandonados. Temo que as palavras de Lúcio sejam reais, esse seria o pior fim que imaginaria para mim!

Capítulo XXVII

Sopros da morte.



O Submundo é um lugar angustiante e atormentador. Não sei a quanto tempo estamos aqui acorrentados, mas o que sei é que já estou sentindo o impacto de todas as coisas a nossa volta. Consigo me manter em pé, já outros permanecem deitados no solo arenoso e encolhidos enquanto derramam as suas lágrimas. Me sinto completamente inútil diante da situação, pois não consigo ajudar eles porque no momento também necessito de ajuda e de um consolo. Por mais que as coisas pareçam difíceis respiro profundamente e mantenho o foco, não somente por mim, mas também por eles.

O suor escorre pela face de Fariseu, seus olhos se tornam profundos. Os seus cachos que antes brilhavam como as estrelas agora não demonstram mais nenhum brilho.

- Quanto tempo a mais teremos que ficar aqui? – Ele questiona enquanto tosse. – Pensei que a Legião Divina entraria em ação e nos resgataria, pelo visto estava enganado.

Talvez essa seja a verdade, mas me nego a acreditar nela.

- Eles virão. – Exclamo. – É só uma questão de tempo.

- Algo que nós não temos muito. – Ele diz.

Fariseu sorri levemente para mim, ele fecha os seus olhos e tomba em direção ao solo onde cai de braços abertos. Me ajoelho no mesmo instante, mas as

correntes impedem a minha aproximação. Com fortes assopros levo vento a sua face, mas o que acontece é que a areia bate em seu rosto.

- Oh! – Digo. – Me desculpe.

- As coisas se inverteram. – O Anjo fala. – Agora você é o descuidado.

Nesse momento me permito rir independentemente de onde estamos, talvez isso nos deixe mais conscientes. Fariseu firma os seus braços no chão e levanta parte do seu corpo até que esteja sentado, me aproximo o máximo que as correntes permitem.

- Deve ser horrível ficar preso nesse lugar. – Fariseu olha para o mar. – Imagino o quanto isso pode mexer com a cabeça de um ser.

- Você não está vendo o lado dos Príncipes, certo? – Questiono.

- Claro que não. – Seus olhos pousam nos meus. – Eles quiserem tomar o trono das Divindades e assumir o poder de Empíreo, mereciam tal punição. O que quero dizer é que nós não merecemos estar aqui. Se permanecer mais algum tempo creio que irei perder a cabeça e fazer coisas inimagináveis.

- Coisas como o que? – Pergunto.

- Arrancar meus braços. – Olho para Fariseu e pela tonalidade na sua voz creio que ele está falando a verdade. – Oh! Isso é insano, mas poderia ser uma saída.

- Nem pense em coisas como essa. – Digo. – O que tem que fazer agora é respirar e manter o foco para que esse ambiente não interfira em nossos pensamentos. Sei o quanto é difícil, mas iremos resistir até a tropa vir nos resgatar.

- Tudo bem... – Fariseu sussurra.

Passo a mão pela minha testa limpando o suor, sinto os meus lábios ressecados e uma sede enorme por água. Há algumas poças a nossa volta, mas todas impuras. Trabalho a minha mente para me afastar desses desejos, tento focar meus pensamentos em outros pontos, porém sempre acabo voltando para o mesmo local.

Ouçó um barulho vindo das montanhas. Todos levantam-se temendo ser os Príncipes Infernais, mas quando eles surgem a esperança retorna assim como os nossos sorrisos. A Legião Divina desce sobrevoando pelas rochas até pousar no solo onde estamos. Os primeiros soldados com as suas armas libertam os demais Anjos.

- Obrigado! – Eles dizem. – Muito obrigado.

No meio da multidão vejo a imagem de Ramona. Ela passa pelos corredores de Anjos até chegar à nossa frente. Antes de me libertar ela me surpreende com um abraço afetivo. Sinto as dores pelo meu corpo, mas o seu afeto é algo bom. Quando ela se afasta sorri para mim, mesmo que o seu olhar esteja triste.

Estico minhas mãos para frente.

- Se não se importa. – Digo.

A guerreira com a sua espada quebra as correntes, no mesmo momento sinto os meus pulsos se libertarem da dor. O poder naquela corrente também deixava meu corpo mais fraco, agora sinto ele mais forte embora ainda não esteja no meu melhor estado.

Ramona retira um pequeno recipiente de seu cinto e entrega a nós. Abro a tampa e vejo um pouco da água do lago de Empíreo e no mesmo instante sorrimos.

- Imaginei que iriam precisar. – Ela diz.

- Já estava prestes a comer essa areia. – Fariseu balança a cabeça.

Quando a água toca em meus lábios sinto o frescor e o belo sabor que somente a nossa água possui. O líquido entra pelo meu corpo me libertando de todo o poder negativo, logo estou bem novamente. Deixo a maior quantia para Fariseu que em um gole termina com todo o líquido.

- Pelo santo Divino! – Ele exclama com um belo sorriso. – Parece que eu nunca havia bebido água em minha vida, isso é mágico. Estou me sentindo melhor.

- Isso é ótimo. – Ramona diz. – Visto que precisamos retornar logo a Empíreo.

- Concordo. – Suspiro. – Esse lugar já me trouxe males suficientes.

Ramona olha um pouco cabisbaixa para nós.

- Sinto muito por termos demorado. – A guerreira lamenta. – Aconteceu alguns problemas em Empíreo, mas quando chegarmos revelarei a todos.

- Mais problemas? – Digo e ela balança a cabeça. – Ótimo.

- Não se preocupe. – Ramona segura minha mão. – Esse já foi resolvido então o que precisamos é apenas retornar o quanto antes.

Olho para os Anjos que estavam aprisionados, por mais que tenham recebido o tratamento ainda não estão em seu melhor estado. Afinal eles não eram guerreiros, a sua única tarefa era ser um bom Anjo da Guarda.

- O portal exige grande energia. – Relembro a todos. – Muitos podem não resistir durante a passagem até Empíreo.

- Sabemos. – Ramona assume um tom de preocupação, mas ainda permanece forte como uma líder. – No entanto, devemos assumir os riscos.

Poderia encontrar uma solução, mas agora não há tempo para isso. Muitas vidas já foram sacrificadas e creio que esse ainda não é o fim da guerra, mas devemos fazer sacrifícios se desejamos triunfar. Principalmente se esse sacrifício está ligado com a nossa sobrevivência, apenas temos que resistir.

Antes que possamos nos organizar somos atacados. Um Anjo que estava ao meu lado recebe um ataque, uma lança negra atravessa o seu peito. No mesmo instante seu corpo inclina-se para frente completamente sem vida enquanto dá sua boca pinga o sangue que se mistura com o solo avermelhado.

- Posição de Defesa. – Ramona ordena. Após olha para mim. – Pegue isso.

A guerreira me entrega uma bela espada, tão branca quanto o gelo. Seguro com força no cabo da arma, mesmo com a dor resisto e reluto contra ela. Posiciono minhas mãos e pernas em posicionamento de defesa, sigo com meu olhar pelos quatro cantos.

- Onde eles estão? – Fariseu sussurra ao meu lado.

- Escondidos. – Respondo. – Como sempre fazem.

Outras lanças são disparadas, essas acertam uma menor quantidade de Anjos, mas mesmo assim perdemos guerreiros da Legião. O foco das criaturas malignas é nos guerreiros que irão transportar os Anjos. Quando uma lança vem em minha direção giro para o lado e acerto a arma que se reparte em dois pedaços.

Fariseu segura o meu braço, mas logo seus dedos se desvinculam de mim. O Anjo é puxado por correntes, ele desliza pelo solo arenoso enquanto grita em desespero. Abro as minhas asas e voou até ele. Antes que eu possa me aproximar de seu corpo recebo um ataque. Lúcio com as suas enormes asas negras para a minha frente. Seu punho forte como o aço atinge a minha face, despenco do céu até que deslizo pelo solo arenoso e paro nos pés de Ramona. Ela estende sua mão para mim.

- Levanta-se.

- Cuidado. – Alerto.

Pego a minha espada rapidamente e giro ela até estar com a ponta para cima. Jogo com toda a minha força até que ela crava no peito de um Nephilim. “O humano” cai até que para onde nós estávamos. Me levanto imediatamente e

observo o seu corpo. Jogo seu corpo para o lado e retiro minha espada que está coberta pelo seu sangue.

- Eles estão aqui. – Esbravejo.

- Essa era a intenção dos Príncipes. – Ramona me olha. – Uma armadilha.

A nossa volta vejo os Nephilim, todos com a mesma marca em forma de um X em seus pulsos. Os olhares raivosos enquanto nos observam, sinto a sua ânsia pelo nosso sangue. Entre a formação deles reconheço algumas faces do salão de Nelônia. Quando pouso meu olhar no Príncipe Infernal sinto o meu corpo congelar. Azael segura Fariseu pelas correntes, por mais que ele relute não consegue se libertar. Quando avanço Ramona coloca uma mão na frente e me lança o seu olhar, apenas pela nossa conexão consigo compreender e recuo.

- Levem o restante. – Digo para ela. – Agora.

Ramona olha para os seus guerreiros e acena. Alguns dos guerreiros conseguem fugir e logo são levados pelo portal de Empíreo, outros antes que possam partir são atacados pelos Nephilins. Ramona retira um arco de suas costas e com o disparo de flechas consegue acertar os Nephilins que estão impedindo as partidas.

Um dos meio-humanos vem até nós. Ele bate com a sua espada contra a minha, giro com a lâmina até ele perder a sua arma e assim ataco cravando a espada no seu peito. Quando retiro a arma o seu corpo despenca a minha frente.

- Liberte ele. – Brando para Azael.

Estico as minhas asas e debato até que esteja em cima deles. Ramona vendo a minha situação mira o arco na direção de Azael, no mesmo instante dispara. Uma flecha sobrevoa até atingir um ponto em seu corpo onde a armadura não cobre. Ele geme pela dor, um grande ferimento abre-se em seu corpo.

Desço e puxo Fariseu até que esteja entre os meus braços. Pouso longe dos demais e perto de um guerreiro da Legião Divina. Os Príncipes Infernais estão ocupados tendo que resistir aos ataques dos demais guerreiros. Liberto Fariseu das correntes.

- Leve-o. – Digo ao Anjo.

- Não. – Fariseu exclama. – Irei ficar.

- Isso é uma ordem. – Esbravejo de uma forma que nunca falei com ele.

O guerreiro puxa Fariseu para os seus braços e logo os dois partem rumo a Empíreo. Essa não é uma hora para lamentações, precisamos salvar o maior número de Anjos possíveis.

Caminho até a beirada da pequena montanha e voou pela pequena guerra que se forma no submundo. Avisto Ramona batalhando contra cinco Nephilins, em suas costas não há ninguém protegendo. Assim um dos meio-humanos corre para atacar ela pelas costas. Me direciono rumo ao solo e sobrevoou pela areia arenosa até que a minha espada esteja cravada em sua cabeça, giro e retiro minha arma já me posicionando para mais um ataque. Observo em volta e os Anjos foram resgatados, muitos deles não conseguiram partir e seus corpos se espalham pelo local. O importante é que conseguimos que grande parte deles tenham prosseguido e creio que agora chegou o nosso momento. Esse não é o melhor ambiente para batalharmos contra as criaturas, elas são mais fortes aqui.

Puxo Ramona pelo braço.

- Precisamos recuar. – Digo.

A guerreira olha a guerra em volta e acena que sim.

- Vamos...

Uma lança negra atinge o seu peito atravessando a sua armadura. Seu arco e sua espada caem no chão. Ramona tomba e antes que caia eu seguro ela em meus braços. Passo a mão pela sua face e os seus olhos vão perdendo o seu brilho, um sentimento angustiante me atinge. Empurro seus longos cabelos negros para trás.

- Ramona. – Exclamo. – Por favor fique.

- A minha missão acabou. – Seus lábios se movimentam lentamente. – Você foi o meu melhor amigo, obrigada por tudo.

- Não, não. – Seguro sua cabeça e sussurro. – Fique comigo.

- Salve-se. Seja a última esperança.

Seu olhar pousa no meu e suas palavras soam como melodia. Enfim seu corpo não apresenta mais nenhum sinal de vida. Fecho os meus olhos e deixo as lágrimas pingarem. O meu coração acelera e o sangue percorre em um ritmo mais lento. Minha melhor amiga está morta e não posso fazer nada além de lamentar a sua morte.

Olho para longe onde Lúcio está, o sorriso percorre pela sua face. Ele é o assassino de Ramona. Pelas suas expressões ele demonstra o quanto isso o satisfaz, por mais que nesse momento sinta a raiva mais atormentadora, não posso me deixar ser guiado apenas por ela. Ramona pediu para que eu seja a última esperança e nesse momento não posso guerrear contra os Príncipes. O nosso momento chegará e terei a minha vingança.

Trago Ramona para mais perto do meu peito e enrolo ela em meus braços.

- Empíreo, abram o portal.

Antes que qualquer um possa reagir a forte luz nos atinge e somos guiados. Retorno à minha casa com o corpo da minha melhor amiga em meus braços e com uma esperança destruída.

Capítulo XXVIII

A última esperança.



A noite em Empíreo é bela, o céu ocupado pelas estrelas mais brilhantes. Todos os Anjos se posicionam próximos a água. Carrego uma vela em minha mão esquerda, a chama balança de um lado para o outro. Não muito distante dali vejo o corpo dos demais Anjos que foram mortos durante o ataque, todos deitados em cima de um quadrado de madeira rodeado por flores brancas que iluminam os seus corpos.

Me aproximo da pequena embarcação que leva o seu corpo. Os longos cabelos negros espalhados entre as flores, os traços fortes de uma verdadeira guerreira, mas que ainda consigo ver através disso um Anjo que se preocupava com quem amava e que sempre estava disposta a lutar pela nossa proteção. Ramona, minha melhor amiga.

- Não acredito que ela se foi. – Exclamo.

- Infelizmente. – Fariseu diz. – Mas, Ramona deu o seu melhor por nós, lutou como uma verdadeira líder. Será lembrada pela eternidade.

- Lembranças. – Sussurro. – Agora a nossa única conexão.

Passo a minha mão pela sua uma última vez. Levanto-me e me afasto. Um dos Anjos caminha até a beirada próximo dos corpos, o seu longo manto branco voa quando o vento bate assim como os seus cabelos negros. Como todos ele carrega um olhar de tristeza, mas quando pousa em mim sinto uma esperança.

- A jornada desses Anjos termina aqui. – O Anjo exclama. – Mas, serão lembrados para sempre por todos nós. Eles existiram e cumpriram os seus destinos e agora chegou o momento de partir. Sei que para muitos é difícil seguir em frente, porém é o que devemos fazer. Eles desejariam que vocês continuassem firmes e

fortes, sem perder o rumo dos seus caminhos. Então essa noite damos o último adeus, mas suas almas serão eternizadas em nossos corações.

- Para sempre, juntos. – Os Anjos exclamam.

Assopro a vela e a chama se apaga.

Fariseu retira o arco de suas costas e entrega a mim. Seguro fortemente a arma mesmo que minhas mãos estejam trêmulas. Avanço junto com a formação dos demais arqueiros e nos posicionamos em uma linha reta. Os corpos são empurrados e levados pela água, cada vez se afastando mais e mais. Os primeiros arcos levantam e as flechas disparam, após pousam nas embarcações que queimam nas chamas mais tristes.

- Adeus, velha amiga. – Sussurro e deixo o vento levar minhas palavras.

Coloco a flecha no arco. Ergo meus braços e enfim liberto a flecha. A flecha sobrevoa pela água até atingir a ponta de sua embarcação. Logo as chamas começam a subir e cobrir o seu corpo, enfim é a última vez que a vejo fisicamente. Em questão de instantes todos os corpos são levados ultrapassando limite e sendo cobertos pela escuridão que mesmo escura apresenta o seu brilho mais intenso.

Sento-me no gramado enquanto olho as estrelas. Sinto todos os sentimentos ruins contaminarem a minha alma, mas mesmo assim me sinto leve. É uma confusão de sentimentos, porém procuro me manter o mais sereno possível porque vai chegar o momento que terei que libertar o pior de mim para que possamos vencer. Nesse instante penso o quão irônica a nossa existência é, há pouco tempo estava orientando Léia a não seguir pelo caminho da vingança, entretanto agora é o que mais desejo.

Sinto uma suave mão pousar em meu ombro, viro-me para trás e encontro Victor. Não evito e sorrio no mesmo instante. Levanto-me e pela primeira vez lhe dou um abraço. Para isso tenho que me abaixar um pouco, pois ele está na sua forma de criança.

- Fico feliz que esteja vivo. – Exclamo.

- Isso soa como uma frase dos humanos. – Ele fala e sorrimos juntos. – Também estou contente que meu Mestre esteja vivo, afinal iremos precisar dele mais do que nunca nesse momento tão difícil.

- Iremos precisar de todos. – Pisco para ele.

Desvio minha visão dele e observo a água. Por mais que eu tenha consciência do poder que carrego agora me sinto diferente, muitas pessoas me veem como uma das últimas esperanças e me pergunto se realmente posso assumir essa posição. Não é uma simples escolha, se eu falhar nós perdemos quase tudo. É

algo que não conseguiria viver sabendo que falhei com o meu povo, com os outros povos.

- Sabe... – Victor diz. – Você sempre foi uma referência para mim. Desde o momento em que te conheci no palácio das proteções, dentre todos os mestres via algo diferente em você que me fez criar uma conexão maior.

- E o que seria? – Pergunto.

- É difícil de explicar. – O Anjo sorri levemente. – Talvez toda a sua esperança por um mundo melhor, por seres melhores. Isso o fez diferente dos demais e talvez seja isso que tenha o feito um dos Anjos mais fortes que já conheci.

Forte, possivelmente é uma palavra que me define. Vivi diversos momentos de escuridão, mas também vivi os melhores sentimentos possíveis. Creio que isso faça parte da nossa existência.

- Realmente eu precisava escutar essas palavras. – Digo a ele, sorrio. – Nesses últimos tempos fui testado muitas vezes. Confesso que houve momentos que pensei que iria desistir de tudo, pois já não aguentava mais tanta dor. No entanto, vejo que há aqueles que precisam de nós e é por isso que eu continuarei lutando, até o fim.

- E todos os outros estarão com você. – Victor se aproxima. – Graças a seus ensinamentos eu consegui salvar alguns humanos da escuridão. Quando vi o que tinha feito então entendi o porquê da nossa existência. Podemos fazer mais por eles, sem nós poderiam se entregar totalmente a escuridão. É uma luta constante, mas se nós desistirmos ninguém mais estará lá por eles.

- Desistir é uma palavra que abomino mais que os Príncipes Infernais.

Rimos na mesma sintonia. Olho para o ponto mais distante e sinto a minha alma se contaminar com a maior e melhor energia, por um instante deixo os sentimentos ruins de lado para que aproveite cada momento disso. Minha amiga morreu, muitos Anjos morreram, mas o lamento não é a melhor solução. Já honramos a sua existência e a partir disso devemos seguir em frente, por eles, por nós, por todos que precisam.

Caminhamos pelo gramado, Empíreo tem a sua noite mais silenciosa durante todos esses séculos. Uma certa tensão paira no ar. São momentos difíceis para nós, mas se permanecermos unidos venceremos todos os obstáculos.

- Preciso fazer uma última coisa. – Digo ao Anjo.

- Está bem. – Ele acena. – Também preciso retornar ao palácio das proteções. Não sabemos o que vai acontecer, então...

O Anjo estende a mão para mim e aperto com delicadeza.

- Tudo vai ficar bem. – Falo antes que ele diga algo. – Apenas confie. Creio que isso não é um adeus para nós, ainda teremos um último encontro e nós saberemos quando isso realmente acontecer.

- Então um até logo. – Victor sorri.

O Anjo estica as suas asas e voa para uma direção enquanto eu sigo para outra. Sobrevoou por Empíreo. No topo do Palácio dos Arcanjos a maior tocha acende-se levando as chamas mais intensas em direção ao céu. Quase todas as moradias acendem as suas tochas em respeito aos Anjos que sacrificaram suas vidas em batalha. O brilho das chamas e da noite estrelada faz uma das mais belas noites de Empíreo por mais que esteja coberta pela tristeza e pela angustia do que pode vir acontecer.

Pouso na Área de treinamento da Legião Divina, o local também permanece em silêncio. Todas as armas guardadas, nem um barulho de movimentos de batalha. Me aproximo em frente ao salão principal e na porta da frente a armadura de Ramona está pendurada assim como a espada que ela utilizava em batalha.

- Todos sentimos a falta dela.

Me viro para trás e um Anjo guerreiro me observa. Ele possui o cabelo rente ao couro cabeludo e uma pele tão brilhante e escura quanto a de Ramona.

- Já vi você muitas vezes com ela. – Digo para ele. – Egeu, correto?

- Sim. – O Anjo confirma. – Éramos próximos principalmente quando o assunto era treinamento de combate. – Ele sorri. – Era um dos poucos que conseguia enfrentá-la sem tombar no primeiro golpe. É claro que não conseguia resistir tanto, mas era tempo suficiente para ela.

- Entendo. – Sorrio enquanto relembro dos momentos em que também treinava com ela. – Ramona era especial, única. Ninguém poderá substituí-la.

- Creio que ninguém pode subsistir o outro. – Egeu exclama.

Ele possui razão, nenhum ser é substituível. Todos nós possuímos nossas particularidades e aquilo que nos faz ser diferentes dos demais. Podemos ser semelhantes, mas nunca iguais. Isso é o que nos faz especiais e que dá sentido à vida.

- Sim... – Digo e mudo o assunto. – Você sabe me informar se restaram bastantes Anjos guerreiros? A quantia que foi nos resgatar era relativamente pequena em comparação ao que eu pensava que existiam.

- Temos uma excelente tropa ainda. – Egeu balança a cabeça. – Quando soubemos do rapto dos Anjos logo nos preparamos para agir, mas algo tomou nosso tempo e fez com que um número menor fosse ao resgate. Eu mesmo fiquei gravemente ferido.

O Anjo mostra um corte profundo em sua barriga.

- Um problema. – Exclamo e me recordo das palavras do Anjo. – Ramona me disse que havia um problema, mas que foi resolvido. O que era?

Egeu suspira.

- Haviam mais Anjos traidores. – Ele lamenta, por mais que seja um relato ruim acho que já estava preparado para isso. – Eles tentaram invadir o palácio das Divindades e dos Arcanjos, mas para o bem de todos conseguimos vencer. Após isso muitos Anjos guerreiros estavam feridos e somente aquele pequeno grupo foi até vocês. Desculpe se não conseguimos revidar com toda a nossa força.

- Eu compreendo. – Exclamo passando toda a minha confiança. – Realmente entendo tudo isso. Não é culpa de nenhum de nós isso estar acontecendo. Eles desejam que nós percamos a confiança um no outro, mas mostraremos a eles que ficaremos unidos.

Egeu me olha por longos segundos, sinto até um desconforto.

- Você é tão forte quanto ela. – O Anjo diz. – Espero que seja o nosso novo líder, precisaremos de alguém como você para liderar as tropas. Precisamos de esperança e creio fielmente que você seja ela.

Fico em silêncio e não o respondo.

- Nós vemos em breve, Anjo Eliel. – Ele acena e adentra no salão.

Todos esses acontecimentos me fazem recordar da última guerra que enfrentamos. Após o termino dela era para eu assumir o posto de Líder da Legião Divina, mas recusei e fui me tornar um Anjo da guarda real. Não me arrependo, mas agora essa estrada voltou a surgir para mim e creio que esse seja o momento de seguir por ela.

Percorro entre as construções até chegar na última próxima a grande montanha. Aquela onde Ramona abrigava-se. Uma construção circular diferente das demais, em sua frente brilham as chamas de duas tochas. Passo pelo tapete e adentro no local. Sinto o seu cheiro pairar pelo ar, assim como a sua presença na cadeira ao fundo. Pego algumas madeiras e acendo a lareira. Me recordo das várias noites que passamos conversando nesse local, rindo de tudo. Aconselhando um ao outro, sendo verdadeiros companheiros, amigos fieis embora haviam as nossas diferenças. Viro-me em direção a porta quando ouço o barulho de passos e o

Arcanjo surge. Agora não trajada em sua armadura, mas sim em um belo vestido dourado transpassado por um pano branco. Os seus braceletes brilham como a luz das estrelas.

- Não necessita. – Ela acena quando estou prestes a levantar.

Atroia caminha e acomoda-se na cadeira a minha frente se posicionando em frente a lareira. É um tanto estranho tê-la ao meu lado afinal os Arcanjos quase não deixam o palácio a não ser que o assunto seja de extrema urgência.

- Aconteceu mais alguma coisa? – Questiono como um pouco de temor.

- Oh! Não meu Anjo. – Atroia pousa seus olhos no meu, lança um sorriso. – Acho que já vivemos tragédias suficientes nesses últimos tempos.

Olho para o quadro de Ramona no topo da Lareira. A postura ereta e o olhar forte, trajada em sua bela armadura dourada ao lado de sua espada. Os longos cabelos negros espalhados pelos seus ombros, um belo Anjo.

- Ramona era especial. – Atroia vê o meu olhar. – Um Anjo que tinha consciência do seu caminho, assim como também você tem.

- Demorou para eu compreender o meu caminho. – Digo.

- Acredito que não. – Olho para ela enquanto fala. – Você já sabia qual era o seu destino, sabia o resultado das suas escolhas. Por mais difíceis que elas pareciam as optou da mesma forma. Existe coragem em você, resistência, esperança.

Abaixo levemente a minha cabeça e sorrio.

- Confio que para a nossa existência precisamos dela. – Exclamo. – Esperança nos torna mais fortes e resistentes, também faz parte da nossa força. Sem esperança perdemos o sentido da nossa existência, e se não perdemos tornamos ela mais obscura.

Atroia pousa seus braços em seu colo e sorri.

- Poucos Anjos diriam algo como isso. – Ela diz. – Mas, isso não é algo para nos orgulhar. As ações dos Príncipes Infernais afetaram Empíreo e por mais que eles não estejam mais presentes entre nós, ainda há pequenas partes da sua ideologia por aqui. Admitir isso é o melhor que temos a fazer.

- Isso requer coragem. – Falo. – Fico contente que consiga enxergar isso.

- O universo precisa daqueles seres que possuem coragem. – O Arcanjo diz. – Principalmente em tempos de escuridão. – Seu olhar fixa-se no meu com uma forte intensidade. – Assim sendo, eu possuo uma pergunta para você.

- Diga.

- As tropas da Legião Divina precisam de um líder. – Atroia fala como uma guerreira. – Não vejo ninguém além de você para esse posto. Somente o que preciso saber é se você aceita ser esse líder, nem que seja apenas por essa guerra.

Passo as mãos pela cadeira, observo as chamas e o quadro de Ramona.

- Sim, eu aceito. – Digo ao Arcanjo. – Serei o líder da Legião Divina, por essa guerra. Iremos derrotar os Príncipes Infernais e suas tropas, tem a minha palavra.

Atroia não fica surpresa com a minha resposta. Levanta da cadeira e circula em volta da mesa de madeira. Passa a sua mão por cima do local e revela os braceletes do líder da Legião. Sinto meu coração pulsar mais rápido.

- Aproveite essa última noite para descanso. – O Arcanjo orienta. – Pela manhã já iremos iniciar os preparativos para a guerra. Até breve, meu Líder.

Fico sem palavras diante da sua fala. Apenas aceno quando o Arcanjo deixa o ambiente. Meu líder, são palavras fortes de se ouvir, mas que agora me dão mais força. Não estou fazendo isso apenas por mim, mas por todos. Ramona nesse momento deve estar sorrindo, pois, foi o que sempre desejou para mim.

Me aproximo da mesa e coloco os braceletes que se encaixam perfeitamente em meus punhos. O material mais resistente da galáxia e também um dos mais belos. O dourado brilha como o sol. Bem em sua ponta há o meu nome desenhado.

Eliel, o líder da Legião Divina.

Capítulo XXIX

Tropas de guerra.



A armadura feita especialmente para mim cai perfeitamente em meu corpo. Da cintura para cima ela assume um tom dourado mais escuro, me recordo que a de Ramona assumia um tom mais claro. Bem na região do coração um desenho é detalhado, duas asas angelicais. A armadura exala um grande poder, sinto ele vindo desde a ponta da minha sandália até o fim dos braceletes presos em meus pulsos.

“Esta armadura é feita para você.” Ouço a sua fala em minha mente. “Eu disse a você que essa hora chegaria, estou tão orgulhosa.”

Empurro meus cabelos brancos para trás e me observo no reflexo. O penteado trançado por pequenas tranças, da mesma forma quando parti para a segunda revolta. Posso me recordar desses momentos, mas agora já não sou mais o mesmo. Estou mais resistente depois de tudo, mais preparado para o que vier, mas dificilmente quando as coisas acontecem conseguimos lidar da melhor maneira.

Sigo pelo palácio das proteções até encontrar os demais Anjos em volta da fonte do olho da vida. Também fui atraído para cá, isso nunca pode significar apenas uma coincidência. A fonte quer nos mostrar algo. Caminho até ela e me aproximo da beirada.

- Estou aflito. – Gabriel confessa ao meu lado.

- Não fique. – Digo. – Deve ser uma visão da Terra.

Colocamos juntos as mãos dentro da fonte, sinto a água bater em minha pele. Ela vai batendo contra as pedras até que finalmente acalma-se. Enfim a imagem é revelada. É dentro do castelo de Mormeu. No salão principal estão

Olivia, os Príncipes Infernais, as sacerdotisas e alguns outros soldados. Todos expressam estar contentes por algo, não importa o que é, devemos nos preocupar.

Lúcio caminha até a escadaria em frente ao trono, os seus trajes me recordam do Rei Atlas já morto.

- Finalmente conseguiremos aquilo que almejamos. – Ele abre seus braços e lança o seu melhor sorriso. – Com vocês ao nosso lado ninguém conseguirá nos impedir.

Olivia fixa seu olhar no Príncipe e seus olhos brilham. Ela pega a sua taça de vinho que está na borda do trono e levanta. Os demais espalhados pelo salão fazem o mesmo.

- Amanhã partiremos rumo a Vareon. – Olivia exclama de um jeito sereno demais para alguém que está partindo para uma guerra. – Iremos buscar aquilo que é nosso, conquistaremos aquelas terras e isso será apenas o começo. Todos conhecerão a força do reino Mormeu.

As taças erguem-se rumo ao céu e todos brindam. Os sorrisos mais contentes se espalham por todo o salão, mesmo não estando presente sinto a sede de sangue. Triunfar para esse exército significa extinguir todos que são contra eles.

- Como eles poderiam transportar o exército diante daquele inverno? – Gabriel poussa seu olhar no meu e me questiona. – Seria um extermínio, os humanos desse reino não resistiriam aquela temperatura.

- Anjo, você se esqueceu que essas bruxas possuem poderes? – Digo. – Quase nada é impossível para eles ainda mais agora que os Príncipes Infernais estão caminhando frequentemente ao seu lado. Eles possuem um plano e irão executar.

A imagem inverte mostrando outra visão. Agora Lúcio e Olivia estão caminhando na beira de um corredor próximo ao mar. Os dois param e viram-se em outra direção. Lá embaixo um enorme exército se forma nas ruas de Mormeu. Há enormes armas com grande capacidade de força posicionadas entre os humanos. Meios de locomoção por toda a parte. Nesse instante que avisto sinto o meu corpo congelar.

Lúcio pega suavemente na mão de Olivia.

- Nós iremos conquistar o mundo. – Seu olhar poussa nela. – Não importa o quanto eles tentarem resistir, só há uma saída para eles.

- A morte. – Ela completa.

A mão do Príncipe sobe pelo seu ombro e desce pelo seu pescoço até ele trazer ela contra o seu corpo. Ali na frente do grande exército os dois trocam o beijo mais ardente. Os dois se complementam. Lúcio ofereceu aquilo que Olivia mais ama, o poder. O Príncipe está apenas usando ela para chegar onde deseja. É claro que isso também significa uma diversão para ele.

- Pecador. – Um Anjo a nossa frente fala com fúria e após olha para mim, me pergunto se ele sabe do meu beijo com Léia. – Ele deve morrer, para sempre.

A imagem enfim some e a água volta a se debater contra as pedras da fonte. Nesse momento só consigo pensar que devemos descer a Terra o quanto antes. Penso no que orientei Léia a fazer, agora o seu povo recuou e não deseja mais lutar, no entanto eles não terão opções quando o exército de Mormeu chegar. Por mais que Léia tenha feito aquela proteção não irá resistir por muito tempo.

Deixo o salão. Olho para todos os cantos e enfim sinto que está é a última vez que verei o palácio das proteções, o lugar que por todos esses séculos foi a minha casa, o meu refúgio. O sentimento de saudade invade o meu peito, mas me permito seguir em frente e não me prender no passado.

Sigo pela floresta até voar por cima dela. Pouso em frente ao palácio dos Arcanjos na escadaria. Os soldados que formam as duas linhas em direção a porta acenam em reverencia quando passo por eles. Por mais que esteja tentando me acostumar ainda me sinto um pouco estranho. Apenas relaxo os meus ombros e tento não focar neles.

O salão dos Arcanjos está iluminado pelas tochas. Os Arcanjos em si não estão em seus tronos, elas rondam a mesa circular posicionada no centro do ambiente. Soldados circulam por toda a parte, muitos carregam equipamentos de guerra. Me aproximo da mesa principal e vejo que todas elas estão trajadas em armaduras de guerra.

- O que foi, Anjo guerreiro? – Parma me olha e questiona.

- Vocês também vão a guerra? – Rebato com outro questionamento.

Os Arcanjos trocam olhares entre si.

- Somente iremos agir quando acharmos necessário. – Atroia me responde.

Penso que esse é o momento necessário, mas não resolvo contestar porque elas devem saber realmente o que estão fazendo. Entretanto, o poder que os Arcanjos carregam seria essencial para as nossas tropas. Os Príncipes Infernais por mais que escondam o seu medo por trás de uma máscara eu sei que eles sentem na presença de outros Arcanjos.

Passo a mão pela mesa e vejo em cima dela algumas pequenas peças. Cada uma delas representa uma tropa. De um lado a dos Anjos e também do reino de Vareon e do outro de todos os nossos inimigos, desde os Príncipes até os humanos daquele local. O solo de madeira se transforma em neve, sinto até mesmo o frio exalar.

- Os exércitos deles chegarão amanhã a Vareon. – Relato a elas. – Vi pela fonte do olho da vida, eles possuem grandes armas. Estão preparados!

- Nós também estamos. – Datanea empurra os cabelos ruivos para trás. – Há armas que serão utilizadas especialmente para essa guerra.

- Mas, com todo o cuidado. – Atroia relembra. – Não queremos ferir aqueles que são considerados inocentes. É claro que haverá muita destruição, mas faremos de tudo para que esse caos não se espalhe ainda mais.

- Se destruirmos os Príncipes eles perdem a sua força. – Exclamo. – Eu posso cuidar deles, assim como os meus melhores soldados. Já fiquei a parte de toda a tropa da Legião Divina e selecionei aqueles com capacidade para isso.

- Perfeito. – Parma sorri em minha direção.

Quando assumi o posto de Líder sabia que não seria apenas por brincadeira, farei o meu melhor como soldado. Principalmente para conseguir salvar o maior número de seres que eu puder. Qualquer decisão que tomarmos interferirá nos demais, estamos caminhando na beira de um precipício onde somos os guiadores.

Datanea move a peça que representa os humanos para trás e coloca a nossa em frente ao exército. Seu olhar segue por todos nós.

- Os humanos colocariam os mais fracos na linha de frente, mas não é assim que venceremos a guerra. – Ela diz. – Quando os ataques mais fortes serem disparados nós iremos resistir por eles. Concordam?

Todos acenamos que sim.

- Os Príncipes Infernais irão atrás daqueles mais fortes. – Atroia pousa seu olhar no meu com frieza. – Isso inclui você e a bruxa Léia Vareon. Tomem cuidado!

- Irei tomar. – Tranquilizo. – Julgo se eu conseguir afastar pelo menos um dos Príncipes do território da guerra será de grande eficiência para nós.

- Não sei. – Parma não concorda. – Seria muito arriscado, você é o líder da Legião Divina, não podemos perde-lo logo no começo da guerra.

Coloco minhas mãos na mesa e olho para os Arcanjos.

- Eles também são líder das suas tropas. – Exclamo. – É uma batalha mais justa. Aliás, eu estou pronto para me sacrificar se chegar o momento. Minha morte não seria um abalo para o nosso exército, fortificaria eles ainda mais. Algo que não podemos dizer do exército inimigo. Os Nephilins, Bruxas, Anjos Caídos não são disciplinados como nós. Traição rondava a sua existência, eles se preocupam com eles mesmos e só.

Os Arcanjos olham entre si e enfim sorriem.

- Nós escolhemos bem. – Atroia acena para as demais. – Eliel sabe exatamente o que está fazendo e é por isso que apoiamos a sua decisão por mais arriscada que seja. Nessa guerra iremos precisar surpreender os nossos inimigos.

“Surpreender” a palavra soa como um sino em minha cabeça.

- Alias. – Lembro de um questionamento. – Quando descermos a Terra os humanos irão nos ver. Está tudo bem em relação a isso?

- Absolutamente. – Datanea responde com firmeza. – Agora não há como nos escondermos, mas depois da guerra tudo se ajustará.

“Tudo se ajustará. ” Sei perfeitamente o que irá acontecer.

Atroia passa a sua mão em cima da mesa e as peças somem assim como a neve.

- Agora, Anjo Líder. – Atroia me encara. – Reúna a sua Tropa. Irão partir em breve rumo à Terra. Precisarão primeiro alertar os humanos daquela região, creio que irá conseguir isso. Sua ligação com Léia tornou as coisas mais fáceis, imagino.

Congelo por instante, penso se o Arcanjo está querendo insinuar algo, mas me tranquilizo logo após. Sei perfeitamente que possuem consciência do meu beijo com a humana, mas também devem saber que eu recuei e não permiti ceder aos desejos humanos por mais irresistíveis que sejam. Provavelmente esse ato tenha me fortificado com os Arcanjos, no entanto também deve ter deixado elas com questionamentos em mente.

- Com sua licença. – Aceno.

Sigo pela porta do palácio e voou em direção ao céu. O meu coração dispara quando avisto toda a tropa da Legião Divina posicionada nos campos de treinamento, é um número maior que imaginava. Pouso suavemente em uma parte mais elevada vendo todos eles lá embaixo. Os Anjos trajados em suas armaduras e armados. Ao meu lado Egeu se posiciona, ele segue com o seu olhar para mim. Um grande sorriso se expande pela sua face. Com suas espadas ele forma um X em frente ao seu peito e acena para mim.

- Estávamos no seu aguardo, Líder. – Ele diz.

- Estou vendo. – Digo enquanto observo a todos. – São muitos guerreiros. Minhas pernas estão balançando nesse momento. – Admito. - Agora vejo o quão forte Ramona era para enfrentar toda essa tropa e manter a ordem.

- No começo é sempre mais difícil. – Egeu coloca a mão em meu ombro e passa toda a sua segurança. – Com o tempo você pega o jeito. – Ele olha para baixo. – No caso o seu tempo é de apenas alguns segundos, então desejo boa sorte!

Egeu como um guerreiro é um péssimo conselheiro. Recentemente guiei uma pequena tropa, mas nada desse porte. No entanto, agora não tem como recuar. Eu escolhi isso e devo assumir aquilo que sou. No canto de uma árvore vejo a imagem de Fariseu, logo o sorriso se expande pela sua face. Ele volta a usar os seus trajes de construtor e realmente o prefiro o ver assim afinal essa é a sua essência. O Anjo Egeu olha para mim e acena para que eu tome a frente. Dou leves passos à frente até que esteja na beirada da grande rocha. Os olhares dos Anjos permanecem cravados em meu corpo, por mais que isso tenha uma grande pressão não me abalo e mantenho-me firme. O vento está frio, o sol nem ao menos surgiu.

Suspiro e falo:

- Guerra não é algo para nos orgulhar. – Exclamo. – Infelizmente quando ela chega não podemos recuar, pois há aqueles que necessitam da nossa ajuda. Nessa guerra não iremos batalhar somente pelos humanos, batalhamos também pelo nosso povo.

Caminho para o lado enquanto continuo a olhar todos eles.

- Os Príncipes Infernais quando começaram essa guerra pensaram em atingir a todos e agora julgam que irão sair vitoriosos por causa de pequenas conquistas, mas eu digo que não. – Exclamo com toda a minha fúria.

O Exército ergue as suas armas e sinto o chão vibrar com o seu som.

- Chega de vermos eles destruírem tudo aquilo que as Divindades construíram, chega desses seres tentarem corromper a todos para a sua escuridão. Essa guerra tem que ser o fim deles assim como também de seus aliados. Quem se render terá a nossa misericórdia, mas os demais perecerão. Não é o momento de sermos fracos, é o momento de nos unirmos e soarmos como um só. Nós somos guerreiros, protetores, e não nos ajoelhamos diante de uma dificuldade. Nós marchamos para a guerra e se for preciso nos sacrificaremos, por Empíreo!! – Brando. – Por Empíreo.

- Por Empíreo.

Todo o exército começa a soar como só um, a energia deles é transferida para todos presentes. Sinto os pelos do meu corpo arrepiarem. Sei que tenho os melhores soldados diante de mim e que eles farão de tudo para saírem vitoriosos dessa guerra. O exército inimigo pode ter o maior poder, mas nunca terão o que nós temos. A união e o amor quando andam juntos conseguem destruir todas as barreiras possíveis. Quando a luz se une a escuridão some em seu centro.

Capítulo XXX

Como um só punho.



Voo até o castelo de Vareon, quase toda a construção está coberta pela neve. As tochas acendem-se iluminando todo o reino. Me aproximo da beirada da janela e adentro, sigo pelo corredor onde tive uma das últimas lembranças do pai de Léia. Vendo ela posicionada no local enquanto observa a floresta me faz lembrar dele.

- Julguei que não o veria em breve. – A Rainha exclama.

A humana vira-se, o seu vestido vermelho balança. Por mais que ela esteja marcada pelas cicatrizes mais profundas ainda consegue exibir um meigo sorriso.

- As circunstâncias mudaram. – Digo para ela.

- Suponho que você não tenha trazido boas notícias. – Léia passa a sua visão por todo o meu corpo. – Se não estaria vestido com trajes mais simples. Essa armadura é feita especialmente para a guerra, aliás é muito bela.

Coloco minhas mãos na beirada da janela, fito a floresta.

- As notícias que trago não são animadoras. – Exclamo com paciência. – Os soldados de Mormeu irão atacar em breve, vocês devem estar preparados.

- Bom. – Pouso meu olhar nela. – Já imaginava que isso iria acontecer um dia, mas é melhor enfrentarmos a tempestade o quanto antes. Penso que está na hora de tentarmos mudar as coisas. Meus pais foram consequências dessa maldita guerra, chega de inocentes serem sacrificados por aquelas criaturas.

- Mas, com a guerra mais almas serão retiradas. – Relembro o triste fato. – Não sabemos realmente o que pode acontecer, o que temos consciência é que será um caos e que as suas terras serão marcadas eternamente pelo sangue.

- Compreendo, Anjo. – Ela soa suave. – No entanto, se for necessário nos sacrificarmos agora por um futuro melhor para a nossa raça, é o que deve ser feito. Meu pai tomaria a mesma decisão se estivesse aqui.

Léia abaixa a cabeça. Me aproximo mais dela, coloco minha mão em cima da sua. Nossos olhares se encontram na mais bela sintonia, no mesmo momento que ela representa uma calmaria para mim também significa a tempestade mais severa.

- Peço perdão! – Exclamo.

- Perdão pelo que? – Ela me questiona. – Eliel.

Vê-la dizer o meu verdadeiro nome me faz feliz. Sem segredos.

- Orientei que você recuasse com o seu povo. – Digo. – Agora vocês terão que lutar nessa guerra, uma batalha que nem mesmo deveria ser sua.

Léia pressiona minha pele com força. Ela me fita e fala:

- Você não possui culpa alguma. Compreendo que tudo isso que aconteceu é reflexo das ações desses Príncipes Infernais. No momento em que me orientou a recuar com o meu povo foi a melhor decisão que poderia tomar. Termos que lutar agora não é sua culpa, nós não podemos simplesmente nos esconder mais. No instante em que eles mataram aqueles que amamos essa guerra se tornou nossa e é por isso que iremos lutar. Em memória dos que já se foram e pela nossa terra.

Observo a face suave de Léia, mesmo com toda a sua doçura ela possui uma força enorme e creio que nem mesmo ela tenha consciência disso. Desde que a conheci noto o seu amadurecimento, tudo que aconteceu contribuiu para a sua evolução pessoal.

- Será uma ótima Rainha! – Sorrio e ela retribui. – Espero que quando essa guerra acabar você possa guiar esse povo por um caminho melhor.

- Você ainda continuará sendo o meu Anjo da guarda? – Léia questiona.

- Até o fim. – Respondo. – A conexão que criamos foi além de tudo que eu pudesse imaginar, ela não pode mais ser quebrada.

Mesmo que isso seja verdade eu temo que a humana não resista a essa guerra, afinal será um alvo constante para os nossos inimigos. No momento não me permito pensar sobre isso e afasto esses pensamentos que só me atormentam.

- Ótimo. Você é um excelente Anjo da guarda e sinto que também é um guerreiro especial. Imagino que iremos lutar lado a lado.

Caminhamos pelos corredores do castelo descendo as escadas. Por momento evito revelar a minha imagem para os soldados presentes. Isso acontecerá

em breve. Nunca passou pela minha cabeça que isso algum dia pudesse acontecer. Lúcio possui razão sobre algo, talvez o sentido do “nunca” seja inexistente para qualquer raça.

- Durante a guerra tome cuidado com Olivia Mormeu. – Digo a ela. – Tenho pressentimentos que a Rainha virá atrás de você com toda a sua força. Ela pode usar artimanhas e tentar te abalar, essa humana é como uma serpente traiçoeira.

- Já ouvi muito sobre essa mulher. – Léia exclama. – Por mais que ela seja esse ser maligno não podemos negar a sua resistência a sobrevivência e sua força para isso. Uma escrava que chegou ao trono de um dos reinos mais importantes, não é algo que vemos todo dia. Mas, obrigada pelo conselho. Tomarei cuidado!

Sempre há dois lados de uma história. Por mais que Olivia represente todos esses sentimentos que deveriam ser abominados ela ainda serve de um “bom exemplo”, mostra a sua força contra pessoas más que criaram um sistema abominável. Ela conseguiu vencer o mal, mas infelizmente se também se tornou um.

- No que está pensando? – Léia me observa.

- Na vida. – Digo. – Muitas vezes só percebemos as coisas quando acontecem e quando já é tarde demais para agir.

Talvez se eu tivesse acompanhado essa humana desde os momentos mais sombrios da sua vida pudesse mudar o seu destino. Entretanto, as coisas dificilmente são como nós desejamos. Não me permito assumir a culpa por causa disso.

As árvores da floresta estão cobertas pela neve, mas ainda os alimentos brilham lá com toda a sua vivência. Seguimos por uma estrada onde a neve foi recuada. Não muito longe dali avisto um grande urso caminhando pelo local, a criatura parece ser furiosa.

- Vocês não possuem medo? – Questiono a Rainha.

- Por que deveríamos? – Ela não responde e lança outra pergunta. – Julgo que temos que ter mais medo dos humanos do que dessas pobres criaturas.

- Faz sentido. – Sorrio após a sua resposta.

Léia esconde seus braços na capa se protegendo do frio.

- Pelos céus! – Ela me olha novamente dos pés à cabeça. – Se eu estivesse vestindo isso já estaria morta nesse solo, penso que poderiam usar as armaduras do nosso exército.

Rio por um momento e pouse meu olhar no seu, ela se cala por alguns segundos.

- Não, obrigado. – Aceno. – Estamos acostumados com os nossos trajes. Além disso, isso vai nos diferenciar dos demais.

- Como desejarem. – Ela diz. - Vocês vieram entre muitos?

Enfim chegamos ao acampamento dos Anjos. Há algumas tendas espalhadas pelo local e fogueiras acessas em tochas penduradas nos troncos. Os Anjos se preparam para a guerra, verificando suas armas e armaduras. A quantia é bem grande e não era o que a humana esperava, vejo isso somente pelo seu olhar.

- Pelos céus! – Léia suspira e exhibe um leve sorriso. – Vocês possuem um enorme exército, fará toda a diferença para nós.

A rainha ainda não viu o outro exército, mas creio que as nossas forças estejam igualadas. Se os Arcanjos descerem para nos ajudar será ainda melhor, mas creio que eles só agirão se verem que iremos perder. Soa um pouco estúpido, no entanto é assim que agem e não devemos contestar.

Léia para um dos cavalos trazidos. O animal é belo, tão branco quanto a neve e seus olhos possuem a mesma cor do ouro. Ela passa a mão pela sua cabeça e sorri, o animal sente a sua boa energia e se esfrega nela.

- É lindo. – Ela exclama. – Todos eles parecem como réplicas um do outro.

- Não diria isso.

Egeu parado no outro canto exclama. Se levanta da pedra e caminha em frente ao animal, passa a mão nele e bate em seu corpo. O cavalo dispara e se junta aos demais.

- Me desculpe se ofendi. – Léia recua e se posiciona ao meu lado.

- Não tem problema. – Egeu sorri gentilmente. – É que os nossos animais são um pouco sensíveis demais. Dizer que eles são todos iguais pode soar como algo ruim para eles, acredite em mim eu mesmo já fiz isso.

O Anjo mostra uma pequena marca de uma pata em sua perna.

- Deveria pedir desculpas? – Vareon olha para o animal ao longe.

Egeu e eu rimos ao mesmo tempo enquanto ela nos observa.

- Não será necessário. – Respondo. – Creio que eles entenderam que você é uma humana, mas não faça isso novamente se não quiser uma dessas marcas.

- Certamente não irei.- Ela sorri.

Continuamos a caminhar pelo acampamento, os Anjos quando avistam Léia olham para ela com cautela. A humana tão fascinada com tudo à sua volta nem ao menos repara. Paramos quando chegamos em frente a uma tenda aberta onde dentro dela Fariseu está martelando em um novo armamento junto aos demais construtores, todos muito focados em suas tarefas. Quando estralo meus dedos perto da sua face ele enfim desperta.

- Eliel. – Ele sorri imediatamente. – Léia. Sejam bem-vindos a minha provisória moradia, nada muito luxuoso como vocês podem ver.

Vareon se aproxima da mesa em que o Anjo trabalha. Pega uma das armas e segura em suas mãos. O armamento é diferente de tudo que eu já vi, na sua ponta há uma sequência de pequenas flechas. Somente pela sua forma sinto a sua potência.

- Chamamos ela de fogo dos céus. – Fariseu sorri animado. – Mas, acho que Eliel deveria ficar com ela, pode ser perigoso para inexperientes. Digo isso, pois também não sei manusear muito bem essas coisas.

Ele aponta para a parede no canto onde há um grande buraco.

O Anjo me entrega a arma. Sinto o calor do ferro. Ajeito minhas mãos deixando firme para que possa atirar. Miro na árvore mais distante, vejo que embaixo há um pequeno gatilho e pressiono. As cinco flechas disparam no mesmo instante, quando se desvinculam as suas pontas pegam fogo e quando todas elas atingem o tronco causam um enorme dano à árvore abrindo enormes buracos.

- É. – Digo. – Extremamente perigoso.

Coloco a arma com cuidado na mesa.

- Para que estejam fazendo isso é porque o exército inimigo possui um enorme poder de fogo. – Léia analisa perfeitamente.

- Não tema. – Exclamo e tento passar segurança. – Nós iremos vencer essa guerra. A sobrevivência do seu povo é o que realmente importa, pois são vocês que carregam toda a sua história. No final iremos ajudar seu povo a reconstruir tudo isso. No momento apenas devemos pensar em sobreviver ao ataque.

- Tens razão. – Léia balança a cabeça.

A humana muda as suas feições em questão de segundos. Ela passa por mim seguindo em direção a parte mais distante da floresta, não compreendo, mas sigo os seus passos. Por precaução posiciono a minha mão próxima a espada em meu cinto. Desço pelo pequeno morro e nos distanciamos dos demais.

- Léia. – Sussurro. – O que aconteceu?

- Acho que vi alguém. – Ela diz enquanto olha para todos os lados.

Sinto o movimento de algo. Olho para trás e enfim o encontro, seu arco apontado em direção ao meu peito. Os olhos puxados verdes como a grama nos observam. O soldado se move em sua cela presa ao animal.

- Léia. – Ele fala com ódio de mim. – Se afaste desse homem.

- Ícaro. – Ela levanta as mãos e fica a minha frente. – Ele é um amigo, veio nos ajudar na guerra. Por favor não dispare, vou explicar tudo.

- Pessoal. – Fariseu surge ao lado do cavalo do homem. – O que está acontecendo? Por que você está apontando a arma para o meu amigo? – Ele questiona.

O humano abaixa o arco imediatamente. Noto pelo seu olhar o quão confuso ele está, mas o sentimento apreensivo sai de seu corpo. Seus olhos verdes continuam a me fixar, porém agora com tranquilidade. O cavaleiro põe o arco em suas costas e se aproxima de Léia Vareon.

- Realmente está tudo bem, Prima? – Ele questiona.

- Espere. – Exclamo. – Vocês são primos?

Léia acena que sim, apenas lanço um olhar para Fariseu que certamente se esqueceu de contar esse pequeno detalhe. É claro que não é algo que muda muita coisa, porém desejaria saber. Pelo que a humana me falou talvez ele seja um dos seus últimos parentes vivos e aí sim isso muda bastante as coisas.

Fariseu se aproxima ainda mais do cavaleiro, dele o humano não possui medo afinal foi o Anjo que lhe deu uma nova chance de viver. Com um toque Fariseu retira a venda dos olhos de Ícaro que enfim enxerga toda a nossa tropa. Quando isso acontece ele fica em choque, após balança a sua cabeça e sorri para nós.

- São nossos aliados? – Ele pergunta.

- Sim. – Léia o responde. – Vieram aqui para nos ajudar. Nos alertaram que as tropas de Mormeu estão marchando nesse exato momento e que logo chegarão em frente aos muros do nosso reino. Temos que nos preparar para a batalha.

- Espere. – Ícaro não compreende. – Como eles chegariam aqui diante desse inverno rigoroso? Morreriam facilmente.

Léia olha para mim e eu olho para Fariseu.

- Tudo bem, eu explico. – O Anjo diz. – Nós viemos do “céu”. Somos Anjos. Sua prima é uma bruxa com fortes poderes. No lado inimigo também há bruxas, mas bruxas más que querem a morte de todos vocês. Ao lado delas também

há os Nephilim que são filhos de humanos com os Anjos caídos. Ah! Também no outro exército há os Príncipes Infernais que uma vez causaram a revolta nos céus e foram banidos. Agora eles desejam vingança jogando todos uns contra os outros, levando o maior caos que desejarem e tentando conseguir o maior número de almas para a escuridão. Por isso devemos revidar, se eles vencerem significará a destruição de vocês e de seu mundo.

Ícaro fica de boca aberta diante do relato do Anjo, confesso que também fico paralisado no momento. Ele conseguiu falar tudo de uma vez, mas isso não torna as coisas menos chocantes. Logo o olhar de Fariseu me segue.

- Fui bem? – Ele questiona.

- Acredito que ele tenha entendido. – Digo e tento esboçar um sorriso.

Ícaro cruza os seus braços e olha para a nossa tropa.

- Preciso que me faça um favor primo. – Léia enfim tem o seu olhar, mesmo abalado ele presta atenção. – Avise os demais soldados que se preparem para a guerra, mande os líderes seguirem para o salão principal. Pode fazer isso?

- Eu... – Ícaro engole em seco. – Farei, minha Rainha.

O cavalo dispara e o cavaleiro se some entre a neblina da floresta. Ver a sua reação não me animou muito, mas precisamos enfrentar essa nova realidade apressadamente. Acredito que para as próximas revelações devemos apenas informar o essencial para que não assuste muito os soldados, mesmo achando que isso seja impossível.

Todos os líderes reúnem-se no salão principal do castelo. Como o imaginado ficam surpresos com todas as revelações, mas mesmo assim permanecem fortes diante do fato afinal há um exército marchando contra eles.

Fico na ponta da mesa ao lado de Léia.

- Reconheço uma boa tropa e a sua me parece a melhor que já vi. – O grande guerreiro Golias diz para mim. – Suas armas são potentes, poderemos utilizá-las?

- É claro. – Exclamo. – Iremos batalhar juntos, tudo que é nosso será seu.

Os demais líderes me fitam.

- Bruxas. – Um soldado sorri, inconvicto. – Me parecem com histórias que contamos as nossas crianças para que não saiam de casa à noite.

Léia caminha até ele. Coloca a mão em cima da sua taça, exclama palavras em sussurros. Uma energia vermelha contamina o copo. Quando a humana se

afasta o líquido some. Ela acena para que ele olhe. O homem se aproxima e quando avista a serpente enrolada dentro de sua taça se joga para trás.

- Histórias para as nossas crianças dormirem. – Ela pouso seu olhar no dele.

Escondo o meu riso, o homem então volta a se sentar. Todos em volta da mesa creem na história e preocupam-se com o seu futuro, mas nenhum desiste de lutar na guerra. Vejo que com toda a revelação isso os tornou mais fortes.

- Minha magia não resistirá por muito tempo. – Léia exclama. – Logo a proteção que coloquei em nosso reino evaporará e eles atacam com toda a sua força. Não terão misericórdia nossa e nós também não teremos deles.

Golias gira a espada em sua mão.

- Hoje é um belo dia para arrancar os seus corações. – O homem soa brutal, mas nesse momento precisamos dessa brutalidade. – Essas são as nossas terras e não iremos fugir, defenderemos com toda a nossa força. Não tememos a morte.

Os outros senhores em volta da mesa concordam. Olho para Léia. Sinto a sua tensão, mas mesmo assim ela permanece forte. Agora ela deixa os seus longos vestidos de lado e assume uma armadura. Suas botas seguem até o joelho e o seu peito é coberto por um manto preto e branco com o símbolo do seu reino. Um enorme urso negro estampa no branco e isso a deixa mais letal.

Seguimos pelos trilhos dos muros. Os homens apontam as armas para o externo e carregam suas tochas. Em toda a parte do reino há soldados da Legião Divina espalhados. Eles seguram suas armas na espera da tropa inimiga. Lá embaixo todos os humanos se alinham, os outros permanecem escondidos pela floresta. As catapultas na neve assim como os demais guerreiros são escondidos pela magia de Léia unida com a minha.

- E se não funcionar? – Seu olhar me segue.

- Vai funcionar. – Exclamo com confiança.

Enfim a trombeta soa, sinto os pelos do meu corpo arrepiarem. Um vento frio invade por baixo da minha armadura. Todos os soldados apontam as suas armas e posicionam-se em defesa. Fecho os meus olhos, respiro e então os abro novamente. Da minha cintura puxo a minha espada.

- Eles chegaram!

Capítulo XXXI

Colapso.



O exército de Mormeou se posiciona a nossa frente. Eles formam enormes fileiras, mais do que eu imaginava. Os guerreiros humanos do reino tomam a frente, entre eles noto a presença de outros reinos devido a cor de suas armaduras. Montado em um cavalo negro está Alexander Solares em frente à sua tropa. Os seus cabelos ruivos balançam com o vento e os olhos esverdeados pousam em Léia. Somente pela intensidade do seu olhar posso ver o quanto a humana sente raiva pelo traidor.

- Eu vou arrancar a cabeça dele. – Léia sussurra em fúria.

Os Nephilins formam a fileira de trás, eles carregam enormes armas e os seus olhares exalam a escuridão e sua sede por sangue. Em seguida vemos os Anjos caídos, suas marcas pelos corpos revelam isso, muitos aparentam estar debilitados, porém mesmo assim seguem firmes. Eles sobem em cima de carruagens que dentro possuem enormes armas. As catapultas são guiadas pelos soldados humanos, ao total consigo contar pelo menos cinco enquanto nós possuímos apenas duas.

Enfim os Príncipes Infernais surgem. Uma fileira é aberta para que eles cruzem entre o exército. Montam em cavalos escuros como a noite que possuem um olhar em chamas semelhantes aos seus. Quando eles formam a trindade em frente ao exército o pequeno corredor se fecha. O olhar de Lúcio pousa no meu assim como o seu sorriso maligno, dessa vez não recuo e continuo a fitá-lo.

- Rendam-se a mim. – A voz dele exclama por todo o reino. – Prometo que terei misericórdia das suas almas se aliarem-se a mim.

Aliança, isso não pode passar de uma bela piada como aquelas que os bobos da corte contam aos seus reis. Lúcio e nem seus irmãos possuem proximidade com a misericórdia. Somente desejam contaminar nossas almas, se nos rendêssemos ele nos transformaria em criaturas semelhantes a ele.

- Formação. – Léia branda.

O som das armas de Vareon como da Legião soam pelo ambiente. Vejo nos olhares dos nossos soldados que há medo ali. Não os culpo porque também sinto, mas irei usar isso ao nosso favor assim como creio que também farão.

Os Príncipes descem de seus cavalos e o vento gélido bate mais forte em nossas faces. Com toda a paciência seguem mais à frente até estarem na neve mais alta, suas pernas afundam, entretanto eles gostam disso. Se abaixam delicadamente e pousam suas mãos no solo. Em questão de instantes uma onda de energia se expande por Vareon que leva boa parte da neve deixando a estrada livre para passagem.

- Eles são muito fortes. – Léia sussurra para mim.

- Nós também somos. – Digo.

Me pergunto onde estão as sacerdotisas e logo tenho a resposta. Entre o exército elas surgem trajadas em uma armadura negra. Olivia segue à frente do grupo e em sua roupa ela carrega o manto de Mormeu, em sua cabeça uma coroa de flores e espinhos enfeitada. O que mais nos impressiona não é isso, mas o fato de todas montarem enormes criaturas malignas. A da Rainha é uma mistura de leão com pelugem negra com uma serpente que nasce em sua calda e que se move no ar.

- Pelos céus! – Os soldados humanos exclamam enquanto trocam olhares.

- Irei descer. – Exclamo a Léia.

Abro as minhas asas e salto do muro seguindo para frente da tropa. Pouso em cima da pouca neve. Levanto-me e aponto minha espada em direção aos inimigos. Lúcio me observa um pouco desconfiado e então percebo que o meu poder combinado com o de Léia deu certo e todos os inimigos somente me veem no solo.

- Eles irão atacar. – Golias ao meu lado exclama.

Lúcio estica as suas enormes asas negras, bate contra o solo e levanta voo até se posicionar no ar. Ele levanta a sua mão direita em direção a nós. Dentro das catapultas são colocadas enormes pedras, sinto o poder exalar delas. Com um gesto do Príncipe elas são disparadas. As pedras voam até atingir a proteção, causam um impacto, porém elas continuam resistentes. As rochas partem-se liberando uma fumaça preta e delas ouvimos os gritos angustiantes.

- Que raios é isso? – Golias fecha os olhos e segura seu martelo com força.

Lúcio pousa novamente no solo, esbanja um enorme sorriso para mim.

- Boa tática, Anjo. – Ouço sua voz sussurrar em minha mente. – Mas, somente isso não será capaz de proteger os seus humanos.

As sacerdotisas movem-se com os seus animais malignos até ficarem posicionadas entre os Príncipes. Eles retiram grandes lanças que estavam ao lado de seus cavalos. Cada Príncipe tem a sua sacerdotisa, logo suas mãos se conectam na lança. Uma grande energia é liberada pela arma até que enfim esteja finalizada.

- Chega de se esconderem. – Lúcio exclama.

Ele é o primeiro a tomar a frente. Segura a sua arma com força e levanta ela em nossa direção para que enfim arremesse. A lança sobrevoa com uma força violenta até que penetra na nossa proteção, em volta dela o poder maligno vai se expandindo e tornando-a cada vez mais fraca. Os demais Príncipes fazem o mesmo e arremessam suas lanças, quando elas se chocam na proteção o poder então é destruído revelando todo o nosso exército. No mesmo instante eles ficam surpresos pelos soldados atrás de mim.

- Agora. – Golias ordena a sua tropa.

Em questão de instantes as munições em nossas catapultas sobrevoam pelo campo de batalha rodeadas pelo fogo seguindo em direção aos inimigos. Quando percebem Lúcio e Gadrae estendem suas asas e partem em suas direções. Com apenas um golpe as pedras são repartidas ao meio. Convencidos da sua vitória esbanjam o sorriso mais irônico possível, como bom Anjo retribuo.

Levanto voo e fico em cima do nosso exército. Encaro os Príncipes e tenho a sua total atenção. Com um gesto levanto minha espada. Todo o exército inimigo estava ocupado demais com os soldados a sua frente que se esqueceram de olhar a sua volta. O Anjo Egeu sai de trás de uma Árvore e enfim os Anjos atacam. Suas lanças cobertas pelo poder angelical sobrevoam o campo e atingem os inimigos que começam a cair. Ao lado de Olivia uma sacerdotisa é arremessada ao longe.

Os Príncipes Infernais enfurecem-se e partem contra os Anjos, mas do outro lado também surge outra tropa cercando nossos inimigos, ato que os obriga a se dividirem.

- Podem atacar com toda a sua força. – Exclamo ao exército.

As catapultas novamente são acionadas. Dessa vez as pedras atingem o exército inimigo que tem que se separar, até mesmo perdem uma de suas grandes armas.

- Revidem. - Alexander Solares ordena o seu exército.

Munições são postas em suas armas e as pedras negras voam pelo ar. Atingem diversas regiões do castelo que desmoronam. Olho para trás, mas felizmente Léia não está mais lá. Quando me viro para frente vejo uma pedra vindo em minha direção. Ergo minha espada e jogo meu corpo com toda a força contra a rocha que no mesmo instante reparte-se ao meio. Vejo que Alexander que deu essa ordem.

Lá embaixo avisto Egeu e alguns Anjos guerreiros guerreando contra os Príncipes Infernais. Desço violentamente em direção ao solo. Bato com toda a minha força nas costas de Azael, o Príncipe tomba para frente rolando pela neve. Ele vira-se em minha direção e quando me avista segurando o seu capacete o olhar furioso se expande.

- Anjo estúpido. – Ele brande em fúria.

- Venha buscar. – Exclamo.

Voo para o mais distante da tropa de guerra, com menos um Príncipe Infernal eles conseguem lidar melhor com a situação. Infelizmente a criatura é mais rápida do que eu, logo sua pesada mão segura o meu pescoço. Sinto a minha vida esvaziar-se. A minha espada cai em direção solo. Azael pega o seu capacete e me encara com toda a sua fúria.

- Hoje é o dia da sua morte. – Ele sussurra em frente à minha face.

Seus traços robustos causam ainda mais aflição.

- Creio que não. – Consigo falar mesmo com a minha garganta sendo pressionada.

Atrás do Príncipe surge o Anjo Egeu. Com sua espada ele bate contra uma das asas de Azael que perde o equilíbrio. Sinto sua mão se desvincular do meu pescoço e então caio, não tenho forças para voar nesse instante. Apenas sinto quando impacto o chão, mesmo tonto recupero rapidamente a minha espada.

- Ahhh! – Ouço os gritos de fúria.

Um Nephilim parte contra mim, com a sua espada. Nossas armas se encontram, bato com o canto da minha em sua mão. Ele perde a força e derruba sua espada, logo minha arma está cravada em seu peito. Empurro seu corpo e deixo-o ali mesmo.

Sinto como se uma corrente prendesse o meu pulso, olho para a região e uma energia me prende. A minha frente uma Bruxa se posiciona, ela manipula com suas mãos a magia. Logo estou preso com os meus dois braços.

- Fracos. – Ela sussurra.

Antes que possa dizer mais alguma coisa uma flecha atravessa o seu peito bem na região do coração, no mesmo instante sua vida se dissolve. O corpo da bruxa tomba do animal, atrás dela vejo Ícaro com o seu arco apontado em minha direção.

- Obrigado. – Agradeço.

- Não precisa agradecer. – Ele diz. – Temos muito trabalho a fazer.

Ícaro vira-se e dispara em direção a Alexander que parte com o seu cavalo contra ele. Por sorte a espada do humano passa longe das patas de seu cavalo. O cavaleiro aponta o seu arco e dispara mais uma vez, infelizmente pega no escudo do homem.

- Pensa que um aleijado irá me vencer? – O rei brande em risos.

Ícaro enfim acerta uma flecha em sua perna.

- Veremos. – Ele exclama.

O campo de batalha está repleto em sangue, corpos mortos. O castelo de Vareon vai sendo destruído aos poucos. Reflito sobre o que Léia disse sobre a sua história sendo destruída, por mais que tenha dito aquelas palavras para motivá-la não irei deixar eles acabarem com tudo de seu reino.

- Não. – Ouço os gritos de Golias.

Não muito distante vejo o Príncipe Azael sobrevoar sobre o nosso exército. Ele pousa em cima de uma das catapultas e com o seu martelo parte a arma ao meio que se despedaça despencando ao solo. O sorriso surge em sua face, mas antes mesmo que ele possa fazer isso novamente com a última catapulta ela surge.

- Bloquéz indogno. – A bruxa exclama.

A energia se expande de suas mãos e bloqueia o martelo do Príncipe de se chocar em nossa arma. Obviamente ele fica furioso e parte contra a rainha, mas antes disso é impedido por uma legião de Anjos que o puxam o levando pela floresta.

Estico as minhas asas e recupero toda a minha força. Voo adentrando cada vez mais nas tropas inimigas. Suas armas continuam a disparar contra o castelo, mas não por muito tempo. Concentro toda a minha energia e bato com a minha espada em suas grandes armas. As catapultas vão sendo estraçalhadas até que todas estejam no solo.

- Não. – Olivia grita para mim.

Voo em sua direção, antes que possa me aproximar dela sou bloqueado por uma de suas magias e jogado ao solo. Deslizo pelo chão, mas logo me ajoelho. O animal da bruxa parte contra mim enquanto ela se prepara para mais um feitiço. Quando seu poder impacta a terra sinto o solo se despedaçar, voo o mais rápido que posso. Miro minha espada na cabeça da serpente e jogo. A arma atravessa seu corpo até que a pego do outro lado. Me ajoelho e observo o animal se dissolver como a fumaça.

- Maldito Anjo. – Olivia grita.

Ela tomba e vê o seu animal morrer.

Ouçoo o som de uma leve trombeta e então sei que esse é o momento exato, deixo Olivia com os demais guerreiros humanos de Vareon. Voo entre as árvores, sinto algumas dores dos machucados, porém nada que mereça realmente uma atenção. A guerra afetou até mesmo boa parte da floresta que agora queima nas chamas mais escuras.

Me aproximo de uma região onde a neve continua alta. No centro dela uma batalha acontece. Os Anjos da Legião Divina guerreiam com Azael que bate o seu martelo, mas não consegue sair da pequena formação. Com o poder Angelical eles rondavam o Príncipe que mesmo com toda a sua escuridão não consegue resistir.

- Eliel.

Egeu se aproxima com uma corrente e entrega a mim. Pego e sinto minhas mãos queimarem. Olho para o Príncipe que exala a sua fúria, esboço um leve sorriso para que ele perca ainda mais a sua sanidade, jogo a tática deles contra eles.

- Você estava errado. – Exclamo. – Hoje é o dia da sua morte!

Jogo as correntes que se enrolam em volta do seu pescoço, do outro lado os Anjos fazem o mesmo e logo o Príncipe está ajoelhado no centro de nós. Ele tenta se desvincular, mas quando suas mãos tocam na corrente sua pele queima e a fumaça surge.

- Anjo estúpido. – Azael ri enquanto o sangue escuro desce pela sua face. – Acha mesmo que pode vencer essa guerra? Nós já ganhamos e você nem mesmo percebeu.

Pego a espada dos Líderes da Legião Divina, séculos de história. O seu metal vibra quando aproxima-se do corpo do Príncipe Infernal. Por mais que Azael tente esconder eu vejo o medo em seu olhar e dessa vez sinto prazer no sentimento. Empurro a espada em seu peito, é como se ela estivesse adentrando em uma rocha, mas enfim consigo encontrar o seu ponto final. Me distancio quando o Príncipe começa a queimar. Todo o seu corpo é retalhado por cortes, cada ferimento aberto

um grito angustiante é liberto. Enfim ele cai na neve e o seu corpo é levado pelas chamas mais ardentes.

Me escoro na árvore e não sei como me sinto. Acabei de matar um Príncipe Infernal.

- Você está bem? – Egeu me questiona.

- Sim. – Respondo. – Temos que voltar para a batalha.

Mesmo feridos os Anjos seguem ao nosso lado, isso somente nos mostra o quão forte é a nossa união. Caminhamos pela floresta e enfim Ícaro surge. Ele monta em seu cavalo e atrás carrega a sua prima Léia. Os dois apresentam ferimentos, mas nada grave.

- Você o matou? – Léia me questiona.

- Sim. – Respondo com fúria. – Matei.

- Ótimo. – Ícaro sorri. – Agora só faltam mais dois e algumas bruxas lunáticas.

- Está na hora do segundo golpe. – Exclamo.

Avanço em frente a pequena tropa até estar sozinho.

Ultrapasso a floresta até que chego ao campo da batalha principal. Não tenho a atenção de muitos, mas sigo e me posiciono em frente ao meu exército. Subo em uma carruagem e observo a guerra. Corpos de todos os povos espalhados, as chamas se alastrando, o som das armas se chocando umas contra as outras.

Um grande som ecoa pelo campo e então a visão da grande maioria é voltada para mim. Seguro o capacete que Azael usava e coloco em sua direção. No mesmo instante os Príncipes assim como as bruxas param de guerrear. Pela primeira vez depois de muito tempo vejo no olhar de Lúcio a surpresa, a angustia, até mesmo o medo.

- Seu Príncipe. – Exclamo.

Jogo o capacete que vai rolando pelo solo até parar em cima de um pequeno lugar com a neve. Os olhares deles seguem para a armadura, ainda impactados.

- Quem é o Próximo? – Pergunto instigando os seus piores sentimentos.

Os Príncipes esticam as suas asas negras e me fiam.

- Anjo estúpido. – Lúcio exclama, sem sorrisos. – Azael pode ter sido fraco para você tê-lo vencido, mas nós não somos. Todos vocês morreram, hoje.

- Que assim seja! – Sussurro.

Impulsiono os meus pés e voo. Giro minha espada e aponto para os inimigos. Não me importo se eu morrer hoje, se conseguir derrubar o seu exército já será o suficiente. No momento faço da morte a minha amiga porque agora ela rondava esses campos à procura das almas, é melhor tê-la ao seu lado do que fugir dela.

Despertei a fúria do exército inimigo, por um lado isso é bom para nós, pois eles não conseguem agir completamente com racionalidade, mas também acabam por expandir a sua força. Me lembro de treinar com Ramona e ela dizia que não adiantava eu possuir a maior força se não sabia como controlá-la e usá-la com sabedoria.

Olivia Morme se posiciona no meio de alguns corpos juntamente as sacerdotisas. Elas dão a mão uma para outra e se conectam liberando uma grande energia.

- Creaturae guemazi. – Elas exclamam.

Mesmo no ar sinto o impacto no solo. Algumas fendas abrem-se no chão e delas saem as criaturas mais perversas. Dentre elas enormes serpentes e outros animais letais para qualquer ser. Quando avisto uma serpente se jogar pronta para dar o bote em uma tropa de Vareon eu voo na maior velocidade que alcanço. Vejo o enorme ser descer violentamente contra mim. Giro a minha espada e com um só golpe corto a sua cabeça fora que rola e atinge uma carruagem.

Sinto um forte golpe em minhas costas e sou levado ao chão. Me viro o máximo que consigo e a minha frente avisto Lúcio me encarando. O Príncipe levanta o braço com a sua espada e antes que possa acertar o meu corpo rolo para o lado. Estico as minhas asas, me afasto e volto a ficar em pé.

- Por que ainda insiste em relutar, Anjo? – Ele tenta me abalar com suas palavras, mas não consegue. – Vocês já perderam.

- Não enquanto o último coração pulsar. – Digo.

As nossas armas se chocam uma na outra, uma energia se dissipa por todo o ambiente derrubando carruagens e alguns seres. O Príncipe acerta a sua espada em minha perna, a dor do ferimento é insuportável, porém preciso resistir. Ignoro completamente a região queimando e parto para um ataque.

- Não é só vocês que possuem táticas escondidas. – Exclamo.

- Sua Bruxa? – Lúcio fala com raiva. – Penso que já está na hora dela voltar para o nosso lado afinal foi criada para isso.

- Acho que já é tarde demais.

Acerto com a ponta da lâmina em sua face, um pequeno corte abre-se na região. Ele coloca a mão em seu rosto e vê seu sangue escorrer. O seu olhar queima nas chamas mais ardentes. Estica as suas asas e contra-ataca ou ao menos tenta.

- Maldito. – Golias exclama.

O soldado surge de repente no meio da multidão. Ergue o seu martelo e bate contra a asa do Príncipe que perde o equilíbrio e rola para o lado. Lúcio enfurece-se ainda mais e parte contra o humano. Voo e tomo à frente do soldado, com os meus braceletes impeço o seu ataque. Sinto as minhas pernas seres amarradas por correntes mágicas e sou arrastado pela neve, reluto, mas não consigo me desvincular a tempo.

Golias ergue o seu martelo. Apenas com um movimento Lúcio parte a sua arma ao meio. Pega o soldado pelo seu pescoço e o levanta. Suas unhas cravam-se na pele do humano e a energia maligna contamina o seu corpo até que ele esteja dissecado. Enfim o seu corpo é jogado ao solo como se não fosse nada.

Com a minha espada bato contra as correntes mágicas que quebram no mesmo instante. A bruxa que estava manipulando a magia se espanta com o ato. Ela vira de costas e tenta fugir, mas a minha espada encontra o seu peito. A mulher cai de joelhos a minha frente, retiro a minha espada e enfim empurro o seu corpo.

Os animais começam a atacar em toda a parte e por mais que o nosso exército humano resista eles não conseguem lutar como iguais. Uma serpente se move pelo solo e engole cerca de cinco soldados, mas enfim é impedida pelo Anjo Egeu. Com suas duas espadas ele arranca a sua cabeça e joga contra o exército inimigo.

- Avancem. – Léia exclama.

A humana surge montada em cima de um urso. Vejo-a como nunca havia visto, nesse momento esqueço de tudo e somente penso nela como uma guerreira poderosa. Um bando de Ursos segue a Rainha que os controla, seu poder vai muito além do que imaginávamos e até mesmo daquele que a criou. Os animais atacam as criaturas inimigas e unidas causam um enorme estrago.

- Maldita.

Ouçó não muito distante Olivia sussurrar. Ela pega um dos cavalos e monta. Em um gesto move-se rapidamente percorrendo o campo de batalha em direção a Léia.

Uma dor horrenda se expande pela minha perna direita. Caio no mesmo instante que sinto a ponta da espada entrar na região. Sua mão quente puxa o meu

queixo para cima até que seus olhos vermelhos estejam cravados no meu. Os seus longos cabelos acinzentados batem em minha face. Gadrae sorri.

- Tentador não? – Sua voz faz a dor diminuir por alguns segundos. – Estar bem perto da morte, isso libera todos os nossos sentimentos aprisionados.

- Por que vocês falam tanto?

Uma onda de energia mágica enrola-se no pescoço do Príncipe e ele é puxado com toda sua força para trás. Não muito distante vejo Léia com suas mãos erguidas, ela sorri para mim, mesmo tendo que lidar com Olivia a Rainha consegue me ajudar. Gadrae quando avista a humana estica as suas asas, mas antes que ele possa levantar voo eu levanto a minha espada e desço com toda a minha força. A arma se choca contra a sua asa que se parte ao meio.

- Urgh! – Ele brande em dor. – Anjo.

- Lembram o que fizeram comigo? – Sussurro para ele.

Gadrae levanta-se mesmo com a forte dor. Ergue a sua espada e recebe outro ataque. Uma enorme lança atravessa o peito do Príncipe Infernal que tomba de joelhos no solo, o sangue se espalha pelo seu peito descoberto de armadura. O ataque foi disparado por um grupo de soldados humanos em cima de uma carruagem com a balísta e eles fazem isso mais duas vezes.

Me aproximo dele e puxo seu queixo até sua visão até estar fixada na minha.

- Últimas palavras, Príncipe?

- A queda de vocês começa hoje. – Ele exclama aos risos.

Cravo a espada com toda a minha força na região do seu coração. Como aconteceu a Azael os cortes vão surgindo em seu corpo e os gritos angustiantes saem. A sua pele queima nas chamas mais incandescentes até que somente existam cinzas. Mais um Príncipe morto. O último deles me observa do outro lado do campo com o seu olhar frio, por mais que esteja com expressões suaves ainda vejo o tamanho da sua dor.

Uma lança atravessa o peito de Lúcio disparada pela Balísta. O ser não apresenta qualquer sinal de dor, ele apenas retira a arma com delicadeza e enfim o seu temido sorriso surge algo que não é bom para ninguém. O Príncipe arremessa a arma em um Anjo que sobrevoava contra ele, a arma atravessa o peito dele e o joga além da floresta.

- Recuem. – Um soldado em frente a carruagem ordena.

Lúcio ergue o seu punho rodeado pelas chamas e dispara contra os humanos. As carruagens no mesmo instante explodem em direção ao céu. Os soldados que ali estavam recebem o fogo e são queimados, muitos ficam vivos e começam a correr pelo campo enquanto seus corpos estão em chamas, mas no final ninguém resiste.

- Socorro. – Um deles cai a minha frente e morre.

Ao meu lado um urso pula por cima de um leão e os dois rolam pelos destroços da guerra. Olho para frente e um Nephilim aponta um arco em minha direção, a flecha dispara e acerta a minha perna. Caio de joelhos, rapidamente quebro a ponta da arma. Giro a flecha e antes que o inimigo possa reagir tem a arma presa em seu pescoço.

Correntes enrolam no meu pescoço e os Anjos Caídos puxam.

- Vocês não cansam? – Exclamo.

Estico as minhas asas e bato com toda a minha força. Os soldados inimigos rolam pelo solo dispersando-se, um deles é atropelado por uma serpente que desvia pelo caminho, mas o atinge. O animal vai pelo caminho onde Ícaro está guerreando, mas ele não avista a criatura. Voo no mesmo instante até estar em cima da cabeça da serpente. O olhar do animal me segue e a criatura se debate me jogando para longe. Infelizmente a minha arma cai no solo e não há tempo para recupera-la.

- Ícaro. – Exclamo para ele.

O seu cavalo dispara quando quase o atinjo na cabeça. Quando olho para cima vejo a cabeça da serpente seguir em um ataque violento contra mim. Ergo os meus braços e pego em sua boca. Sinto a ponta do seu veneno escorrer pelos meus dedos e queimar a minha pele. Grito com toda a minha força e abro a sua boca, a cabeça da criatura reparte-se ao meio. Limpo as minhas mãos seja lá do que me atingiu.

- Pelos céus! – Ícaro me olha apavorado. – Está bem?

- Cuidado. – Brando.

Alexander Solares parte com o seu animal e com a sua espada atinge a pata do cavalo de Ícaro que tomba para o lado. Com suas pernas presas nas celas o soldado é arrastado pelo solo.

O Rei se aproxima dele.

- O que foi aleijado? – Ele zomba. – Não vai se levantar?

- Você não devia zombar assim de um “aleijado”. – Ouço a voz de Ícaro sussurrar.

O cavaleiro impulsiona com toda a sua força o seu corpo para frente. Ele ergue o seu arco em direção a Alexander Solares e dispara. A flecha atravessa a cabeça do homem em um ataque brutal, seu corpo cai do cavalo imóvel na neve. Mesmo com isso não consigo sentir pena do homem. O seu sangue tinge a neve.

- Pela minha prima. – Ícaro exclama.

Passo pelo corpo de Alexander.

- Você está bem? – Questiono-o.

- Ficarei. – Ícaro responde, sua face está coberta pelo sangue. – Agora siga, há outros que precisam mais da sua ajuda do que eu.

Aceno para ele e me afasto quando um grupo de homens veem ajuda-lo. São tantas mortes no dia de hoje que nem ao menos consigo pensar sobre isso no momento, mas do ser que desejo mais a sua morte ainda não aconteceu. Lúcio corta a cabeça dos animais que o atacam, arranca as asas dos Anjos que se aproximam.

Não muito distante avisto Olivia e Léia guerreando. A rainha de Mormeu dispara um feitiço potente que se choca contra o de Vareon. Sinto até mesmo a energia me atingir. Elas trocam olhares entre si, as duas bruxas apresentam um poder surreal.

- Deveria estar do nosso lado. – Olivia usa da sua sedução. – Eles não se importam com vocês, irão abandona-la assim que deixarem esse reino.

- Você está enganada, Rainha. – Léia exclama. – Eles estão aqui conosco, nunca nos abandonarão. Vocês que estão tentando destruir o nosso reino e eu não deixarei isso acontecer porque eu sou a Rainha desse lugar.

Olivia se protege com uma proteção, mas o poder de Léia supera e despedaça a sua magia. Com o seu poder atinge o peito da bruxa que é jogada pela neve, a humana desliza, mas logo consegue recuperar a estabilidade.

- Mors cinere. – Léia abre os seus braços e exclama.

- Mors cinere. – Olivia sussurra.

Novamente as duas energias se encontram e nesse momento destroem tudo à sua volta incluindo alguns humanos que se dissolvem como cinzas. Quando isso acontece fico extremamente chocado e tenso pelo que pode acontecer. O feitiço de Léia vai fechando o de Olivia. Em pouco tempo a Rainha de Mormeu está

ajoelhada diante da outra bruxa. Ela continua com suas mãos erguidas. Em suas faces as marcas da magia negra surgem. Os traços se espalham cada vez mais.

- Meu reino. – Léia brande e sua voz se torna mais grossa como se não fosse ela quem estivesse pronunciado.

Os olhos da bruxa de Vareon queimam em brasas ferozes. Os seus cabelos balançam como se estivessem dentro da água, mas em sua ponta as chamas queimam. Então ela empurra toda a sua energia que se choca contra o corpo de Olivia que no mesmo instante explode em chamas. As cinzas são levadas pelo vento.

Desço imediatamente ao seu encontro. Me ajoelho a sua frente e seguro os seus ombros. Ela me encara, os seus olhos escuros como a noite me fitam. Aos poucos ela vai perdendo a intensidade. A trago para os meus braços.

- Pelo santo Divino! – Exclamo. – Julguei que estava morta.

- Felizmente não. – Ela sussurra ainda fraca. – Eliel.

A bruxa afasta o meu corpo.

- Olhe. – Léia diz.

Em nossa volta vejo o campo totalmente destruído assim como boa parte do castelo, os corpos espalhados por todo o ambiente, mas há uma coisa que chama ainda mais a minha atenção. A guerra começa a chegar ao fim. Os inimigos vendo o seu exército completamente destruído começam a se render. Primeiramente uma bruxa se ajoelha em frente a um Anjo e assim eles vão se rendendo até que enfim tudo para e somente ouvimos o vento frio bater em nossos corpos. Para a minha surpresa até mesmo alguns Nephilins estão entre os rendidos, os Anjos Caídos aparentemente todos mortos.

Seguro Léia e enfim nos levantamos. Ícaro se aproxima de nós em cima de uma carruagem. Egeu desce do céu e se posiciona ao meu lado, o seu corpo repleto de ferimentos como o meu, mas com um belo sorriso em sua face.

- Nossa missão está quase concluída. – Egeu exclama.

- Só falta algo. – Digo.

Lúcio é o único do seu exército que se mantém em pé. O seu olhar frio segue por todos nós e após ele lança o seu riso sarcástico que levanta os pelos do meu corpo. Ele levanta a sua mão em nossa direção e balança a cabeça.

- Eu não irei me render. – Lúcio exclama. – Todos vocês que fizeram isso saibam que são desonrados para mim. Traidores. Meus irmãos morreram por essa

guerra, seu povo se sacrificou pela nossa vitória. Não seria justo eu me ajoelhar agora, Anjos.

Seu corpo é jogado para trás e ouvimos o som da sua coluna quebrar na cena mais horripilante que já presenciei. Uma onda de energia negra encobre o seu corpo e então algo ainda mais maligno vai tomando forma. Da fumaça negra surge uma enorme criatura diabólica. O corpo como de um animal junto com o de um humano. As asas negras se tornam mais letais. Não conseguimos mais ver a sua face, apenas avistamos dois enormes chifres enquanto sua cabeça queima em chamas. Ele ergue a sua espada também coberta pelo fogo e aponta para nós.

- Pelos céus! – Todos apavoram-se diante da criatura.

- Recuem. – Exclamo com toda a minha força.

Puxo Léia e Ícaro e os coloco entre meus braços e os afasto o quanto posso. Em questão de instantes uma onda de fogo é disparada pela criatura. As chamas invadem o campo levando consigo muitas almas que gritam em desespero. Pouso os Vareon em um local seguro, pego uma arma do solo.

- Eliel. – Egeu segura meu braço antes que eu avance. – Não temos como detê-lo.

- Mas...

Olho para a criatura em frente ao campo, é a coisa mais sombria que já avistei durante todos esses séculos da minha existência. Nunca Lúcio tinha assumido essa forma, mas parece que os seus poderes aumentaram incontrolavelmente. Agora ele dispara contra os sobreviventes, talvez a única coisa que podemos fazer é recuar e salvar o maior número possível de almas. No entanto, somente a ideia de ele permanecer vivo já assombra a minha mente.

Alguns Anjos tentam atacar, não consigo os impedir. A pequena tropa avança, mas no mesmo instante é aniquilada por Lúcio. Os corpos dos Anjos caem do céu nas chamas mais ardentes. O ataque atinge o meu coração assim como de todos do nosso povo. É como se as nossas esperanças fossem aniquiladas.

- Vocês não possuem salvação. – A criatura exclama. – Queimarão nas chamas do submundo e eu vou levar todos comigo.

Ouvimos um grande barulho vindo do céu. Uma luz invade o campo de batalha em frente a criatura, quando ela se apaga revela as guerreiras. Os três Arcanjos se posicionam abaixo de Lúcio, assumem a sua forma natural, mas mesmo assim não maiores que a criatura. Trazem consigo as suas armas de guerra. A esperança volta a fluir e então os sobreviventes conseguem sorrir.

- Você não possui salvação. – Atroia exclama. – Criatura maligna.

Uma onda de fogo é jogada em cima dos Arcanjos, por um momento sinto como se tudo se perdesse. No entanto, vejo a luz brilhar entre as chamas e elas ultrapassam o fogo voando em direção a criatura. A espada de Atroia acerta o peito do Príncipe Infernal, um ferimento abre-se e a fumaça negra se expande.

- Argh! – Ele geme em dor.

- Por Empíreo. – Datanea exclama.

Seus cabelos ruivos se camuflam no fogo. O Arcanjo ergue o seu arco e dispara em direção a criatura. A flecha atravessa a cabeça do Príncipe e então ele geme com uma intensidade maior. Mesmo com o ataque poderoso isso não o abala fortemente.

- Por todos os povos. – Parma brande.

O Arcanjo enrola suas correntes em volta do pescoço da criatura. Puxa com toda a sua força, mas mesmo assim Lúcio resiste. Ele inclina o seu corpo para frente e joga o Arcanjo contra o solo. Após bate contra Datanea a arremessando para longe. Sua espada ergue-se e desce violentamente em direção a Atroia. As chamas se dispersam em volta da energia do Arcanjo que se mantém resistente. Atroia bate as suas asas com toda a sua força e enfim empurra o braço do Príncipe para trás que perde o equilíbrio.

Parma do solo consegue recuperar as suas correntes. Sobrevoa pelos pés da enorme criatura e enrola em volta de suas pernas. As correntes quando encontram a sua pele começam a queimar e isso atinge a criatura devido ao poder angelical, mas Lúcio se transformou em uma das criaturas mais poderosas da galáxia.

Datanea mira o seu arco no braço da criatura. Dispara a flecha em sua mão, um enorme buraco surge no corpo da criatura. Ele geme e derruba a sua arma que cai no solo causando um enorme impacto. Quanto mais ele enfurece mais as chamas aumentam.

- Esse é o seu fim. – Atroia exclama.

- O seu, Arcanjo. – A criatura revida.

O Arcanjo ergue a espada das Divindades e voa em direção ao peito da criatura. A espada crava em seu coração e adentra no corpo do Príncipe. Antes que o Arcanjo possa se afastar a criatura pega no seu pescoço e a mantém presa. Os demais Arcanjos tentam revidar, mas o Príncipe Infernal fecha as suas asas bloqueando qualquer reação. O corpo da criatura começa a rachar e as chamas saem. Ouço os gritos de Lúcio e os de Atroia unidos como um só, sinto total impotência por não poder fazer nada. Enfim a criatura tomba de joelhos e as

chamas levam o seu corpo, é como se uma grande tocha fosse posta no meio do campo de guerra. No fim as cinzas se espalham pelo céu.

Todos os Anjos voam ao encontro dos Arcanjos. Pousamos no solo em frente a Datanea e Parma. O Arcanjo segue para onde o solo está marcado pelo fogo da última batalha. Ela se abaixa e pega na espada de Atroia, nesse momento sei que ela não irá mais voltar. Sinto um aperto em meu coração.

- Sempre juntos. – Exclamo e coloco a mão no peito, os outros repetem.

Caminho em meio aos destroços, sigo e avisto as faces de guerreiros que conhecia e até humanos que via enquanto percorria em missão por essas terras. É doloroso, mas sem sacrifícios não haveria vitória. Infelizmente tivemos que pagar um preço muito alto para isso, até mesmo perdemos um de nossos Arcanjos.

- Você fez uma ótima missão, Líder Eliel. – Datanea se aproxima de mim e exclama, seu olhar é profundo. – Sei que possuía apressa por Atroia, mas fique bem. Saiba que ela se sacrificou por todos nós e tinha consciência que isso poderia acontecer.

- Como Arcanjos é nosso dever proteger todos vocês. – Parma ao meu lado exclama. - Sei que muitas vezes pode não parecer isso, mas estaremos sempre ao lado do nosso povo e daqueles a quem devemos proteger. Infelizmente hoje perdemos uma irmã, mas ela sempre estará conosco assim como todas essas almas que foram sacrificadas nesse dia em prol de um bem maior.

- Compreendo. – Me esforço para falar e não cair em lágrimas. – Nosso dever vai muito além, também estava pronto para me sacrificar, mas pelo que parece tenho novas missões a cumprir. Isso não é o fim, mas o começo de algo muito maior.

As bandeiras de Vareon e Mormeu queimam. Nephilins, Anjos, Arcanjos, Humanos, Bruxas. Todos os povos perderam alguém hoje. Essa guerra foi um marco de todos os povos e que guiará o futuro dessas terras daqui em diante. Não creio que tudo está acabado porque os Príncipes foram destruídos, os seus frutos continuam a andar pelo solo humano. Me pergunto como será o futuro e quando acontecerá a próxima guerra, as batalhas são inevitáveis quando há seres como eles. Mas, não importa porque eu estarei aqui para quando elas vierem.

Capítulo XXXII

Uma nova rota.



Faz algumas semanas desde que a guerra aconteceu. Os Anjos ajudaram a reconstruir boa parte do castelo, mas a outra foi perdida. Mesmo se tudo estivesse em pé as marcas continuariam do mesmo jeito. Infelizmente tivemos que tomar uma atitude em relação aos humanos. Boa parte das suas recordações foram mudadas e alteradas para que eles só vejam os humanos batalhando, qualquer lembrança sobre os Anjos, Príncipes Infernais ou qualquer outro ser foi dissolvida. É claro que de alguns humanos isso não foi possível, como de Ícaro, Léia e as demais bruxas que se renderam assim como os Nephilins. Eles ainda se lembrarão da parte mais trágica, algo que ficou marcado em suas almas, no entanto não creio que isso os afete negativamente. Os seres aprenderão a lidar com a dor e usar de tal sentimento para se tornarem mais resistentes.

Durante esses dias refleti muito sobre os Príncipes e enfim as coisas se tornaram nítidas. Toda aquela tática das criaturas de iniciarem uma nova raça não era para somente afetar os humanos. Eles nos queriam e lamento, mas conseguiram. O modo como agiram afetou o nosso modo de pensar assim como também nossos sentimentos. Os Príncipes mesmo temendo a morte acolheram ela de braços abertos, pois já haviam conseguido o que almejavam. No entanto, não estarão mais aqui para ver o que irá acontecer.

Passo em frente a uma parede e observo o meu reflexo. Os cabelos brancos cresceram mais e agora batem em meu ombro e cobrem parte da minha face. Antes

possuía somente uma cicatriz acima da sobrancelha, mas agora elas estão espalhadas pelas minhas pernas e braços. Muitos deixariam que elas se curassem, no entanto eu desejo-as ali para que me lembre de momentos sombrios da minha existência.

Passo pelo corredor de tochas e adentro no salão onde a Rainha está sentada em seu trono. Os Anjos da Legião Divina circulam pela mesa. Parma e Datanea sentam nas cadeiras na ponta da grande mesa. Os olhares dessa vez estão felizes porque logo eles irão retornar para Empíreo, os humanos expressam satisfação pela vitória.

- Obrigado pela hospitalidade. – Datanea ergue a taça em direção a Léia. – Creio que o nosso trabalho por aqui está feito, peço somente que ajam com cautela para que atos como esse não voltem a acontecer.

Todos esperamos que atos como esse não voltem a acontecer, mas a quem estamos enganando falando essas palavras? Todos sabemos que essa não é a verdade.

- As Bruxas e os Nephilins que se renderam. – Parma diz. – Eles podem ter se ajoelhado para vocês nesse momento, mas isso não significa nada. Os seres ainda carregam a escuridão ao seu lado. Podem perder a racionalidade em poucos segundos. Apenas queiramos que se certifiquem que irão ficar bem.

Léia ajeita a sua capa no trono e lança um doce sorriso, por momento esqueço que ela foi aquela bruxa que destruiu Olivia com seu imenso poder.

- Obrigado pelo conselho, Arcanjos. – A Rainha exclama. – Mas, lembrem-se que eu também sou uma bruxa, sei bem o que aqueles seres estão passando e ajudarei da melhor forma que conseguir. Todos estão em vigia, mas agora o mais importante é reconstruir o nosso reino.

- Perfeito! – Datanea diz.

Os Arcanjos colocam as suas taças na mesa e levantam-se. Com sutileza deslizam suas armas para os seus cintos, seus olhares me seguem.

- Está na hora de voltarmos. – Quando Parma fala o meu corpo congela. – A nossa missão foi cumprida, derrotamos os Príncipes Infernais. Os povos estão em segurança.

Os Anjos começam a arrumar as suas coisas e caminham em direção a porta, no entanto eu fico posicionado no meio do salão. Olho para Léia que me encara um tanto confusa, mas seu olhar clama para que eu fique. Não demora muito para que os Anjos percebam o meu ato e enfim todos param e me fitam.

- O que aconteceu, Líder Eliel? – Datanea me questiona.

Por mais que eu sinta medo de pensar em suas reações avanço.

- Não posso voltar. – Quando exclamo a grande maioria espanta-se. – O meu lugar não é mais em Empíreo, mas sim nessas terras. Mesmo com a guerra acabada vocês sabem que esses povos necessitam da nossa ajuda. Há muito o que fazer e estando em Empíreo não podemos ajudar com todo o nosso poder. Se me permitirem ficar eu prometo que não farei nada indevido, somente o bem para ajudar aqueles a quem devemos proteger.

Os Arcanjos trocam olhares entre si. O Anjo Egeu avança até estar na minha frente, sei que ele está um pouco decepcionado com a minha decisão assim como os outros guerreiros que lutaram ao meu lado nessa guerra.

- Eliel... – Seu olhar pousa no meu. – Você é o nosso Líder, a Legião Divina precisa de você assim como esses povos a quem deseja proteger.

Puxo a espada do Líder guerreiro e seguro em minha mão.

- A Legião Divina não é feita somente dos guerreiros que lutam as nossas batalhas. Todos nós fazemos parte dessa Legião. – Todos me ouvem. – Cumpri a minha missão nessa guerra como líder de vocês, mas agora chegou o momento de passar isso adiante.

Entrego a espada ao Anjo Egeu que olha por longos segundos em silêncio e após segura-a. Ele enfim pousa seu olhar no meu e creio que compreende.

- Será sempre lembrado por nós. – Ele segura a espada em seu coração. – Nunca esqueceremos dos seus feitos, mas creio que agora você esteja escolhendo uma nova missão e somente você pode fazer isso.

O guerreiro guarda a espada e se junta aos demais Anjos. Olho para os Arcanjos em busca de uma resposta, se eles disserem não eu terei que voltar, pois não desejo desobedecer mais uma de suas ordens. Elas fecham os olhos e creio que estejam se comunicando com Empíreo, ou talvez recebendo alguma informação. Enfim os Arcanjos me fitam, com expressões suaves.

- Você deve ficar. – Datanea exclama. – Parece que não é somente os Anjos que gostam de você, Eliel. Mas, tome cuidado ao longo dessa jornada, ela pode ser mais perigosa do que você imagina.

- Espero que tenha escolhido com sabedoria. – Parma continua. – Você sabe que no momento que ficar não poderá retornar mais a Empíreo, por mais que o seu laço continue ligado a nós. No entanto, confio fielmente que isso foi pensado com cautela. Por mais que seja difícil admitir, você é um dos melhores Anjos que já conheci.

Sorrio para os Arcanjos. Realmente pensei muito sobre essa decisão, no que ela pode afetar na minha existência e assumo todos os riscos.

Quando penso que os Anjos vão deixar o salão sou surpreendido. Alguns dos Anjos guerreiros tomam a frente, descem os pequenos degraus e se juntam a minha volta. Seus olhares pousam no meu demonstrando toda a confiança. Eles retiram as suas armas, se ajoelham a minha volta e exclamam:

- Estaremos com você. – Dizem. – Se nos aceitar.

Faço o sinal para todos se levantarem e esbanjo o meu sorriso mais alegre. Nem mesmo nos meus pensamentos mais felizes poderia imaginar tal ação. A confiança que eles demonstram como eu sendo o seu líder faz tudo ter um sentido.

- É uma escolha difícil a se tomar. – Digo. – Pensem bem se essa é realmente a decisão de vocês, pois não há como voltar atrás. Os riscos que enfrentaremos por essas terras podem ser maiores do que enfrentamos na última batalha. Mas, se assim desejarem eu os guiarei para um caminho melhor, para que façamos a diferença.

Os Anjos a minha volta confirmam estarem de acordo com tudo. Nesse momento me despeço de uma Legião, mas no final acabei por me tornar Líder de outra.

- Certo, eu também ficarei.

Fariseu surge no canto da porta. Prossegue pelo corredor e quase cai em cima de um Anjo com uma caixa de ferramentas. Enfim se posiciona na frente dos Arcanjos, ele estende a sua mão e entrega a caixa a Datanea.

- Meu último presente a vocês. – Fariseu sorri de orelha a orelha. – Mas, agora penso que devo ficar ao lado do meu amigo, afinal o que seria dele sem mim. Ele somente matou dois dos Príncipes Infernais, nada realmente significativo.

Todos no salão riem de suas palavras.

Caminhamos para fora do castelo.

A Legião Divina se posiciona ao redor dos Arcanjos, seus olhares me seguem por uma última vez. Logo a luz do portal de Empíreo surge e todos são levados até o lugar ficar vazio. Ouço o vento bater contra as nossas vestimentas. Observo o céu e um breve pensamento circula pela minha mente, é claro que sempre haverá perguntas de "como seria se eu partisse com eles? ". Mas, o questionamento que eu não conseguiria viver sem responder é “e seu tivesse escolhido ficar na Terra, o que aconteceria? ”

Caminho pela neve em cima do muro. Observo o campo de batalha que foi marcado pelo sangue, mas que agora está coberto novamente pela neve mais intensa. Nem mesmo parece que aconteceu uma das piores guerras da nossa existência. No entanto, creio que isso seja bom, será melhor para todos recomeçarem. Afinal as marcas internas continuarão a nos lembrar do acontecimento.

Os Anjos da minha tropa se posicionam próximos de mim.

- Mesmo com todos esses séculos da minha existência ainda é estranho ver pessoas me seguindo, o medo ainda assola a minha alma. – Tenho que confessar a eles que esbanjem um sorriso natural. – Juntos faremos o certo.

- As terras humanas sempre me interessaram. – Um Anjo guerreiro exclama enquanto observa o horizonte. – Há tanto nesse mundo para descobrirmos e sinto que agora nós podemos fazer isso. Não sinto medo, na verdade, estou animado para as nossas novas missões porque agora é você quem dará elas Eliel.

Todos os Anjos me observam e então o que eu disse se torna real, é realmente estranho como as coisas mudaram. Antes éramos guiados pelas ordens dos Arcanjos ou das Divindades que interferiam quando desejavam, mas agora essa responsabilidade está em nossas mãos. Mesmo fora de Empíreo nós teremos que continuar seguindo as regras essências do nosso povo, afinal não estamos protegidos dos julgamentos.

- Mantenham a calma, Anjos. - Fariseu coloca as mãos na cintura. – Eliel só vai nos mandar enfrentar criaturas demoníacas como aquelas da última guerra.

- Espere. – Um Anjo passa a mão pela sua armadura. – Acho que esqueci algo em Empíreo, creio que devo retornar.

Todos caímos em uma gargalhada.

Aproveito cada momento de estar ao lado deles, é incrível como a situação mudou. Recentemente estávamos tristes lamentando as mortes do nosso povo e as perdas das outras almas, mas agora já estamos recuperados em partes e prontos para seguir com a nossa missão. Com o passado aprendemos com os nossos erros para que no presente ajamos com sabedoria, assim podemos aguardar um futuro melhor. No entanto, as coisas não são estáveis como desejamos. O futuro sempre nos surpreende de alguma forma.

Puxo a minha capa e cubro a minha cabeça. Caminho pela estrada, observo as frutas crescerem nas árvores. Ouço o barulho de alguns animais não muito distantes. O som da natureza me tranquiliza e me faz esquecer dos sons angustiantes da guerra. Quando estou próximo a chegar ao lago uma forte luz

invade a minha visão. Pisco suavemente e quando abro me vejo em Empíreo. Caminho pela escadaria e observo o mar ao longe, estou no palácio das Divindades. Sei que é somente uma visão, mas sinto tudo à minha volta. O vento refrescante, a tranquilidade.

- Escolhas são difíceis de serem tomadas.

A Divindade está parada em frente ao pequeno muro, suas mãos pousadas em cima das pedras. Quando me aproximo o seu olhar fixa-se no meu, não sei como me sentir ou o que falar e então permaneço em silêncio.

- Permanecer na Terra é um ato corajoso. – Notórios exclama. – Que requer muitos sacrifícios, mas creio que essa decisão já venha sido pensada há um bom tempo. Depois de toda a guerra que você enfrentou sabia onde você acabaria. Há muitas estradas pela qual poderia seguir, mas elas te levariam a uma única saída.

Deslizo minha mão pela rocha, observo a água lá embaixo.

- Eu sei o que os Príncipes Infernais almejavam. – Digo a ele. – Infelizmente creio que eu tenha dado o que eles tanto queriam. Peço perdão por isso.

- Não há o que se perdoar. – Vejo um sorriso em sua face, me traz calma. – Sim, os Príncipes conseguiram corromper alguns do nosso povo, muitos cederam as suas tentações. Há aqueles que foram banidos, mas também há aqueles que escolheram por livre arbítrio seguir por uma nova jornada. Por mais que os Príncipes tenham planejado tudo com as suas mentes sombrias ainda há coisas que nem mesmo eles imaginariam que pudesse acontecer. – Seus olhos claros pousam nos meus. – acredite em mim Anjo, eles podem ter se considerados vitoriosos, mas a verdade é que foram derrotados. Mesmo com a escuridão circulando em nossos reinos a luz ainda prevalece.

As palavras da Divindade soam com melodia para os meus ouvidos. Talvez o que eu tenha pensado não seja realmente o que aconteceu. É difícil de compreender as suas palavras, pois elas podem ter mil significados. No entanto, o que consigo compreender é que o meu caminho não é errado. São coisas que deveriam acontecer e supostamente terei a resposta para isso no futuro.

- Não se aprisione tanto ao futuro meu Anjo. – Notórios fala e sorrio.

- Às vezes é realmente difícil de não se pensar. – Digo. – Ainda mais quando o destino de alguns seres está em suas mãos. Me pergunto como vocês conseguem lidar tão bem com essa situação, é um peso que poucos conseguem suportar.

- A liderança exige sacrifícios. – O olhar de Notórios segue para o horizonte. – Até mesmo os seres mais poderosos podem errar. Nossas intenções podem ser puras e feitas da mais intensa luz, mas isso não quer dizer que ela não carrega a sua escuridão. Para tudo que fazemos há uma reação. O universo é feito de escolhas, essas escolhas ligam as estradas umas nas outras e então dão uma finalidade. É claro que esse trajeto pode ser desviado, pois todos podemos ser influenciados pelo externo. Podemos não perceber, mas estamos. Esse é o nosso mundo!

As palavras da Divindade fazem a minha mente rodear, mas esclarece muito sobre as minhas decisões. Ele me trouxe aqui por um motivo e por mais que não diga nada eu sei que os seus conselhos me guiarão ou estão me alertando sobre algo. No momento somente relaxo e observo talvez a minha última visão de Empíreo.

- Obrigado! – Exclamo, pois acho necessário dizer isso.

- Também devo dizer um obrigado, meu Anjo. – Notórios diz. – Você me fez repensar sobre muitas questões que havíamos esquecido. Essa guerra foi uma grande divisória em nossa galáxia, mas o mais importante é que permanecemos unidos. Você sempre fará parte da Legião Divina, lembre-se disso e nunca se esqueça. Que os seus caminhos sejam iluminados durante toda a sua existência.

Ele ergue a sua mão e a luz atinge a minha visão. Quando abro novamente os olhos me encontro no meio da neve parado. Olho para o céu e sorrio.

Sigo pela estrada até chegar em frente ao lago. Ela está parada lá. Os seus cabelos balançam quando o vento bate e enfim vejo o seu sorriso mais doce. As memórias me fazem recordar do nosso primeiro encontro. Quem diria que essa humana iria mudar tanto do que eu pensava sobre o mundo e que me despertaria sentimentos desconhecidos.

- Então quer dizer que o meu Anjo da Guarda irá permanecer. – Léia vira-se, empurra o seu cabelo e pousa seu olhar no meu. – Acredito que juntos possamos fazer a diferença, Anjo Eliel. – Ela sorri. – Ainda estou me acostumando a te chamar pelo seu nome real, mas creio que seja melhor do que Alce ou estranho da pedra ao lado.

- Muito melhor. – Sorrio de volta.

Deslizo minha capa pela neve e fico ao seu lado, a sua presença me traz calma. Do outro lado das árvores um animal surge, sua pelugem é amarronzada. Em sua cabeça há enormes chifres semelhantes a galhos. Um tanto engraçado.

- Qual o seu nome? – Sinto que devo questionar.

Léia fecha os seus olhos e sorri.

- Alce.

Pouso meus olhos nos seus no mesmo instante e lanço uma gargalhada.

- Espere. – Cruzo os meus braços. – Então quer dizer que você me chamava de Alce e Alce é aquele animal que está ali parado? – Ela acena que sim. – Oh! Isso deveria soar como um elogio? Mas, é claro que somos parecidos, só me falta os chifres.

- Se assim desejar.

Na ponta de seus dedos a magia exala e por trás do feitiço avermelhado vejo o quão bela é a sua face, ainda mais quando ela está feliz. Mesmo após todos esses acontecimentos devastadores ainda consigo ver a beleza por trás de tanta escuridão. Até mesmo naquilo feito pelos Príncipes você consegue enxergar uma luz.

Caminhamos pela estrada da floresta.

- O que vocês farão com os reinos de Mormeu, Solares? – Questiono.

- Poucas pessoas de Mormeu sobreviveram, entre as que ficaram no reino são crianças e pessoas com uma idade avançada. – Léia responde. – Não há mais ninguém para assumir aquele trono, pois Olivia matou a família de Atlas. Assim sendo, um de nossos lordes ocupará o posto de Rei e as nossas alianças serão mantidas.

- Bom. – Exclamo. – Acredito que nenhum dos sobreviventes irá resistir, vocês somente terão que mostrar que são bons. Selar a paz é o melhor a se fazer.

- Enquanto a Solares Alexander ainda possuía uma irmã. – Léia me surpreende com a revelação. – É claro que ela não era muito bem vista pela sua família, mas é a única que poderia assumir o trono. Mandeí uma carta para ela por alguns soldados e a Rainha aceitou a minha oferta de paz. Nossos reinos irão se recuperar aos poucos e creio que com os líderes corretos no poder conseguiremos estender a paz. Todos os reinos possuem consciência da devastação da última guerra e a última coisa que desejam nesse momento é uma outra guerra.

- Compreendo. – Balanço a cabeça e sorrio. – Mas, sempre devemos manter os nossos olhos abertos, pois sempre haverá aqueles ruins entre nós. Creio que por momento os Nephilins e as Bruxas que se renderam devam ficar no seu reino.

- Por quê? – Léia me questiona.

- Eles podem sofrer influência de alguém. – Respondo. – E é melhor que recebam de nós. Creio que juntos poderemos mostrar um caminho melhor para eles

seguirem. Mostrar como usar os seus dons para o bem. Quanto mais afastarmos a sua alma da escuridão melhor será porque eu acredito que se uma nova guerra vir a acontecer é de extrema importância que estejamos juntos.

- Sim. – Léia olha para mim e sorri. – Será divertido tê-lo como companhia e acredito que também possa me ajudar a controlar os meus poderes.

A Rainha para no meio da estrada, olha para o céu e após para mim.

- Eu sei que parece um tanto estranho. – Léia sorri. – Mas, os meus poderes não me possibilitam voar e eu gostaria de saber a sensação.

- Deixa eu ver. – Exclamo. – Acho que esse desejo eu posso realizar.

Desamarro a minha capa e jogo ela na neve. Abro as minhas asas e me aproximo da Bruxa. Léia passa delicadamente a sua mão em minhas penas, ela olha com paixão. Passo a mão em volta de sua cintura e a trago para o meu peito. Sinto a sua respiração em minha face, seu coração pulsa mais rápido.

- Eliel... – Ela me encara e ri.

Bato com as minhas asas contra o solo e levanto voo. Sobrevoamos por cima da floresta e avistamos todo o reino assim como as extensões de terra por todo o lado. A Rainha pressiona seus braços em meus ombros e sorri. Os seus olhos encontram os meus e aprecio a sua companhia por longos segundos. Tudo se torna perfeito ao lado daqueles que amamos. O Amor possui diversos significados assim como várias formas de amar. Mas, há uma coisa que podemos ter certeza. Tal sentimento dá sentido à nossa existência, quando você o sente na sua forma mais pura não importa qual seja a escuridão você vencerá.

EPÍLOGO.



A Terra é um lugar mágico feito da mais pura luz, mas também habitado pela terrível escuridão. As guerras, mortes, não podem ser evitadas e possuímos consciência que podemos mudar os seres que elas almejam. Erramos muito nos primeiros anos enquanto andávamos por esse lugar. Qualquer sinal de guerra já tentávamos evitar, porém há coisas que não podem ser evitadas. Não podemos querer que esses seres sejam como nós, eles possuem suas próprias particularidades que os distinguem dos demais. Hoje compreendo perfeitamente até onde posso ir, afinal também há limites para nós. São tantas coisas que aconteceram nesses anos, mas em nenhum momento me arrependi de naquele dia escolher ficar. Minha missão é aqui, até o fim!

Vareon está perfeita. O inverno rigoroso finalmente se foi e o sol ilumina os campos verdes da região. É claro que muitos moradores estranharam no começo como a terra ficou tão rica em suas paisagens, na área de cultivo, porém todos ficaram contentes. O povo aparenta estar feliz com as novas condições de vida. O reino durante esse tempo conquistou amplas áreas e hoje é um dos maiores reinos do mundo. Obviamente isso não foi conquistado apenas com palavras, para terem tudo o que conquistaram as batalhas foram inevitáveis. Há um lado bom em ter um grande reino, mas pelo outro os olhos estão sempre voltados para ele como no momento se encontram.

Voo próximo ao castelo e desço. Passo em volta da grande mesa de madeira que representa o reino de Vareon, todos os castelos, as montanhas, floresta, demorou para Fariseu finalizar, no entanto ficou perfeito. Me aproximo da beirada e deslizo minhas mãos. Observo ao longe os portões do reino rodeados pelos muros construídos com as pedras mágicas de nossas cavernas. No topo balançam as bandeiras de Vareon, o urso negro agora desenhado no pano avermelhado.

- Faz tempo que não nos vimos.

Léia se aproxima enquanto carrega a sua taça de vinho em sua mão direita. Por mais que o tempo passe a sua beleza continua intacta. Seus longos cabelos deslizam pelo seu corpo assim como a seda de um vermelho escuro. A capa se movimenta enquanto alisa o chão. Os olhos negros da Rainha me fitam e o sorriso surge.

- Viajei para muito longe. – Exclamo. – O mundo está mudando, creio que esse processo de evolução trará coisas boas, mas também pode ser o fim das raças. Mesmo que demore séculos pela frente e esperamos que demore. – Sorrio.

- Uma vez você me disse que tudo tem um fim. – Léia diz. – Para vocês pode ser algo surpreendente, mas para nós isso é normal. Acredito que seja melhor ser amiga da morte do que ir contra ela. Estou preparada para quando o meu momento chegar!

- Mas, eu não. – Pouso meu olhar no seu e deslizo minha mão pela sua. – A quem aconselharei quando morrer? Sou o seu Anjo da Guarda.

- O Próximo rei ou rainha. – Ela sorri. – Espero que continue sempre ao lado deles independente do que aconteça, eles precisam de você.

Reco a minha mão, mas continuo a observá-la.

- Nem é preciso que você me diga isso. – Lanço um leve sorriso. – Sempre estarei ao lado deles, tem a minha palavra. Eles são como filhos que nunca poderei ter.

- Sei que possuem o mesmo sentimento por você. – Léia bebe um gole do seu vinho e noto um leve sorriso. – Não tem como não se apaixonar por você, é algo que está na sua alma e isso encanta a todos.

Acompanho Léia pelos corredores, o castelo nesse momento é silencioso, apenas ouço alguns sons dos soldados. As grandes janelas deixam o sol adentrar, mas mesmo assim algumas tochas são acesas. Passamos pelo trono principal e seguimos para a parte de trás do castelo. As árvores que rondavam o ambiente deixam o lugar belo.

Descemos as escadarias.

- Pelas suas expressões tenho receio que as notícias não sejam animadoras.
- Léia não soa surpresa. – Aconteceu algo muito grave?

- Há lugares que eu sinto uma forte magia. – Respondo. – Desde que as bruxas foram libertadas e puderam seguir por qualquer lugar houve um crescimento de descendentes por todo o mundo. Nem todos possuem consciência dos seus poderes e isso é perigoso. Estamos à procura de acolher essas pessoas e mostrar um caminho melhor, mas sinto que somente isso não será necessário para contê-los.

- Compreendo. – Léia balança seus braços. – Também acredito que não iremos conseguir conter o avanço dessa raça e vai haver um momento em que os humanos saberão de nós. Não sinto medo por mim, mas sim por eles. Nem todos conseguem compreender o diferente, temo que possam ser vistos como aberrações.

Entendo a apreensão da Rainha afinal são os seus filhos que podem correr perigo se tudo se tornar nítido ou nem mesmo é preciso esperar por esse momento, eles podem revelar sem intenção. Os gêmeos Vareon. Aélia se parece tanto com a sua mãe. Os cabelos castanhos balançam enquanto ela se movimenta desviando dos ataques dos soldados. Sua espada desliza pela lâmina do Anjo e em questão de instantes desarma Jovi. Então a ponta da espada se aproxima da garganta dele, seus olhos escuros pousam nele.

- Eu ganhei. – Aélia guarda a sua espada e sorri. – Mais uma vez.

- É obvio, foi porque eu deixei. – Jovi balança a cabeça.

Do outro lado Miguel treina os seus poderes, diferente de sua irmã prefere o dom da magia. Seus cabelos são negros como de seu pai, mas seus olhos são como de sua mãe. O menino movimenta as suas mãos enquanto sussurra:

- Vitae. – Ele pronuncia com sutileza. – Deambulatio.

De seus dedos a energia se espalha, tão vermelha como o sangue. Ele manipula o poder. Os bonecos construídos com galhos de madeira que estavam em volta da fonte levantam-se e começam a andar pelo local em sequência como um exército. O garoto fica extremamente contente. Ele se abaixa em frente a fonte e olha para o seu feito.

Os gêmeos Vareon carregam um grande poder e isso pode fazer com que as pessoas tenham medo deles mesmo que não possuam consciência disso. Me recordo de como era difícil no começo controlar a magia das crianças, uma vez até mesmo uma humana foi morta por Aélia, esse fato bloqueou ela de alguma forma e agora não costuma utilizar muito os seus poderes como o seu irmão. Mas, gora consigo ver o quanto eles evoluíram e fico extremamente contente com isso.

- Você também tem medo por eles. – Léia me observa e fala.

- Sim, eu tenho. – Admito. – Afinal eles são filhos da primeira bruxa. Imagino o poder que devem carregar e isso pode ser um tanto atormentador, no entanto creio que eles seguirão por um bom caminho assim como sua mãe o fez.

Miguel e Aélia foram acolhidos desde o primeiro momento e não deixamos a força sombria tomar conta de seus corpos, no entanto não temos ideia sobre o futuro. Os dois quando terminam as suas tarefas me avistam, correm em minha direção. Abraço eles com toda a minha força, sorrio. Estar ao lado deles desde o nascimento fez um vínculo muito forte ser criado entre nós. Pensei que nada poderia ser mais forte do que o que criei com Léia, mas talvez esse seja.

- Finalmente retornou. – Aélia cruza os braços e me fita. – Já não aguentava mais treinar com Jovi, ele não tem força suficiente para relutar comigo e Miguel você sabe, prefere ficar brincando com as suas marionetes.

O garoto levanta a sua mão que fica rodeada pela energia mágica.

- Quer ser uma delas? Irmãzinha. – Miguel sorri.

- Antes de você tentar sua mão já estará decepada. – Ela responde.

Apenas olho para Léia e rimos. Os dois sempre tiveram essa implicância um com o outro, mas sei que possuem uma forte conexão e se amam. Talvez a sua forma de demonstrar isso seja por palavras não tão adequadas.

- É assim que se comportam com a volta de Eliel? – Léia fita-os. – Sejam crianças mais educadas. Sei que todo esse poder afeta os seus corpos, mas creio que não afeta as suas línguas.

Antes que Aélia possa responder Léia movimenta a mão e com um feitiço cala-a.

- Há um banquete a nossa espera. – Ela acena para prosseguirmos.

Caminhamos pelo jardim de Vareon. As flores vermelhas e brancas se destacam entre as demais. No centro do local há uma grande mesa com um banquete. Me aproximo e como uma fruta que possui uma doçura inigualável. No mesmo instante me recordo de Empíreo, na verdade sempre me lembro de minha antiga casa. Muitas vezes fico me perguntando o que eles estão fazendo nesse momento, como está o palácio das proteções, a vila dos construtores. São coisas que nunca irei esquecer e nem desejo. Desde a nossa última despedida nunca mais os vi e sim sinto saudades.

- Nosso pai já retornou das Terras ardentes? – Miguel questiona enquanto come um cacho de uvas. – Já partiu há algumas semanas, estou preocupado.

- Não se preocupe, querido. – Léia responde. – Ele irá retornar.

Olhamos para o lado quando ouvimos o som dos cavalos. A cavalaria do reino segue em formação enquanto é guiada pelo seu comandante, o Rei Damasteu. Sua armadura negra brilha com o urso estampado em seu peito. Os seus cabelos balançam e os seus olhos azuis nos fitam de longe. Não demora muito para que o Rei chegue onde nós estamos. Ele guarda a sua espada e se aproxima.

- Eliel. – Ele estende a sua mão e aperto. – Minha família.

- Que bom que retornou. – Léia passa a mão pela sua face.

A história de Damasteu e Léia é envolvida pelo amor. Tudo começou quando parti na primeira viagem com os demais Anjos e quando retornei observei que a Rainha estava um tanto envolvida com um soldado do exército. É claro que me certifiquei para saber quem era tal homem afinal não queria que ela sofresse como aconteceu com Alexander Solares, porém Damasteu se mostrou muito diferente. Ele era um soldado do exército e vivia em uma humilde moradia, mas tinha um belo coração. Sempre ajudava aqueles que precisavam e foi assim que conquistou Léia. Damasteu nas guerras se mostrou devidamente eficiente e foi ganhando espaço assim como no coração da Rainha. Quando Miguel e Aélia nasceram a verdade foi revelada e o homem ficou em choque, mas após um tempo conseguiu ficar forte pela sua família e aceitou tudo com naturalidade afinal o amor falou mais alto. Hoje os Reis são conhecidos por todas as partes dessa região e inspiram as histórias de amor por mais que eles não saibam toda verdade.

- Como foi a ida a Mormeu? Pai – Aélia cruza os seus braços e o fita, seus olhos brilham como o sol. – Os Reis já se decidiram sobre a Rainha? Acontecerá algum ataque? Os exércitos serão movidos em breve?

A menina possui sentimentos fortes pela violência, noto isso desde quando era uma pequena criança, mesmo com os meus conselhos ela não conseguiu se desvincular disso. Nem um sábio desejaria a guerra, pois sabe o que tudo significa.

- Não fique contente com isso, filha. – Léia sente o mesmo que eu e fala. – Se estivesse presente na guerra da terceira revolta saberia o quão doloroso uma guerra significa. Que nunca tenhamos que passar por isso novamente.

- Me desculpe. – Aélia recua e o arrependimento é sincero.

Miguel no canto da mesa nem mesmo olha para nós, fica movendo as suas mãos e usando a sua magia em tudo o que vê pela frente. Sinto em sua alma um poder mais forte do que sua mãe carrega, isso não é bom, possui um grande perigo.

- A noite conto todos os detalhes a vocês. – Damasteu sorri para eles. – Prometo, mas agora preciso conversar a sós com o conselho.

Miguel move uma das marionetes que sobe em cima de um recipiente e se joga em cima da xícara de Aélia espalhando o líquido pela sua armadura. No mesmo instante a pequena bruxa lança um olhar temível para ele.

- Certo fiquem à vontade. – Aélia empurra a cadeira e levanta-se. – Eu e meu irmãozinho iremos nos divertir muito. Certamente possuímos assuntos muito importantes e que vocês também não podem saber.

- Tomem cuidado. – Léia olha para eles com firmeza. – Não façam nada indevido.

- Não precisa ficar com medo mamãe. – Miguel responde com um sorriso um tanto sarcástico. – Não iremos destruir o seu reino, por enquanto.

A garota puxa seu irmão pelo braço e os dois vão trocando farpas pelo corredor até sumirem. Seus pais olham para eles com uma certa angustia, sinto isso, no entanto não tem como dizer para não se sentirem assim. É totalmente compreensível quando você esteve presente em todos os momentos de suas vidas.

Era um dia muito chuvoso e o inverno já estava no seu fim. Em um quarto do castelo Léia deu à luz a Miguel e Aélia. A mulher que fez o parto foi uma Bruxa, antiga sacerdotisa dos Príncipes Infernais. Cada bruxo possui particularidades em seus poderes e essa dizia que poderia ver o futuro de qualquer criatura. Após entregar os gêmeos nos braços de Damasteu e Léia a mulher falou algo que não consigo esquecer.

“Gêmeos são criaturas extremamente poderosas. Unidos podem significar a luz mais intensa, mas também a escuridão mais profunda. Quando carregam a magia isso os torna mais perigosos e letais. Chegará um momento em que eles definirão tudo, poderão ser os salvadores de todas as raças, mas também o motivo da sua queda. ”

Perguntamos o que isso realmente significava, mas a bruxa nos disse que não é ela quem fala, é apenas movida por uma voz interior. Não sabemos nada sobre o nosso futuro, no entanto decidimos escutar as palavras da mulher, senti que ela estava sendo completamente honesta conosco. Como a maioria das coisas somente iremos saber o real significado quando realmente acontecer.

- Deveríamos colocar um guarda de vigia neles. – Damasteu diz.

- Não penso que seja uma boa ideia. – Digo a ele. – Quanto mais demonstrarem medo pela profecia mais eles ficarão aflitos. Apenas confiem que os seus filhos irão seguir pelo caminho do bem e mostrem isso a eles.

- Tens razão. – Léia exclama. - Miguel e Aélia são inteligentes e sabem o que os seus dons significam. Conosco ao lado deles não iremos permitir que sigam por outro caminho, assim como Eliel me orientou no começo de tudo isso.

Foi realmente complicado a minha aproximação da humana, mas no final tudo deu certo. O reflexo disso tudo é que ainda estou aqui ao seu lado, agora não somente ajudando ela, mas sim toda sua família. No primeiro momento pensei que os Anjos me julgariam por isso, no entanto até hoje não se manifestaram o que quer dizer que estou no caminho correto, mesmo que me desvie do trajeto ainda permaneço nele.

Chegamos ao salão principal onde os Anjos da minha tropa já estão posicionados. Noto uma certa tensão no ar, mas mesmo assim me sento na cadeira enquanto todos assumem os demais lugares. Deslizo minhas mãos pela mesa e fito o Rei.

- Como foi a conversa com a Rainha? – Léia questiona.

- Nada agradável. – Damasteu assume um tom de preocupação. – A mulher sabe muito bem utilizar as suas palavras para influenciar os soldados assim como o seu marido. O seu exército parece ser tão forte quanto o nosso embora tenha um número relativamente inferior. Mardale é uma conquistadora, já conquistou grande parte da sua região e em breve seu próximo passo será as nossas regiões.

- Parece que outra guerra se aproxima. – Exclamo com aflição. – Essa Rainha poderia ser considerada a reencarnação de Olivia. Todo um caminho marcado por cicatrizes e todos nós já sabemos onde isso termina.

- Talvez. – Léia me fita. – As circunstâncias fizeram o que ela é hoje e isso só a torna mais perigosa e digna da nossa atenção.

Mardale é filha da primeira bruxa que foi morta em nossa história após a terceira revolta. Alguns humanos relataram que a bruxa estava praticando magia negra na floresta com um animal sacrificado. Os moradores da região temeram a mulher e amarram ela em uma fogueira enquanto a sua filha via tudo do outro lado de uma moradia. Vi tudo isso durante um contato com a sua mente. Mardale então fugiu para um reino distante embarcando em um barco com homens desconhecidos. Para sobreviver ela usou da sua magia assim como também da sedução, em pouco tempo se tornou Rainha de Armof. Com as suas influências o seu reino se expandiu e hoje ocupa uma das mais extensas regiões. O que nos separa é apenas o oceano, no entanto sabemos que não é o suficiente. Mardale quer o nosso reino, pois foi aqui onde tudo começou.

- Nós possuímos forças suficientes para revidar qualquer ataque. – Léia caminha pelo salão com a sua taça na mão. – As bruxas mais poderosas vivem em

Vareon, os reinos estão conosco e sabemos da sua lealdade. Se Armof nos atacar se arrependerão.

- Não acontecerá em breve. – Damasteu exclama e todos olham para ele. – Mardale tem consciência disso e precisará reunir forças contra nós. Para isso acontecer ela deve se aliar a reinos mais distantes do que os nossos e isso leva tempo.

- As bruxas não poderão ser usadas. – Exclamo e os olhos se voltam para mim. – Da última vez que revelamos a verdade sobre tudo o mundo entrou em um caos, dessa vez não teremos os Anjos para reparar esse caos após a guerra. Mardale não usará seus poderes, pois isso pode fazer seu povo se voltar contra ela. Será uma guerra de humanos.

Desde a terceira revolta a minha tropa não lutou mais, apenas dedicamos as nossas vidas a ajudar os demais e procurar mais conhecimento sobre esse amplo mundo. Agora não será diferente, poderemos orientá-los de alguma forma, mas não guerrear.

- Eliel possui razão. – Damasteu levanta-se e observa pela grande janela. – Não seria inteligente da parte dela se revelar, mas de alguma forma ela utilizará a magia. Apenas teremos que ter o mesmo cuidado. – Ele coloca a sua capa na borda da cadeira. – Mas, agora precisamos falar sobre assuntos mais importantes como aquilo que os meus soldados encontraram no reino de Mormeu.

- O que encontraram? – Pergunto com receio da resposta.

- Isso.

O Rei pega uma caixa que estava em cima da mesa e abre com delicadeza. Me aproximo do objeto e observo o que há dentro. Há um livro negro e ao lado um cálice. A Rainha pega o livro e abre, as palavras estão escritas em uma linguagem que somente as bruxas e seres celestiais podem ler. Pego o cálice na minha mão e sinto toda a energia ruim fluir pelo meu corpo, após um momento o solto.

- Foram encontrados em uma sala escondida no castelo de Mormeu. – Damasteu nos explica. – Próximo ao aposento do Rei e da Rainha.

Após ler Léia fecha o livro e fica com a mão pousada em cima dele.

- Esse livro possui feitiços de magia negra, algo tão sombrio quanto os Príncipes Infernais. Se isso cair em mãos erradas pode significar destruição sem precedentes. Há feitiços aqui que não devem ser apreendidos ou usados. Nunca.

- Acredito que os Príncipes tenham deixado especialmente para isso, eles sempre gostaram de surpreender. – Exclamo. – Mesmo após de mortos ainda continuam tentando influenciar o futuro, não podemos deixar isso acontecer.

Guardo os objetos dentro da caixa e fecho.

- Vamos aprisioná-los. – Digo.

- E quanto aqueles outros? – Damasteu lança seu olhar tenso.

- Os piores. – Léia diz. – Iremos fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para impedir que trevas como aquelas retornem. Hoje à noite interrompemos o ciclo!

Foram anos de paz, com alguns momentos ruins, mas nada de tão grandioso quanto a terceira revolta, mas agora sinto que estamos nos aproximando novamente dessa escuridão. Tudo à nossa volta está nos guiando para o mesmo caminho, porém dessa vez já sabemos onde pode terminar e iremos revidar antes que aconteça.

A noite chega em Vareon. As estrelas brilham no céu iluminando a floresta. Seguimos pela estrada até chegar em um belo lugar. As árvores mais altas balançam com o vento, ouvimos o barulho das águas ao longe. Os bruxos chegam a cavalo carregando tochas, eles se aproximam e abaixam os seus capuzes revelando a sua face. Acenam para Léia sua líder. É incrível como ela conquistou o respeito da raça em pouco tempo, mas não me surpreendo, pois, a Rainha é realmente magnífica.

Damasteu se aproxima de mim com a caixa contendo os objetos mágicos. Ele abre com cuidado e poussa seus olhos da cor do mar nos meus.

- Por favor façam o que for necessário. – O Rei sussurra para mim.

- Faremos. – Digo.

Pego os dois objetos e novamente sinto a energia ruim fluir pelo meu corpo. Seguro com força e prossigo pela pequena estrada enquanto sou seguido por alguns Anjos da minha tropa. Adentramos em uma caverna fria. No centro da caverna há um pequeno lago de uma água completamente cristalina. Parte do topo da caverna é aberto e deixa a luz da lua adentrar o que faz com que o lugar fique mais belo.

Carrego os objetos e me ajoelho em frente à água. Deslizo o cálice e o livro pela água. Os dois não afundam, na verdade são rodeados por chamas, mas mesmo assim continuam intactos. Se movem até chegar ao centro do lago.

- Se concentrem. – Digo aos demais. – Esses objetos são malignos, se caírem em mãos erradas nem mesmo nós conseguiremos evitar.

A tropa se posiciona em volta do lago, todos estendem os seus braços.

- Carcarem. – Exclamamos. – Occultatum.

O livro e o cálice flutuam, as chamas se apagam. Nossa energia se expande até estar em volta de todo o lago. Dos objetos malignos uma luz circula. Em questão de instantes eles somem. Por mais que tenhamos bloqueado eles ainda estão ali e temo que algum dia alguém os encontre, no entanto é tudo o que podemos fazer. Os Príncipes mais uma vez nos deixam aflitos por uma de suas ações, mas não permitirei que isso nos abale.

Seguimos para fora da caverna onde todos esperam aflitos.

- Então? – Damasteu questiona.

- Estão aprisionados. – Respondo, um pouco frio. – Mas, isso não significa que não podem ser libertados com um forte poder mágico, no entanto por momento estamos em segurança. Confiamos em todos que estão aqui, ninguém relatará nada.

Pego uma das tochas e acompanho os Bruxos e Anjos. Caminhamos por uma estrada da floresta que nunca percorri, mas que é afastada do reino. As folhas das árvores se tornam avermelhadas. Paramos no meio de um grande círculo que se forma entre elas. Cravo a minha tocha no solo e assim fechamos um grande círculo no local.

- Você vai ficar bem? – Damasteu questiona Léia enquanto passa a mão pelo seu rosto demonstrando toda a sua preocupação. – Não quero que se machuque.

- Não irei. – Ela sorri e o beija. – Confie.

Cada ser se posiciona em volta do círculo em frente à sua tocha. Léia passa por nós carregando a caixa escura. Caminha até se posicionar no centro onde abre a caixa. Lá dentro há três pedras brilhantes, o vermelho brilha sob a noite. Sou levado por uma memória antiga, talvez o momento em que as minhas esperanças começaram a sumir.

Estávamos todos no castelo comemorando que o inverno estava chegando ao seu fim quando uma das bruxas adentrou no salão. Em sua mão ela carregava um pano escuro e em cima três pedras vermelhas. No primeiro momento em que as vi senti toda a sensação que me lembrava de Lúcio. A bruxa então relatou que estava passeando pelo local onde aconteceu a guerra, como a neve começou a derreter então revelou essas três pedras que estavam posicionadas onde Lúcio havia sido morto. Não quis acreditar no primeiro instante do que poderia ser, mas enfim descobrimos. As três pedras são partes da alma do Príncipe Infernal. Antes dele morrer suas sacerdotisas fizeram um feitiço para separar a sua alma e dessa forma não poderia ser destruído se estivesse aprisionada nas pedras. Quando ele foi morto pelo Arcanjo sua alma foi transferida para as joias. Desde então temos

mantido isso sob nossa proteção, no entanto chegou o momento de fazer mais. Sentimos que essas pedras quando juntas atraem uma grande escuridão.

O vento bate fortemente na floresta, ouvimos o som de alguns animais principalmente das serpentes. Elas deslizam pelo solo, mas não se aproximam do fogo. Léia deixa as pedras no centro do círculo e retorna até estar ao meu lado. Respiro profundamente e pegamos nas mãos uns dos outros unindo-nos. Quando fazemos isso uma voz sussurra em minha cabeça “Tolos, nunca irão me impedir.” Transmitimos toda a nossa energia e então as chamas das tochas se expandem e como ondas atingem as pedras até se alastrarem pelo solo ocupando todo o círculo.

- Separata. – Exclamamos em coro. – Prizalo. Separata Prizalo.

Uma onda de energia negra sobe em direção ao céu, as chamas se envolvem em torno do poder maligno e não o deixam sair. As pedras então começam a se mover e flutuar a nossa frente, por um momento uma delas trinca, no entanto volta a ficar perfeita.

- Adeus. – Sussurro.

As pedras são empurradas com toda a força para o espaço, as três se separam e seguem para diferentes regiões até que somem entre as nuvens. Seja o que o Príncipe queria elas não ficarão unidas, agora estão espalhadas pelos cantos mais distantes do mundo. Confiamos fielmente que ninguém nunca conseguirá reuni-las, mas no mesmo instante as palavras de Lúcio ecoam em minha mente. “Nunca, mesmo após esse tempo todo ainda não descobriu que essa palavra não existe? Não se aplica a nenhum povo, não importa para onde ir ela não existirá.”

As tochas se apagam e a noite volta a ficar iluminada apenas pelo brilho das estrelas. Seguimos pela estrada onde os Bruxos voltam a montar em seus cavalos e cobrir os seus rostos com os capuzes. O grupo de seres foi essencial para a reconstrução do reino, nem mesmo eu possuía tanta esperança que daria tão certo. Hoje guiam os novos descendentes de sua raça para um caminho melhor, no entanto mesmo com todo o trabalho é inevitável que um ou outro se desvie para o trajeto da escuridão.

Léia e Damasteu se aproximam.

- Nunca conseguiremos agradecer tudo o que fazem por nós. – Damasteu fala para toda a minha tropa. – Mas, saibam que seremos eternamente agradecidos.

O Rei acena e retribuímos.

- Por momento estamos afastados das guerras. – Léia exclama. – Todavia, sabemos que um dia elas chegarão. Poderemos não estar mais sentados nos tronos,

mas sei que vocês ainda continuarão aqui por todos. Nossas raças não são inimigas, se um dia souberem a trabalhar juntas o mundo será melhor.

Diversidade, talvez essa seja uma das coisas mais belas desse mundo. Cada coisa com a sua particularidade, isso deveria encher as almas de todos com todo o amor. Infelizmente ainda o ser humano vê aquilo diferente como uma ameaça sem nem ao menos tentar compreender e suponho que levará anos e anos para que enfim aprendam.

- Enquanto o mundo não melhora nós fazemos o possível. – Digo a eles. – Ainda há muitas guerras que virão. Vocês não estarão mais aqui, no entanto ainda sim terão deixado o seu legado. Nossas ações por mais pequenas que pareçam movimentam o mundo.

- És muito sábio Anjo. – Damasteu sorri para mim.

- Séculos de existência contribuíram para isso. – Retribuo o sorriso. – Mas, nem todos esses séculos nos deixará preparados para o que está por vir, no entanto uma vez alguém me disse para não me preocupar muito sobre o futuro. O que tinha para ser feito nós fizemos, agora podemos apreciar o presente com essa bela noite enquanto aguardamos o nosso futuro.

Os Reis trocam sorrisos entre si. Seguem pela estrada enquanto são acompanhados dos demais seres. Por mais que a situação seja ruim ainda conseguimos sorrir. Já passamos por muito juntos e a cada momento ruim fortalece a nossa união. Temos consciência que nada se normalizará a partir de todos os fatos que ocorreram, entendemos que as coisas somente piorarão com o tempo. Diversas raças percorrendo por essas terras, muitas irão querer assumir o controle por se acharem superiores como a nossa história já mostrou muitas vezes. O ciclo sempre é semelhante, mesmo que você quebre a roda ela se reconstrói, mas chegará um momento que não terá mais forças para isso.

Para toda escuridão que surge uma nova luz brilha, sempre haverá o conflito entre o bem e o mal. A vitória no final pode ser contraditória afinal todos os lados perdem, até mesmo o mal. Nem sempre os resultados são aquilo que almejamos. Sempre haverá mais batalhas para lutar, mas há uma coisa que não podemos perder, algo que o mal teme mais do que qualquer outra coisa, pois isso o enfraquece. Esperança.

AUTOR:



Cristhian Couto. NASCIDO NO RIO GRANDE DO SUL, em 1999. Jovem amante da arte. Fascinado pelo Cinema, Música, Literatura e a Dança. O mundo da literatura sempre foi o seu refúgio, e agora como fio condutor deseja que seus leitores mergulhem nos seus universos e se desconectem da realidade.

Hey! Fico feliz em tê-lo (a) como leitor (a), espero que minha obra tenha feito parte de sua história na literatura. Como escritor ficarei muito grato em receber uma crítica, sua opinião sobre a obra. Se gostou aproveite para avaliar na Amazon, pois, isso ajuda muito escritores independentes. E, se quiser me acompanhar....

Redes sociais para contato:



@crisruanc



CCOUTOESTANTE